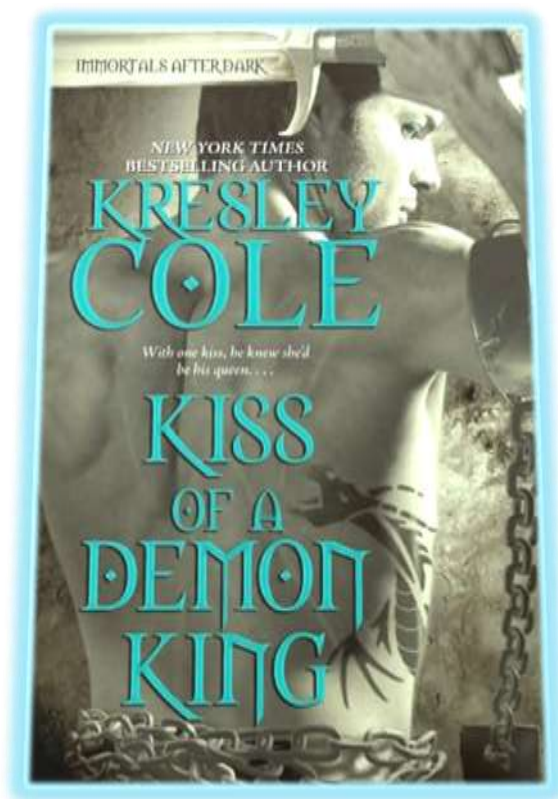


TIAMAT-WORLD

KRESLEY COLE
IMMORTALS AFTER DARK — 07
O BEIJO DO REI DEMÔNIO

TIAMAT-WORLD ORGULHOSAMENTE APRESENTA:



O BEIJO DO REI DEMÔNIO

(Immortals After Dark - 07)

Kresley Cole

Disp. Em Esp.: Charo & Mara Adilén

Envio e Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Lucilene

Revisão Final e Formatação: Táai

TIAMAT-WORLD

Sinopse:

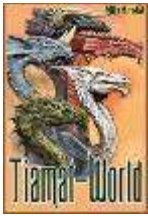
Durante séculos, Rydstrom, rei derrotado dos Demônios da Ira, lutou para recuperar sua coroa, sem nunca desfalecer, até que é enganado para entrar na guarida de uma deliciosa sedutora. Se ela consegue tentá-lo e levá-lo à cama, perderá tudo pelo que lutou.

Sabine a Feiticeira das Ilusões faz muito que aceitou seu destino: seduzir o rei demônio. Mas assim que beija o feroz guerreiro, dá-se conta de que a sedução deixa de ser o castigo que tinha temido. Entretanto, justo quando começam a apaixonar-se, um dos dois se verá obrigado a realizar o sacrifício definitivo.

Renunciará Sabine à única vida que conheceu para salvar ao demônio? Ou renunciará o rei a sua coroa e às armas para continuar com sua feiticeira..?

PRÓLOGO





*Manicômio de Gray Waters,
Londres, Outono de 1872.*

— Sempre que tem um feiticeiro entre as pernas, seus poderes tendem a desaparecer. — Disse Sabine a sua irmã enquanto procurava ansiosa por entre os rostos dos loucos humanos que havia nas jaulas. — É um fato.

— Talvez no passado fosse assim. — Disse Lanthe soltando o guarda que tinha deixado inconsciente ao sacudi-lo pelo cinturão. — Mas com este é diferente. — Atou as mãos do homem a suas costas, em vez de lhe quebrar os braços, que teria sido mais rápido e igualmente efetivo. Por não falar da corda que teriam economizado. — Ainda não a encontrou?

Estavam procurando uma feiticeira que libertariam se aceitasse trocar seus poderes com Lanthe em troca de sua liberdade.

Sabine se deslizou pelo escuro corredor.

— Aqui é impossível ver qualquer coisa. — Arrancou a porta de uma cela de suas dobradiças e a deixou a um lado, seus saltos ressoaram ao entrar. Mais de perto pôde apreciar que todos os inquilinos pareciam ser do mais... Mortais.

Como era de esperar, os humanos se assustaram ao vê-la. Sabine sabia o aspecto que tinha vestida com sua armadura e com o rosto pintado.

Igual se usasse uma máscara, tinha o contorno dos olhos e o nariz pintados de negro. Sua indumentária consistia basicamente em tiras de couro e correntes em vez de tecido normal. Usava um sutiã e umas luvas de malha que lhe cobriam o braço inteiro e terminavam com uma espécie de garras nos dedos. Entre seu cabelo trancado exibia um elaborado penteado.

Era o uniforme típico das feiticeiras. De fato, se não colocava algo de todo isso, tinha a sensação de ir meio nua.

Quando Sabine saiu da cela seguinte, Lanthe já tinha terminado com os nós.

— Teve sorte?

Sabine arrancou a porta de outra das celas e olhou os pálidos rostos do interior, logo negou com a cabeça.

— Tenho tempo de ir olhar nas celas pequenas que há no andar de baixo? — perguntou Lanthe.

— Contanto que cheguemos ao portal dentro de vinte minutos, não haverá nenhum problema. — O portal era o caminho de volta a seu lar, em Rothkalina, e estava a uns dez minutos dali, no meio dos escuros becos de Londres.

Lanthe afastou uma mecha negra como o azeviche da sua testa.

— Vigie ao guarda e se assegure de que os internos deste andar fiquem caladinhos.

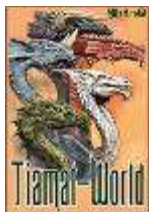
O olhar de Sabine se deslizou para o homem que jazia inconsciente no chão, e fez uma careta de desgosto. Tinha a habilidade de ler a mente dos humanos, inclusive estando estes desmaiados, e o que havia naquela a deixou intranquila.

— Está bem. Mas se apresse ao fazer a transferência. — Disse Sabine. — Ou atrairemos a atenção de nossos inimigos.

Lanthe a olhou com seus olhos azuis.

— Poderiam chegar a qualquer momento. — Disse, e se apressou para a escada.

A vida das duas irmãs estava se convertendo em um círculo vicioso: roubar um novo poder, fugir de seus inimigos, perder dito poder para as mãos de um atraente feiticeiro, roubar um novo poder..., e Sabine permitia que isso continuasse.



Porque era culpa dela que Lanthe tivesse perdido seu poder inato.

— Vigiarei ao guarda. De acordo... — Balbuciou Sabine quando sua irmã teve desaparecido de sua vista.

Agarrou ao homem pelo pescoço da camisa e pelo cinturão e o lançou frente à porta de entrada. Alguns dos residentes se haviam posto violentos, gritando e puxando os cabelos. Os poucos que ficaram olhando a saída deram um passo atrás.

Manter aos humanos calados é fácil. Caminhou devagar para o guarda e pôs um pé sobre suas costas.

— Venham aqui, pessoinhas loucas. Venham aqui! E eu, feiticeira com um incrível poder, recompensarei-os com uma história.

A curiosidade fez que alguns se calassem, outros se aproximaram mortos de medo.

— Tranquilos, mortais; comportem-se bem, se forem bons, talvez inclusive lhes dê um presente. — Os gritos diminuíram. — Sentem-se, sentem-se. Sim, venham aqui diante e sentem-se. Mais perto. Não, você não, cheira a ferrugem e a rancho. Você, o dali, sente-se.

Quando teve a todos frente a ela, Sabine ficou em cócoras em cima das costas do guarda. Sorriu-lhes devagar e, disposta a lhes contar uma história, colocou-se bem a saia, ajustou-se o espartilho e colocou a gargantilha em seu lugar.

— Vejamos: esta noite podem escolher entre dois contos. Tem a história do poderoso rei demônio, com chifres e olhos negros como a obsidiana¹. Faz bastante séculos era tão bom e sincero que terminou perdendo sua coroa à mãos de um malvado feiticeiro. Ou, se não, a história de Sabine, uma garota inocente a que assassinam constantemente. — *E que algum dia será a noiva do demônio...*

— A... A da garota, por favor. — Sussurrou um dos internos, com o rosto oculto por trás de um arbusto de cabelo.

— Excelente escolha, cabeludo mortal. — Com voz dramática, começou seu relato: — A protagonista de nossa história é a intrépida Sabine, Rainha das Miragens...

— Onde fica As miragens? — Perguntou uma jovem humana, deixando de morder o braço.

Genial, seu público era desses aos que gostavam de interromper.

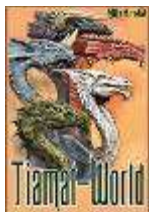
— Não é um lugar. Uma rainha é como dizer que é a melhor nesse tipo de poder místico.

Sabine podia chegar a criar quimeras² que eram impossíveis de distinguir da realidade, manipular tudo aquilo que pudesse ver-se, escutar-se ou imaginar. Podia penetrar no interior da mente de um ser vivo e fazer realidade seus sonhos mais desejados... Ou seus piores pesadelos. Ninguém podia comparar-se com ela.

— Vejamos: a incrivelmente bonita e inteligente Sabine acabava de fazer doze anos e adorava a sua irmã caçula, Melanthe, de nove, apesar de que esta já apontava maneiras de que ia converter-se em uma fresca. Sabine amava a pequena Lanthe com todo seu coração desde que a

¹ Nota: É um tipo de vidro vulcânico, formado quando a lava esfria rapidamente, por exemplo, fluindo sobre água. Consiste em 70% ou mais de sílica (SiO₂ - dióxido de silício). A obsidiana não é um mineral verdadeiro por não ser cristalino e, além disso, é muito similar na composição ao granito e riolito. É classificada às vezes como um mineralóide.

² Nota: É uma figura mítica que, apesar de algumas variações, costuma ser apresentada como um ser de cabeça e corpo de leão, além de duas outras cabeças, uma de dragão e outra de cabra. Outras descrições trazem apenas duas cabeças ou até mesmo uma única cabeça de leão, desta vez com corpo de cabra e cauda de serpente, bem como a capacidade de lançar fogo pelas narinas. Graças ao caráter eminentemente fantástico de tal figura mítica, o termo quimerismo e o adjetivo quimérico se referem a algo que não passa de fruto da imaginação, uma ilusão, um sonho.



menina a reclamou como seu “Ai-bee” por cima de sua própria mãe. As duas irmãs tinham nascido no clã das feiticeiras, uma raça esquecida e cada vez mais escassa. Não é tão emocionante como pensam, comparadas com os vampiros ou as Valquírias. — Suspirou. — Enfim, prestem atenção...

Levantou uma mão para criar uma miragem, aproveitando sua própria energia, a de seu redor e a loucura dos internos, e os raios se espalharam na noite que enchia o manicômio.

Soprou em cima da palma de sua mão e uma cena se projetou no muro que havia às suas costas. Ouviram-se suspiros e algum e outro lamento.

— A primeira vez que a jovem Sabine morreu foi em uma noite muito parecida com esta, em uma decrépita construção que tremia sob os trovões. Mas em lugar de um manicômio infestado de ratos, era uma abadia, no mais alto dos Alpes. Era inverno.

A seguinte cena mostrou Sabine e Lanthe correndo por uma escada imunda usando só suas camisolas e uns casacos. Corriam com a cabeça encurvada, escutando o bater de asas que vinha de fora. Lanthe gritava em silêncio.

— Sabine estava furiosa consigo mesma por não ter feito caso a seu instinto e não levar Melanthe longe de seus pais, longe do perigo que estes atraíam com sua bruxaria proibida. Mas Sabine tinha tido medo, pois eram só duas meninas, ambas nascidas imortais e carregando poderes, mas meninas ao fim e ao cabo, o que significava que podiam morrer e resultar feridas, igual a qualquer humano. Mas, agora, quão único Sabine podia fazer era fugir. Tinha o pressentimento de que seus pais já estavam mortos, e suspeitava que seus assassinos andavam soltos pela abadia. Os vrekeners tinham ido procurá-los...

— O que é um vrekener?

Sabine respirou fundo e girou os olhos. *Não pode matar a seu público, não pode matar a seu público...*

— Os clássicos demônios alados vingadores. — Respondeu ao fim. — Também são uma espécie em extinção. Mas, desde o começo dos tempos da Tradição, encarregaram-se de exterminar às feiticeiras em qualquer lugar que as tenham encontrado, e toda a vida perseguiram a família de Sabine. E pela única razão de que os pais da moça eram, na verdade, uns seres diabólicos.

Sacudiu a mão e trocou a cena que tinha estado flutuando no ar, que passou a mostrar a duas meninas entrando em tropeções no quarto de seus pais. Os raios brilhavam depois da janela de dita ilusão, e iluminaram os dois cadáveres, abraçados.

Estavam sem cabeça, recém-decapitados.

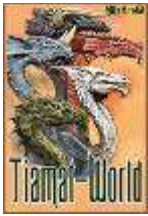
A Sabine da miragem deu meia volta e vomitou, enquanto que Lanthe desmaiava após soltar um grito afogado.

Então entraram em cena os vrekeners, que saíram de entre as sombras do dormitório, guiados por seu líder, que brandia uma foice forjada de fogo negro em vez de metal.

O público pôde ver pedaços das asas fantasmagóricas daqueles seres, e dos dois pares de chifres que tinham no crânio. Eram tão altos que a pequena Sabine tinha que levantar a cabeça para poder olhá-los aos olhos. Exceto a um, que mal era um moço, mais jovem inclusive que ela. O rosto daquele vrekener se transfigurou ao olhar para Lanthe, que seguia inconsciente no chão; um dos adultos teve que segurá-lo para que não corresse junto à menina.

Sabine sabia o que aquilo significava para as duas irmãs: os vrekeners tinham ido castigá-las.

— O líder tentou convencer Sabine de que fossem com eles de boa vontade. — Contou esta a seu público. — Disse-lhe que ele mesmo se encarregaria de levá-las pelo bom caminho. Mas ela sabia perfeitamente o que os vrekeners faziam às meninas do clã das feiticeiras, e era um



destino muito pior que a morte. Assim os enfrentou.

Sabine criou a última miragem e deixou que a imagem contasse o final da história...

À pequena Sabine começou a tremer todo o corpo ao lançar o conjuro a seus inimigos. Fez com que os soldados vrekener acreditassem estar presos em uma caverna, a milhares de metros embaixo da terra, e que lhes era impossível voar: seu pior pesadelo.

Voltou-se para o líder com as mãos unidas em sinal de súplica e se meteu em sua mente. Dentro, deu rédea solta aos maiores temores do líder e os desdobrou frente a seus olhos, obrigando-o a viver o que mais lhe aterrava.

As cenas que o vrekener viu fizeram que este caísse de joelhos e, quando soltou a foice para tampar os olhos, Sabine se apropriou da arma e não duvidou em brandi-la.

O sangue quente lhe salpicou o rosto quando a cabeça do demônio alado caiu ao chão. Secou-se com a manga da camisola e viu que a miragem estava se desvanecendo e o resto dos vrekener voltavam a ser conscientes de onde se encontravam em realidade. Lanthe acabava de despertar e gritava à jovem Sabine que tomasse cuidado.

Então o tempo se deteve.

Ou isso pareceu. Os sons foram se apagando, e tudo pareceu parar; os presentes cravaram os olhos em Sabine ao ver que lhe sangrava a jugular e caía desabada ao chão. Um dos soldados a tinha degolado por trás, e o mundo inteiro se avermelhou.

— Abie? — Chamou Lanthe a meia voz, correndo para ela, ajoelhando-se a seu lado. — Não, não, não, Abie, não morra, não morra, não morra! — O ar se esquentou ao redor delas e tudo se voltou borrado.

Enquanto que o poder inato de Sabine consistia nas miragens e as ilusões, o de Lanthe se chamava “persuasão”. Podia ordenar a qualquer ser vivo que fizesse o que lhe viesse na mente, mas quase nunca o fazia, pois suas ordens sempre terminavam convertendo-se em autênticas tragédias.

Mas quando os soldados começaram a rodeá-la, os olhos de Lanthe começaram a brilhar e a jogar faíscas como o metal. O terrível poder que tanto medo lhe dava utilizar se abateu sobre os demônios sem piedade.

Não se aproximem... Desembainhem suas adagas e se matem... Lutem uns contra os outros até morrer.

O quarto transbordava magia, e a abadia se estremeceu ao redor de todos eles. Uma das vidraças explodiu em mil pedaços. Lanthe disse ao jovem vrekener que saltasse... E que não abrisse as asas em nenhum momento. Com olhar confuso, ele obedeceu, sem queixar-se dos cortes que se fez com os vidros quebrados e sem gritar nenhuma só vez enquanto se precipitava contra o vale.

Quando todos estiveram mortos, Lanthe se ajoelhou de novo junto a Abie.

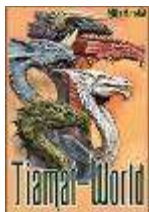
— Viva, Abie! Cure-se! — Gritava, tentando lhe dar ordens.

Mas era muito tarde. O coração de sua irmã já não pulsava. Tinha o olhar perdido e vazio.

— Não me deixe! — Gritou a menina, sacudindo-a cada vez mais forte...

Os móveis do dormitório de seus pais começaram a tremer, a cama de matrimônio se sacudiu... Outras coisas se moveram... Uma cabeça caiu ao chão. Logo outra.

Seu poder era inimaginável. E, de algum modo, Sabine sentiu que se curava. Piscou e abriu os olhos viva e inclusive mais forte que antes.



— As duas irmãs saíram correndo de seu lar para outro mundo, e jamais olharam para trás. — Seguiu contando a seu público atento. — E a única lembrança que ficou a Sabine daquela horrível noite foi uma cicatriz ao redor do pescoço, uma história para contar e o juramento de que se vingaria do jovem vrekener, que, por algum milagre, tinha conseguido sobreviver à queda...

Absorta em seus pensamentos, Sabine mal se deu conta de que o guarda despertou e começava a mover-se debaixo dela. Agachou-se e lhe quebrou o pescoço antes que se esquecesse dele com a história que estava contando.

Uma mulher bateu palmas de alegria.

— Que Deus a abençoe, senhorita. — Disse outra.

Para aquelas pessoas, ela bem podia ser uma enviada do destino. Não um anjo vingador, nem tampouco um bom samaritano, a não ser simplesmente alguém enviado pelo destino, ao serviço tanto do bem como do mal.

Ao fim e ao cabo, o guarda que substituiria ao agora morto poderia ser inclusive pior que o falecido.

— E quando morreu pela segunda vez? — Perguntou uma mulher mais atrevida, que levava a cabeça raspada.

— Estava defendendo Melanthe de outro ataque de uns vrekeners quando as pessoas capturaram Sabine e a levantaram ao mais alto do céu para soltá-la logo e lançá-la sobre o chão pavimentado. Sua irmã voltou a curá-la e a arrancou de novo dos braços da morte.

Como se tivesse acontecido no dia anterior, Sabine ainda podia ouvir o ruído de seu crânio ao romper-se.

— A terceira vez foi quando os vrekeners a lançaram ao rio. A pobre garota não sabia nadar, e se afogou...

— Fique com ele, maldita bruxa! — Gritou uma voz do andar de baixo, interrompendo a história. Ah, a Rainha das Línguas Silenciosas estava gritando para Lanthe.

A Sabine lhe pôs um arrepio ao sentir que o ar se impregnava de poder. A feiticeira encarcerada estava entregando seus poderes a sua irmã caçula. Agora, Lanthe poderia comunicar-se telepaticamente com qualquer um, em um raio de ação razoável.

— Não se preocupem. — Disse Sabine aos humanos. — Leram alguma vez um livro de policiais e ladrões? Pois isso mesmo é o que está fazendo agora meu cúmplice. Só que está roubando... — Pôs voz dramática. — Suas almas!

Nesse instante, uma das mulheres pôs-se a chorar, o que encheu Sabine de satisfação e lhe recordou por que acreditava que as pessoas eram umas mascotes pouco recomendáveis.

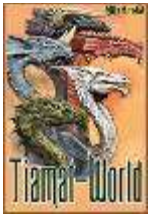
— E quem a matou a vez seguinte? — Perguntou a senhora atrevida. — Os vrekeners?

— Não, foram uns feiticeiros que queriam ficar com seu poder e a envenenaram. — Esses feiticeiros adoravam o veneno, pensou com amargura. Mas logo, ao recordar o acontecido, franziu o cenho preocupada. — Isso de morrer continuamente afetou muito a jovem Sabine. Era como se fosse o constante alvo de flechas forjadas com fogo. E começou a desejar outra vida como ninguém jamais a tinha desejado. Sempre que notava que estava em perigo, uma fúria sem igual se apoderava dela e sentia a necessidade de enfrentar-se ao inevitável.

Ao ver que vários dos presentes abriam os olhos como pratos, deu-se conta de que seu estado de concentração tinha criado a ilusão de uma falsa névoa no teto. Frequentemente criava miragens que refletiam seus estados anímicos, inclusive estando adormecida.

Apagou a ilusão com um gesto da mão e outro paciente voltou a falar.

— Senhorita, o que... O que aconteceu com a garota depois de que a envenenaram?



— Quão único queriam as irmãs era sobreviver, que as deixassem em paz e juntar uma fortuna em ouro dedicando-se à bruxaria. Acaso era pedir muito? — Olhou-os aos olhos, como se essa última pergunta fosse muito normal.

— Mas os vrekeners eram incansáveis — Continuou. — e, graças aos feitiços das moças, sempre sabiam onde as encontrar. O pior era o soldado jovem. Como ainda não tinha alcançado a imortalidade quando a feiticeira o fez saltar ao abismo, seu corpo não se regenerou. Tinha ficado mutilado, cheio de cicatrizes e deformado para toda a eternidade.

Fazia já tempo que sabiam que seu nome era Thronos e que era o filho do vrekener que Sabine tinha decapitado anos atrás.

— Ao não poder utilizar a magia, as irmãs estavam morrendo de fome. Sabine tinha dezesseis anos, idade suficiente para fazer o que faria qualquer garota em sua situação.

A senhora atrevida cruzou de braços e apontou:

— Prostituir-se?

— Não. Pesca comercial.

— Sério?

— Nããoo, — Respondeu ela. — fez-se adivinha. O que provocou que a condenassem à morte por bruxaria.

Brincou com a mecha de cabelo branco que tinha no meio de sua juba ruiva, e que ocultava de todo mundo mediante uma de suas miragens.

— As bruxas nem sempre eram condenadas à fogueira. Isso é uma falácia³. Quando um povo tinha esgotado sua cota de fogueiras, matavam-nas em segredo, as enterrando vivas. — Suavizou a voz. — Podem imaginar o que essa moça sentiu ao engolir terra? O que sentiu ao notar que os pulmões se enchiam de areia?

Olhou a seu público absorto: tinham os olhos muito abertos e estavam tão calados que se teria ouvido voar uma mosca.

— As bruxas humanas faleciam ao cabo de pouco tempo, mas esse não foi o caso de Sabine. — Continuou. — Ela resistiu à dama da foice tanto como foi possível, mas era consciente de que o fim se aproximava. E então ouviu uma voz do exterior lhe ordenando que sobrevivesse e saísse da tumba. De modo que a aturdida mente de Sabine obedeceu, e com as mãos afastou os cadáveres que havia a seu redor, procurando desesperada a saída, tentando se aproximar um centímetro mais à superfície.

— Por fim, sua mão apareceu por entre o barro. — Prosseguiu Lanthe por detrás dos internos. — Pálida e destrocada. Por fim, Melanthe se reunia com sua irmã. E, enquanto se agachava para ajudá-la, uns relâmpagos cruzaram o céu e granizos, como se a terra estivesse furiosa por ter deixado escapar a sua última presa. Desde essa horrível noite, a Sabine não importa nada.

— Isso não é verdade. — Suspirou esta. — Um nada lhe importa muitíssimo.

Lanthe ficou olhando-a, com os olhos de um azul resplandecente devido ao poder que acabava de adquirir.

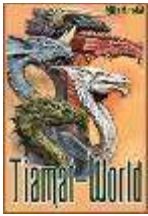
— Muito graciosa, Sabine. — Disse-lhe, mandando as palavras diretamente à mente de sua irmã.

Esta deu um salto.

— Telepatia. Genial. Veja se consegue ficar com ela para sempre. — Respondeu.

Deus, sentia-se enormemente aliviada ao ver que Lanthe tinha outro poder. Tentando

³ Nota: é um argumento logicamente inconsistente, sem fundamento, inválido ou falho na capacidade de provar eficazmente o que alega.



manter Sabine com vida, sua irmã estava esgotando a persuasão com a que tinha nascido.

Aparentemente, todas aquelas mortes haviam feito que a feiticeira fosse cada vez mais poderosa, enquanto que Lanthe fosse se debilitando, tanto em intensidade como em capacidade de recuperação.

— A Rainha das Línguas Silenciosas também tinha o dom de comunicar-se com os animais.

— Disse-lhe Melanthe deste modo com a mente. — Adivinha o que vou te dar de presente para seu aniversário!

— Oh, merda. — Esse era um dos poderes menos apreciados pelas feiticeiras. Os animais tinham o problema de que poucas vezes estavam o bastante perto para poder ajudar quando os necessitava. — Espero que uma praga de lagostas esteja pelo bairro quando precisarmos.

— Já terminamos. — Disse Sabine a seu público.

— Espera, o que aconteceu com o enterro? — Perguntou um homem de cabelo comprido.

— As coisas ficaram muito pior. — Respondeu ela lhe tirando importância.

— O que pode ser muito pior que morrer? — Gritou uma mulher que não tinha parado de chorar.

— Conhecer a Omort, o Que não Morre. — Explicou a feiticeira com brutalidade. — Omort era um bruxo incapaz de sentir o beijo da morte, assim que lhe fez muita graça aquela moça que parecia ser uma perita no assunto.

— Se estará perguntando onde nos colocamos... — Disse-lhe Lanthe olhando-a aos olhos.

— Sabe de sobra que não temos mais remédio que retornar a seu lado. — Omort tinha métodos suficientes para assegurar-se de que não as perdia de vista. Sabine riu com amargura. De verdade tinha acreditado alguma vez que com ele iam estar a salvo?

Naquele preciso instante, ouviu o som de umas asas procedente do exterior.

— Já estão aqui. — Lanthe cravou os olhos na janela que havia no alto da parede. — Temos que sair correndo, atravessar os túneis que há sob a cidade e procurar o portal.

— Não gosto de correr. — O edifício se cambaleou, ou isso pareceu, devido ao mau humor de Sabine.

— E quando gosta? Não tem mais remédio.

Apesar de que ambas as irmãs fossem quase tão rápidas como os duendes e sabiam brigar sujo, os vrekens eram muitos para poder detê-los. E nenhuma delas possuía a magia necessária para a batalha.

Lanthe percorreu a sala com o olhar, procurando uma via de fuga.

— Nos apanharão embora consiga nos fazer invisíveis. — Disse a Sabine.

Com um giro de pulso, esta criou uma miragem e, de repente, ela e Lanthe tinham o mesmo aspecto que o resto de internos.

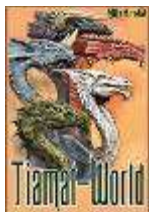
— Podemos fazer que os humanos saiam em turba e nos esconder entre eles, entramos na noite.

Lanthe negou com a cabeça.

— Os vrekens nos cheirarão.

Sua irmã arqueou as sobrancelhas.

— Melanthe, acaso não seu conta de como estes humanos fedem?



Época atual

Clube de strip-tease Língua e Sulco

Sul de Louisiana

— Uma dança privada, para este demônio tão sexy?

Com uma seca e decidida negação de cabeça, Rydstrom Woede rechaçou a fêmea meio nua.

— A um homem como você, eu ofereceria muito mais que uma dança. — Disse-lhe disse.

— E grátis. — Levantou um peito e, com a língua, lambeu o mamilo.

O gesto fez que Rydstrom arqueasse uma sobrancelha, mas respondeu:

— Não estou interessado.

Estava sendo uma das noites mais patéticas de toda sua vida, ali, no meio de um clube fajuto da Tradição, rodeado por strippers. Estava naquele lugar ridículo, sentindo-se como o pior dos hipócritas. Se o inútil do seu irmão se inteirasse de onde estava, teria que suportar seus comentários durante toda a vida.

Mas o contato de Rydstrom tinha insistido em que se encontrassem ali.

Quando uma ninfa se deslizou atrás dele para lhe dar uma massagem nos ombros, Rydstrom a agarrou pelas mãos para lhe dar a volta e poder olhá-la à cara.

— Já disse que não. — Reclamou.

Aquelas fêmeas o deixavam indiferente. O que era estranho, pois estava desesperado para deitar-se com uma. Com certeza que a essas alturas tinha os olhos completamente negros, pois a ninfa se afastou em questão de segundos. *Vou perder os nervos por uma ninfa?* Zangar-se porque uma fêmea dessa espécie o houvesse tocado era como brigar com um cão por mover a cauda ao ver um osso.

Ultimamente, bastava-lhe com uma tolice para perder os estribos. O rei destronado, conhecido por todos por sua fria racionalidade, por sua paciência infinita com outros, sentia-se como uma bomba a ponto de explodir.

Tinha o inexplicável pressentimento de que logo ia acontecer algo muito, muito importante... Algo transcendental.

Mas dado que esse pressentimento não se apoiava em nada lógico nem razoável, a frustração que sentia ameaçava afogá-lo. Não comia, e não podia dormir nenhuma noite inteira.

Durante as duas últimas semanas, esteve despertando várias vezes enquanto dormia, excitado, masturbando-se sem ser consciente disso, procurando desesperado à única fêmea capaz de acabar com toda aquela frustração. *Deus, necessito uma mulher.*

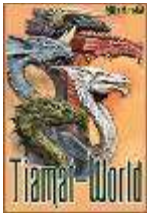
Mas não tinha tempo para conquistar a uma que valesse a pena. Um conflito de interesses mais que acrescentar à lista.

As necessidades do reino sempre se antepõem às do rei.

Na batalha que tinha iniciado para recuperar a coroa que lhe tinha arrebatado Omort, o Que não Morre, um feiticeiro que não havia modo de matar, havia muitas coisas em jogo.

Rydstrom já se enfrentou uma vez com ele e, por desgracia, sabia que era indestrutível. Embora conseguisse decapitá-lo, foi Rydstrom quem com muita dificuldade saiu com vida daquela confrontação, novecentos anos atrás.

Agora, o monarca destronado estava procurando o modo de matar a Omort para sempre. Com a ajuda de seu irmão Cadeon e alguns mercenários que trabalhavam para este, Rydstrom tinha conseguido avançar em sua investigação. O emissário com o que ia se reunir essa noite, um



demônio de dois metros e meio chamado Pogerth, ia proporcionar-lhe outra pista.

Vinha de parte de um feiticeiro chamado Groot, o Ferreiro, o meio irmão de Omort, que tinha quase tantas vontades de ver este morto como Rydstrom. Groot não era melhor elemento que Omort, mas já se sabe: *Os inimigos de meu inimigos são...*

Nesse preciso instante, uma diaba envolta em pele negra e com maquiagem barata nos chifres repassou a Rydstrom com o olhar, e ele deu a volta.

Sentia curiosidade pelas garotas más, sempre tinha sido assim, mas não eram seu tipo... Por muito que Cade jogasse em sua cara cada vez que brigavam.

Rydstrom queria encontrar a sua rainha, a mulher destinada a estar com ele, uma diaba virtuosa que sempre estaria a seu lado e o satisfaria na cama.

Supunha-se que, para um demônio, fazer amor com a mulher escolhida pelo destino para ele era algo espetacular, muito mais que qualquer confusão de uma noite. Depois de quinze séculos esperando, Rydstrom estava bastante seguro de que já estava chegando a hora de comprová-lo.

Respirou fundo. Aparentemente ainda não. *Há muitas coisas em jogo.* Rydstrom sabia que, se dessa vez não derrotasse seu inimigo, perderia o reino e a coroa para sempre.

Perderei meu lar. Fechou os punhos com força até notar que as curtas garras negras se cravavam nas palmas das mãos. Omort e seus seguidores tinham destruído o castelo de Tornin. O bruxo se proclamou rei e tinha devotado asilo a todos os inimigos de Rydstrom. O castelo estava agora custodiado por zumbis, mortos vivos que tinham retornado do Submundo e aos que só se podia matar matando a seu criador.

Em qualquer parte se ouviam histórias sobre as orgias, os sacrifícios e os incestos que aconteciam detrás dos antes sagrados muros de Tornin. Rydstrom preferia morrer antes que entregar para sempre seu ancestral lar a essas criaturas tão depravadas e repugnantes, a pior raça de toda a criação.

Que Deus ajude a quem esta noite cruzar em meu caminho. Sou uma bomba relógio...

Por fim chegou Pogerth, teletransportando-se dentro do bar. A pele do demônio de pus parecia cera líquida e cheirava a podre. A malha que usava debaixo da roupa lhe sobressaía pelos punhos e o pescoço da camisa. Levava botas de água e, tal como ditavam as normas de educação, ia esvaziando fora a intervalos regulares.

Ao sentar-se frente à Rydstrom, fez um som peculiar.

— Meu amo e senhor procura um tesouro tão raro que quase parece tirado de uma fábula. — Começou sem preâmbulos. — Em troca, está disposto a entregar algo igual de fantástico. — Trocando à língua demoníaca, perguntou-lhe: — O que estaria disposto a fazer em troca de uma arma capaz de matar ao que não morre?

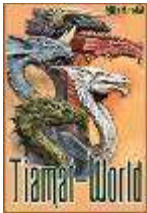
Castelo do Tornin

Reino de Rothkalina

Uma cabeça caiu rodando pelos degraus de diante do trono de Omort, e Sabine se limitou a esquivá-la e continuar subindo.

A cabeça em questão pertencia a oráculo trezentos e cinquenta e seis, que era o número exato de adivinhas que tinham trabalhado em Tornin desde que Sabine se instalou ali.

O aroma de sangue encheu o ambiente enquanto os zumbis devoravam frenéticos o corpo que correspondia a essa cabeça.



Enquanto Omort, o meio irmão de Sabine e rei de Rothkalina limpava o sangue das mãos, o que indicava que tinha sido ele quem tinha arrancado a cabeça da oráculo em um ataque de raiva, provavelmente furioso por algo que este lhe havia dito.

Permanecia de pé, orgulhoso, no meio do dourado salão do trono. Levava meia armadura no ombro esquerdo e uma capa espetacular no direito. Uma adaga lhe pendurava do quadril. Sobre sua pálida juba brilhava uma coroa muito trabalhada, que fazia também as funções de capacete.

Via-se elegante e sofisticado, e totalmente incapaz de arrancar a cabeça de uma mulher só com as mãos.

Omort tinha se apropriado de muitos poderes: piroteknia, levitação, capacidade de teletransportar-se... Os tinha arrebatado de seus meio irmãos antes de matá-los. Mas ainda era incapaz de ver o futuro. E isso o deixava furioso.

— Tem algo a dizer, Sabine? Não me diga que está se abrandando...

Ela era quão única se atrevia a levantar o rosto, assim que todas as criaturas de palácio ficaram em silêncio. As estadias estavam transbordando das muitas facções que constituíam o Pravus, o novo exército de Omort.

Entre suas filas se encontravam centauros, invidia — umas fêmeas que eram a personificação da discórdia, — ogros, fantasmas malvados, vampiros caídos, demônios do fogo com as palmas fumegantes... E mais seres dos que se podiam nomear.

E quase todos queriam vê-la morta.

— Com os tempos atuais, é muito difícil encontrar a alguém de confiança. — Suspirou Sabine, a quem lhe custava muito sentir pena por alguém. Ao fim e ao cabo, ela mesma tinha despertado mais de uma vez ensopada em seu próprio sangue. — Mas é uma lástima, irmãozinho, porque sem ela voltamos a estar às cegas.

— Não se preocupe, encontrarei a outra adivinha em seguida.

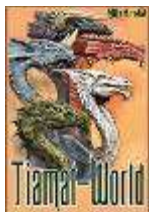
— Desejo a você a melhor das sortes. — As adivinhas não cresciam nas árvores, e já estavam se esgotando as possibilidades de encontrar a uma que quisesse trabalhar para eles. — E por isso mandou me chamar? — Perguntou aborrecida assinalando o corpo decapitado.

Sabine esquivou com o olhar o poço das almas e se dedicou a estudar outros detalhes da estadia. Seu irmão a tinha modificado drasticamente depois de arrebatá-la do poderoso Rydstrom. Tinha substituído o austero trono do demônio por um de ouro, que agora estava salpicado pelo sangue da jugular da oráculo.

Fez isso aqui...

Nas paredes, Omort tinha mandado pendurar as bandeiras com suas cores e tapeçarias representando o seu animal talismã: o ouroboros, uma serpente que engolia sua própria cauda, e que representava sua falta de morte. Tudo o que antes tinha sido sóbrio era agora barroco⁴. E,

⁴ Nota: foi o nome dado ao estilo artístico que floresceu na Europa, América e em alguns pontos do Oriente entre o início do século XVII e meados do século XVIII. De certa forma o Barroco foi uma continuação natural do Renascimento, porque ambos os movimentos compartilharam de um profundo interesse pela arte da Antiguidade clássica, com a diferença de a interpretarem e expressarem esse interesse de formas diferentes. Enquanto no Renascimento as qualidades de moderação, economia formal, austeridade, equilíbrio e harmonia eram as mais buscadas, o tratamento barroco de temas idênticos mostrava maior dinamismo, contrastes mais fortes, maior dramaticidade, exuberância e realismo e uma tendência ao decorativo, além de manifestar uma tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual. Mas nem sempre estas características são evidentes, e houve uma grande variedade de abordagens estilísticas que foram englobadas sob essa denominação, com certas escolas mais próximas do classicismo renascentista e outras mais afastadas dele. As mudanças



apesar de tudo, aquele lugar seguia sem encaixar com o sofisticado Omort.

Segundo a lenda, o medieval castelo de Tornin tinha sido criado por uma mão divina para proteger o poço, com seis robustas torres rodeando-o. Apesar de que as pedras davam um ar rude à fortaleza, esta tinha um aspecto harmônico. Tornin era perfeitamente imperfeito.

Quão mesmo seu antigo monarca, segundo se dizia.

Omort jogou a capa para trás antes de sentar-se.

— Mandei chamá-la faz meia hora.

— Bom, acabo de recordar. — Ela e Lanthe estavam vendo um DVD no ensolarado quarto de sua irmã. Passavam-se pelo menos sete horas ao dia vendo filmes. Aparentemente, a televisão por assinatura ia demorar muito em chegar à área.

Ao passar junto ao centauro virre, olhou-o entre as pernas e lhe perguntou:

— Que tal o leva? Para a esquerda, conforme vejo. Sua esquerda e minha direita.

Apesar de que a fúria do centauro era evidente, este jamais se atreveria a desafiá-la. Ali Sabine tinha muito poder.

Piscou-lhe os olhos para recordar-lhe e seguiu para Omort.

— Teria chegado antes, mas tinha que me ocupar de algo muito importante.

— De verdade?

— Não. — E isso era quão único Sabine ia dizer sobre o assunto.

Omort ficou olhando-a fascinado, as íris amareladas de seus olhos cintilando. Mas quando ela tirou a capa, o rei pareceu despertar de seu feitiço e repassou seu traje com desaprovação: um pequeno top de tecido de ouro, uma diminuta minissaia, luvas com garras nos dedos, e botas altas.

Depois de lhe percorrer o corpo com o olhar, Omort se dedicou ao rosto de sua meio-irmã. Pintou-se umas asas nos olhos, das pálpebras até o nascimento do cabelo.

No passado, o rei tinha tentado impor uma lei que obrigasse a todas as fêmeas a cobrir o rosto com a tradicional máscara de seda das feiticeiras em vez de pintar-se e ir cobertas dos pés à cabeça.

O traje de Sabine deixava bem claro o que esta pensava da proposta.

— A verdade, Omort, é que só vim tomar meu “remédio”.

— Darei-lhe isso mais tarde. — Respondeu ele sacudindo negligerentemente a mão.

Que fácil lhe resultava tirar a importância do assunto. Como se notava que não era Omort quem a necessitava para escapar de uma morte horrível.

— Agora mesmo, temos algo mais importante que discutir...

Hettiah, outra meia irmã do rei e eterna Nêmesis⁵ de Sabine, chegou nesse momento, e subiu os degraus para o trono de dois em dois e se colocou junto a Omort, lugar que lhe pertencia, pois era sua concubina além de parente. Seguro que tinha ido correndo até ali frenética, ao inteirar-se de que a feiticeira estava na corte, para assegurar-se de que esta não o roubava.

Hettiah estava muito confusa a respeito de duas coisas: uma, Omort iria com Sabine se ela o pedisse. Dois, Sabine jamais o pediria.

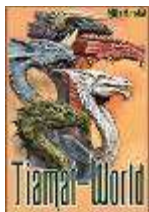
O bruxo ignorou Hettiah por completo e não afastou a vista da feiticeira nem um segundo.

— O que é tão importante? — Perguntou Sabine.

— Meus espiões levam muito tempo vigiando as atividades de Groot, o Ferreiro, assim

introduzidas pelo espírito barroco se originaram, pois, de um profundo respeito pelas conquistas das gerações anteriores, e de um desejo de superá-las com a criação de obras originais.

⁵ Nota: Deusa grega da Vingança e da Ética.



como as de seus mais próximos seguidores.

Groot tinha passado a vida escondendo-se de Omort, e era um dos dois meio irmãos do bruxo que tinham conseguido sobreviver fora de Tornin.

— Inteirei-me que mandou um emissário para reunir-se com o próprio Rydstrom Woede.

Por fim algo interessante!

— Rydstrom e Groot, nossos inimigos mais poderosos, aliando-se. Essas são más notícias.

— Temos que fazer algo. Um de meus espiões ouviu como o emissário prometia ao demônio uma espada forjada para me matar.

A corte inteira ficou em silêncio, incluindo Sabine.

Omort suspirou cansado.

— Isso não é possível. Não pode fazer-se. — Diria-se que parecia decepcionado. — Sabe quantas bombas, feitiços, lanças, adagas e venenos se supunha que podiam me matar?

A verdade era que Sabine tinha visto o bruxo com uma adaga cravada no coração, sem cabeça, convertido em cinza... E sempre tinha ressurgido como a ave fênix, mais forte que antes. Seu nome mesmo o dizia, *O Que não Morre*.

— Mas Rydstrom deve acreditar que sim funcionará. — Prosseguiu. — O demônio, que é famoso por sua têmpera e por sua cabeça fria, abandonou o ponto de encontro a toda pressa e chamou seu irmão Cadeon logo que entrou no carro, antes de sair zumbindo para Nova Orleans.

— Deve ter ido reunir-se com seu irmão. — Disse Sabine.

Cadeon, o Fazedor de Reis, era um mercenário sem escrúpulos, de quem se comentava que podia sentar a qualquer rei em seu trono... Exceto seu irmão. Ambos tinham estado trabalhando juntos durante séculos para recuperar Tornin.

O atual lar de Sabine. *Esqueçam, demônios. Não penso voltar a me mudar.*

Hettiah pigarreou.

— Meu senhor, se a espada não pode matá-lo, por que o preocupa?

— Porque que alguém o ache assim é igualmente perigoso. — Respondeu Sabine com impaciência. — Poderiam considerar a espada como referência, utilizá-la como propaganda.

Uma pequena revolta tinha estalado já no campo, onde os demônios exigiam que retornasse seu rei destronado.

Seguiam reclamando-o... Depois de nove séculos.

Sabine frequentemente se perguntava o que Rydstrom haveria feito para ganhar tal lealdade.

— É óbvio que não posso permitir que os irmãos se encontrem. — Prosseguiu a feiticeira.

— Interceptarei Rydstrom antes que chegue à cidade.

— E depois? — Perguntou Omort sem alterar-se. — O que fará com ele?

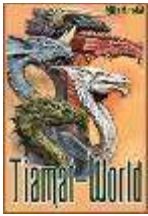
— Depois matarei dois pássaros com um tiro. — Respondeu ela. — A profecia começou.

Bem a tempo para a Ascensão.

A cada quinhentos anos tinha lugar uma grande guerra entre imortais, e estava a ponto de estalar a seguinte.

Sabine percorreu com a vista o poço misterioso que havia no centro da sala, repleto de restos de sacrifícios, de partes ensanguentadas e irreconhecíveis procedentes de corpos de diferentes seres. O futuro da feiticeira dependia de que pudesse desencadear aquele poder. E o demônio era a chave.

Deu-se a volta para Omort e viu que este a olhava com o cenho franzido, como se pensasse que voltaria atrás e não se atreveria a deitar-se com o demônio. Mas, de fato, Sabine estava impaciente por fazê-lo e saborear por fim todo o poder que estava a seu alcance.



Ao fim queria algo, desejava algo.

— E se o demônio resistir? — Perguntou Hettiah.

— Jogou uma olhada em mim ultimamente? — Provocou-a Sabine, girando sobre seus os calcanhares, gesto que provocou que Omort se inclinasse para frente e que Hettiah a fulminasse com o olhar.

Esta não era uma pobre necessitada. Seu poder consistia em neutralizar os poderes de outros. Podia apagar uma miragem com a mesma facilidade com que Sabine podia criá-lo. Lanthe a apelidava a Corta Onda e Tia Aborrecida.

— Não subestime o demônio. — Disse Omort ao fim. — É um dos seres com maior força de vontade que jamais conheci. Não esqueça que me enfrentou e continua com vida.

Sabine suspirou, fazendo um esforço por manter a raia seu proverbial mau humor.

— Sim, mas eu tenho umas qualidades “únicas”, que garantem que posso seduzir ao demônio sem nenhum problema.

— Também tem um inconveniente. — Bufou Hettiah. — É o inseto estranho da Tradição.

Era certo que era única: uma virgem sedutora. Sabine riu ao ouvir o comentário de Hettiah, mas ao olhar seu irmão ficou sério de repente.

— Omort, diga a sua bonequinha que se cale, ou lhe farei uma focinheira com seus intestinos. — Esfregou as garras de uma das luvas com os da outra mão e o som ressoou por toda a sala.

Hettiah ergueu o queixo, mas empalideceu. A verdade era que Sabine lhe tinha tirado mais de uma víscera. Várias vezes. Guardava-as dentro de potes, na mesinha de noite.

Mas agora a feiticeira tentava contê-lo o máximo possível, porque sempre que brigava com Hettiah, Omort parecia excitar-se sobremaneira.

— Além disso, se o demônio conseguir resistir a isto, — Passou as mãos pelo corpo. — tenho um plano no quarto. — Ela sempre tinha um plano B.

— Precisaré dele. — zombou Hettiah.

Sabine lhe mandou um beijo, o pior insulto que havia entre as feiticeiras, que guardavam venenos nos anéis para jogá-los nas bebidas... Ou soprá-los aos olhos de seus inimigos.

— Capture-o esta noite, e logo... Ponha isso. — Concluiu Omort com asco.

Rydstrom não só era um demônio, seres aos que os feiticeiros consideravam apenas um degrau por cima dos animais, mas também, além disso, o rei caído era o inimigo mortal do bruxo.

E por fim tinha chegado o momento de que Sabine entregasse sua virgindade, ao menos fisicamente, e rendesse seu corpo a uma criatura. Não era de estranhar que Omort houvesse ficado furioso com a oráculo. Parte dele desejava o poder que sua meio-irmã ia adquirir. E outra parte a desejava como fêmea; por isso gostava das que se pareciam com ela, como a ruiva Hettiah.

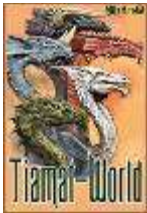
Omort ficou em pé e desceu os degraus até ficar frente à Sabine. Ignorando as queixas de Hettiah e a advertência no olhar da própria feiticeira, levantou a mão devagar para lhe tocar o rosto.

Tinha as unhas longas, sujas, fortes e manchadas de sangue.

— Cuidado, irmão, já sabe que eu não gosto que nenhum homem me toque. — Disse ela quando ele segurou seu queixo.

Quando Sabine estava zangada, como acontecia naquele momento, o que tinha ao redor começava a explodir e a sacudir-se como se houvesse um terremoto, e os ventos sopravam igual a em uma tempestade. Ao ver que todos seus súditos saíam apavorados, Omort a soltou a contra gosto.

— Tenho as coordenadas da rota que Rydstrom seguirá. — Disse a seguir. — Lanthe pode



abrir um portal que vá das masmorras até o lugar exato, e você pode detê-lo ali. Será a armadilha perfeita. A não ser que Lanthe já tenha perdido esse poder.

Esta ainda podia abrir portais, entretanto essa faculdade ia debilitando com cada um das tentativas, assim só podia fazê-lo mais ou menos a cada seis dias. Sabine confiava em que não o houvesse feito ultimamente.

— Por que não diz a Lanthe que venha e o pede você mesmo? — Propôs, conseguindo que Omort fizesse uma careta.

Por algum motivo, este sempre resistiu a estar perto da jovem e tinha decretado que as duas irmãs jamais estivessem juntas ante sua presença.

— E exatamente quanto tempo tenho para preparar minha grande atuação? — Perguntou logo Sabine.

— Tem que interceptá-lo nas próximas duas horas.

— Pois então vou já. — A falta de tempo para poder organizar a deixava furiosa. A encantava fazer previsões, planos alternativos, preparar-se para contingências. Era muito mais divertida a preparação mesma que o ato em si. Adorava esboçar as possíveis contingências durante meses, mas agora só tinha um par de horas.

Antes que se fosse, Omort se inclinou para ela e lhe murmurou ao ouvido:

— Se houvesse um modo de evitar que tivesse que se deitar com esse animal, o teria encontrado.

— Sei, irmão.

Nisso sim o acreditava. Omort jamais a entregaria a outro por vontade própria, porque desde a primeira vez que a viu a queria para ele. Uma vez, havia-lhe dito que havia algo em seus olhos que não tinha visto antes: o escuro conhecimento de saber o que se sente ao morrer. Algo que ele não saberia jamais.

Pousou em seu ombro nu uma mão gelada, e Sabine teve a sensação de ouvi-lo gemer com o contato.

— Não me toque, Omort. — Soltou cada palavra, lançando as sílabas como se fossem serpentes envenenadas, e ele afastou a mão.

Às vezes, tinha que lhe recordar que era igual a aqueles répteis aos que adorava.

Sabine se voltou e lhe deu diretamente as costas, em vez de retroceder os três passos que a levariam à saída. Passou junto ao poço e se atreveu a lhe jogar uma olhada.

Logo...

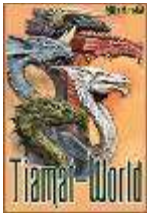
— Confio em que não me falhará. — Disse Omort. — Rydstrom não tem que reunir-se com seu irmão.

— Considere-o feito. — Respondeu ela com convicção. Tão difícil podia ser capturar a um demônio?

CAPÍTULO DOIS

Um tesouro tão raro que quase parece tirado de uma fábula...

Rydstrom pisou no acelerador de sua McLaren e atravessou o caminho deserto, os faróis do carro cortando a névoa dos pântanos. A loucura que fervia em seu interior, aquela inexplicável tensão, tinha alcançado níveis insuportáveis.



Omort podia morrer.

Cento e sessenta quilômetros por hora. Cento e oitenta...

Uma espada forjada por Groot, o Ferreiro.

Rydstrom tinha esperado tanto tempo que chegasse esse momento que lhe custava acreditar que por fim o tivesse alcançado. Embora não confiasse no demônio Pogerth, Rydstrom sim confiava em sua aliada, a Valquíria Nix, a adivinha que tinha organizado o encontro.

Nix havia dito a Rydstrom que essa seria a última oportunidade que teria de matar Omort. Das duas uma: ou o conseguiria ou sucumbiria a ele para sempre.

E por fim os deuses lhe diziam que era possível vencê-lo, embora o preço que Groot exigia em troca da espada era algo impossível de conseguir. Ou isso parecia.

Duzentos e vinte e cinco quilômetros por hora.

Apesar de que já fazia vários minutos que Rydstrom tinha desligado o telefone, depois de falar com seu irmão, seguia apertando a mandíbula. Cadeon, o ser em quem menos se podia confiar em todo o universo, tinha-lhe informado que já estava em posse do objeto que Groot tinha exigido em troca da espada.

Cade tinha aceitado a contra gosto a reunir-se com Rydstrom no lugar de sempre, ao norte de Nova Orleans, com a coisa em questão, mas a este ainda lhe faltava uma meia hora de caminho; tempo de sobra para que seu irmão voltasse atrás... Se é que não o havia feito já.

Com esse pensamento, Rydstrom pisou no acelerador e ficou a duzentos e sessenta por hora. *Não vou o bastante rápido.* Daria sua mão direita em troca de poder teletransportar-se de novo. Omort tinha bloqueado a capacidade de rastreamento, ou teletransportação, de Rydstrom e Cadeon. O rei demônio jamais se havia sentido tão frustrado como nesses momentos. *Há muito em jogo.*

Sim, Cadeon tinha encontrado o objeto, mas não o fazia nenhuma graça entregá-lo a ele.

Fugirá. Rydstrom tinha que chegar antes que isso pudesse acontecer. Esteve muito tempo pensando em seu irmão, convencido de que Cadeon voltaria a lhe decepcionar. Duzentos e setenta e cinco...

Rydstrom estava disposto a morrer por seu povo. Por que Cade não?

Uns olhos o olharam por cima dos faróis do carro. Não pertenciam a um animal. Uma mulher.

Pisou no freio de repente, deu um giro no volante e perdeu o controle do veículo.

Os pneus chiaram no meio da noite e o esportivo começou a dar voltas ao redor de si mesmo a toda velocidade. Mas, de algum modo, Rydstrom conseguiu endireitá-lo.

— Vai freá-lo! — Exclamou Lanthe impressionada.

Sabine levantou as mãos e balbuciou:

— Não acredito.

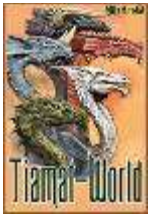
Justo quando parecia que o demônio voltava a ter o controle do carro, Sabine criou uma miragem na estrada para ocultar o contraforte⁶ da ponte e impedir que ele pudesse vê-lo.

Rydstrom se dirigiu para ali a toda velocidade.

Soou uma explosão, ouviu-se o ruído do metal ao chocar-se, romperam-se os vidros. Colunas de fumaça saíram do capô e as juntas rangeram. O precioso e brilhante carro negro ficou completamente destroçado.

— Era necessário que fosse um acidente tão besta? — Perguntou Lanthe, soprando para

⁶ Nota: É reforço de muro ou muralha, geralmente constituído de um pilar de alvenaria na superfície externa ou interna de uma parede, para sustentar a pressão de uma abóbada (onde também pode funcionar em conjugação com o arcobotante), terraço ou outros esforços que possam derrubá-la. Comumente chamado por pedreiros de "gigante".



cima para afastar uma mecha de cabelo do rosto. — Não acredito que agora esteja de humor para um encontro romântico.

— Foi você quem estava gritando que o parasse.

Fazia um momento, quando Sabine ouviu o suave ronrono do carro ao aproximar-se, fez invisível a sua irmã e criou uma miragem com um carro avariado na estrada, com o capô levantado.

Uma dama em apuros incapaz de consertar seu próprio carro. Um tópico ridículo, mas necessário.

Ao ver que Rydstrom não se detinha, levantou os braços, mas ele seguiu adiante. Negando-se a que a ignorasse, Sabine se mostrou com seu verdadeiro aspecto e se colocou justo diante do carro. E Rydstrom deu um giro no volante para não atropelá-la.

— Além disso, é um demônio. — Prosseguiu. — Os demônios são muito resistentes... E sensuais.

Abriu-se a porta do carro e então Sabine assinalou:

— Vê? O que te dizia?

Mas Rydstrom não saiu do veículo.

— *Por que demora tanto?* — Perguntou Lanthe com telepatia, mordendo as unhas enquanto falava desse modo silencioso. — *E se tivermos atraído aos vreakeners?* — Apesar de que tinham passado tantos anos, esses monstros seguiam perseguindo as irmãs.

— *Ainda temos tempo.* — Respondeu sua irmã pelo mesmo meio, embora estivesse impaciente para ver o homem a quem ia entregar-se, um dos líderes mais respeitados da Tradição.

Sabine tinha lido tudo o que se escreveu sobre Rydstrom e estava a par de todos os detalhes de sua história. Tinha mil e quinhentos anos, cinco irmãos, dos quais ficavam vivos um macho e duas fêmeas, e tinha sido guerreiro muito antes de herdar inesperadamente a coroa de Rothkalina.

Também sabia o aspecto que tinha: era alto e forte, com o rosto cheio de cicatrizes causadas pela guerra, e uns intensos olhos verdes que se tornavam negros quando o demônio sentia fúria... Ou desejo. Ao ser um demônio da ira, tinha os chifres presos à cabeça em vez de levantados para cima. Um lhe tinha quebrado antes de converter-se em imortal.

Mmm. Chifres. E, se seu plano saía segundo o previsto, em questão de horas seu corpo o acolheria em seu interior.

Se não, sempre podia recorrer ao veneno que guardava em seu anel. Debaixo do rubi ocultava um sonífero que Hang, a fazedora de venenos e poções do castelo, tinha-lhe preparado no porão. Os demônios eram muito suscetíveis a ambas as misturas.

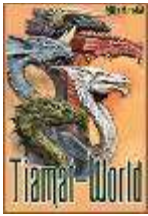
A Sabine não fazia nenhuma graça ter que drogar Rydstrom, mas o faria se fosse necessário; faria qualquer coisa para levá-lo à masmorra que tinha preparada para ele... Uma da que não poderia escapar apesar de toda sua força demoníaca.

A cela estava a poucos metros de onde se encontravam.

Lanthe tinha aberto um portal justo em cima e as havia feito aparecer na estrada. Para ocultá-lo, Sabine tinha criado a maior e mais complicada miragem de toda sua vida, e tinha conseguido que a masmorra parecesse formar parte do caminho pelo qual circulava o carro de Rydstrom.

Depois do que pareceu toda uma eternidade, o demônio saiu de entre a massa de ferros. Sabine se deu conta de que, sem ser consciente disso, até então tinha estado contendo a respiração.

Ali estava.



Na verdade era alto, devia medir dois metros, e seus ombros eram muito largos. Tinha o cabelo negro como a noite. Os chifres lhe nasciam no alto da testa e se colavam a ambos os lados de sua cabeça, e, ao ser da cor das conchas, passavam quase despercebidos. E sim, um tinha a ponta quebrada.

Rydstrom cambaleou ao dar os primeiros passos, mas não parecia estar ferido gravemente. Não se via sangue por nenhum lado.

Sabine arqueou uma sobrancelha e Lanthe lhe disse com telepatia:

— *Seu demônio... Dá medo.*

la corrigi-la e a lhe dizer: “Não é meu demônio”, mas a verdade era que durante um tempo sim o seria.

— *Sim, dá.*

A julgar por seu aspecto, Sabine haveria dito que se tratava de um capanga ou de algum outro tipo de criminoso. Coisa estranha, pois se supunha que Rydstrom era a razão personificada, um líder sábio ao que gostava de resolver os conflitos dialogando e descobrir a solução dos mistérios mais complexos.

Na Tradição, dizia-se que de sua boca jamais tinha saído uma mentira. O que devia ser uma mentira em si mesmo.

— *Vai tentar seduzi-lo ou o meterá na cela sem mais?*

— *Vou tentar seduzi-lo. Se se der conta de que o estamos capturando, poderia ficar em plano demoníaco.* — Alisou o vestido azul claro com as mãos.

— *Está muito bem.* — Disse Lanthe. — *Parece muito doce. Esses tons pastel sempre deixam aos machos a cem.*

— *Esses comentários são de tudo desnecessários, Lanthe.*

Como Sabine não queria que Rydstrom soubesse que era uma feiticeira, pôs-se um vestido elegante, mas bastante insípido. Estava convencida de que não lhe faria nenhum mal aparentar ser recatada. Seguro que ao demônio gostava das fêmeas assim.

De fato, mais lhe valia. Excetuando o anel, não levava nenhuma joia em todo o corpo. E ia maquiada. Soltou a juba, que lhe caía até a cintura, e não levava nenhum adorno no cabelo. Tudo isso Sabine não gostava de nada.

— *Está segura de querer seguir adiante com isto?* — Perguntou Lanthe. — *Está decidida a deixar que um de nossos inimigos te manuseie?*

— *Completamente.* — Respondeu sua irmã com o olhar fixo em sua presa.

Um objetivo, uma meta, uma possibilidade se abria ante ela.

O demônio retrocedeu um par de passos e se agachou para inspecionar as imperfeições. Soltou um assobio ao ver o destroço, mas logo afastou o olhar do carro.

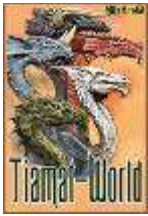
— Há alguém aí? — Gritou. Estava se recuperando rapidamente do choque. Tinha os ombros jogados para trás e o queixo levantado, em uma pose indiscutivelmente majestosa. — Está ferida?

Sabine não respondeu, mas sim deixou que a voz dele a envolvesse. Era agradável, com o acento britânico típico dos demônios da ira.

Rydstrom se voltou para ela e tirou um celular do bolso para olhar a tela.

— *Maldição!* — Ouviu-o exclamar. Naquela área não havia cobertura.

O demônio usava uma jaqueta negra em cima de um fino pulôver também negro, que se colava a seu torso. Os objetos eram de corte simples, mas se via a lésua que eram muito caros. Feitos medida, é óbvio. Não qualquer roupa podia ficar bem, com aquelas costas e aqueles ombros.



Tinha uma cicatriz no rosto que ia da testa à bochecha. Teria sido ferido antes de ficar “petrificado” em seu corpo imortal, pois do contrário lhe teria curado sem deixar rastro. A julgar por seu aspecto, Rydstrom devia ter uns trinta e quatro ou trinta e cinco anos quando se converteu em imortal.

A cicatriz lhe dava um ar perigoso que não encaixava com seu porte nem com a roupa cara, e acontecia o mesmo com os chifres, as presas e as garras negras...

— Já já me deitaria com ele. — Disse Lanthe.

— Dado que você se deita com qualquer um, seu comentário não tem sentido.

— Está ciumenta.

Sim, sim o estava.

Quando Rydstrom levantou a vista e seus olhos se encontraram com os de Sabine, esta viu que eram os mais verdes que jamais tinha visto.

— Vá. — Disse a sua irmã. — *Prepare-se para fechar o portal detrás de nós. Quando o capturar, vá a Omort e lhe diga que a missão foi um êxito. Diga-o em voz alta, para que se inteirem todos os idiotas da corte.*

— Farei isso. Vá até ele, tigresa.

Uma vez que Lanthe se foi, Sabine se concentrou por completo em Rydstrom. Este entrecechou os olhos quando ela retocou a miragem para que a noite tivesse um aspecto onírico. Fez que as estrelas brilhassem mais, que a lua parecesse mais cheia. Com o cenho franzido, o demônio se aproximou.

Podia ver como a olhava. Sua vista foi de sua juba até o recatado vestido que, devido à umidade da noite, o tinha colado ao corpo. Quando os olhos do demônio se detiveram em seus mamilos erguidos, viu-o passar a mão pela boca.

Chegou o momento de conduzi-lo para o portal. Sabine pôs-se a andar afastando-se de Rydstrom.

— Não, espera! — Disse ele. — Está bem?

Sabine deu a volta, mas seguiu avançando de costas para a armadilha.

— Não te farei mal. — O demônio correu a seu lado. — Seu carro está perto?

— Necessito sua ajuda. — Disse ela, fiel a seu papel de donzela em apuros.

— É óbvio. Vive perto daqui?

Por fim estavam o bastante próximos ao portal.

— Necessito sua ajuda. — Repetiu Sabine, passando detrás do que parecia um salgueiro à beira de um rio, mas que em realidade existia só na miragem que ocultava a masmorra.

O demônio a seguiu até ali, e ela viu que o portal estava se fechando atrás deles. A armadilha tinha funcionado, e ele não se inteirou.

— Tenho que ir à cidade. — Disse Rydstrom. — Mas retornarei para ajudá-la.

Sem podê-lo evitar, Sabine desviou a vista para a cicatriz de seu rosto... Era a primeira vez que a via tão de perto.

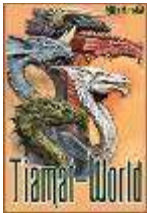
Ele se deu conta e pareceu esperar algum tipo de reação por parte dela.

A Sabine, a cicatriz não lhe incomodava tanto como parecia incomodá-lo, e decidiu utilizar isso contra o demônio.

Rydstrom não era absolutamente como o tinha imaginado. Era muito melhor. E se ficava muito mais tempo olhando aqueles intensos olhos verdes deles, terminaria por esquecer quem era. Então se aproximou dele, que, desconfiado, deu um passo atrás.

— Necessito sua ajuda agora. — Se apressou a dizer ela.

Agarrando-lhe uma mão entre as suas, a levou aos lábios e a beijou, e logo a colocou em



cima de um de seus seios.

Como se não fosse consciente do que estava fazendo, Rydstrom gemeu e o acariciou.

— Isto é o que preciso. — Murmurou Sabine, arqueando-se contra ele.

— E os deuses sabem que quero dar isso a você, mas antes tenho que...

— Preciso de você... — Agarrou-lhe a outra mão e a colocou na parte interna de uma coxa.

— Agora.

Rydstrom fechou os dedos sobre o seio e se agarrou à coxa com força, como se sua vida dependesse disso. Mas, apesar de tudo, parecia decidido a ir-se dali. Sabine tentou ler a mente, mas os demônios podiam bloquear ditos ataques. Só pôde perceber o eco de seus pensamentos, e isso porque eram muito, muito fortes.

Faz tanto tempo que não estou com uma mulher... Não posso... Tenho responsabilidades...

Exatamente quanto tempo? E quem se acreditava que era para atrever-se a rechaçá-la? Por “responsabilidades”?

O rechaço era do mais intrigante.

Sabine sabia que aos demônios adoravam que lhes acariciassem os chifres, que lhes fascinava que seus companheiros os tocassem antes de fazer amor. Os de Rydstrom se ergueram e estavam se obscurecendo à medida que se excitava, assim levantou uma mão e rodeou com os dedos um deles.

Ele se estremeceu de prazer.

— Beije-me, demônio. — Puxou seu chifre até conseguir que inclinasse a cabeça.

Quando seus lábios se encontraram, Rydstrom gemeu do mais profundo de sua garganta.

... Sinto uma conexão com ela, talvez seja...

Sim, por fim Rydstrom compreendeu o que ela era para ele e o que isso significava. *Agora tudo irá sobre rodas.*

O rei demônio começou a beijá-la, enredando a língua devagar com a sua. Sabine teve a impressão de que estava fazendo verdadeiros esforços para ser delicado. Certamente tinha medo de assustá-la. Mas quando por sua parte foi ao encontro da língua dele, lhe devolvendo a carícia, suas mãos se agarraram a suas nádegas e a empurrou contra sua mais que considerável ereção.

Assim que o que se dizia sobre os demônios não era um exagero.

Rydstrom movia os quadris em busca dos dela, que pensou: *Isto está muito melhor.* Quando os homens ficavam nesse plano, perdiam a capacidade de raciocinar.

Relaxou-se um pouco e começou a desfrutar do beijo. O demônio tinha um gosto muito bom, tinha os lábios firmes e sabia como utilizá-los. Seguiu beijando-a desse modo tão demolidor e explorando seu corpo.

Mas, ao excitar-se, Sabine convocou a miragem do fogo. Se ele via as chamas, descobriria sua identidade. Justo quando começava a preocupar-se por ter reagido com tanta intensidade a seus beijos, Rydstrom se separou dela.

— Eu... Não posso fazer isto agora. Tenho que me reunir com alguém. Há muito em jogo.

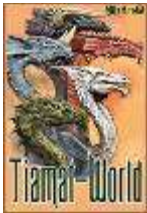
Dizia-o a sério?

— Faça amor comigo. — Sussurrou, aproximando-se mais dele. — Aqui. Sob esta árvore, sob a luz da lua. Preciso de você. — E era verdade.

— Não. Tenho que cumprir com minhas obrigações. — Respondeu com voz dura e pensamentos encontrados, debatendo-se consigo mesmo.

... É tão bonita... Meu sexo anseia penetrá-la... Meus chifres... Não! As necessidades do reino se antepõem sempre às do monarca...

Supunha-se que Rydstrom era paciente e precavido. E agora Sabine podia acrescentar



generoso a essa lista de virtudes.

O demônio deu um passo atrás e ela ficou boquiaberta. *Vai rechaçar-me.* Tinha-lhe devotado seu corpo, tinha-lhe suplicado que fizesse amor com ela e a estava rechaçando.

Surpreendente. Quão único Sabine gostava mais que urdir um bom plano era que a surpreendessem. Rydstrom lhe tinha resistido... À companheira que o destino lhe tinha escolhido.

— Então, não me deixa escolha, Rydstrom.

Este franziu o cenho ao ouvir seu nome dos lábios dela, Sabine apagou a miragem. A estrada e a lua desapareceram de forma gradual, deixando ao descoberto a masmorra infranqueável. Então, Rydstrom deu a volta e compreendeu tudo.

— É a irmã de Omort e Groot, Sabine, a Rainha das Miragens.

— Muito bem, demônio.

O olhar de desejo desapareceu de seu rosto, que agora refletia só desgosto.

— Mostre-se tal como é.

— Sou assim. — Passou as mãos pelos seios até chegar à cintura. — E me alegro muito de que você goste tanto do meu corpo.

Embora não o suficiente...

— Por que me fez isso, Sabine? — Perguntou ele, sem ocultar que tentava manter a raia seu temperamento.

Ela assinalou a cama que havia no centro da cela... Com algemas e correntes no travesseiro e nos pés.

— Acaso não é evidente?

CAPÍTULO TRÊS

— Não, não é evidente. — Rydstrom desviou o olhar da cama para a feiticeira que tinha diante de si.

Um montão de pensamentos se amontoaram na mente do demônio, várias teorias que desprezou imediatamente. *Uma cama com correntes.* Sabine não tinha podido seduzi-lo por bem, e agora pretendia fazê-lo por mal?

Ao notar que a ideia lhe resultava surpreendentemente erótica, deu por seguro que a feiticeira o tinha enfeitado. Tinha que ser isso. Tinha visto desaparecer a estrada ante seus olhos, tinha visto como se movia o contraforte da ponte. Aquela mulher tinha um poder inimaginável e, por algum motivo, tinha decidido ir atrás dele.

Rydstrom estudou a mal iluminada estadia. Tratava-se de uma cela bastante grande. Uma que conhecia a perfeição, pois ele mesmo havia feito prender ali a seus detentos quando ocupava o trono do castelo de Tornin.

Prendeu-me em minha maldita prisão.

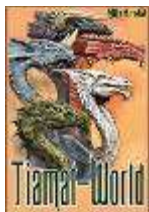
Voltou a olhá-la e lhe sustentou o olhar. Tinha uns olhos estranhos, íris cor âmbar rodeadas por um círculo café escuro. Sentia-se incapaz de deixar de olhá-los.

— Trouxe-me para Tornin, assim suponho que está com Omort.

— Assim é. — Ronronou.

Estou em meu próprio cárcere, prisioneiro de meu pior inimigo.

— E quando poderei vê-lo? — Perguntou entre dentes.



— Não o verá. Não precisa. A única que tem que ver é a mim.

— Explique-me exatamente no que consiste seu plano. — Exigiu, amaldiçoando-se por reagir daquele modo ante ela.

Ele jamais havia sentido uma atração tão forte para nenhuma fêmea de nenhuma espécie. Ao beijá-la, ficou absorto de prazer, e inclusive tinha chegado a pensar que ela poderia ser sua rainha.

A Rydstrom tinha preocupado o que semelhante beldade pudesse pensar de sua cicatriz, como ser muito mais alto e forte que ela. Tinha tentado, portanto, ser doce e delicado na hora de beijá-la. E, enquanto isso, a feiticeira lhe tinha estado preparando uma armadilha.

— Meu plano, — Começou Sabine como quem recita uma lição. — consiste em ficar grávida de seu herdeiro.

Rydstrom ficou boquiaberto. Só de ouvir essas palavras se excitou por completo, e seu instinto demoníaco começou a despertar. Aquela mulher de seios túrgidos e doces lábios desejava ter um filho dele, queria ter relações sexuais com ele.

Enfeitiçou-me. Tem que ser isso.

O demônio tinha passado muito tempo estudando a família de Omort, tinha lido centenas de livros sobre os meios irmãos do bruxo. Este os tinha matado a quase todos depois de lhes roubar seus poderes. Mas a uns poucos os tinha levado a viver com ele.

O que tenho lido sobre esta feiticeira? A conhecia com o acertado nome de Rainha das Miragens. Rydstrom tinha caído vítima de um truque muito utilizado. Apesar de que aparentava ter vinte e poucos anos, em realidade devia ter vários séculos.

Dizia-se que era inclusive mais malvada que Omort.

— Sabine, — Disse, jogando mão de toda sua paciência. — falemos disto como seres razoáveis. — Razoável era do único modo em que não se sentia. — O que pretende conseguir com tudo isto?

— Se tiver seu herdeiro, sossegarei até ao último dos rebeldes demônios da ira.

A ideia de que ditos rebeldes significassem uma ameaça para o poderoso Omort era alentadora. Até então, Rydstrom estava convencido de que o sádico regime do bruxo tinha acabado com eles.

— Seu plano tem duas falhas.

— Explique-se, demônio.

— Hmm, meu corpo não... Gera sêmen. — Um demônio da ira podia sentir prazer durante as relações sexuais, mas não ejaculava até que fazia amor com sua companheira. — Só o fará quando me deitar com aquela que o destino...

— Sou eu. — O interrompeu ela olhando-o aos olhos, e Rydstrom se deu conta de que falava convencida disso.

Omort tinha oráculos, mais ou menos similares a Nix, a seu serviço. *Possivelmente Sabine saiba mais que eu...*

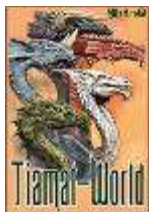
Negou com a cabeça com força, mas tinha a boca seca. Ao longo de mil e quinhentos anos jamais se havia sentido tão atraído por uma fêmea. E se fosse ela? E se por fim tinha encontrado à rainha que tinha estado esperando durante tanto tempo? E se resultava ser a irmã de Omort?

— O destino não pode ser tão cruel.

— Ao destino tudo lhe parece o mesmo. — Respondeu ela arqueando uma sobrancelha.

— Que possibilidades têm que minha companheira esteja aparentada com meu pior inimigo?

— O pai de Omort viveu durante mais de mil anos, e gerou centenas de filhas. —



Aproximou-se dele com cautela. — Faz quinhentos anos, uma oráculo disse a Omort que uma de suas meio irmãs, a Rainha das Miragens, seria sua mulher, e que teria seu herdeiro em tempos de guerra. Depois de escutar a profecia, ele me procurou porque sabia o que no futuro ia significar para você. E eu me limitei a ficar em Tornin esperando o momento.

— Por que agora? Por que está fazendo isso agora?

— Pensava seduzi-lo pouco a pouco. — Explicou-lhe, inclinando a cabeça. — Mas nos inteiramos do plano que você e Groot tinham tramado, e tinha que evitar que conseguisse se reunir com seu irmão, Cadeon, o Fazedor de Reis.

Sabine conhecia os detalhes específicos de seu plano? Aquela mesma noite, ele havia dito a seu irmão que, se Omort soubesse do que estavam tramando, não se deteria ante nada para impedi-lo. Rydstrom não tinha nem ideia de que seu inimigo tinha àquela feiticeira tão poderosa de sua parte.

— O que sabe de meu plano?

— Mais do que acredita. — Respondeu ela. — Eu sempre sei mais do que alguém acredita que sei.

Sabia que por fim tinham dado com uma arma capaz de matar Omort? Que Rydstrom tinha pisado a fundo o acelerador por causa de quão impaciente estava por reunir-se com Cade e poder ir juntos a negociar com o psicopata do Groot? Com certeza que sim.

A essas horas, Cadeon devia estar já no ponto de encontro, perguntando-se onde diabos teria se metido seu irmão mais velho. O irmão que nunca chegava tarde, que nunca faltava a seus deveres.

— Até no caso de que seja minha companheira, Sabine, jamais farei amor com você.

— Oh, sim que o fará. — Seus lábios esboçaram um sensual sorriso e ao Rydstrom lhe acelerou o coração. — Uma e outra vez, até que me dê o que te pedi.

Uma e outra vez. Acariciar aquele corpo tão suave, descobrir sua pálida pele... *Não! Resiste!*

— Qual é a segunda falha? — Sabine se aproximou da cama e, com delicadeza, sentou-se em um extremo. Sua juba ruiva caiu para frente e seu aroma envolveu o demônio. — Você conseguiu despertar minha curiosidade.

Rydstrom repreendeu a si mesmo por esses últimos pensamentos.

— Para que meu herdeiro seja legítimo, teríamos que estar casados.

— Sei. — Passou uma de suas delicadas mãos pelo lençol. — Nos casaremos.

Sabine falava do matrimônio como se fosse uma trivialidade, enquanto que a ele ainda lhe dava voltas à cabeça.

Porque nunca antes havia se sentido tão atraído por ninguém. E havia só uma maneira de assegurar-se de se ela era ou não realmente sua rainha.

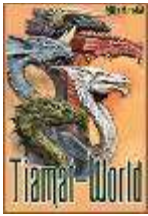
— Preste-me juramento, demônio. E eu o aceitarei.

O juramento, as palavras que ligariam o rei dos demônios da ira com sua rainha. Não precisava de nenhuma cerimônia, nem testemunhas, bastava com aquele pacto entre os dois para converter-se em um somente. Ele teria que reclamá-la como dele e, se ela aceitava a legitimidade de seu direito, então se converteria para sempre em sua rainha.

— Meu povo jamais reconhecerá um matrimônio pela força, nem nenhuma união que seja fruto de feitiços ou poções.

— Rydstrom, sejamos francos. Considerando como reage somente ao me ver, — assinalou-lhe com dissimulação a ereção. — de verdade acredita que eu precisarei recorrer a um feitiço?

Ele apertou a mandíbula, incapaz de negar o óbvio.



— Suponho que quando nosso filho tiver nascido me matará.

Nosso filho. Ele jamais havia dito essas palavras em toda sua vida. Inclusive Sabine inclinou a cabeça ao ouvi-las.

A feiticeira sorriu com lentidão, e seu sorriso iluminou a cela e Rydstrom ficou sem fôlego. Ela teria se dado conta?

— Bom, não seria uma feiticeira muito malvada se não o fizesse, não te parece?

— Então, há uma coisa que sim posso te assegurar: jamais conseguirá que preste juramento a você.

— Então, não me deitarei com você até que o faça.

Ao ouvir isso, Rydstrom por fim compreendeu tudo. Sabine o atormentaria sexualmente até conseguir que dissesse as palavras. Por que todo o sangue do seu corpo se concentrava entre suas pernas só de pensar nisso?

Aquela criatura estava levando-o a borda do prazer uma e outra vez.

Imaginou a luta de vontades que se cercaria entre os dois, as consequências... Um montão de fantasias se amontoaram em sua mente, pensamentos que em geral Rydstrom estava acostumado a sossegar. Segredos que fazia tempo que ocultava e que tinha negado toda a eternidade.

— Tudo isto é uma perda de tempo. — Disse ele, mas não pôde evitar que a voz lhe soasse rouca.

— Por que está tão seguro de que não posso fazê-lo fazer o que quiser em troca de recebê-lo em meu corpo?

Porque há muito em jogo. Rydstrom jamais tinha estado tão perto de seu objetivo como naqueles momentos.

Tinha que escapar dali e encontrar seu irmão antes que este "fizesse algo monumentalmente equivocado". Cadeon era um mercenário que acabava de encontrar o que tinha estado procurando durante toda a vida.

— Antes não consegui me afastar de meu dever, e então nem sequer sabia quem era.

Faça-se de duro, Woede.

Sabine ficou em pé e jogou os ombros para trás.

— Ainda não viu todas as armas com as quais posso tentá-lo. — Disse, puxando a alça de seu sutiã.

O vestido se abriu e caiu por cima de seus seios para deslizar-se logo para sua cintura e cair junto a seus pés.

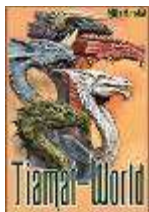
Quão único ficava no delicioso corpo da feiticeira era um muito fino tecido de seda branca que lhe cobria os seios, e as menores calcinhas que o demônio jamais havia visto.

Rydstrom entreabriu os lábios e teve a sensação de que sua ereção ia rasgar suas calças. Com os olhos resplandecentes, Sabine ergueu o queixo, consciente do efeito que estava tendo nele.

Se aquela mulher não fosse tão malvada, seria gloriosa.

Quando conseguir escapar daqui, a levarei como botim de guerra, decidiu ele naquele preciso instante.

E não teria nenhum peso na consciência em utilizá-la para sair daquela masmorra.



CAPÍTULO QUATRO

Lanthe se dirigia para a corte, absorta, escutando seu iPod.

Uns meses atrás, estava em outra dimensão, sentada em uma loja de eletrônicos, olhando a cobiçada televisão a cabo. Passava uma reportagem sobre os golfinhos em cativeiro.

Quando os animais pareciam estar entorpecidos e aborrecidos, seus treinadores colocavam pescado em vários recipientes, de forma que eles deviam engenhar para abri-los e acessar assim ao pescado.

Recordou que então tinha pensado que Sabine se parecia com um daqueles esgotados golfinhos, que não podiam nadar livremente nem caçar por sua conta.

Sua irmã tinha sido convertida em uma assassina, mas não tinha a quem matar, uma sobrevivente de uma catástrofe inexistente. O que fazia dela uma bruxa esgotada. Tinha-o sido durante séculos.

Mas essa noite, quando sua irmã tinha olhado para Rydstrom, Lanthe se deu conta de que tinha sido como se lhe tivessem mostrado um recipiente, do tamanho de um demônio, cheio de pescado. Ao fim...

Para chegar das masmorras à corte, a jovem tinha que caminhar ao ar livre, e a noite parecia zombar dela, reavivando velhos temores.

Que diabos é isso? Acreditou ouvir um ruído por cima da música.

Ficou imóvel um instante, escutando concentrada. Só silêncio. *Estou ficando louca.*

Seus nervos estavam brincando com ela; tinha que ser isso. Não ajudava que seu iPod tivesse selecionado *Don't Fear the Reaper* e 24, de Jem⁷.

O sol fica dourado, embora eu envelheça, não ia ser...

Fazia semanas que estava pensativa, temerosa de que Thronos a encontrasse quando trocava de dimensão. Ou que, Deus não o quisesse, descobrisse como saltar à dimensão de Rothkalina.

Quando Sabine tinha criado a complicada miragem daquela noite, Lanthe se perguntou como não tinha chamado à atenção dos vrekeneres.

Não podia evitar estar assustada, embora sua irmã se zangasse ao vê-la assim. Havia algo que a espreitava no horizonte, e sabia que não era bom.

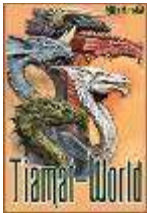
Uma vez que chegou ao vestibulo principal, apressou-se para a entrada da corte. Ali, dois zumbis estavam de guarda frente aos grandes portões. Ao aproximar-se ela, abriram sem olhá-la.

Odiava tanto ir a corte como estar fora dali. Ao passar junto aos membros do Pravus, estes sussurraram a suas costas, tampando a boca com a mão, tratando-a como se fosse uma forasteira apesar de ser do mesmo sangue que Omort.

Lanthe era uma princesa do reino, e uma das seis grandes torres do castelo de Tornin era dela. Mesmo assim, eles a tratavam igual o fazia seu meio irmão.

As Invidias, com suas selvagens gargalhadas, os chicotes pendurando de seus cinturões e seus mamilos em forma de estrela, riam dela. As Undines, ninfas malignas de corpo borrado, zombavam em troca abertamente.

⁷ Nota: Jemma Griffiths (Penarth, 1975), é uma cantora e compositora do País de Gales, mais conhecida como **Jem**. Seu primeiro álbum, *Finally Woken*, inclui elementos de rock, eletrônica com estilo new wave e trip-hop. Juntamente com o produtor eletrônico Guy Sigsworth (Björk, Frou Frou), ela escreveu a música "Silly Me", mais tarde intitulada "Nothing Fails", que foi trabalhada mais tarde por Madonna e apareceu no seu álbum de 2003, *American Life*. Seu segundo álbum, *Down to Earth* foi lançado em 16 de Setembro de 2008. Seus irmãos Justin e Georgia tem uma banda chamada The weapons, fizeram inclusive uma parceria com a Jem.



Os Libitines, quatro zumbis alados portadores da morte, franziram o cenho e inclinaram a cabeça quando Lanthe passou por diante. Para divertir-se, forçavam os homens a autocastrar-se em troca de não matá-los. Não podiam entender a necessidade dela de ter companhia masculina.

Supôs que, na hora ganhar seu respeito, não lhe tinha ajudado nada o fato de ter se atirado em noventa e sete por cento dos machos que ali havia, exceto, claro está, aos zumbis que protegiam as portas. Matematicamente, podia-se dizer que Lanthe era o equivalente à puta da escola.

Nunca tinha ido à escola, mas tinha visto filmes como Grease, nos que se falava disso.

Não tinha gostado de nenhum de seus amantes, mas adorava o sexo, bastante sexo, e bom, possivelmente estava louca, mas uma vez um macho lhe roubou seus poderes em pleno orgasmo, e ela não ia deixar que voltasse a lhe acontecer algo assim.

Sabine lhe tinha suplicado que não se deitasse com feiticeiros, mas aos vampiros só interessava seu sangue, e os demônios e centauros eram considerados como animais. E o resto das criaturas? Horripilaaaantes.

Passou junto ao enigmático vampiro Lothaire, que tinha servido como general em seu exército, comandando um regimento de viciosos vampiros caídos. Conhecido como o Inimigo da Tradição, era arrepiante vê-lo, com seu cabelo albino e seus olhos, que puxavam mais a rosados que a vermelhos, em seu impassível rosto.

Era um dos poucos vampiros que conhecia que estavam interessados no sexo além do sangue. Mesmo assim, não tinha a mínima intenção de dar uma oportunidade a Lanthe.

Só tinha havido um homem em toda sua longa vida que a tinha olhado com carinho, aceitando-a plenamente. Lanthe temia que, como indicavam seus livros de autoajuda, que estivesse deitando-se com um homem atrás de outro procurando encontrar seu olhar.

Ao contrário do que Sabine acreditava, a noite da morte de seus pais não tinha sido a primeira vez que via o jovem vrekener.

Mas Thronos se converteu em seu pior inimigo...

De seu trono, Omort a avistou e a fulminou com o olhar. Lanthe não sabia o que havia feito para merecer esse desprezo, mas tinha se acostumado a isso. Sabine lhe disse que era porque a temia. Depois de tudo, se Lanthe conseguisse recuperar suas habilidades, poderia fazer que Omort perdesse a cabeça e esquecesse como controlar seus poderes.

A oráculo trezentos e oito lhe havia dito a quão jovem “um perigoso incidente provocado” despertaria sua persuasão uma vez mais. Apesar de que já tinha passado meio milênio após, Lanthe seguia esperando impaciente o momento.

— Que novidades me traz? — Perguntou o bruxo quando ela chegou ao pé da escada do estrado.

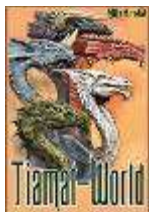
Como era habitual, Hettiah sorria frivolamente a seu lado, uma imitação barata de Sabine. Embora os traços da concubina e o de Sabine fossem similares, Hettiah se via insossa comparada com a glamourosa e bela feiticeira.

Lanthe pigarreou. *Sabine saiu para caçar demônios e conseguiu um com dois chifres.* Não, muito displicente. Em troca disse:

— Nossa irmã teve êxito. Capturou ao demônio.

Ao ouvir suas palavras, os dedos de Omort ficaram brancos de tão forte como cravou as garras nos encostos do trono. Hettiah se precaveu da reação com tristeza.

O bruxo fixou a vista na parede leste da sala, coberta de tabuletas de pedra. Eram contratos, escritos com o sangue de todos aqueles que haviam feito algum pacto escuro, com as condições do mesmo inscritas na pedra para que todos as pudessem ler.



Os quatro principais comandos do Pravus tinham assinado um, onde juravam lealdade um ao outro: Omort, Lothaire, o vice-rei centauro e o rei da demonarquia do fogo.

Mas o olhar de Omort pousou na tabuleta de Sabine. Era um dos pactos chamados Santuário, que assegurava que, enquanto ela mantivesse seu corpo “puro”, nenhum macho poderia “desonrá-la”. Durante séculos, tinha preservado sua virgindade de qualquer relação sexual não desejada ou “antinatural”.

Se uma das pranchas caía da parede e se rompia, todos saberiam que algum dos afetados tinha violado os termos do contrato. Omort estava esperando ver como se rompia o de Sabine, a prova de que tinha tido relações com Rydstrom.

— O demônio está aqui, em minha masmorra? — Perguntou ausente. — Desde quando?

Lanthe deu de ombros.

— Suponho que fará meia hora.

— Vejo que sua irmã não o vai ter tão fácil como pensava. — Comentou Hettiah com uma sorrisinho.

— Não, isso não é certo, Hettiah. — Ainda não tinha acontecido nada, mas aconteceria dentro de pouco. — Estou convencida de que Sabine está passando muito bem brincando com ele como o faria um gato com um pássaro com a asa quebrada...

Rydstrom passou uma mão tremendo pela boca sem dar-se conta do que estava fazendo.

Com o olhar cravado no corpo de Sabine, começou a aproximar-se dela lentamente, com passos ameaçadores. Seus olhos se enegreceram, mas não sabia se por desejo, raiva ou ambas as coisas.

Ela estava convencida de que tentaria escapar, certamente utilizando-a como refém, a menos que pudesse seduzi-lo para que se esquecesse disso. Ainda acreditava que tinha alguma possibilidade: o demônio não podia evitar que seu corpo reagisse ao vê-la. O dilema se refletia claramente em sua cara: não sabia se fazê-la sua ou matá-la.

— Que espera ganhar com isto?

— Já lhe disse isso.

— Não, você pessoalmente. Com seus sensuais olhares. Por que motivo desejaria se casar com um demônio e ter um filho com ele? — Entrecerrou os olhos. — Omort tem algo seu que a força a fazer isto? Prendeu algum familiar seu? Um... Amante?

Sabine teria desejado ver-se forçada a fazer algo assim.

— Não, não tem detento a ninguém a quem eu ame. Sou eu quem estava ansiosa para fazê-lo.

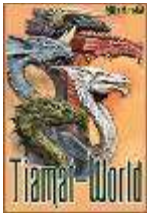
E dar começo à profecia.

Fazia séculos que se havia dito que a Rainha das Miragens daria a luz ao herdeiro do destronado rei dos demônios da Ira; e esse príncipe desvelaria uma fonte de inconcebível poder. Se Sabine não o fazia, o Pravus cairia ante seus inimigos.

— Ansiosa? — Repetiu.

Antes, o demônio tinha inalado profundamente, mostrando mais paciência da que Sabine tivesse visto nunca antes em um macho. Mas tinha a sensação de que se a coerção desaparecia, Rydstrom deixaria de ser razoável e lhe acabaria a paciência.

Podia ver como estava se encerrando em si mesmo. Um músculo de sua marcada mandíbula se esticou, e tinha os olhos completamente negros. Em um momento de lucidez, deu-se conta de que estava vendo um lado dele que certamente muito poucos tinham visto antes.



— Não sabe com o que está jogando. — Disse em um tom muito agressivo.

— Diga-me isso você.

— Não sairá bem dessa.

— Não? Só imagine, Rydstrom. Posso te dar o que quiser. Farei realidade qualquer escuro desejo que tenha.

— O que você sabe de meus escuros desejos?

Tinha-lhe esticado

A voz? Uma vez mais, Sabine tinha tentado explorar sua mente sem conseguir.

O demônio parou diante dela, mas não fez nenhuma tentativa de tocá-la. Estando tão perto, sentia-se muito pequena ante sua grande altura. Podia perceber o calor que desprendia seu corpo.

Sem aviso prévio, Rydstrom agarrou o tecido que cobria seus seios e o arrancou. Sabine soltou um suspiro.

— Você gosta? — Perguntou com voz de *femme fatale*, enquanto tentava tranquilizar-se.

Ele olhou seus seios com atenção, e franziu o cenho a modo de resposta.

— Não vai me tocar? Você esperou toda sua vida para poder acariciar a sua companheira.

Justo no momento em que ela pensou que ele ia sucumbir, o demônio a agarrou pelo cabelo e, de um puxão, a aproximou até que seus olhares se encontraram.

— Uma pequena moça como você não deveria brincar com alguém como eu. — Disse com outro puxão. Ela apoiou as mãos em seu largo peito. — Vai perder e, quando o fizer, a farei pagar por isso.

— Isso acredita..?

Interrompeu-a com um beijo brutal. Foi muito diferente da primeira vez, em que ele se esforçou para agradá-la. Agora parecia que queria castigá-la. Mas Sabine gostou da dureza desse beijo. Gostava que não lhe tivesse medo, o que era habitual em muitos machos.

Sentia que se deixava levar, que baixava as defesas. Quando a ouviu gemer, pareceu que também ele ia entregar-se; um grunhido surgiu do peito do demônio.

Roçando seu torso com seus seios nus, murmurou-lhe ao ouvido:

— Rydstrom, toque-me. Sabe que quer me sentir outra vez.

Com um gemido de derrota, ele assim o fez. O calor e a textura de suas mãos agarraram Sabine com surpresa. *As mãos de um guerreiro, com as palmas endurecidas de empunhar a espada.* Acariciando seus seios, voltou a beijá-la, fazendo que suas línguas jogassem entre si.

Quando lhe beliscou um mamilo com força, ela soltou um grito de dor; mas em troca seu corpo se alagou de prazer.

Grande surpresa.

Beliscou-lhe o outro mamilo até que ambos estiveram inchados. Então passou as palmas das mãos bem estendidas sobre eles, as movendo acima e abaixo, seus calos raspando sua sensível pele.

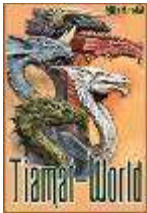
Rydstrom jogou a cabeça para trás.

— Seus olhos estão se tornando azuis. — Disse, com um claro tom de satisfação masculina.

— Você gosta de como a toco.

Sim. Não se conheciam, ele não sabia nada dela, mas a forma como a tocava chegava à perfeição.

Seus seios se incharam e endureceram sob suas carícias, seu sexo se umedeceu. Por ele. Passara tanto tempo esperando aquilo. Esperando o demônio. Estava tão perto de por fim saber o que se sentia ao ter um homem movendo-se dentro dela.



— Mais, demônio.

Rydstrom lhe deu a volta, de forma que suas costas tocassem seu peito. Continuava acariciando-a, e aproximou seu rosto ao dele; Sabine pôde notar seu quente fôlego na orelha e seu enorme membro roçando suas nádegas.

Uma mão dele desceu pelo umbigo dela para seu sexo. Seus quadris se elevaram convidando-o, mas Rydstrom se deteve ao chegar a suas calcinhas.

— hummm... Toque-me aqui, demônio. — Começou a tremer de antecipação quando ele continuou. Miragens de fogo começaram a aparecer a seu redor, mas ela as apagou... Com dificuldade.

Finalmente, seus fortes dedos passearam por seu pequeno triângulo de tecido. Rydstrom afogou uma exclamação de surpresa ao notar que debaixo ia completamente depilada.

— É tão suave... Encontrarei você excitada, bruxa? — Perguntou com voz grave.

Quando passou os dedos por suas escorregadias dobras, Sabine gemeu de prazer. O corpo dele se esticou contra o seu.

— Está preparada para mim. — Sussurrou-lhe.

Acariciou-a e estendeu sua excitação por todo seu clitóris. Então a penetrou com dois dedos, descrevendo lentos movimentos circulares uma e outra vez. Não duvidava em nenhum momento, e todos seus gestos eram deliberados, de cadência agonicamente lenta.

— Não me custaria muito fazer que gozasse em minha mão. — Disse, movendo os dedos de forma mais agressiva, fazendo que ela fechasse com força os olhos, contendo um grito. Estava a ponto, e mal notou como ele levantava o braço com que a estava segurando...

Até que notou que lhe apertava o pescoço, asfixiando-a.

Cravou-lhe as unhas no braço, mas Rydstrom não se alterou.

Não posso respirar... Não posso...

— Eu também sei jogar sujo. — O demônio deixou de apertar um instante para que ela pudesse agarrar um pouco de ar. — Chame um guarda.

— Não é necessário... Há um aqui.

Uma ilusão de guarda mascarado apareceu de entre as sombras com a espada levantada, apontando ao pescoço do demônio. Este a deixou ir, afastando-a para poder se defender.

Uma vez liberada, Sabine abriu seu anel, liberando pó narcotizante, e se aproximou sigilosamente de Rydstrom. Fez desaparecer a ilusão e lhe sussurrou:

— Atrás de você.

Quando ele se voltou, ela soprou o pó para seus olhos.

— Se for comportar-se como um animal, terei que prendê-lo como a um animal.

Olhou-a cheio de ódio.

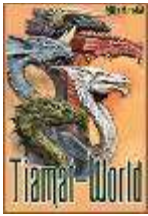
— Maldita puta!

E desabou.

CAPÍTULO CINCO

— Venha ver meu novo mascote. — Disse Sabine a Lanthe quando sua irmã retornou da corte, convidando-a a que se sentasse para ver como os serventes despiam o demônio.

Ali só estavam os serventes de mais confiança, escravos inferis, cujo nome significa “aquele



que mora no mundo inferior”. Sabine tinha dúzias de varões e fêmeas dessa raça ao seu dispor.

— Depressa! — Deu um par de palmadas. — Antes que desperte.

Dois escravos tiraram de Rydstrom a jaqueta enquanto outro acendia o fogo na chaminé da cela. Um mais serviu um par de taças de vinho para Sabine e Lanthe. A força do costume as fez farejar o líquido em busca de veneno antes de beber.

— Contou isso a todos? — Perguntou Sabine.

— Sim. — Respondeu sua irmã. — Para que tudo isto? Por que ainda está vestido?

Sabine lhe resumiu o acontecido e terminou dizendo:

— Depois que tentou me estrangular, droguei-o.

— Supõe-se que é uma mestra do engano, e apesar de tudo conseguiu apanhá-la?

— Ele beija extremamente bem. — Respondeu sua irmã à defensiva.

— Não parece estar muito zangada.

— Rydstrom fez o que eu mesma haveria feito em sua situação. Se quiser que te diga a verdade, estou impressionada de que tenha sido capaz de ser tão astucioso. — Acrescentou, ignorando o olhar que Lanthe lhe lançou por cima da beira da taça. — Este demônio é muito complexo. — Continuou. — Suspeito que tanto sua mente como seus desejos sejam dos “complicados”.

— O que seja. Se quase posso ouvi-lo dizer: “Eu rei demônio, eu querer sexo”.

— Não, ele é... Diferente.

— Tente ler sua mente. Averigua que fantasias têm.

— Tentei e, típico dos demônios, tem um montão de barricadas.

— Acreditou que é sua companheira? — Perguntou Lanthe.

— Acredito que o nota, mas que prefere negá-lo. Não poderá seguir fazendo-o durante muito mais tempo. — O qual era importante, pois não tinham muito. As feiticeiras só eram férteis a cada dois meses. E ela já estava chegando ao final desse ciclo.

— O coloquem na cama. — Disse aos escravos.

Esta era um colchão colocado em cima de uma plataforma de titânio, com algemas cravadas tanto na cabeceira como nos pés.

— Tomem cuidado com os chifres ao levantá-lo. — Recomendou, recordando que os demônios podiam segregar um veneno pelos extremos dos ditos apêndices, capaz de paralisar a qualquer imortal e de matar a um humano.

Quando Rydstrom esteve estendido na cama, Sabine assinalou seus pés.

— Parece-me incrível que não esteja disposto a deitar-se com você. — Comentou Lanthe enquanto os serventes tiravam os sapatos do demônio.

Sabine bebeu um generoso gole de vinho.

— Disse algo sobre não sei que obrigações e responsabilidades.

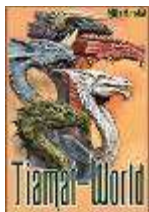
— E de verdade pretende que acredite que rechaça ter relações com uma fêmea núbil e suplicante por suas “responsabilidades”? Jamais tinha ouvido tal coisa. Não será que com a idade está perdendo o toque?

— Vá à merda, irmãzinha. Quão único acontece é que tenho que incentivá-lo um pouco.

— Quer que te dê alguma pista?

Esse assunto sempre gerava conflitos entre as duas. Séculos atrás, quando Sabine entendeu que demoraria muito tempo em poder estar com um homem, deu por fato que Lanthe, para ser solidária com ela, também continuaria sendo virgem. Quando disse isso, sua irmã caçula teve um ataque de risada. As gargalhadas puderam ouvir-se a quilômetros.

— Não sou idiota. — Apesar de que conservasse sua virgindade intacta, Sabine fazia um



montão de coisas na cama.

— Ah, sim, Sabine, a rainha das — Lanthe fez uma pausa. — carícias clandestinas.

Sim, todos os seus encontros com machos tinham sido às escondidas. Invejava a esses casais que podiam passar horas deitados na cama. Ela, entretanto, tinha que estar atenta de que os vrekners não a descobrissem e de que Omort não soubesse.

Quando os inferi tiraram o pulôver do demônio, Lanthe soltou um assobio.

— Nossa, não tem nem um grama de gordura.

Sabine se aproximou da cama para vê-lo melhor, e sua irmã seguiu impaciente.

O demônio parecia estar em plena forma, tinha os músculos trabalhados e bem definidos, mas não muito. Felizmente, não parecia um halterofilista.

Por cima do bíceps usava um bracelete de ouro mate. A joia estava fixa ali, como se a levasse há muitos séculos.

— Olhe a tatuagem. — Sabine assinalou um ponto na lateral do seu corpo onde se via uma marca de tinta negra. — Continua por trás. — Moveu-o para lhe ver as costas e descobriu o desenho de um dragão desdobrando as asas.

Dizia-se que os Alfavacas, dragões antigos, que viviam em uma região de Rothkalina chamada o reino de Grave, eram criaturas sagradas para os demônios.

Era habitual que os demônios varões se tatuassem, mas Sabine não esperava que Rydstrom o tivesse feito. Percorreu-lhe o desenho com o dedo e o rígido músculo que havia sob a pele se flexionou com a carícia.

— Sua baba cai, Abie.

— E?

— E... Bom, se for sua companheira, talvez você também se sinta atraída por ele. Talvez possa chegar a se apaixonar. — Acrescentou, com o olhar perdido no espaço.

Lanthe era uma contradição andante: uma feiticeira malvada que ansiava encontrar o amor. Sabine nunca tinha conhecido ninguém que estivesse tão desesperado como ela por encontrá-lo. Desde pequena, sua irmã o tinha estado procurando com todo seu ser. Lia todos os livros de autoajuda que caíam em suas mãos e devorava todos os filmes românticos que saíam no DVD.

— O único amor que sou capaz de sentir é o fraternal, — Respondeu Sabine. — assim se considere afortunada.

Se não se apaixonou em cinco séculos, achava difícil que lhe acontecesse então. Fazia tempo que suspeitava que sua capacidade para amar um homem se desvaneceu em alguma de suas mortes.

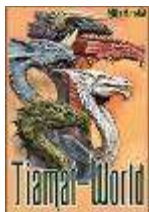
Além disso, ela jamais poderia confiar em ninguém que não fosse Lanthe, e, segundo a sabedoria popular que emanava dos livros de sua irmã, não se pode amar a alguém em quem não se confia.

— Dá igual, o fato de que eu seja o amor de sua vida não implica que ele seja o meu. — As feiticeiras não acreditavam no destino, assim tampouco acreditavam em que houvesse uma pessoa predestinada a estar com outra.

Mas bom, Sabine teria que tomar cuidado com seu prisioneiro. Afeiçoar-se com ele, ou com seu corpo, ou com seus beijos, poderia fazer que tudo fosse mais... Desagradável, quando já tivesse conseguido seu propósito.

— Vamos tirar as calças? — Lanthe esfregou as mãos. — Vejamos se o que dizem sobre os demônios é verdade.

— Oh, sim que é verdade. De fato, acredito que inclusive calculem baixo. — Respondeu.



Mordeu o lábio inferior. Rydstrom ainda estava semiereto, e ela não sabia se queria que alguém mais o visse nesse estado. — Nos deixem a sós. — Disse a seus serventes.

Quando estes assim o fizeram, Sabine agarrou a cintura das calças de Rydstrom, mas parou quando já tinha os dedos em cima do botão da braguilha.

— Acredito que os deixarei postos. Assim poderei tirar-lhe logo com um golpe de efeito.

Lanthe levantou as sobrancelhas ao perceber o sentimento de propriedade de sua irmã.

— O que? — Perguntou esta à defensiva. — Quão único acontece é que não quero que tenha frio. — Concentrou-se em segurar os pulsos do demônio ao travesseiro.

— Certo. — Respondeu Lanthe. — Estarei observando você. — Fechou as algemas que havia nos pés da cama ao redor dos tornozelos do prisioneiro.

Com Rydstrom já imobilizado, Sabine se aproximou de sua irmã e ambas ficaram observando-o.

Seus largos ombros pareciam ocupar todo o colchão, e seu torso se estreitava com elegância para a cintura. O pelo que lhe cobria os braços, o peito e o umbigo era negro, mas tinha brilhos dourados que brilhavam sobre sua bronzeada pele.

— É... Abie, é magnífico. — Suspirou Lanthe. — Tem seu próprio demônio como escravo sexual para fazer com ele o que goste. Eu também quero um!

— Sim, mas ainda tenho que convencê-lo de que aceite o papel. E não fica muito tempo.

Sua irmã assentiu já mais séria.

— Há uma coisa que não tivemos em conta... E se resultar que Rydstrom é o único ser capaz de antepor o dever à luxúria? E se for capaz de manter suas promessas aconteça o que acontecer?

— Não existe tal indivíduo. — Respondeu Sabine sem duvidá-lo.

— Não sei. Talvez Rydstrom seja tão honorável, tão dos bons, que alguém do Pravus não possa tentá-lo.

— Está pondo em dúvida minhas técnicas de sedução? — Hettiah já a tinha desafiado publicamente nesse aspecto. — O que acha de apostarmos algo?

— Aceito. Se não puder seduzi-lo em uma semana, ficarei com o melhor de seus diademas.

O diadema que Sabine mais gostava estava confeccionado com um muito raro ouro azul e branco, e tinha umas asas que lhe cobriam as orelhas, e umas delicadas tiras douradas que caíam pela testa.

Sabine o tinha roubado da Rainha da Providência, junto com sua habilidade para tocar objetos e conhecer sua história. Era o poder inato dessa feiticeira, e ambas tinham lutado até a morte por ele. Ao final, Sabine tinha dado de presente o dito poder a Lanthe, pois no fundo só lhe interessava o diadema.

Para ambas as irmãs o ouro não era algo que se tomassem levemente. Sua mãe estava acostumada a lhes acariciar o rosto com moedas de ouro enquanto lhes dizia com carinho:

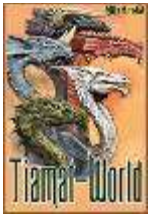
— O ouro é tudo. É perfeito! Façam uma armadura com ele para o coração e este nunca sangrará.

Era impossível que Sabine perdesse a aposta. Ela era a companheira destinada a Rydstrom.

— E se eu ganhar, você terá que passar um ano inteiro sem sexo. Talvez assim compreenderá melhor minha situação. — Ante o olhar incrédulo de Lanthe acrescentou: — Sim, um ano. Sabe que o diadema bem vale isso.

— Está bem. — Respondeu sua irmã com cara de poucos amigos. — Aceito a aposta.

Naquele preciso instante, o cativo balbuciou algo em demoníaco, e seus lábios tremeram com cada sílaba.



— Vá de uma vez. Quero estar sozinha com ele quando despertar. —disse Sabine.

Lanthe se foi e ela subiu à cama para sentar-se junto a Rydstrom e estudá-lo mais de perto. Os chifres a tinham fascinado, como se curvavam colados a sua cabeça, e os suaves que eram apesar de ter asperezas na base. O espesso cabelo os cobria quase por completo. Seguro que, diferente de outros demônios, podia misturar-se entre os humanos.

Ao recordar o muito que lhe tinha gostado que os tocasse, Sabine os percorreu de novo com os dedos e Rydstrom estremeceu apesar de seguir inconsciente.

Seguidamente, os olhos dela se detiveram no rosto do demônio. Era muito atraente e tinha as feições muito marcadas: o nariz forte e a mandíbula quadrada, com aquela única e profunda cicatriz. Estava claro que a ferida tinha tido que doer-lhe muito, e se perguntou como a teria feito.

Desviou o olhar para baixo. Rydstrom tinha o melhor corpo que ela tinha visto em toda sua vida.

Sempre tinha gostado dos machos de aspecto pulcro e elegante. Estava acostumada a sentir-se atraída pelos pertencentes ao clã dos feiticeiros, peritos sedutores. Rydstrom em troca não era absolutamente um conquistador de maneiras refinadas... Era a virilidade em pessoa.

Isso não significava que tivesse vontades de deitar-se com ele. Sabine não gostava que a mordessem, e era sabido que os demônios mordiam a suas companheiras quando faziam amor. Também sabia que seu aspecto físico mudava durante o ato sexual, que lhes marcavam mais as feições, lhes obscurecia a pele e lhes cresciam as presas.

Como seria fazer amor com Rydstrom e presenciar sua transformação demoníaca? O que faria ele para conseguir que ela tivesse um orgasmo? Bebeu um pouco mais de vinho.

Sabine não tinha mentido ao dizer que queria lhe deixar as calças postas para logo poder dar um golpe de efeito... Morria de vontades de lhe baixar o zíper com os dentes... Embora isso não significasse que queria vê-lo, ou, melhor dizendo, ver... Aquilo.

Deixou a taça na mesinha da noite e, pouco a pouco, começou a desabotoá-lo. O que viu fez que se mordesse o lábio inferior.

Uma grande quantidade de cicatrizes percorriam todo seu membro. Embora naquele momento não usasse nenhum, era evidente que tinha usado piercings.

Sabine tinha ouvido rumores sobre os arcaicos ritos que se celebravam em algumas demonarquias, mas acreditava que o clã dos demônios da Ira os tinha erradicado fazia muitíssimo tempo.

Possivelmente tinha sido o próprio Rydstrom o que tinha decidido proibi-los; ao fim e ao cabo, era ele quem estava em posição de fazê-lo.

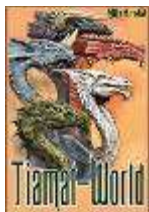
Em resumo, o demônio usava um bracelete fixo em um bíceps, tinha uma tatuagem e tinha levado no mínimo um piercing. Aparentemente, Rydstrom Woede era um desses indivíduos cujo aspecto exterior não reflete absolutamente o que se esconde sob sua roupa.

E, enquanto Sabine lhe abotoava as calças com cuidado, não pôde evitar sorrir.

Grata surpresa.

CAPÍTULO SEIS

Rydstrom despertou... Foi recuperando a consciência pouco a pouco. Deitado na penumbra, deu-se conta de que jazia em uma cama.



— Só passou meia hora e já está despertando. — Disse a voz de Sabine. — É muito forte, demônio.

Ao compreender o que estava acontecendo, ficou furioso. *Drogou-me*. Não podia levantar os braços nem abrir de tudo os olhos. E embora pudesse sentir que ela estava perto, sua voz parecia chegar da distância.

Não uso camisa? Que diabos!

— Teremos que esperar um momento para poder retomar nossa relação “física”, assim pensei que poderíamos falar de seu encontro com o emissário de Groot.

O que Sabine sabia disso? Rydstrom tentou recordá-lo, mas não podia concentrar-se.

— O que eu sei? — Perguntou ela, lendo dessa vez sua mente e enfurecendo-o com isso ainda mais. — Sei por que foi a Nova Orleans a mais de duzentos por hora, e sei que estava tão decidido a chegar ali que tive que fazer que sofresse um acidente para freá-lo.

Supunha-se que essa mesma noite tinha que reunir-se com seu irmão. Seguro que Cadeon estava se perguntando onde estava. Rydstrom notou que a feiticeira se sentava na cama junto a ele e tentou abrir os olhos, mas só viu uma silhueta.

— Sei que Groot forjou uma espada e que está convencido de que com ela pode matar Omort. — Sussurrou ao ouvido.

Rydstrom se afastou e gritou furioso ao notar as algemas.

— Você... Me prendeu? — A grande puta tinha algemado seus pulsos e seus tornozelos à cama.

Matarei-a muito, muito devagar.

Sabine ignorou a pergunta.

— Em troca da espada, Groot lhes exigiu que entreguem uma Vestal, a mulher que dará a luz a um guerreiro que será o melhor dos homens ou o pior dos demônios, segundo quem seja seu pai. Mas de onde irá tirá-la?

Rydstrom sentiu que ela voltava a tentar lhe ler a mente, mas conseguiu levantar suas defesas a tempo.

— Ao fim e ao cabo, uma Vestal só nasce a cada quinhentos anos.

E Cadeon a tem. Por desgraça, a companheira de seu irmão, a mulher da qual tinha se apaixonado há mais de um ano, era a Vestal. O pagamento que Omort queria em troca da espada era uma mulher chamada Holly Ashwin.

Quando sentiu que lhe tinha clareado a visão, procurou Sabine e viu que estava sentada em um lado da cama, sorrindo para ele por cima da borda de uma taça de vinho. Respirou aliviado ao comprovar que havia se vestido, e logo voltou a franzir o cenho. Usava uma camiseta branca tão curta e apertada que podia ver a parte inferior dos seus seios. Acaso não tinha rasgado uma vestimenta parecida?

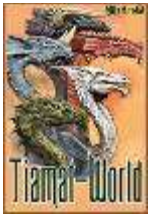
Estou ficando louco...

— O que não sei é se deu ao seu inútil irmão suficiente informação para que inicie sozinho a absurda busca da Vestal.

Groot tinha imposto as condições para a troca; estas consistiam em uma série de pontos de encontro onde receberiam informação sobre o seguinte, até chegar à guarida secreta do bruxo. Durante a chamada a Cadeon, Rydstrom tinha dado a este suficiente informação para chegar ao primeiro desses lugares e poder seguir com a missão.

— Não é absurda. — Respondeu. Mas de verdade era possível que Cadeon fizesse o correto sem ele vigiando-o?

— Embora seu irmão consiga encontrar a Vestal e chegar à fortaleza secreta de Groot, a



espada não funcionará. Os feiticeiros adoram o metal, e o Ferreiro sabe forjá-lo e dotá-lo de magia. É muito poderoso, mas não o suficiente para poder matar ao Que não Morre.

À medida que Rydstrom ia recuperando as forças, tentou soltar-se.

— Não poderá as romper. Estão reforçadas com magia.

— Solte-me, Sabine!

— Mas se acabo de apanhá-lo... — Disse ela fazendo biquinho.

Rydstrom percorreu o lugar com o olhar, procurando uma via de fuga. Sabine o tinha prendido na maior cela do castelo. Quando ele governava Tornin, reservava aquela masmorra para os presos políticos. Tinha uma pia, uma pequena mesinha de noite, o chão estava coberto por um tapete e havia uma cesta com os utensílios necessários para acender a chaminé. Nada daquilo lhe servia.

Ele sabia muito bem... *Ninguém escapa das masmorras de Tornin.*

— Aparentemente, já podemos voltar a nos concentrar no assunto que nos ocupa. — Sabine deixou a taça na mesinha.

— O assunto que nos ocupa? Acaso já não entrou na razão?

— Não. Estou inclusive mais convencida que antes. Eu não gosto de perder, Rydstrom.

Ele lutou contra as algemas e lhe mostrou os dentes.

— Pois vai perder.

— Ah, assim que esta é sua famosa vontade de ferro. Quase tão famosa como sua capacidade para analisar tudo com calma e distinguir perfeitamente entre o bem e o mal. Embora não sei se poderia considerar-se que tenha levado bem ao tentar me estrangular, não acredita?

— É minha inimiga. — A tensão de antes reapareceu com o dobro de intensidade. — E como tal, matarei você na primeira oportunidade que me apresente. — Pronunciou cada palavra com força. Seu tom era letal. Mas não podia ocultar a si mesmo que tinha tido muitas vontades de seguir acariciando-a, de conseguir que aquele precioso corpo alcançasse o orgasmo. A cada segundo que passava o tinha desejado mais e mais. — Não se incomoda que a utilizem deste modo, que Omort a considere um mero instrumento?

— Está empenhado em me apresentar como uma vítima de Omort ou como uma mulher que reluta em deitar-se com alguém a quem não ama nem deseja. Asseguro a você que nenhuma das duas coisas é verdadeira.

— Assim é uma puta fria e sem coração.

— E você um presunçoso e miserável egoísta. — Respondeu ela com um sorriso. — Mas isso não significa que não possa existir algo bonito entre os dois.

Rydstrom sacudiu as pernas e tentou levantar o torso.

— Tem que entender que não vai sair daqui. É impossível. — Sabine ficou de quatro em cima da cama e se aproximou dele, lhe oferecendo uma visão perfeita de seu decote.

Advertiu que Rydstrom ficava embevecido olhando-a, e tirou o top, que não era mais que uma miragem, de repente, para ver se assim o demônio terminava sucumbindo.

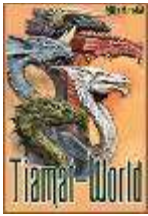
Agora, os seios dela estavam a escassos centímetros do torso de Rydstrom.

— Quer sentir minha pele sobre a sua? — Perguntou-lhe com voz aveludada.

Inclinou-se para frente e o roçou. Entreabriu as pálpebras, e viu que ele tinha que morder a língua para não gemer. Rydstrom voltou a lutar, o que só serviu para que seus corpos se tocassem ainda mais.

— As correntes estão reforçadas com magia, igual à porta da cela. Assume, Rydstrom: é meu.

— Sabine, me solte de uma fodida vez...



— Tranquilo, demônio. — Pôs-lhe o dedo indicador sobre os lábios, e o afastou bem a tempo de evitar que ele o mordesse. — Sei exatamente o que vai dizer. Vai me dizer que é melhor para mim soltá-lo agora mesmo ou me dará uma surra, ou algo igualmente violento. E logo acrescentará uma ameaça sobre meu futuro. Uma frase que começará assim: *Quando sair daqui lhe...*

Pôde ler meu pensamento?

— Vê, meu querido demônio? Estamos conectados. Nem sequer tem que me dizer o que pensa. — Sorriu-lhe com malícia. — É como se fôssemos a mesma pessoa.

— Uma ameaça sobre seu futuro? — Levantou a cabeça e lhe mostrou as presas, que lhe tinham começado a crescer. — Não me limitarei a machucá-la, Sabine. Matarei você.

Há muitas coisas em jogo.

Outra fútil tentativa por soltar-se e as algemas lhe cortaram a pele e os pulsos começaram a sangrar.

Estava preso, o que significava que não poderia reunir-se com seu irmão. Nem apoderar-se da espada.

Estar tão perto de tudo o que tinha desejado na vida e não poder alcançá-lo por culpa de umas algemas que nem sequer ele podia romper...

A feiticeira lhe havia dito isso. Ela era o obstáculo que se interpunha em seu caminho. Uma pequena fêmea podia mandar a passeio séculos de paciência e preparação.

— O que vai fazer, vai matar-me?

Sabine lhe percorreu o torso com as unhas até chegar ao umbigo, e logo enredou os dedos no pelo que ali havia. Rydstrom tremeu de prazer.

Quando ela o tocava, tinha a sensação de que sua pele era mil vezes mais sensível, e seu corpo desejava fazer amor como nunca antes. E, apesar de tudo, Rydstrom estava tão furioso que corria o perigo de transformar-se em demônio por completo.

Apesar de que a raça de demônios a que pertencia estava acostumada a ter ataques de Ira, ele sempre tinha conseguido mantê-los a raia. Mas agora, com Sabine a seu lado, estava enlouquecendo, estava a ponto de perder a razão.

— Sim, matarei você. — Respondeu entre dentes. — Vocês, as feiticeiras, são muito fáceis de destruir. Se rodear seu pescoço com as mãos e apertar o bastante forte...

— Como tentou fazer antes. Sabe uma coisa, demônio? Nada me põe de pior humor que tentem me matar. Levo muito mal que me matem.

De que diabos estava falando?

De joelhos entre suas pernas, Sabine se inclinou para frente e lhe colocou as mãos nos ombros.

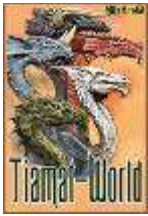
— Além, — Disse-lhe ao baixar a cabeça. — de verdade seria capaz de matar à futura mãe de seus filhos?

— É uma pu... — Calou-se de repente ao sentir sua língua lhe percorrendo o torso, e o insulto morreu em sua garganta.

Rydstrom respirou fundo e tentou manter a calma. Tinha começado a transformar-se, a ira fervia dentro dele à mesma velocidade que o desejo sexual. Jamais havia sentido ambas as coisas juntas.

O que está acontecendo comigo?

Sabine lhe percorreu o corpo a beijos; sua sedosa juba se deslizava pela pele ardente do demônio, que morria de vontades de afundar a cara naquelas mechas. Por que não o havia feito antes? Não, tinha que matá-la.



Era uma bomba relógio. *E isso que só faz uns minutos que tornei a senti-la.*

Ela levantou o olhar para olhá-lo aos olhos, mas continuou beijando seu corpo como se o necessitasse para respirar. Então, deslizou as mãos para suas calças.

Ficaram olhando um ao outro enquanto Sabine lhe baixava o zíper muito devagar. O suave som ressoou na silenciosa cela. Contra sua vontade, Rydstrom levantou os quadris, possuído pelo desejo.

— Você já notou antes quão excitada estava. — Sussurrou-lhe ela, dando-lhe outro beijo. Ele podia sentir seus seios lhe roçando a pele, deslizando-se para baixo. — Você não gostaria de entrar em mim?

Justo quando ia tocar sua ereção, Rydstrom afastou os quadris.

— Solte-me!

Imagens de tudo o que queria lhe fazer alagaram a mente do demônio. *Deitaria-a sobre o chão e faria amor com ela. A possuiria uma e outra vez até que me suplicasse que parasse.* Mais fantasias e mais ira mesclando-se em sua mente.

Sabine observava fascinada como as distintas emoções atravessavam o rosto de Rydstrom, marcando as distintas fases de seu processo de transformação. Por fim, optou por afastar-se.

Ele girou sobre si mesmo, tentando alcançar as algemas com os chifres, quase deslocando os braços.

— Acalme-se, demônio. — Murmurou ela.

Sua voz era como um bálsamo, mas Rydstrom também resistiu a essa carícia.

A feiticeira rodeou com os dedos sua ereção, e ele se sacudiu surpreso. Fazia tanto tempo que quão único fazia era masturbar-se que a suavidade daquela mão o deixou sem fôlego.

Sabine começou a acariciá-lo a um ritmo constante, e o fato de que ele resistisse só conseguia que seu sexo se movesse mais e mais entre os dedos dela.

Rydstrom resistiu, tentou afastar-se, odiou-a... Mas a feiticeira seguia acariciando-o. As feridas que se havia feito nos pulsos e os tornozelos começaram a sangrar.

Como se o tivesse atravessado um raio, o prazer atravessou de repente todo seu corpo. Um prazer até então desconhecido. Aturdido, baixou a vista.

A ponta de seu membro estava úmida, e Sabine estava soprando nela com cuidado, esfriando assim a ardente gota de sêmen que tinha aparecido ali.

Sua ereção tremeu entre os dedos da mulher, como se procurasse impaciente seus lábios, e ela ficou olhando-o fascinada. Estava excitada, tinha a respiração entrecortada, e Rydstrom recordou quão úmida a tinha encontrado antes.

— Posso ver como treme, demônio.

Ele sabia que era verdade: jamais em toda sua vida havia sentido um desejo como aquele.

Estava confuso, desejava sentir os olhos de Sabine sobre ele, queria que se excitasse ao vê-lo. Queria que a feiticeira o desejasse, e ao mesmo tempo estava convencido de que tinha que matá-la. O conflito era cada vez maior.

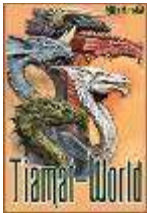
Ela passou a língua pelo lábio inferior.

— Eu gostaria de lambê-lo. Gostaria de te dar um beijo aqui, rodeá-lo com os lábios e te saborear.

Rydstrom gemeu ao escutar essas palavras, seu pênis se estremeceu e segregou outra gota de sêmen.

— Só sua companheira pode conseguir isto. — Disse ela quando ele arqueou as costas ao sentir um prazer incrível. — Esteve alguma vez tão perto de gozar?

Não... Nunca.



CAPÍTULO SETE

— Começa a acreditar em mim agora?

Igual havia feito em um par de ocasiões anteriores, o demônio fixou seus inescrutáveis olhos negros nos seus sem dizer nada. Sabine se deu conta de que fazia isso cada vez que tinha intenções de mentir. A maioria das pessoas afastava o olhar nessas circunstâncias, mas em troca os olhos de Rydstrom estavam ali, desafiando-a.

— Não posso nem imaginar o frustrante que tem que ser não poder gozar. — Prosseguiu ela aproximando-se mais. — O sexo tem que ser do mais insípido. Aposto o que quiser que você passa horas pensando em como deve ser deitar-se com uma fêmea e poder chegar até o final.

Ao ouvir essas palavras, Rydstrom franziu o cenho, como se lhe doesse o que estava escutando, e levantou os cantos dos lábios para lhe mostrar as presas.

— Agora pode deixar de imaginar isso. Diga umas poucas palavras e me sentarei em cima de você e poderá recrear-se à vontade com meu corpo. Faremos tantas vezes que não poderá voltar a fazê-lo em muito tempo. — Tinha muita vontade, estava quase tão excitada como ele.

Saber ao fim o que se sentia... Sabine jamais imaginou que ele pudesse negar-se.

A ponta do membro dele estava agora completamente molhada. Ambos a estavam olhando quando ela pôde ler por fim o pensamento do demônio, mas só porque ele o estava ordenando em silêncio.

Acaricie-me com a língua!, ressoou claramente em sua mente como se fosse um trovão.

— Faça isso, *tassia*. — Gemeu ele em voz alta.

— O que significa essa palavra?

— Mulher perversa, porque isso é o que é. Faz o favor de provar o que só você conseguiu.

— Quero fazer isso. — Murmurou ela sincera, aproximando-se mais e mais da sua ereção. Sentia uma comichão nos seios, que tinha completamente erguidos. — Vou fazer isso.

Sabine soube o instante exato em que Rydstrom pôde sentir seu fôlego sobre sua pele, porque todos os músculos do demônio se esticaram com espera.

— Preste-me juramento, Rydstrom. Converta-me em sua rainha.

— Mais abaixo... Rodeie-me com os lábios!

Vai fazer isso outra vez! Vai rechaçar-me de novo!

— Seu juramento. — Repetiu com frieza, afastando-se. — Dê-me isso ou irei.

— Jamais o conseguirá!

E Sabine o soltou e se levantou.

— Não pode vencer... Só conseguirá nos fazer perder o tempo!

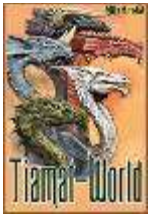
— Termine o que começou! — Gritou ele levantando as mãos tanto como podia.

— São só umas palavras! — Criou a miragem do vestido que usava antes e o pôs. — Talvez a próxima vez.

Rydstrom começou a falar então em sua língua demoníaca, mas não precisava conhecer o idioma para saber que a estava insultando. Não importava. Sabine deu meia volta e se dirigiu para a porta, deixando-o com os calcanhares fincados na cama, sacudindo sua poderosa ereção no ar.

Fora a estava esperando seu ajudante, pronto para obedecer a suas ordens.

— Inferi. — Se limitou a dizer Sabine. A todos chamava Inferi.



Apesar de que ainda estava nervosa pelo encontro com seu prisioneiro, tentou aparentar calma ao repartir as instruções pertinentes.

Ordenou que voltassem a sedá-lo, e que logo o banhassem e preparassem para a noite. Depois disso, tinham que segurá-lo à cama com um grilhão ao redor do pescoço; e também voltar a lhe algemar pulsos e tornozelos... Só no caso de precisar.

Sabine estava convencida de que, se o excitava o suficiente, inclusive uma “puta” como ela poderia chegar a parecer a própria rainha de Sabá.

Perdida em seus pensamentos, abandonou as masmorras e se dirigiu para sua torre, onde se dispôs a subir os seis lances de escada. Sabia que tinha que estar alerta, pois Omort a tinha surpreendido uma infinidade de vezes de caminho de seus aposentos, mas não podia tirar da cabeça a imagem do corpo de Rydstrom.

Nunca tinha exposto a possibilidade de que ele a afetasse desse modo. Tinham-na educado para que se acreditasse superior aos demônios, e sempre tinha considerado a essa espécie como um mero instrumento para ganhar mais poder.

Mas, face à detestável tendência de Rydstrom a fazer sempre o bem e que era seu mortal inimigo, sentia-se atraída por ele. O rei demônio era completamente diferente de todos os machos com quem se relacionava, e a intrigava.

Como se havia feito à cicatriz do rosto? E as que tinha no pênis? Agora que quase o havia visto nu de tudo, era impossível que conseguisse esquecer aquele torso e seus compridos e fortes braços. Tinha observado fascinada sua ereção...

Sabine suspirou. Teria que consertar um encontro com seu NAP, seu namorado de pilhas, para aquela mesma noite.

Cruzou a soleira de seu quarto e fechou a porta a suas costas. Uma vez dentro, relaxou-se um pouco e desvaneceu a miragem do vestido que tinha posto. Estava cansada, mas ao fim tinha chegado a casa depois de um árduo dia de trabalho.

Plantou-se frente ao espelho e se olhou. Sua carreira era tudo para ela.

Planos e estratégias. Sabine era famosa graças a eles, e agora mesmo estava no meio de um complicadíssimo.

Só ela, Omort e Lanthe conheciam o verdadeiro propósito que se escondia por trás da captura de Rydstrom. Não necessitavam um herdeiro do demônio para controlar aos rebeldes, a não ser para abrir o misterioso Poço das Almas que havia no centro do castelo de Tornin. Sabine não sabia que se supunha que tinha que fazer o futuro príncipe para desencadear o poder do Poço, só sabia que era o único que podia fazê-lo.

O que Omort não sabia era que Sabine se encarregaria de que seu filho levasse a cabo tal tarefa só para ela. Propunha-se usurpar o controle de Pravus das mãos do próprio Omort.

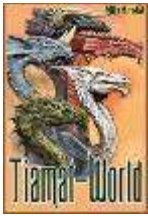
Tinha planejado fazer-se com o reino de Rothkalina e converter-se em sua rainha.

Ao capturar o demônio, tinha adquirido o instrumento para consegui-lo; agora, quão único tinha que fazer era convencê-lo que ele se deitasse com ela.

Rydstrom nunca teria imaginado que pudesse sentir tal dor. Seu pênis o estava matando. Tentou ignorar a pressão que sentia em seu interior, de ignorar as algemas que o capturavam, mas estas lhe cravavam na pele.

Tudo era tão indigno que sentia como se um ácido o estivesse queimando por dentro.

Tinha a mente feita uma confusão, e não podia parar de fazer-se a pergunta. Sabine ia voltar aquela mesma noite? Até quando o reteria encadeado? Que mais tinha descoberto sobre o



pacto feito com Groot? Tinha previsto o ter prisioneiro durante muito tempo?

Tinha que escapar dali... Mas como? *Ninguém escapa das masmorras de Tornin*. Utilizaria à feiticeira como refém. A não ser que conseguisse convencê-la de que traísse Omort. De verdade era leal a seu meio irmão?

As vantagens de contar com alguém tão poderoso como Sabine entre seus aliados seriam imensas.

Tentou recordar o que sabia sobre o clã das feiticeiras em geral. Sabia que eram muito avaras⁸, e umas hedonistas às que adoravam dedicar o dia a seus prazeres e a pensar no ouro. Mas também recordou que eram muito reservadas e paranoicas, que desconfiavam dos desconhecidos que apareciam sem mais às portas de suas casas. A maioria estava acostumada a viver nos lugares mais inóspitos da Terra.

Entretanto, não era por si uma raça malvada. *Só diz isso porque* a deseja. Talvez, mas o fato seguia sendo o mesmo. Nestes momentos, era a única alternativa que lhe parecia viável.

Ainda lhe custava acostumar-se à ideia de que ela pudesse ser sua companheira, mas a Ascensão estava acostumada a criar muitos casais, originar novas famílias. E ele tinha desejado em segredo encontrar a sua durante a que estava se aproximando. Ao longo dos anos, tinha fantasiado uma infinidade de vezes sobre sua companheira, perguntando-se se teria uma risada sensual ou a pele suave. Ou um corpo no que perder-se.

Rydstrom tentou pensar em se fisicamente trocaria alguma coisa de Sabine. Tinha a pele perfeita, as bochechas rosadas. Sua juba brilhava como o fogo. Não tinha nenhum defeito.

Ao excitar-se, os olhos da feiticeira tinham passado de sua cor habitual a um resplandecente azul metálico... Isso sim que não podia fingi-lo. Como tampouco podia fingir a reação de seu corpo. Estava úmida, nem rastro de pelo cobria aqueles outros sensuais lábios. Rydstrom se cravou as unhas nas palmas das mãos.

Depois das últimas semanas, aquilo era como jogar mais lenha ao fogo. Tinha muitos conflitos em seu interior. Sua mente não podia trabalhar assim, e ponto. Normalmente, na hora de tomar uma decisão, Rydstrom desenhava diagramas em forma de árvore com todas as opções e as consequências mais prováveis de cada uma delas. Ele era um ser racional, e gostava de ter as coisas claras. Precisava ter as coisas claras.

E agora as poucas que restavam pareciam nefastas. Tinha retornado a seu lar, mas como prisioneiro. Existia a possibilidade de que tivesse encontrado a sua rainha, mas esta era uma harpia amoral e sanguinária. Até que pudesse escapar dali, seu destino e o de todo seu povo estava nas mãos de Cadeon... E seu irmão não tinha um pulso muito firme.

Em especial, tendo em conta que tinha encontrado à mulher a que um dia, bêbado, tinha chamado “a luz de sua vida”.

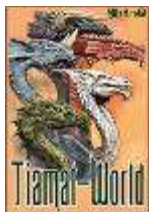
Rydstrom estava com Cadeon à primeira vez que este viu Holly Ashwin, e notou que uma energia especial circulava entre eles. Mas Cade não tinha podido aproximar-se dela e tentar conquistá-la porque estava convencido de que Holly era humana.

Agora, seu irmão sabia que Holly era na realidade uma Valquíria, e já nada se interpunha entre os dois.

Como podia Rydstrom confiar em que Cadeon não só abandonasse à “luz de sua vida”, mas também a entregasse a Groot, um assassino psicopata que tinha intenção de violentá-la e deixá-la grávida?

A última vez que o reino tinha necessitado ao jovem demônio, este tinha dado as costas,

⁸ Nota: Que tem avareza, que é sórdido e excessivamente apegado aos bens materiais; avaro; somítico; mesquinho.



tanto a ele como a sua família. Por que ia ser diferente desta vez?

CAPÍTULO OITO

Quando Sabine despertou, descobriu que sua cama estava sob a chuva, em meio de um campo cheio de barro onde, muitos anos atrás, tinha sido enterrada viva.

Piscou um instante e se deu conta de que se tratava de uma cena absurda criada durante o sonho. Quando sonhava ou quando estava no meio de um pesadelo, estava acostumado a gerar ilusões a seu redor. Sem dar-se conta, passou os dedos pela cicatriz do pescoço, e a ilusão se desvaneceu e tudo voltou para a normalidade.

Supunha-se que, antigamente, nesse quarto da torre estavam os aposentos privados de Rydstrom. Encontrava-se na torre oeste, a mais próxima à água, e tinha umas grandes janelas que Sabine mantinha abertas para deixar entrar a brisa do oceano. Havia redecorado a estadia com bandeiras escarlates e negras que ondeavam ao vento.

Sabia que não tinha sentido tentar voltar-se a dormir, já que com muita dificuldade o tinha conseguido a primeira vez.

— Não sonhou com seu prisioneiro. — Disse uma voz das sombras.

Levantou-se de um salto, apoiando-se na cabeceira ao ver os olhos amarelos de Omort brilhar na escuridão.

Depois de cobrir-se com uma leve camisola que era só uma miragem, iluminou o quarto com uma potente luz.

Por isso era que não podia dormir de noite. Porque, durante o sono, Omort podia atar seus pulsos às costas e, com esse simples movimento, evitar que pudesse usar sua habilidade de gerar ilusões... Que era sua única defesa.

— Cruzou a raia ao entrar em meu quarto, irmão.

— Acaso não era simplesmente uma formalidade? Uma que poderemos eliminar dentro de pouco?

Estava-lhe enviando sinais mentais como se fosse um sonar, mas ela tinha a aprendido bloqueá-los. Omort estava acostumado a ordenar às pessoas que lhe deixassem explorar suas mentes, mas nunca o pedia a Sabine, como se no fundo não queria saber o que realmente pensava dele.

— O que quer dizer com isso?

— Que agora que capturou Rydstrom, estamos um passo mais perto de... O inevitável.

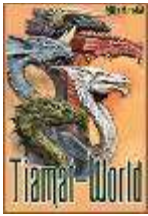
Durante quanto mais tempo poderei mantê-lo afastado? Que tivesse entrado assim em seu quarto era muito mau sinal. Uma vez que ela entregasse sua virgindade ao demônio e nascesse a criatura, já não haveria nenhum pacto Santuário que a protegesse. Nunca teria imaginado que Omort estivesse esperando como um abutre, menos ainda tendo Hettiah.

Quando se aproximou de sua cama, Sabine se esforçou para manter a compostura, embora lhe custasse.

— O que quer?

— Sua tabuleta segue intacta na parede do leste. Tem algum problema com seu prisioneiro?

— Tem tanta determinação e integridade como me disse.



— Possivelmente deveria ir vê-lo...

— Não! Isso não é possível. Não é necessário que lhe recordemos nossa conexão. — Disse, e perguntou imediatamente: — E como vai a busca da oráculo? — Tinham entrado em um círculo vicioso, e as adivinhas que encontravam eram cada vez mais e mais débeis. Todas terminavam cometendo algum engano e então eram executadas. Depois, uma oráculo ainda mais fraca substituía a anterior. — Encontrou alguma com talento?

Lançou-lhe um olhar a fazendo saber que aceitava a contra gosto a mudança de assunto.

— Selecionei uma, e enviei os demônios de fogo para que a recolham.

“Recolham-na.” A oráculo trezentos e cinquenta e seis tinha sido voluntária em vez de uma “aquisição” de Omort. Algumas mulheres se atreviam a apresentar-se para o posto, convencidas de que seriam mais inteligentes, melhores e menos dispensáveis. E nunca o eram.

— É de vital importância que tenhamos a uma com capacidade quanto antes. — Disse ela, medindo suas palavras. Tinha que ir com cuidado com esse assunto, que deixava a seu irmão especialmente furioso.

Uma vez, Omort roubou o poder de ver o futuro de uma oráculo, mas não tinha talento suficiente para interpretar as visões que recebia. Chegou a se obcecar com isso, mas acabou forçando-se a renunciar a possuir tal habilidade.

— E assim será. — Disse ausente, enquanto passeava pelo quarto, inspecionando suas coisas, parando para pegar um livro aqui e ali. Havia centenas, amontoados por todos os cantos. A maior parte eram histórias do reino, de Rydstrom. Tinha-o estado estudando durante anos. — Não sabia que estava tão instruída sobre meu inimigo.

— Tomo isso a sério; é minha oportunidade de conseguir poder para o Pravus.

— Sim, eu também o estudei muito. O demônio me fascina há muito tempo. — De forma pouco cuidadosa, abriu um dos livros mais antigos, e depois o jogou a um lado. — Acredita que é sua companheira?

— Isso acredito.

Omort sorriu, mostrando seus impecáveis dentes brancos, mas o sorriso não alcançou o resto de seu semblante.

— O quanto decepcionada deve sentir-se. — Sentou-se na cama, a seu lado.

Acalme-se... Acalme-se... O distraia.

— O que aconteceu na noite em que o enfrentou, — Perguntou. — quando o reino caiu? Tenho lido o que contam os livros, mas os detalhes são um pouco confusos.

— Fiz um pacto com o rei da Horda, Demestriu. Este arremeteu contra Rydstrom, esgotando a suas tropas, e então lançou um ataque surpresa. Foi quando conquistei Tornin. O castelo estava desprotegido, porque o herdeiro de Rydstrom, Cadeon, fez caso omisso da chamada para defender o castelo.

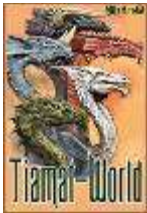
— E por que fez tal coisa? — Tinha ouvido dizer que o mercenário Cadeon não tinha medo a nada.

— E quem pode entender os demônios? Alegria-me saber que Rydstrom culpa seu irmão de ter dado as costas a seu reino. O que o demônio não sabe é que eu conhecia perfeitamente a importância de que Cadeon estivesse ou não no castelo, e fiz que quinhentos zumbis lhe preparassem uma emboscada. Se o príncipe tivesse obedecido à ordem de seu irmão, ele e seu guarda teriam sido despedaçados.

Interessante.

— Assim que você enfrentou pessoalmente ao Rydstrom.

— É o único ser com o qual lutei que continua com vida. Em vez de queimá-lo e convertê-lo



em cinzas, lutei com honra, enfrentando-o em um duelo com espadas em uma de suas fortalezas. Decapitou-me. O golpe foi forte e teria sido mortal para qualquer outro, mas não para mim. Então utilizou toda sua força para derrubar o teto, e fiquei preso dentro, o que lhe permitiu escapar.

A mão de Omort ia se aproximando do tornozelo dela.

— Sabine, posso confiar em você?

— Não tanto como em Hettiah. Não deveria estar com ela agora?

— Hettiah não entende as coisas tão bem como você. E, por muito que eu a deseje, está muito longe de ser como você. Uma tênue sombra de sua luz.

— Veio ao meu quarto para me contar algo que é evidente para todos?

A atração que seu irmão sentia para ela não se devia só a sua beleza. Ela acreditava que Omort desejava a morte em segredo, e por isso a desejava, alguém que a conhecia muito bem.

Quando lhe tocou o tornozelo com a ponta de um dedo, os olhos do bruxo se fecharam e salvou. Contendo um calafrio, Sabine se levantou de um salto e cruzou o quarto por volta do balcão que dava ao mar.

Aquele lugar sempre a tranquilizava, como se fosse um bálsamo para sua mente. Em suas muitas noites de insônia, ficava ali de pé, contemplando o oceano.

Omort se aproximou por detrás, sem tocá-la, mas mantendo-se muito perto. O corpo dele estava frio e era tão insensível como um morto.

Rydstrom em troca desprendia um atraente calor.

— Deveria ir, irmão. Amanhã tenho um dia complicado. Devo estar na melhor forma possível para conseguir dobrar a firme vontade de Rydstrom.

— Estou encantado de ver que deixou que a subestimasse.

Quando notou seu frio fôlego no pescoço, voltou-se e se dirigiu ao bar móvel. Serviu-se de uma taça de vinho doce e a estendeu para Omort.

— Irmão, seja amável e me envenene.

Cada mês, o bruxo dava a ela e Lanthe um poderoso veneno, morsus. Sua principal característica era que não causava nenhuma dor ao ingeri-lo, só ao deixar de tomá-lo.

Não ter o veneno supunha uma dor tão horrorosa que Lanthe e ela se consideravam “condenadas” para buscá-lo sempre. Sem um antídoto, a dor que sua carência lhes provocaria seria tão grande que inclusive poderiam morrer por causa disso.

Sua dependência do morsus era tal que não podiam nem imaginar escapar de Omort e rebelar-se contra ele. Esse era o principal motivo pelo qual permanecessem a seu lado.

O bruxo suspirou exasperado e fez rodar o pesado anel de seu dedo indicador. Sabine fixou o olhar na joia e viu como Omort a abria e descobria o veneno. Significava tanto para ela... Era sua fonte de vida, o que a obrigava a ser obediente.

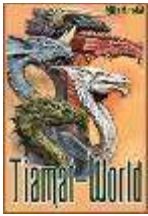
O anel lhe dizia também quando seu irmão mentia, pois, nesses casos, este lhe dava voltas sem querer.

Quando verteu os grânulos negros em seu vinho, ouviu-se um assobio e uns fios de fumaça emanaram da taça. Mas, uma vez misturado, era incolor e insípido para qualquer um que não estivesse treinado para detectá-lo.

Muito tempo atrás, Omort começou a jogar morsus ao vinho de Lanthe e no dela: antes que aprendessem a identificar os venenos pelo aroma ou o gosto, e muito antes que aprendessem a criar um próprio para rebatê-lo.

Sabine levantou a taça com indiferença.

— Saúde. — E a esvaziou de um gole. — Agora, preciso dormir um pouco. Recorde, Omort, faço isto por nós. E sei que quer que triunfemos.



— Muito bem, Sabine. — Com um último olhar luxurioso, saiu do quarto, não sem antes murmurar: — Já resta pouco.

Sozinha de novo, voltou para o balcão. Contemplando o mar agitado, inspirou fundo o ar salgado e meditou sobre sua situação.

Complôs e mais complôs. Queria Tornin para ela e Lanthe. Depois da seguinte noite, temia que Omort a forçasse a render-se antes que tivesse alguma oportunidade.

Sentiu um calafrio. Seu irmão tinha tido a desfaçatez de apresentar-se em seu quarto, trazendo consigo o frio e a desgraça que o envolviam como se fosse uma capa. Estava feita uma confusão, um problema.

Pela primeira vez, o olhar do Sabine não estava fixo no mar. Olhou para o sul, para a torre da masmorra.

O demônio era uma força da natureza tal que se imaginava deixando-se levar por ele. Sem querer, encontrou-se caminhando nessa direção; seu coração pulsava procurando... Algo.

CAPÍTULO NOVE

Sem dizer uma palavra, Sabine se meteu na cama com o demônio.

Apesar de que notou como ficava tenso, deitou-se de costas detrás dele, sem tocá-lo, mas o bastante perto para sentir o calor que emanava de seu corpo.

Durante um bom momento, estiveram deitados um ao lado do outro, em silêncio, como se tivessem combinado uma incômoda trégua. Ambos olhavam ao teto, assim Sabine decidiu fazê-lo desaparecer para assim ver o céu estrelado.

O demônio ficou ainda mais tenso.

— Tem muito poder. — Disse com voz rouca.

O eco de suas palavras ressoou na escuridão.

— Sim, assim é.

— É uma miragem ou realmente fez desaparecer o teto?

— Minha vaidade me diz que está impressionado e que sente curiosidade. Minha experiência me diz que só te interessa conhecer minha fortaleza e minha debilidade para assim poder me matar.

— Perdoarei sua vida se me soltar agora. — Disse. — Fez-me passar mal, mas ainda não fez nada irreversível.

— Dê-me tempo, demônio. — Como era possível que o corpo de Rydstrom emanasse tanto calor? Era incrível quão relaxada começava a sentir-se. — Respondendo a sua pergunta: tudo são miragens. Ópticas e auditivas.

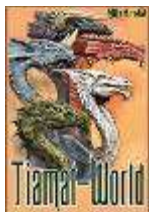
— Pode fazer que outros tenham sensações?

— Não tenho poder sobre esse tipo de ilusões... Ainda. O que é uma pena, porque poderia chegar a dizimar a todo um exército só imaginando flechas. Mas posso fazer que outros sintam coisas, que é o mesmo.

— Coisas como o que?

— Posso fazer que veja o pior de seus pesadelos ou seus sonhos mais cobiçados. E posso controlá-los.

— Possui outras habilidades?



— Dúzias. — Mentiu. A única outra que tinha era o presente de aniversário de Lanthe fazia muitos anos: a capacidade de comunicar-se com os animais e de hipnotizá-los. —Tenho muitas outras.

Rydstrom parecia haver acreditado. Finalmente, perguntou-lhe:

— Parou para pensar no que tenta fazer? Você imaginou o que tem que ser parir e cuidar de um bebê demônio?

Para ser sincera não, não tinha pensado muito nisso. Não se permitia o luxo de imaginar-se grávida, dando a luz e cuidando de um príncipe demônio. Se alguma vez se encontrava perguntando-se como seria seu filho, forçava-se a pensar em outra coisa.

Já estava tudo escrito e a trama bem urdida. O resto só eram detalhes.

Mas a visita de Omort começou a fazer que se reformulasse o assunto.

Respondeu a sua pergunta com outra:

— Como sabe que não tenho já uma dúzia de pequenos demônios brincando de correr por aí?

— Tem-nos?

— Não, não tenho descendência.

— E se der a luz a uma fêmea? O reino de Rothkalina é patriarcal.

— Nem me recorde isso. No reino dos feiticeiros, em troca, as mulheres podem herdar a coroa. Morgana é a atual imperatriz de todos nós. — Sabine ficou de lado, e ele fez o mesmo, com os braços às costas, encadeados.

— As pessoas não aceitariam uma fêmea aqui. Pergunto-me se viverei o suficiente para que isso venha a acontecer. — Uma mecha de cabelo lhe caiu sobre a testa, mas com as mãos algemadas não podia afastá-la dos olhos.

— Estou predestinada a conceber e a dar a luz a um filho sadio que será seu herdeiro.

— Um filho. — Tinha lhe tremido a voz? — Ao que não verei se você sair bem dessa. Ao que não poderei ensinar nem proteger.

Sabine ficou em silêncio. Contrariamente ao que se dizia, não desfrutava fazendo sofrer àqueles que não lhe haviam feito nada mal. Mas ela não mandava... Ainda... E não podia trocar o que estava escrito. Para que Lanthe e ela pudessem estar por fim a salvo, tinha que derrotar a um demônio. Ao demônio que tinha ao lado.

Rydstrom era um dano colateral inevitável.

— Espere... Se já sabe que vai ter um filho sadio, então poderá me assassinar assim que saiba que está grávida.

Sabine camuflou sua expressão com uma ilusão, para que ele não pudesse ver como afastava o olhar.

— Não deixarei para trás o meu filho para que seja criado aqui, entre ódio e sangue. Ouvi os rumores da depravação que há em Tornin. Sacrifícios e outras perversões. Em meu lar.

— Omort desfruta com esses sacrifícios.

O demônio ficou boquiaberto.

— Está se ouvindo? Está tão acostumada a isso que não se dá conta de quão doentio é seu mundo.

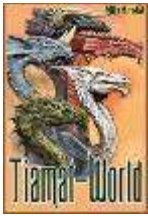
Sabine entrecerrou os olhos. *Que não me estremeça, não quer dizer que não o veja.*

Ela sabia de sobra quão doentio era tudo aquilo. Por isso estava tão decidida a ir-se dali.

— Nunca terá meu juramento, feiticeira.

— Não descansarei até consegui-lo.

— Vai me manter encadeado para sempre? Sei melhor que ninguém que é impossível



escapar desta cela.

— Não é por motivos de segurança pelo qual o mantenho imóvel. Façamos o que fazamos juntos, você somente nunca poderá terminar o que começamos, assim ao final estará desesperado. — Quando Sabine lhe deslizou um dedo pelo peito, os músculos do torso dele se contraíram a modo de resposta. — Mas me ocorre que, se o mantiver tão firme sobre o fato de não querer ter a sua descendência aqui, é que aceita que sou sua companheira.

— Pensou alguma vez no que isso teria sido para você se não tivesse recorrido à força?

— Refere a se nos tivéssemos conhecido em outras circunstâncias? Teria sido bom comigo? Teria acreditado em mim? — Parecia que estava se divertindo. — Se não tivessem me chamado para capturá-lo essa noite, teria pensado em procurar um trabalho de garçonzete em seu restaurante favorito. Teria me convertido na adorável e desventurada Lorean, que teria vestidos com motivos de flores e só necessitaria um empurrãozinho para sair desse poço, ou um marido que a salvasse. — Sorriu. — Tinha previsto te servir bolo e deixá-lo olhar meu decote.

— Se a tivesse conhecido em outras circunstâncias, sim, certamente teria dado com um companheiro honorável que seria sempre fiel e bom com você.

— Ouvi dizer que nunca mente.

— Fala como se não acreditasse nisso.

— Porque não acredito. Nunca conheci a alguém que não usasse a verdade conforme lhe conviesse, torcendo-a ou trocando-a a sua vontade.

— Pois eu não o faço.

— Então, me diga, sou tudo o que esperava fisicamente?

Olhou-a desafiante e silencioso antes de responder:

— Não o é moralmente. Não esperava ter nada a ver com uma das mulheres mais malvadas da Tradição.

As palavras que antes lhe havia dito Omort ressoavam em sua cabeça: *O quanto decepcionado deve se sentir o demônio...*

— Uma das mais malvadas? Não a mais malvada? — Replicou. — Bom, não está tão mal. É interessante: eu nunca me considerei malvada. Só porque de vez em quando roubo alguma coisa...

Ao ver que ele franzira o cenho, acrescentou:

— Ou tenha matado alguém que cruza em meu caminho quando vou roubar.

— E por que tem que roubar? — Sabine piscou.

— E como, se não posso conseguir ouro? Procurando trabalho?

— Possivelmente não precise ter ouro.

— Impossível. Tenho que tê-lo.

O ouro é a vida...

— É mais odiosa do que imagina.

— Você me odeia? — Perguntou.

— Ainda não, mas acredito que vai ser inevitável.

Riu com suavidade.

— Odiar-me é como odiar a uma espada afiada porque te cortou. Está feita para isso.

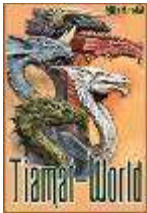
— Uma espada se pode voltar a forjar, lhe dar uma nova forma.

— Só depois que quebra. Imagine que dificultoso seria se não para o fogo da forja e o martelo, tanto como a primeira vez que a forjaram. Por que repetir tudo isso?

— Para fazê-lo bem dessa vez.

Ela fez caso omisso do comentário.

— Esta noite, quando o estava acariciando, chamou-me de *tassia*. Há um equivalente



masculino da palavra?

— Não sabe? Não fala demoníaco? — Perguntou ele incrédulo.

— Considera-se um insulto aprender essa língua, e está proibido falá-la no castelo. Além disso, já domino cinco línguas. Cinco é meu limite; o quadro-negro está cheio.

— Assim não me entendia quando estava te amaldiçoando?

— Nada de nada. Mas me chamou suficientes vezes puta e malvada para poder deduzir...

Os sinos da torre do castelo começaram a tocar, ressoando na distância.

— Agora soam três minutos passada a meia-noite? — Perguntou aborrecido. — Por que três minutos? Significa isso que tem um malévolo deus ao que adorar? Um que morre de vontades de receber sacrifícios de sangue?

— Quer que seja uma fervente seguidora da razão, como você?

— Poderia ser pior.

— Quer saber um segredo, Rydstrom? — Disse. — Eu adoro as ilusões.

— E o que significa isso?

Sabine estendeu a mão e lhe afastou o cabelo que lhe caía pela testa.

— A ilusão é o tímido amante da realidade, que a anima quando está deprimida. Com sua experiência de tantos anos, a ilusão é ardilosa, e de uma vez esquecida de seu conhecimento. Isso é o que é sagrado para mim.

— Vê a si mesma como uma ilusão?

Sabine lhe sorriu.

— Quer ser minha realidade? — Quando seus penetrantes olhos verdes se fixaram em seus lábios, acrescentou: — Está sonhando com nosso beijo, demônio? Isso espero, porque eu não deixo de pensar nele. Eu gostei da forma como me beijou.

— E por que veio aqui esta noite? — Perguntou com os olhos entrecerrados.

Para esquecer a repugnância que Omort me fez sentir.

— Para avisá-lo. A próxima vez que vier, não mostrarei nenhum tipo de piedade. — Não podia, já que com cada dia que passava diminuía suas probabilidades de ficar grávida.

As feiticeiras não eram uma espécie muito fértil comparada com outras da Tradição.

O demônio escrutinava atento sua face, como se tentasse pinçar sob a máscara de suas ilusões.

— Sabine, não acredito que seja tão má como aparenta.

— Comigo nada é o que parece. Sempre é muito, muito pior.

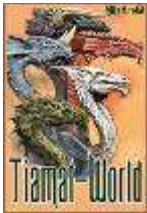
— Não. Não acredito que realmente queira nos fazer tudo isso, nem a mim nem a meu povo.

— Fazer que coisas? Lutar pelo poder? Capturar um demônio? — Ao não responder Rydstrom, seu tom se fez mais frio: — Acredita que pode me mudar, verdade? Converter-me em alguém bom, inclusive me reabilitar.

— Em minhas circunstâncias, tenho que acreditar nisso. Pode aprender a ver as coisas de outra forma. Eu posso ensiná-la a...

Ao levantar-se, pareceu que a cela se desmoronava com sua fúria. Em cima deles, na ilusão de céu, caía uma chuva de estrelas.

— Cortei a cabeça do primeiro macho que tentou fazer que eu fosse boa. — Ao chegar à porta, acrescentou: — Nessa época, só tinha doze anos.



CAPÍTULO 10

Quando Rydstrom detectou o sensual aroma de Sabine fechou os olhos um instante, e logo se amaldiçoou por ser tão fraco.

O que tinha planejado lhe fazer essa noite? Os serventes da feiticeira o tinham despido e atado à cama, e o único que lhe cobria a metade inferior do corpo era um lençol.

Fazia dois dias que não a via. As horas tinham ido passando com extrema lentidão, fazendo que a cela lhe parecesse cada vez menor, e as algemas que tinha nos pulsos e os tornozelos lhe tinham causado profundas lacerações que não deixavam de sangrar.

Todos os demônios da Ira tinham ouvido histórias sobre certos demônios que se transformavam e nunca podiam recuperar o controle de si mesmos. Esses seres completamente demoníacos viviam como animais... Um futuro horripilante para alguém como Rydstrom. Para controlar a ira, os de sua raça estavam acostumados masturbar-se várias vezes ao dia, mas Sabine lhe tinha negado inclusive isso.

A feiticeira lhe tinha perguntado se a odiava, e nesse momento a resposta tinha sido não, mas a semente estava ali e, com cada dia que o mantinha encerrado naquela cela, ia crescendo.

— Está zangado por como o tratei. — Disse ela, ativa, ao entrar na estadia e colocar-se detrás da cama. — Mas tenho intenção de compensá-lo.

Voltará a me atormentar. Voltará a me seduzir. O ódio crescente que sentia ia ao mesmo tempo que o desejo. Ao ver que se excitava por debaixo do lençol amaldiçoou seu próprio corpo.

Por que diabos tinha demorado tantos dias em voltar? Rydstrom não tinha nem ideia de quando Sabine ia aparecer, ou se o faria.

— Não quer saber o que é que tenho pensado? — Colocou uma mão no travesseiro. — Tal como lhe disse, hoje trago todo um arsenal.

Rydstrom sentiu algo frio e metálico contra a pele e, ao abrir os olhos, viu que lhe tinha colocado as mãos no torso. Sabine levava umas luvas até os cotovelos que nas pontas dos dedos tinham umas pequenas e afiadas garras de prata.

Luvas? Rydstrom ficou nervoso.

— Vou usar todos meus recursos de sedução para conquistá-lo. Nem sequer pensa me olhar?

Para poder fazê-lo teria que jogar a cabeça para trás e Rydstrom se negava a que ela advertisse as vontades que tinha de vê-la.

Não olhe... Não faça nada do que te peça.

Sabine começou a lhe acariciar os músculos do peito e o demônio ficou tenso, mas ela sabia exatamente como tocá-lo com aquelas garras sem machucá-lo.

— A outra noite, enquanto estava deitada na cama, dei-me conta de que o fato de que você se negasse a sentir prazer não implicava que eu também tivesse que fazê-lo.

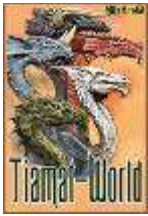
Estava tratando de lhe dizer que se deitou com outro? Era isso o que tinha estado fazendo durante aqueles dois dias? Ao demônio lhe cresceram as presas.

— Assim pensei em você... — Sussurrou-lhe ela ao ouvido. — Enquanto me masturbava.

Rydstrom nem sequer pôde tentar controlar a raiva e o alívio que sentiu antes que a feiticeira voltasse a falar.

— Quer ver o que imaginei?

Sem afastar-se dele, levantou as mãos e as colocou diante do rosto. O ar de cima delas se esquentou e no muro da cela começou a aparecer uma miragem, igual a se fosse um filme.



Rydstrom ficou boquiaberto ao ver o que a feiticeira tinha conjurado. Podia vê-la nua, de quatro, e ele estava detrás dela segurando-a pela cintura e lhe fazendo amor.

Começaram a lhe pesar as pálpebras e apertou com força a mandíbula. Resultava-lhe impossível deixar de olhar a cena e com cada pulsado de seu coração se excitava mais e mais. O ódio que sentia por Sabine começava a diluir-se no incontrolável desejo de estar com ela.

Se pudesse me tocar, aliviar um pouco a pressão, então talvez pudesse pensar...

Imaginar a si mesmo fazendo amor com ela era uma coisa; vê-lo, outra muito diferente. Quando Rydstrom contemplou na miragem como deslizava sua ereção dentro de Sabine, foi incapaz de evitar que lhe escapasse um gemido.

— Não sabe com o que está jogando. Perderei o controle. Poderia chegar a te matar.

— Quer ver no que estava pensando quando cheguei ao orgasmo? — Perguntou-lhe ela, ignorando suas palavras.

A ideia de que se masturbasse até alcançar o clímax...

De repente, a miragem trocou e mostrou à feiticeira de joelhos frente ao demônio. Ele tinha uma mão enredada em sua juba, e lhe inclinava a cabeça para que ela pudesse rodear sua ereção com a boca. Na imagem, Rydstrom movia os quadris para introduzir-se mais em seus lábios, e era evidente que ele também estava a ponto de chegar ao orgasmo, com a cabeça completamente jogada para trás. Sabine tinha estado imaginando isso?

Ela passou devagar até colocar-se entre ele e a miragem, que seguia avançando. Rydstrom ficou sem fôlego, e o tempo pareceu deter-se.

— Sabine? — Ia vestida com o traje típico das feiticeiras, o mesmo que as antigas bruxas usavam séculos atrás. Na cabeça tinha um precioso diadema de ouro e prata que bem poderia ter sido a coroa de uma rainha, e a juba solta lhe caía ao redor do rosto.

Pintou a área ao redor dos olhos com lápis negro, causando a impressão de que levava uma máscara que ressaltava o âmbar de sua íris, e tinha os lábios de cor vermelho sangue. O espartilho metálico mal lhe cobria os seios. Debaixo do mesmo, uma minissaia de malha quase transparente feita de ouro se colava a suas coxas.

A Rydstrom sempre tinha parecido que o traje típico das feiticeiras podia ser incrivelmente erótico, mas jamais o tinha visto na mulher adequada.

Até então, pensou soltando uma maldição. *Nega-o quanto quiser...*

A Tradição permitia que se vestissem assim porque eram um dos clãs mais fracos de entre todas as espécies. Não tinham garras, assim as punham postiças. Eram muito vulneráveis, de modo que se cobriam o torso e a cabeça com metal. E as máscaras que se pintavam desconcertavam a seus inimigos.

Se antes dessa noite já lhe parecia irresistível...

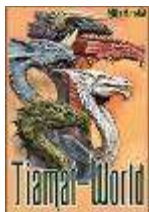
Sabine era sua fantasia feita realidade, ali de pé, ante ele e diante de uma miragem no que a via beijando-o do modo mais íntimo possível.

É *minha*. A feiticeira deu a volta devagar para que também pudesse vê-la de costas. Ao observar aquele lindo traseiro coberto pela minissaia, Rydstrom se deu conta de que estava perdido.

— Decidi que deveríamos nos conhecer um pouquinho melhor. — Disse ela, olhando-o de novo. — Possivelmente não quer se casar comigo porque ainda não sabe quão fascinante é minha personalidade. — Desvaneceu a miragem a suas costas.

— Fascinante personalidade. — Repetiu como um tolo.

Agora ela queria falar, quando ele tinha que fazer verdadeiros esforços por não levantar os quadris e roçar sua ereção com o lençol.



— Sinto curiosidade, demônio: o que você gosta de fazer na cama?

Rydstrom levava toda a vida tentando averiguá-lo. Sabia que gostava de vê-la vestida assim. O fazia fantasiar todas as horas que passaria despindo-a, lhe tirando aquela roupa tão atrevida. Quão complicado seria desabotoar cada peça... O momento que demoraria, as expectativas. Desfazer os laços do espartilho por si só seria complicadíssimo...

— Se comentava que você gosta das garotas boas, as mulheres virtuosas.

— Quero uma boa rainha para meu povo. — Respondeu após pensar um pouco.

— Mas não é o que necessita na cama.

— E como sabe?

— Pelo modo em que me devora com o olhar, e pela tenda que há no lençol. Sabe o que penso? Que, no mais profundo de seu ser, sempre quis uma garota má. O destino sabia e por isso me escolheu. Acredito que você esteve se deitando com garotas boas, aborrecidas, sacrificando-se pela causa só porque é o que lhe disseram que tinha que fazer.

— Não tem nem ideia do que está falando.

— Sei tudo sobre você, Rydstrom. O estudei durante anos, devorei todas as suas biografias autorizadas, inclusive as mais antigas. E ao longo dos últimos dois dias repassei todos os artigos sobre a história de sua família, sobre você. Tentei conciliar tudo o que se escreveu com o que vi diretamente.

A testa de Rydstrom começou a suar. Quantas coisas teria descoberto sobre ele?

— Por exemplo, tenho lido que se deitou com sua primeira fêmea, que realizou essa primeira tentativa para ver se era sua rainha, aos treze anos, e com a segunda ao dia seguinte. E acredito que é verdade.

Era. Para um príncipe demônio encontrar a sua companheira era de vital importância. Rydstrom tinha se deitado com uma fêmea atrás de outra em uma tentativa desesperada para encontrar sua companheira. Durante seu primeiro século de vida se deitou com mais que ao longo dos quatorze seguintes.

— Todas eram mais velhas que você, — Prosseguiu ela. — umas autênticas “damas”, ou o que é o mesmo, umas ignorantes na cama. Sorriam-lhe com acanhamento? Fingiam que não tinha uma ereção entre as pernas? — Perguntou-lhe, destacando-lhe com um dedo. — Tratavam-nas com delicadeza?

Sim a tudo. O odiava que fossem tão delicadas. Rydstrom queria deitar-se com uma fêmea durante toda uma noite e que seu corpo o recordasse no dia seguinte. De jovem, tinha um amigo que de vez em quando aparecia com as costas cheias de arranhões de uma de suas conquistas, e ele o invejava profundamente.

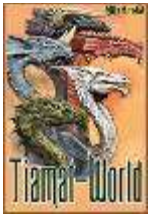
— Tem que ter sido muito estranho isso de deitar-se com uma desconhecida atrás da outra. Foram tantas, e era muito jovem para suportar tanta pressão. E ainda por cima sofrer uma decepção atrás da outra.

Suas companheiras de cama sempre estavam muito nervosas, todas e cada uma delas confiavam em ser a escolhida, sonhavam convertendo-se em sua rainha. O sexo tinha terminado por ser uma carga, e seus encontros sexuais eram cada vez mais embaraçosos.

Sinto havê-lo despenteado. Eu gosto do que me faz, meu senhor.

— Fiz o que tinha que fazer pelo reino. — Respondeu ele entre dentes. Seu irmão mais velho, Nylson, e seu pai tinham encontrado a suas respectivas companheiras em reino vizinhos. — Todos acreditávamos que terminaria por encontrar a minha fêmea...

— E que seria uma demônio virtuosa e desprendida como você. — Terminou a frase, zangada. — E em vez disso, vai e há encontra quinze séculos mais tarde e resulto ser eu, uma



feiticeira violenta, mentirosa e ladrona.

— Isso ainda está por ver.

Ela o olhou com cara de satisfação.

— Você se deitou com muitas. Agradou a todas?

Nem muito menos.

— Nunca recebi nenhuma queixa. — Respondeu sincero, porque nenhuma teria se atrevido a queixar-se.

E esse era o problema. Durante toda sua vida, as fêmeas o tinham tratado como se na cama seguisse sendo o rei. E, embora pudesse soar bem, isso não estimulava a ele.

— Mas nunca estive com uma feiticeira. — Sentou-se a seu lado. — Em geral, somos mais exigentes que as demônios.

— Acredita que só me deitei com fêmeas de minha espécie?

Assim era, pois estava convencido de que a rainha dos demônios da Ira ia ser uma deles. Rydstrom jamais imaginou que sua companheira pudesse ser uma feiticeira. *Mas possivelmente não o seja.* Não saberia com certeza até que fizesse amor com ela.

Nega-o quanto quiser...

Sabine lhe passou as garras das luvas pelo estômago, e os músculos dessa área se contraíram sob a carícia.

— É um homem muito viril e dominante, e além disso é rei. Talvez preferisse que eu fosse mais... Dócil.

Nem pensar. Ele queria uma fêmea agressiva, forte, inclusive egoísta na cama. Fartou-se para toda a eternidade das delicadas.

Ela afastou o lençol e acariciou seu membro com suavidade, mas arranhando-o um pouquinho. Rydstrom teve que fechar os olhos.

— É uma lástima, porque eu não sou nada dócil. Nem o sonhe.

Alegro-me. É minha rainha. Já não posso negar... Tenho que protegê-la, inclusive de mim mesmo.

— Sabine, se me transformar perderei o controle. Meu instinto demoníaco tomará o controle, e se de verdade é tudo o que o demônio que há em mim deseja e necessita... Que os deuses a ajudem. É isso o que quer?

— Isso é o que quero.

— Não irei com cuidado... Disso também pode estar segura.

— Talvez não queira que vá com cuidado, demônio. Talvez encaixemos melhor do que acredita. — Bateu o queixo com uma garra. — Deixe-me ver se entendi: excita-se pensar em se deitar com uma garota má e fazer amor como um selvagem, mas não quer que ela seja submissa?

— Deixe de pôr palavras em minha boca. — Jamais poderia explicar-lhe, em realidade nem ele mesmo o entendia.

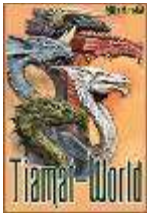
Apesar de que morria de vontade de fazê-la sua e dominá-la na cama, odiava a ideia de que ela se estivesse quieta e impassível. Queria que Sabine também o desejasse, que respondesse com a mesma intensidade. Ansiava enfrentar a sua feiticeira, na cama e fora dela.

Mas definitivamente queria dominá-la. Queria saber que, ao chegar à noite, ele seria o vencedor, e queria ouvi-la suplicar a seu ouvido com voz aveludada que lhe desse prazer. Ou, se de verdade era afortunado, que lhe arranhasse as costas entre mais súplicas e beijos.

Estava tão excitado que inclusive tremeu e ela o olhou intrigada.

— No que está pensando, que o deixou assim? — Levantou as palmas das mãos para ele.

— Deixe-me entrar em sua mente. Deixe que veja suas fantasias.



— Por que diabos ia fazer isso?

— Poderíamos as ver juntos. Sabe que se me deixasse entrar faria realidade todos seus sonhos.

Rodeou sua ereção com os dedos enluvados e conseguiu que Rydstrom ficasse sem fôlego.

— Ainda não está convencido? Está bem: peça-me qualquer coisa, o que for, dentro do razoável, claro, e eu lhe darei isso em troca de que me deixe ler sua mente. Seguro que há algo que queira de mim, não?

CAPÍTULO ONZE

— O que quiser? — Entrecerrou os olhos, as íris quase negras, com chamas intermitentes de cor verde jade.

— Sim.

Deus, tem os olhos mais bonitos que já vi, pensou Sabine.

— O que quiser, só tem que me pedir isso. A um rei tão poderoso devia lhe custar muito ter que pedir algo.

— Sei, diz isso porque acredita que assim se sairá bem.

Ela soltou seu membro e Rydstrom teve que morder os lábios para não gemer.

— Se me deixasse ler sua mente, poderia chegar a te conhecer melhor e saber como seduzi-lo. — *E você também poderia chegar a se conhecer melhor, porque a verdade é que acredito que não tem nem ideia do que de verdade você gosta.* — Está bem, me peça duas coisas.

— Não quero nada tanto para correr o risco. Ao ler minha mente poderia averiguar muito mais que minhas fantasias sexuais.

— Rydstrom, se quisesse saber todas essas outras coisas me bastaria drogá-lo com o soro da verdade e interrogá-lo. Além disso, o que quero não é exatamente ler sua mente. Digamos que eu gostaria de dar um passeio por ela. E te mostraria tudo o que encontrasse.

— Se a deixasse, e não digo que vá fazer isso, pediria em troca passar uma noite com você sem estar acorrentado. E também poder me mover livremente pela cela quando você não estivesse. E ir vestido.

— E estando livre e a sós tentasse se masturbar?

— Juro a você que não o farei. — Voltou a cair aquela rebelde mecha de cabelo sobre a testa.

— Você alguma vez rompe um juramento?

— Não, Sabine. Nunca.

— Está bem, demônio. — Levantou as mãos.

— Não! Não acreditava que...

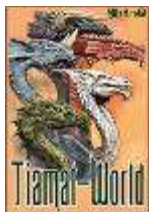
— Que não fosse aceitar essas condições? Pois as aceitei. Vai ter uma sensação estranha. Relaxe. Disseram-me que, embora se perceba, não é desagradável. Notará isso quando entrar em sua mente.

A feiticeira começou a deslizar-se dentro do pensamento de Rydstrom.

— Eu disse que não!

— Muito tarde. — Voltou-se para um lado e soprou sobre uma de sua palmas.

Na parede apareceu uma miragem, tirada diretamente da mente do demônio... Nele,



Rydstrom estava naquela mesma cela com ela, mas sem as algemas, e lhe estava tirando as luvas com toda lentidão. Quando teve terminado, Sabine estava tremendo.

— Quer me fazer tremer?

O demônio não disse nada, mas sim se limitou a seguir olhando como na miragem lhe desabotoava o espartilho, mas lhe deixava posta a tanga. E também o colar, embora em sua fantasia parecesse bem mais uma gargantilha.

A cena mudou e Sabine se viu de cara à parede, com as mãos algemadas e fixas em um gancho que havia em cima de sua cabeça.

— Quer me prender?

Afastou os olhos da miragem e olhou para Rydstrom de verdade, estava fascinado observando a imagem, mas o melhor de tudo era que parecia lhe surpreender o que via, como se de verdade jamais se atreveu a reconhecer, nem sequer ante si mesmo, que desejava essas coisas. Estava mais excitado que nunca, seu pênis completamente ereto.

Ela voltou a rodear seu membro com os dedos, percorrendo-o da base até a ponta, enquanto a Sabine da miragem se movia inquieta.

— Supõe-se que quer que tente escapar de você? — Ao vê-lo negar com a cabeça, acrescentou: — Então o que?

Tinha intenção de acariciá-lo até fazê-lo estremecer de prazer, mas ao ver que não respondia se deteve.

— Quero passar horas a excitando sem te deixar chegar ao final. — Respondeu ele ao fim. Tinha os chifres completamente levantados, os músculos tensos e ensopados de suor lhe brilhavam a luz do fogo. — Supõe-se que está desesperada para me tocar, para ter um orgasmo... Supõe-se que não pode pensar em outra coisa.

Em sua fantasia, percorria-lhe o corpo com as mãos, lhe acariciando e beliscando os seios nus. Depois, separava-lhe as pernas e puxava a tanga até lhe agarrar as nádegas e apertá-las. Quando Rydstrom viu que seu outro eu deslizava um dedo no interior de Sabine por trás, tanto um como o outro soltaram um gemido de prazer.

— Assim que isso é o que você gosta, demônio. — Murmurou ela, sentindo-se adulada em segredo. De todas as fantasias que alguém poderia ter – trios, deitar-se com machos e fêmeas de uma vez, fetiches, ou inclusive vários vício – os sonhos do demônio se concentravam nela. Só nela.

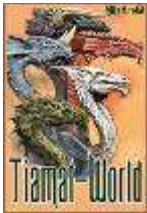
A Sabine também surpreendeu ver o erótica que lhe parecia essa imagem. A ideia de que um de seus inimigos a atasse deveria deixá-la furiosa... E não excitá-la. No passado, sempre tinha tido relações com feiticeiros, potencialmente seus inimigos, pois podiam querer lhe roubar seu precioso poder. Mostrar ante eles qualquer debilidade teria sido perigoso, e o de relaxar-se em sua presença nem sequer o expôs. Se algum deles lhe dizia que lhe tinha medo, e o haviam feito vários, Sabine nunca fazia nada para dissuadi-los.

Nas fantasias de Rydstrom, este não a temia. O demônio se comportava como se lhe pertencesse, o que lhe parecia estranhamente excitante. Com alguém assim não teria que expor-se se podia ou não relaxar-se: ele se limitaria a exigir dela.

Na miragem, Rydstrom seguia acariciando-a devagar com um dedo enquanto enredava a outra mão em sua juba para inclinar sua cabeça e poder lhe beijar a nuca. Murmurava-lhe ao ouvido quanto a desejava, e lhe acariciava a pele com a bochecha, sem deixar de lhe dizer quão linda era...

— Alguma vez amarrou uma fêmea? — Perguntou ela sem fôlego.

Ao ver que ele não respondia, sacudiu um pouco a miragem, ameaçando fazê-la desaparecer.



— Nunca. — Balbuciou o demônio.

— Mas quer fazê-lo. Precisa fazê-lo.

Rydstrom arqueou as costas tanto como o permitiram as algemas e lhe acariciou o braço com os chifres.

— Preciso amarrar você, *tassia*. — Gemeu como se não pudesse evitá-lo.

O desejo que havia em sua voz... Sabine engoliu saliva e se deitou a seu lado.

Na miragem da parede, o demônio se colocou frente a ela para poder olhá-la e se ajoelhou entre suas pernas. Depois de lhe tirar a tanga, levantou-lhe uma perna para colocá-la em cima de seu ombro e poder beijá-la.

— Em sua fantasia me beija aí?

Rydstrom girou a cabeça para poder lhe sussurrar ao ouvido:

— Até que lhe tremem as coxas e deixe minha língua molhada.

Sabine soltou um gemido e a cena mudou de novo, mostrando agora a ele lambendo-a com desespero entre as pernas. Depois se afastava para tomar fôlego, e ela gritava de prazer e arqueava os quadris sem nenhum pudor.

Mas na fantasia se negava a deixá-la alcançar o clímax.

Incapaz de seguir suportando-o, Sabine tomou o controle e converteu a imagem no que ela tinha sonhado. Na nova miragem, a feiticeira conseguia soltar-se e agarrava o demônio pelos chifres, obrigando-o a afundar a cabeça de novo entre suas pernas para que voltasse a lambê-la até fazê-la chegar ao orgasmo.

Deitado na cama, o Rydstrom de verdade gritou e empurrou a ereção entre os dedos de Sabine, procurando o ansiado final. Seja o que fosse o que tivesse feito, tinha acertado em cheio: tinha descoberto o que de verdade desejava seu demônio.

— Ajude-me, *tassia*! Deixe-me gozar!

— Faça-me sua, demônio. Converta-me em sua esposa e farei tudo o que quiser. Darei tudo o que necessitar e sentirá mais prazer do que nunca imaginou.

Deslizou a outra mão para baixo e lhe acariciou os testículos, conseguindo que Rydstrom gemesse de agonia.

Meu reino está em jogo. E apesar de tudo, tinha que fazer esforços para recordar-se por que não podia estar com ela. É minha. *Conformaria-me beijando-a.*

— Como posso saber que não me drogou para que me sinta atraído por você? Tudo isso de que é minha companheira poderia ser simplesmente um engano.

Sabine deixou de acariciá-lo e ficou de joelhos, logo se inclinou para frente, até que só uns centímetros separavam os rostos.

— Olhe-me nos olhos, Rydstrom. Olhe-me de verdade. Sabe que sou eu.

Deus, os olhos da feiticeira eram preciosos e tinha os lábios úmidos.

— Continua negando que sou sua?

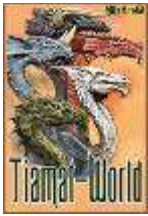
— Não posso sabê-lo... Sem prová-lo.

— Essa resposta foi genial para sair do assunto e não ter que negá-lo. — Sabine desviou o olhar para os lábios de Rydstrom e, inconscientemente, passou a língua pelos seus. — Vou beijá-lo. E se me morder, demônio, cortarei a seu querido amiguinho e o darei de comer aos zumbis.

Aquela mulher não tinha papas na língua, ela jamais diria algo tão insípido como “Eu gosto do que me faz, meu senhor”. Jamais.

Mas, para deslocá-lo ainda mais, beijou-o com ternura, seduzindo-o até que a cabeça lhe dava voltas da maravilhosa sensação que estava tendo.

Ah, deuses, é minha companheira.



Quando Sabine se afastou, tinha os olhos de um brilhante azul metálico.

— Pude ouvir seu pensamento com toda clareza. Sabe que sou eu. Aceitou que foi a mim a quem esteve esperando todos estes anos.

Havia tornado a ler sua mente.

— E você? — Soltou ele. — Também esteve me “esperando” ?

— Acredita que eu seja virgem, quando você passou a mão em todas as fêmeas do reino?

— Perguntou furiosa.

— Com quantos esteve antes de mim?

— Tenho quinhentos anos. Use a imaginação. Importa-se? Você se incomoda em pensar que outro tenha podido me tocar, me saborear, me penetrar?

Rydstrom sentiu que lhe tremia a mandíbula em que tinha a cicatriz e ela o viu.

— Oh, sim que se incomoda!

— Termine o que começou!

Sabine rodeou de novo com os dedos sua ereção e voltou a acariciá-lo.

— Diga-o, demônio, dê seu juramento e farei tudo o que me peça. Quantas vezes acredita que podemos fazer amor em nossa noite de núpcias? Dez? Há tantas posturas que podemos provar...

Ele apertou os dentes para evitar que lhe escapasse o juramento que tão tentado estava de pronunciar. A pressão a que estava submetida sua força de vontade era quase insuportável. Podia seguir negando aquilo com o que tanto tinha sonhado? Inclusive antes de conhecê-la, passara semanas sentindo-se ansioso. A tensão era evidente no ar.

— E claro, também poderíamos explorar seu fetichismo com as cordas.

— Eu não tenho nenhum fetiche!

— Por que o nega? Ou melhor dizendo: por que me nega? Que tipo de pessoa é capaz de resistir a isto?

— Eu. — Respondeu ele com o queixo em alto. — Muita gente confia em que serei capaz de me sacrificar pelo bem comum.

— Por quê? Do que serve a alguém que continue se negando a estar comigo?

— Se prestar juramento a você, estarei assinando minha sentença de morte.

— E se te promettesse não matá-lo? Poderia continuar vivo sendo meu escravo.

— Acredito que prefiro morrer.

— Então, a única alternativa que me deixa é fazer que deseje tanto que já nada te importe o mais mínimo.

— Eu gosto de como me toca, Sabine. — Disse ele, tratando de recuperar o fôlego apesar de que ela seguia acariciando-o. — Merda, eu gosto muito. Mas nem tanto.

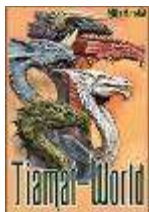
A feiticeira entrecerrou os olhos. A cela pareceu sacudir-se de novo e um vento que apareceu de um nada lhe alvoroçou a juba.

— Se for assim, não o sentirá falta quando deixar de fazê-lo. Olhe que é teimoso, demônio.

Afastou a mão e se levantou da cama.

— Farei isto cada noite até conseguir que fique louco de desejo. Possivelmente tenha uma vontade de ferro, mas a minha foi forjada a fogo! Descobrirá que tem poder suficiente para dobrar a sua.

— Não se atreva a me deixar assim! — Rydstrom soltou a maldição mais cruel que conhecia e jurou vingar-se dela. A cada segundo que passava a odiava mais e mais. Sabine ia deixá-lo ali, agonizando de dor, a ponto de estalar, sentindo o sêmen pela primeira vez circular em seu interior, cravando as unhas nas palmas das mãos para tentar acalmar-se. — Volte aqui e termine o



que começou!

— Posso jogar a isto uma e outra vez. De fato, acredito que começo a gostar disso.
Que os deuses o ajudassem, a ele também.
Ou gostaria quando trocassem os papéis.

CAPÍTULO DOZE

— Ainda tem cara de virgem. — Disse Lanthe quando se reuniu com sua irmã no andar de cima.

Sabine odiava essa palavra. Odiava que nunca se aplicasse aos machos e odiava não poder solucionar o problema por seus próprios meios.

— Sim, Lanthe, continuo sendo pura.

— O segundo round tampouco foi bem?

Pela primeira vez desde que era juvenzinha, Sabine estava completamente deslocada.

— Passei anos, toda a vida, de fato, esperando este momento para conseguir assim um pouco de poder. — Nunca tinha querido nenhuma outra coisa, nunca tinha esperado nada. *Quão único quero é...* Por fim tinha chegado o momento de entrar em ação, e não podia fazê-lo. — Jamais me ocorreu pensar que pudesse

Estremeceu-se ao recordar aqueles olhos verdes olhando-a com desejo. E, apesar de tudo, o demônio tinha seguido rechaçando-a. Rydstrom não só resistiu a uma fêmea: resistiu à sua.

— E se não for sua companheira? E se a profecia está equivocada? — As oráculos não estavam acostumadas a cometer enganos, mas poderiam ter interpretado mal as palavras. — Não o entendo. Sei que sou extremamente atraente...

— E modesta.

— Não estou presumindo, é a verdade. E sou sua companheira, assim, em teoria, dá-se por feito que se sente atraído por mim. Ou deveria.

Os demônios passavam toda a vida procurando a sua outra metade, mas Rydstrom não o tinha feito. Desde que lhe arrebataram o trono de Tornin tinha concentrado todos seus esforços em recuperar sua coroa.

Mais calma, Sabine analisou tudo o que tinha descoberto. Para dar ao demônio o que de verdade necessitava, teria que lhe entregar o controle de seu encontro, ou fingir que o fazia.

A feiticeira aparentava ser uma mulher muito forte, que sempre se saía com a sua e jamais mostrava alguma fraqueza. Mas em ocasiões se perguntou como seria confiar em alguém, render-se a ele e lhe deixar levar o leme.

Se confiasse em Rydstrom... Se ele demonstrasse que o merecia. *O demônio nunca trataria de me arrebatarmos poderes...*

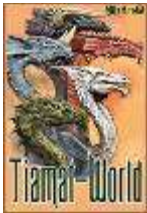
— Sabia que era complexo. — Mas jamais se imaginou até que ponto. — O calmo e sempre correto monarca tem um lado escuro. — E era óbvio que passara séculos negando-o a si mesmo.

— Conte-me. — Pediu-lhe Lanthe abrindo os olhos como pratos.

— Quer mandar na cama, mas não quer que eu faça tudo o que peça sem mais. Quer ganhar.

— Soa excitante.

É isso. Deus, o demônio era aditivo...



— Na masmorra, sentiu-se atraída por ele? — Quando sua irmã franziu o cenho, Lanthe acrescentou: — Diga-me uma coisa: se as circunstâncias fossem diferentes e fossem duas pessoas normais e estivessem em outro tempo e lugar, você gostaria de voltar a vê-lo?

Rydstrom quer me beijar a nuca e me dizer que sou preciosa...

— Nós sempre acreditamos que os demônios são pouco mais que animais.

— Isso não é o que te perguntei.

— Eu... Talvez. — Balbuciou.

— Oh, Sabine! — O rosto de Lanthe se iluminou. — É maravilhoso. Poderia chegar a se apaixonar por ele.

— Você e essas panaquices sobre o amor! Sabe o que é quão único quero? Viver. E me apaixonar poderia me custar a vida, distrairia-me e faria que tudo fosse mais complicado. Além disso, não somos duas pessoas normais que estão em outro lugar.

Mas, apesar de tudo, olhou de esguelha para a cela e sentiu... Algo.

Quando voltou a olhar para frente viu que sua irmã ficou absorta, com o olhar perdido.

— Darei a você um diamante se me disser no que está pensando. — Propôs Sabine. — Em Thronos, não é mesmo?

— O que? — Exclamou Lanthe.

— Você se preocupa que encontre o modo de chegar até aqui. Não pode, Melanthe. E embora pudesse, já não somos aquelas duas meninas pequenas e assustadas. Agora o pegariamos por muito menos

— Sim, por muito menos. — Repetiu Lanthe com um tom de voz um pouco estranho.

— O que parece se formos assistir algum DVD dos seus?

A jovem tinha uma ampla coleção de filmes. Uma vez ao mês, abria um portal diretamente de uma loja onde os vendiam e ordenava a seus inferi que fossem à seção de novidades.

— Podemos ver um de terror e beber cada vez que a loira caia de bruços.

— Boa ideia. — Respondeu ela sem muito entusiasmo.

— Será genial. Embebedaremos-nos e o amarraremos.

De repente, a Sabine lhe arrepiou o pelo. Estupendo, Lanthe tinha conseguido assustá-la. Levantou a vista, mas não viu nenhum vrekener no céu.

Mas o que sim viu foi Lothaire no alto da muralha, com seu casaco flutuando no meio da brisa e seu cabelo albino contra o rosto. O general dos vampiros caídos do Pravus as estava vigiando.

Lothaire era um dos indivíduos mais complicados que Sabine tinha conhecido em toda sua vida. Tinha os olhos de cor rosa, não cheios de sangue, mas tampouco vazios de tudo. Considerava-se um dos caídos, embora tivesse conseguido resistir à tentação de levar a cabo os assassinatos que teriam terminado por lançá-lo de tudo para o abismo.

Sempre que Sabine se fazia invisível e vagava a vontade pelo castelo, o encontrava espiando a outros, com um olhar ardiloso e analítico.

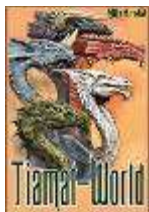
O fato de que se interessasse por ela e Lanthe não augurava nada bom.

Sem deixar de olhá-las nem um segundo, o vampiro se desvaneceu.

Meus pensamentos são cada vez mais escuros...

Rydstrom se sacudiu e quase se sufocou com o grilhão que lhe tinham posto ao redor do pescoço.

Cada hora que passa é mais e mais tenebrosa.



Essa noite também tinha conseguido resistir à feiticeira apesar de que lhe tinha mostrado em uma miragem suas fantasias. Mas a dor estava se tornando insuportável. Ansiava afundar-se dentro dela, ansiava-o tanto que era quase incapaz de raciocinar. Incapaz de pensar com clareza.

Tinha que fugir dali. *Vá na sua onda. A faça acreditar que o seduziu e que vai fazer tudo o que ela pedir.* Era uma jogada perigosa, pois parte dele temia que isso pudesse converter-se em realidade. Morria de vontade de estar com Sabine, daria qualquer coisa para fazer amor com ela.

Exceto seu reino.

Dias atrás, desejava escapar daquela masmorra para poder ir em busca de Cadeon e trocar a Vestal pela espada de Groot. Agora, quão único queria era vingar-se da feiticeira.

Imaginava as mil e uma maneiras em que lhe faria pagar tudo o que lhe tinha feito. Conseguiria que lhe suplicasse que a possuísse. A acorrentaria e a atormentaria até que lhe pedisse mais.

As miragens que lhe tinha mostrado essa noite o tinham escandalizado em mais de um sentido. Tinha precisado ver essas imagens tão claras e explícitas para assumir que isso era o que gostava sexualmente.

Aceitar isso implicava que também tinha que aceitar que passou toda a vida, ao menos a partir de seu décimo terceiro aniversário, fazendo meras tentativas. Tinha escolhido com esmero a todas e cada uma das fêmeas com as quais se deitou. Mas esses encontros sexuais tinham sido um simples processo de eliminação para tentar encontrar a sua companheira, ou melhor dizendo, para descartar a todas as demônias que não o eram.

Tinha vivido uma noite insatisfatória e sem sentido atrás de outra. Já de entrada dava por fato que não serviria para nada, e a verdade que sentia um grande alívio ao terminar.

Com Sabine, quão único queria era passar dias inteiros com ela na cama.

Posso negar até me cansar. Ele jamais tinha desejado a uma fêmea nenhuma milésima parte do que a desejava.

Apesar de que o que tinha acontecido com a feiticeira era exatamente o contrário do que ele desejava – teria que ser ela a que estivesse atada à cama e não ele – nenhuma de suas experiências na vida real nunca tinha sido tão erótica.

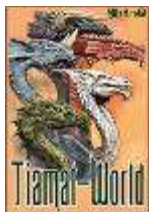
E logo a teria em suas mãos. Sabine lhe tinha prometido que a seguinte vez que fosse vê-lo deixaria estar na cela sem algemas. E agora que estava mais acostumado às miragens, Rydstrom podia predizê-los, resisti-los, e assim capturá-la.

Uma vez estivesse longe do castelo, a levaria por volta do interior do bosque que rodeava Tornin e ficariam escondidos ali durante um tempo, já que, para conseguir chegar até seu irmão Cadeon, Rydstrom tinha que encontrar o modo de passar a outra dimensão.

Que Omort controlava todas as teletransportações que tinham lugar em Rothkalina era um fato conhecido por todos. Mas como mal chegavam novos seres àquele plano, o bruxo tinha ido perdendo interesse nos que se foram.

Rydstrom tinha ouvido rumores a respeito de um portal secreto que utilizavam os contrabandistas no reino de Grave, a zona mais perigosa de Rothkalina. Se conseguissem chegar até ali, poderiam escapar. Dizia-se que Omort se debilitava se se afastasse do Poço das Almas, por isso era seguro que não os perseguiria ele em pessoa. E Rydstrom podia encarregar-se perfeitamente de quem quer que o bruxo mandasse atrás deles.

Mas cada vez que começava a pensar no que faria na noite da fuga, o que mais temia era a si mesmo, a suas fantasias, porque não se via capturando Sabine e escapando, mas sim deitando-a na cama e fazendo amor com ela com todas as forças que ficassem no corpo.



CAPÍTULO TREZE

— Meu demônio está zangado comigo. — Disse-lhe Sabine a noite seguinte. — Já supunha que ia ficar furioso ao ver que não cumpria minha promessa. — Em vez de libertá-lo, tinha ordenado que voltassem a encadeá-lo à cama.

Era evidente que Rydstrom estava ao limite, na borda da ira... Já não tinha os olhos verdes, mas sim completamente negros, mas isso não impedia que seguisse excitando-se debaixo dos lençóis.

Que pena. A ela, de tanta vontade que tinha de vê-lo, tinha sentido um arrepio só descendo os degraus que conduziam à cela.

Agora estava ali deitado, com o torso descoberto, puxando as algemas, e Sabine aproveitou para lhe percorrer com o olhar os braços e os largos ombros. Seus olhos seguiam cada músculo de seu peito e seu estômago. Esqueceu-se inclusive de respirar ao contemplar o atalho de pelo que descia do umbigo até o extremo do lençol, um lençol que continuava levantando-se cada vez mais.

O demônio era, na verdade, magnífico.

— Prometeu-me isso, feiticeira.

Sabine tentou concentrar-se.

— Fiz isso? — Perguntou despreocupada. — Sério, deve saber que não pode confiar em alguém como eu. Não é culpa minha que seja tão crédulo.

Ele a fulminou com o olhar e lhe cresceram as presas, ameaçadoras. Tendo em conta quais eram seus respectivos papéis, como era possível que fosse Rydstrom o que parecia mais perigoso, que estava no comando?

— Esteve mal por minha parte não cumprir com o prometido. Acredito que deveria me castigar. — Esboçou um sorriso. — Acaso os demônios como você não gostam dessas coisas?

Quando se sentou na cama, Rydstrom se inclinou para frente, puxando as correntes ao máximo.

— E te castigarei, Sabine. — Aproximou-se de seu ouvido e lhe sussurrou: — Quando sair daqui, o primeiro que farei será deitá-la sobre meus joelhos. Açoitarei esse seu traseiro tão bonito que tem até que sinta sua pele arder sob as palmas de minhas mãos. Logo a prenderei a minha cama e te juro que conseguirei que me suplique que faça amor com você.

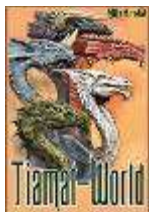
— Então terei que me assegurar de que não saia daqui.

— Não te servirá de nada. Cedo ou tarde conseguirei escapar. Drogou-me. Torturou-me com seu corpo uma e outra vez. Reteve-me aqui contra minha vontade. Castigarei você por tudo isso. E sua condenação será passar por tudo o que me fez passar.

— Não posso libertá-lo, Rydstrom. Sei que planeja me utilizar para sair daqui. Não tenho nem a mais mínima intenção de tirar suas algemas esta noite, e tampouco vou deixar que me capture. — Ao ver que ele continuava lhe mostrando as presas, acrescentou: — Diga-me que não planejou escapar e o deixo solto.

Ele a desafiou com o olhar, como fazia sempre, e não o negou. Apesar de que Sabine queria convencer-se de que tal sinceridade era um sinal de fraqueza, ele não parecia absolutamente fraco, mas sim ele parecia ter tudo sob controle. O via viril e perigoso.

— Rydstrom, acredita que eu gosto de retê-lo aqui encadeado e ter que utilizá-lo? — Viu-o



franzir o cenho, e continuou: — Está bem, eu gosto um pouquinho. Mas preferiria fazer amor com você como uma mulher normal. Ou ao menos tanto como fosse possível, tendo em conta seus fetiches.

— Eu não tenho nenhum fetiche!

Ela sacudiu uma mão e criou uma miragem que fez que a cela parecesse seu quarto, com a brisa entrando pelas janelas e as bandeirolas vermelhas e brancas ondeando fora.

— É meu quarto. — Observou ele, confuso.

— Nosso quarto. Passo anos dormindo nesses aposentos, esperando por você.

Rydstrom afastou o olhar da cena e optou por percorrer o corpo de Sabine com os olhos.

Ela vestida quase igual ao dia anterior, exceto os laços pareciam inclusive mais complicados que os de então. O espartilho era feito de ouro e prata, desenhava uns complexos círculos nos seios para logo fechar-se no pescoço. Levava os olhos pintados de cor lilás escura, quase negro.

— Outra vez está me devorando com os olhos. Você gostaria de me ver de tudo? — Perguntou-lhe. — Poderia fazer um strip-tease.

Demorou um longo momento em responder, mas ao final o demônio assentiu como se não pudesse evitá-lo.

Sabine começou com as luvas longas que usava, alisando-as pelos braços até deixá-las cair no chão, a suas costas. Demorou muitos minutos em desabotoar o espartilho, e, enquanto, os olhos de Rydstrom se mantiveram fixos em seus dedos. A cada segundo que passava, parecia excitar-se mais e mais.

— Vestiu esse espartilho para mim? — Perguntou-lhe com a respiração entrecortada.

— Sim, queria que você gostasse dele.

— Mais devagar. — Ele ordenou com voz rouca quando ela começou a tirar a saia. Seus olhos estavam quase em chamas, e sua expressão era puro desejo. Parecia não ser consciente de que estava movendo sutilmente os quadris.

Sabine deslizou a saia até os tornozelos e logo a separou de um chute, ficando só com a tanga de seda negra e as meias.

— Agora isso. — Disse ele, assinalando a tanga com o queixo.

Ela se agachou e a enroscou para baixo, atormentando-o até limites insuspeitos.

Quando se separou da roupa de baixo, atirada no chão, com um movimento bastante elegante, ouviu como Rydstrom gemia.

— Basta.

Só usava agora o diadema, o colar e as meias.

— Dê a volta.

Sabine o fez.

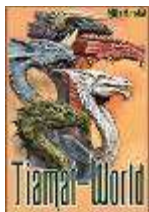
— Acaso não te parece que este seja o corpo de uma rainha, Rydstrom? Vamos, demônio. Reconhece que você gosta. — Voltou a olhá-lo. *Olhos famintos e um rosto perigoso.* Um calafrio a percorreu inteira.

Como podia excitá-la tanto que a olhasse assim?

Sabine lhe sustentou o olhar e se aproximou dele com calma.

— Se cooperar comigo, percorrerei seu corpo a beijos, desde esses chifres tão eróticos até os dedos dos pés. — Sentou-se escarranchada⁹ em cima dele, e quando Rydstrom empurrou os quadris para cima, ela o segurou pelos chifres para detê-lo. — A isso não se chama cooperar, querido. — Inclinou-se para frente e com a bochecha acariciou a acetinada superfície de um deles.

⁹ Nota: Uma perna de cada lado do quadril ou superfície (sabe-se lá onde vai estar escarranchado, verdade?).



Com um gemido, ele girou o rosto e tentou lhe apanhar um seio com os lábios. Conseguiu alcançá-la com os dentes e Sabine se assustou. O demônio podia mordê-la...

Em vez disso, Rydstrom beijou e lambeu seu seio, percorrendo-o com a língua até fazê-la suspirar de prazer. Como recompensa lhe passou a língua por um chifre. Seu impressionante corpo estremeceu, sacudindo as correntes.

Quando ele gemeu contra seu seio, Sabine teve que fechar os olhos. Miragens de chamas e fogo começaram a aparecer no perímetro da cela, e foram a mais com cada uma das carícias da boca dele em seu mamilo.

Sorriu, e deixou que o fogo ardesse.

Sabine se afastou e depositou um delicado beijo em uma orelha do demônio.

— Seria uma boa amante. — Com uma mão lhe acariciava o torso nu. — Daria isso tudo a você.

Naquele instante, Rydstrom não tinha nenhuma dúvida de que fosse verdade.

— Não a entendo. A última vez que estive aqui estava distante, decidida, como se tivesse que ir à guerra. E agora isto...

Ela já não o tocava como se fosse um desconhecido. Pelo contrário, suas carícias eram carinhosas, ternas... Como ele sempre tinha imaginado que seriam as de sua companheira.

— Segue negando que sou eu? — Havia um pouco de insegurança em sua voz.

— Não, já não o nego. — Rydstrom piscou para clarear a visão. — Sabine, há fogo em...

— É só uma miragem. — Sussurrou-lhe ao ouvido. — É algo inconsciente. Quando estou muito excitada, aparecem chamas.

Muito excitada? O fogo ia se avivando. Ao compreender que Sabine o necessitava com tanto desespero como ele a ela, o instinto de satisfazê-la se revelou em seu interior.

Aquela sedução era muito poderosa, como se ela tivesse recorrido à magia. O fogo, o fato de que estivesse tão úmida ao tocá-la...

— Enfeitiçou-me.

— Não, não o enfeiticei. Quão único acontece é que o desejo.

Embora com essas palavras tentasse tranquilizá-lo, Rydstrom se inquietou ainda mais e começou a transformar-se.

— Aceite-me como sua. Faça amor comigo. — Agarrou-lhe o rosto entre as mãos e lhe deu um beijo igualmente terno e sensual que o da última vez que o viu. Quando o beijava assim, a resistência dele se desvanecia.

Passados uns minutos, interrompeu o beijo e se inclinou para frente para percorrer seu corpo com a boca, e sua resplandecente juba lhe acariciou a pele. Tremaram-lhe os seios, seus mamilos roçaram o torso dele. Tinha-o levado ao limite com suas carícias, e agora estava se deslizando para baixo com um propósito inconfundível.

Quando Sabine roçou seu membro com a bochecha, Rydstrom jogou a cabeça para trás, para levantá-la segundos depois.

— Tipicamente masculino. — Sussurrou ela. — Vocês gostam de olhar. De acordo, olhe... — Percorreu-lhe a ponta com a língua até fazê-lo gritar. — Demônio, eu adoro seu sabor...

Ele a olhou incrédulo.

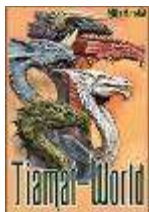
— *Tassia*, me rodeie com seus lábios.

Ela tomou a base de seu pênis com os dedos e apanhou a ponta com a boca.

— Hummm. — Gemeu ela, e a vibração percorreu todo o membro de Rydstrom.

— Todo!

Ela fez. Enquanto seguia acariciando-o com os dedos o excitava, com a boca sem piedade,



com o único objetivo de lhe dar prazer.

Quando ele a viu deslizar a mão que tinha livre para seu próprio sexo, não pôde evitar gemer do mais profundo de seu ser. A feiticeira não era nenhuma mártir, esperava receber tanto prazer como o que estava dando. *Perfeita.*

— Você... Gosta? — Perguntou-lhe Rydstrom com a voz entrecortada. — Está excitada?

Como resposta, Sabine levantou a mão com a que se acariciou e a aproximou dos lábios dele. Ao dar-se conta de que queria que o comprovasse por si mesmo, excitou-se ainda mais e se equilibrou em busca de seus dedos. Apanhou-os entre os lábios e os saboreou, percorreu-os com a língua uma e outra vez, e sentiu que estava a ponto de estalar pela primeira vez.

A noite começou a esfumar-se. Nunca tinha estado tão ao limite de transformar-se totalmente em demônio estando com uma fêmea. A necessidade de fazer amor com ela o consumia por dentro.

Soltou os dedos dela ao arquear as costas. *Estou tão perto...*

Sabine lhe cravou as unhas no torso, marcando seu corpo com total abandono, fazendo-o enlouquecer.

— Tenho... Tenho que fazer amor com você! — Gemeu Rydstrom, sacudindo as algemas que imobilizavam seus braços e movendo os quadris para afundar-se mais nos lábios dela.

Sabine se deteve e se afastou.

— Não! — Gritou ele.

Ela manteve seu olhar azul metálico, resplandecente no meio de sua maquiagem, fixo no dele e apertou a ereção, ainda úmida de seus lábios, entre seus dedos.

— Preste-me juramento, demônio. — Disse-lhe com a respiração entrecortada. — Farei que perca os sentidos de tanto prazer que te darei.

A dor era insuportável...

— Rydstrom, desejo-o. Ocorreu a você pensar que possivelmente também o necessite?

Necessita-me?

— Sabine... — Interrompeu-se ao ouvir uns gritos procedem da torre principal. — O que foi isso?

— Nada, não foi nada... — Alguém esmurrou a porta da cela.

— Não faça conta, demônio. — Insistiu ela. — O que ia dizer-me?

— Abie! — Gritou uma voz de mulher por fora. — Rápido!

Sabine suspirou frustrada e apoiou a testa na ereção de Rydstrom, apertando-a contra o estômago do demônio.

— Termina! — Gemeu ele. — Necessito que chegue até o final!

Ela se levantou um pouco e se deitou completamente em cima dele. Ambos tentaram recuperar o fôlego; Sabine não podia deixar de tremer, e o demônio se estremeceu dos pés à cabeça.

Mas inclusive no meio daquela agonia, Rydstrom se deu conta de quão bem encaixavam, do muito que gostava de tê-la ali.

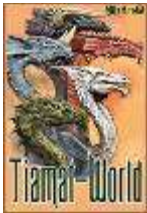
É minha. Precisava abraçá-la; tão forte que não pudesse escapar.

— Deixe-me entrar! — Gritou a mulher de fora. — Não penso ir daqui até falar com você.

Sabine suspirou e lhe deu um beijo no peito.

— Tem um coração tão forte... — Murmurou impressionada, e ao levantar a cabeça o olhou nos olhos. — Pergunto-me se poderia pulsar pelos dois.

— Se acreditasse que ia tê-la sempre assim comigo, não duvidaria em entregá-lo. — Sussurrou ele emocionado.



Ela ficou boquiaberta. Ouviu-se outro grito procedente do castelo

— Abie! Se não sair agora mesmo abrirei um portal e aparecerei no meio da cela!

Sabine afastou o olhar e, quando voltou a olhá-lo, Rydstrom viu em seus olhos algo que não tinha visto antes. Durante um segundo, a feiticeira pareceu... Assustada. A miragem das chamas se desvaneceu imediatamente.

Ele era perfeitamente consciente de quão perigosos eram os seres que habitavam aquele lugar. O medo que sentiu pela feiticeira conseguiu apagar a luxúria que ainda sentia. *Minha mulher*. Seu instinto lhe dizia que tinha que protegê-la, embora, de todas aquelas criaturas, ela era uma das piores... E Rydstrom faria bem em recordá-lo.

Ao longo de toda sua vida de demônio, seu instinto jamais tinha entrado em contradição com sua mente; em troca, agora estava dividido por dentro, e essa dicotomia¹⁰ começava a cobrá-lo.

— Está em perigo?

— O que faria se te dissesse que sim? — Sabine lhe sorriu, mas o sorriso não se refletiu em seus olhos. — Manteria-me a salvo?

— Sim. — Respondeu ele sem duvidar. — Solte-me, Sabine, e a protegerei com minha vida.

— Por quê? Porque sou sua mulher?

— Porque nasci para protegê-la.

— Tenho que ir.

— Então, me beije. — Disse. As palavras escaparam de seus lábios antes que pudesse evitá-lo.

Agarrou-lhe o rosto com suas delicadas mãos e se inclinou para frente e o beijou... De outro modo. Rydstrom entreabriu os olhos e viu que Sabine mantinha os seus fechados com força, e que tinha as sobrancelhas juntas. Como se estivesse desesperada para perder-se dentro daquele beijo.

Ele não demorou para fazê-lo, e voltou a fechar as pálpebras. Perdeu-se nos lábios da feiticeira, que pareciam incapazes de deixar de tremer, no maravilhoso que era saber que sua mulher o necessitava.

CAPÍTULO QUATORZE

— Estava a ponto de me prestar juramento, Lanthe! — De tanto que a tinha afetado estar com o Rydstrom, Sabine mal tinha acertado vestir-se. — Assim que seja melhor para você que isto seja pior que a chegada do Apocalipse...

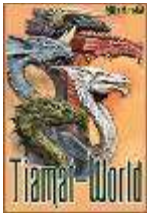
— Pois é quase isso. Digamos que estão nos atacando.

— Em sentido figurado ou literal?

— Ainda nada no momento. — Respondeu Lanthe. — Mas pode ser que já tenham começado, com o tempo que demorei ao descer até as masmorras. Seja como for, Omort mandou chamá-la; suponho que não quer que ele venha em pessoa para buscá-la.

Sabine se voltou para uma de seus inferi.

¹⁰ Nota: Divisão em duas partes; classificação que se baseia na divisão e subdivisão sucessiva em dois; fase em que a Lua apresenta metade do seu disco. Bem e mal. Claro e escuro. Sim e não. Coisas nesse estilo.



— Você, venha aqui. — Tinha prometido ao demônio que poderia mover-se livremente pela cela e poderia vestir-se. E se sentia suficientemente culpada para lhe permitir que vestisse umas calças e pudesse caminhar tranquilo um momento.

Quando a faxineira foi fazer o que lhe tinham ordenado, ambas as irmãs se apressaram para a corte.

— Seus olhos ainda brilham, Abie. Possivelmente queira camuflar isso antes de ver Omort.

Sabine colocou uma miragem sobre sua face.

— Esteve... Bem com o Rydstrom. Não esperava isso.

Um amante demônio com os olhos como a noite, que me olhe como se não existisse ninguém mais no mundo.

— Não estará se apaixonando por ele?

— Acredita que haveria algum casal mais destinado ao fracasso que nós dois? É ridículo inclusive pensá-lo. — *Com sua voz rouca... E o sabor de sua suave pele.* — É que é muito... Muito bom.

— Acredito que isso a intriga. — Disse Lanthe. — É tão forte como você, e não pode derrotá-lo.

— Podemos falar disso mais tarde? Possivelmente depois de que me conte o que está acontecendo aqui?

— As patrulhas do Pravus estão voltando com informe de revoltas cada vez maiores, tanto em número de participantes como em intensidade. Alguns dos demônios da Ira chegaram inclusive a atacar às patrulhas.

— Nunca haviam feito isso.

— Sabem que temos cativo a seu rei. E evidentemente sabem que Cadeon empreendeu a busca pela espada. Tal como disse, isto só é o princípio.

— Vai piorar?

— Pois claro que sim! Também ouvi que Omort enviou a quatro demônios de fogo para procurar não só a uma adivinha, mas também a mais poderosa que existe atualmente.

— Nix. — Disse Sabine.

Comentava-se que a conhecida Valquíria, a oráculo chamada Nix, a Que Tudo sabe ou Nix, a Espantosa, tinha mais de três mil anos e estava completamente louca.

Mas suas profecias, quando se dignava a fazê-las, eram sempre acertadas.

— Mas aparentemente ela está esquivando os demônios de fogo. — Acrescentou Lanthe. — Oh! Quase o esquecia: ouvimos que os vampiros estão concentrando-se no bosque ao redor castelo, para tomar Tornin.

— Os de Lothaire? — Por esse motivo tinha observado tão bem a todos, porque planejava alguma traição?

— Não acreditam que sejam os seus. A tabuleta de seu pacto segue intacta.

Quando chegaram às grandes portas duplas da corte, um grupo passou junto às irmãs, rindo baixinho, em direção ao interior.

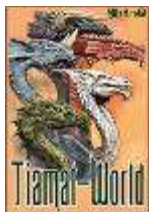
— Que demônios está acontecendo?

— Sabem que não foi capaz de seduzir o demônio.

Quase morreu de vergonha.

— O pacto... — Todo mundo tinha ante os olhos a prova que confirmava que seguia sendo virgem.

Todo mundo devia estar esperando que a tabuleta se rompesse. Os feiticeiros com os que tinha tido algum tipo de relação sexual, os que nunca puderam convencê-la de que renunciasse a



sua virgindade, estariam desfrutando ao ver que tampouco tinha podido dar sua virtude àquele por quem a tinha estado conservando todo esse tempo.

— Fazem-se apostas. — Murmurou Lanthe.

— Apostas? E como vão?

— Não queira sabê-lo. Mas se pudesse me assegurar o resultado, ganharíamos uma fortuna.

Todo mundo no castelo sabia que estava falhando em seus propósitos. E estava a ponto de entrar na corte, uma desumana selva de punhaladas pelas costas e traições. Não só seu ego sairia prejudicado, em caso de que não conseguisse o tão prezado poder que ansiava o Pravus: sua vida correria perigo.

Sabine ouviu mais risadas. Hettiah e seu grupo de estúpidas amigas feiticeiras passaram a seu lado entrando na sala do trono. Seus olhares zombadores serviram a Sabine como aviso daquilo ao que teria que enfrentar.

Cara de perdedora, vida de perdedora. Essa era ela. Mas não tinha sobrevivido a tudo o que lhe tinha acontecido para morrer agora que estava a ponto de conseguir algo importante.

— Vou ter que brigar aí dentro se me desafiarem.

Apesar de que nem ela nem Lanthe tinham feitiços de batalha, ambas se converteram em boas lutadoras. No campo de batalha, Sabine utilizava suas miragens para fazer-se invisível podendo assim colocar-se detrás de seus inimigos e decapitá-los tranquilamente.

Não era uma maneira de combater muito valente, mas só os estúpidos apreciavam mais a valentia que a vida.

— Já sei que terá que fazê-lo. — Disse Lanthe com tranquilidade. — E eu não poderei estar com você.

— Certo, não se preocupe! — Sabine levantou as mãos enluvadas. — Acabo de afiar minhas garras. — Esfregou as luvas uma contra a outra; o suave tinido era agradável a seus dois...

Sem aviso prévio, Lothaire apareceu diante delas e as examinou, baixando o olhar desde sua grande altura.

Sabine levantou as mãos para ele, disposta a converter em realidade os pesadelos do vampiro.

— Ouvi que seus amigos têm previsto nos fazer uma visita. — Disse.

— Vou antes que me deixe louco, feiticeira. — Respondeu ele com um acento muito marcado. Alguns diziam que era da Dácia¹¹ e que tinha sido um autêntico transilvano.

Sabine apertou os lábios, mas baixou as mãos. Ele não a tinha ameaçado, assim se supunha que não devia atacá-lo. Tecnicamente, o vampiro formava parte do novo Pravus. Um dos círculos de confiança de Omort. Seu sangue estava em uma de tabuletas que penduravam desta parede.

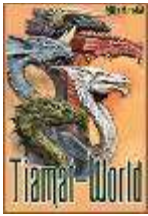
— E para que fique claro, — Acrescentou Lothaire. — eu não tenho amigo. E meus soldados estão abaixo, no pátio.

— Então, quem ronda por nosso bosque? — Perguntou Sabine.

— Uma das facções que se segregaram da Horda quando o velho rei vampiro morreu. Meus espiões me disseram que têm previsto atacar amanhã de noite.

Tornin estava protegido por um fosso místico, assim que os vampiros não poderiam chegar dentro do castelo. Ou, como mínimo, demorariam um tempo em poder fazê-lo.

¹¹ Nota: (em latim Dacia), na geografia da Antiguidade, era a terra dos dácios (daci ou getae), grande região da Europa Central limitada ao norte pelos Cárpatos, ao sul pelo Danúbio, ao oeste pelo Tisa (rio Tisza, na Hungria), e a leste pelo Tyras (rio Dniester ou Nistru, na atual Moldávia oriental). A Dácia corresponde assim à Romênia e à Moldávia atuais.



— E o que querem?

— O Poço.

O Poço das Almas. Todos os exércitos da Tradição tinham tentado apoderar-se dele em alguma ocasião, porque todas e cada uma das espécies tinham várias lendas sobre o poder que possuía.

Os licantropos acreditavam que lhes curaria a loucura que acompanhava o processo de transformação em homens lobo. Os vampiros, que lhes permitiria caminhar à luz do sol e que poderiam transformar as mulheres humanas em vampiros as convertendo assim em potenciais noivas. A Casa das Bruxas acreditava que lhes daria as habilidades das cinco castas juntas.

A verdade era que Sabine não tinha nem ideia para que demônios servia o Poço. Inclusive Omort jurava não sabê-lo. Quão único tinham claro era que seu poder seria inimaginável e que só o filho de Sabine poderia descobri-lo.

— E quem dirige os vampiros? — Perguntou Lanthe.

— Não têm nenhum líder, porque nunca aceitariam a um plebeu como eu. — Respondeu Lothaire.

De todos era sabido que os vampiros só seguiam aos desates diretos da realeza.

— Mas mesmo assim, dirige aos que se uniram ao Pravus.

— Possivelmente lhes disseram que o Poço ressuscitará o velho rei da Horda assim que o Pravus ganhar.

Vampiro matreiro. Um motivo mais para que Sabine mantivesse a má opinião que tinha dele.

— E quanto a Kristoff? — Perguntou-lhe então.

Kristoff era o sobrinho do velho rei e, posto que fosse de linhagem real, corresponderia-lhe ser o líder, não um bebedor de sangue vivo.

Lothaire negou com a cabeça.

— Sabem que os faria acatar suas normas, e eles faz tempo que não se regem por normas, e agora não lhes seria fácil fazê-lo. Além disso, gostam do sabor da carne humana. — Acabava de passar a língua por uma presa em busca de sangue? — Os que se juntaram é uma mera fração do exército. Nas próximas duas noites chegarão mais. Muitos deles conhecem bem estas terras, de quando lutaram com o poderoso rei demônio, muito tempo atrás.

Todo mundo conhecia as histórias de Rydstrom, que, cavalgando com seu terrível capacete negro, expulsou a Horda de Tornin. Suas batalhas eram lendárias.

— Talvez pudesse persuadi-los para que se fossem.

— Sério?

— Sabine! — Gritou Omort de dentro. Tinha os olhos frágeis e, quando a viu na porta, ficou em pé. Então viu sua irmã detrás dela. — Melanthe, vá! — Ordenou. — Volte para sua torre.

— *Algum dia...* — Disse esta telepaticamente. — *Boa sorte.*

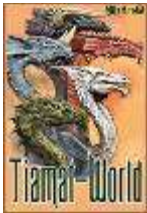
Quando Sabine entrou e se dirigiu ao trono, todos os olhos se pousaram nela. Ao havê-la visto falando com Lothaire, alguns suspeitaram que ambos tinham uma aliança secreta.

— Tomo nota, feiticeira. — Murmurou o vampiro.

Quando chegou ao estrado, seu irmão estava brincando com o anel que continha o veneno. Sabine daria qualquer coisa para ter o antídoto de seu morsus. Cada veneno era especial e, como Omort tinha sido treinado pela Bruxa do Submundo, só ela podia encontrar uma cura para Sabine.

Mas a Bruxa havia feito um pacto e jurado que nunca entregaria o antídoto...

— Cadeon, o Fazedor de Reis, continua procurando a espada. — Disse Omort.



— Sim, irmão, — Assentiu Sabine em tom tão tranquilizador como pôde. — mas pode demorar anos em encontrar a Vestal.

— Cadeon já a tem!

Sabine abriu a boca, surpreendida.

— Está me dizendo que a Vestal está a caminho para Groot? — Com um homem como esse, qualquer fêmea daria a luz ao pior dos seres. O mundo não poderia suportar outro Omort. — Envie a demônios de fogo para que a assassinem. — Acrescentou friamente.

— Não acredita que já fiz isso? — Gritou seu irmão, salpicando saliva.

Sabine não gostava de Omort. Antes, quando Rydstrom tinha visto que ela ia deixá-lo pela metade, tinha inspirado fundo e se tranquilizou. Quem era mais poderoso: o tranquilo rei demônio ao que mantinha acorrentado, ou o louco feiticeiro que podia destroçar o mundo, mas era incapaz de manter a ordem em um castelo?

Omort agarrou uma taça e a jogou contra a parede, fazendo-a pedacinhos.

— Esses demônios continuam nos chateando.

— Teremos que pensar em outra alternativa. — Disse Sabine. — Eu mesma se for necessário. E nunca falhei com você.

— Está me falhando agora! Foi uma e outra vez à cela do demônio! — Cravou o punho no encosto do tronco. — Passamos dias esperando algum tipo de progresso; por que não pode persuadi-lo para que o faça?

— Acaso tenho um limite de tempo para minha tarefa?

— Ouvimos que quando vai ali não faz nada mais que falar com ele. — Interveio Hettiah.

— Seu mascote está choramingando outra vez, Omort. Faça-a calar!

— Acredito que não está comprometida com esta causa! — Disse seu irmão bruscamente.

— Possivelmente tenha que deixar de te dar morsus para que tenha uma motivação.

Sabine entreceitou os olhos. Ouviu-se um murmúrio na sala.

— Segue me ameaçando assim e você não gostará do que conseguirá.

— Atreve-se..?

Quatro demônios de fogo apareceram de repente frente ao estrado, junto a ela. Todos ficaram surpreendidos e em silêncio.

Os quatro demônios tinham sido golpeados, estavam ensanguentados e não tinham mãos. Cravada no pescoço de um deles havia uma nota dobrada com um N estampado em um selo de cera negro.

Nix. A Valquíria os tinha enviado de volta com as mãos cortadas, lhes tirando com isso todo seu poder.

Irado, Omort desceu os degraus, arrancou a nota e rompeu o selo. Enquanto lia, uma veia ia inchando na testa.

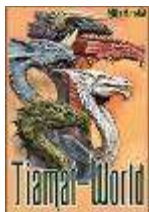
— Maldita puta! Conhecerá minha cólera e aprenderá a temê-la! — Gritou, espremendo a nota e lançando-a ao chão. — Irei até ela eu mesmo! — Imediatamente, levantou as mãos e converteu aos quatro demônios em cinzas.

Rodeando os restos carbonizados, Sabine recolheu a nota, e esticou o papel para ler:

Querida gatinha:

Isto é tudo o que sabe fazer? Por que não te põe suas calças de garota mais velha e vem pessoalmente atrás de mim? A não ser que tema que Nixanator chute seu traseiro.

Por certo, capturou a um de nossos líderes mais respeitados. O queremos de volta. Sobretudo agora que sabemos que Sabine não é capaz de dobrá-lo.



Escrito por

Nix, a Que Tudo sabe, Adivinha Sem Par, General do Novo Exército de Verta.

Sabine soltou um assobio, surpreendida. A Valquíria estava totalmente louca.

Então franziu o cenho. “Não é capaz de dobrá-lo?” Outra vez, é que havia um limite de tempo? Estava zombando dela

E o que era esse Exército de Verta? Tinha ouvido rumores de que Nix estava juntando diferentes facções: os licântropos, os Abstêmios, os nobres duendes, a Casa das Bruxas, uma mistura de demonarquias, e muito mais. Teriam se aliado todos?

Possivelmente estava utilizando aquela carta para conduzir Omort a uma armadilha. Sabine sabia que o outro bando tinha prisões místicas, ilhas inteiras das quais não se podia escapar. Poderiam capturar ao Que não Morre?

Sabine ficou olhando fixamente a carta; sua cabeça ia a mil por hora.

— Tragam-me o demônio da Ira! — Ordenou Omort. — Enviarei os braços de Rydstrom de volta à Valquíria.

— Não! — gritou Sabine, sobressaltada. Omort o esquartejaria. Rydstrom regeneraria os membros, mas a dor seria.... — Não vai...

Um golpe virou seu rosto e a fez sangrar pela boca, manchando o mármore.

Hettiah a tinha atacado? Aquela fúria fria a tinha golpeado. Então notou a bília, a náusea, que só podia associar-se com violência. *Autopreservação. Sobrevivência.*

Um véu vermelho cobriu sua visão; Sabine seguia sangrando quando as amigas de Hettiah a rodearam.

CAPÍTULO QUINZE

Rydstrom estava furioso consigo mesmo. Sabine tinha rodeado seu membro com os lábios e ele tinha estado a ponto de renegar tudo. Sim, era o melhor que lhe haviam feito jamais, mas mesmo assim.

Negou com a cabeça. Não era só o que lhe tinha feito, mas sim como. A feiticeira tinha convertido em realidade todos seus sonhos. E quando ateou fogo na cela, e o deixou ver a intensidade de seus sentimentos...

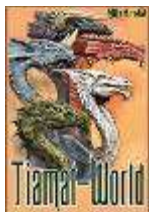
Que tipo de indivíduo não se sentiria tentado a fazer o que fosse para estar com ela?

Tinha estado tão perto... Rydstrom tinha estado a ponto de sucumbir. Se se rendesse, corria o risco de deixá-la grávida, e logo, o que aconteceria se não pudesse escapar antes que ela o matasse?

Seu filho cresceria com Sabine e Omort, e o utilizariam como uma peça mais de seu macabro jogo. Nenhum deles saberia como cuidar de um bebê demônio, claro que isso tampouco lhes importaria muito. Rydstrom jamais poderia permitir que seu filho passasse por aquele inferno.

Sabine queria que lhe prestasse juramento, mas ele não pensava fazê-lo.

Para que um rei demônio da Ira pudesse casar-se, tinha que prestar juramento e dizer as seguintes palavras: “Reclamo a honra de protegê-la e de tê-la a meu lado. É minha, minha para acariciar, minha para cuidar, minha para amar. Governará junto a mim e juntos criaremos nossa



dinastia. Aceite meu juramento, e assim se fará, agora e para toda a eternidade.”

Se a fêmea em questão o aceitava, então estavam casados para sempre. Mas Rydstrom não podia entregar sua vida a ninguém sob coação. Faria-o quando estivesse preparado.

E quando ela o merecesse.

Ouviu umas pegadas e soube que não eram as de Sabine. Os escravos já tinham estado ali, tinham-no solto e lhe tinham dado a roupa...

Um grupo de cinco vampiros se materializou no meio da cela. Um era Lothaire, o Inimigo do Antigo. Era um general da Horda, mas Rydstrom jamais enfrentou a suas tropas.

— O que quer? — Perguntou o demônio.

Atacaram-no como se fossem um único soldado. Não importava quanto resistisse, Rydstrom não podia contê-los só com seus chifres e suas presas, e não pôde evitar que voltassem a lhe algemar os pulsos e os tornozelos.

Então, os vampiros o teletransportaram com eles à corte de Tornin e o que viu ali o fez sentir arcadas.

O Poço, o poder mais puro do universo, estava cheio de pedaços de corpos rasgados. Os seres mais malvados da Tradição estavam reunidos a seu redor, dúzias de raças diferentes: os neoptera, insetos alados com certo aspecto humano, os alquimistas, homens eternamente velhos, com desalinhadas barbas de cor verde, os cerunnos, serpentes com cabeças de carneiro...

Em meu lar.

Omort estava sentado em um trono de ouro, com cara de sentir-se muito satisfeito de si mesmo. Quando Rydstrom se equilibrou para frente lhe mostrando as presas, os vampiros o retiveram. *Não posso me soltar...*

— Bem-vindo a minha corte, demônio. O poderoso Rydstrom não parece tão poderoso agora.

— Lute comigo, fodido covarde!

Omort se dirigiu para ele, mas de repente se deteve e concentrou sua atenção no centro da estadia, como se não tivesse podido evitar voltar a cabeça nessa direção.

Rydstrom ficou sem fôlego. Sabine! Estava rodeada por várias mulheres e lhe sangrava o lábio. Todos os instintos protetores do demônio saíram à luz.

Tentou soltar-se dos vampiros com todas suas forças, até que Lothaire lhe deu um murro em um rim.

— Tranquilo, demônio. — Murmurou com acento.

— Hettiah apagará todas as miragens de Sabine. — Disse um dos comparsas do vampiro. — Aposto vinte soberanos.

— É um idiota, mas é seu dinheiro. — Suspirou Lothaire. — Sabine a amassará. Essa garota tem tanta ira que queima como o querosene.

Na verdade, os olhos da feiticeira pareciam jogar faíscas.

— O que significa tudo isto? — Exigiu saber Rydstrom.

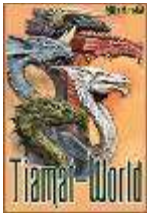
— É só uma briga de garotas. Hettiah, a que se parece um pouco com Sabine, e suas amigas, tentam matar a sua mulher. Tomaram o fato que tenha fracassado com você como um sinal de debilidade. — Em voz baixa, Lothaire acrescentou: — Está matando-a, demônio.

— Solte-me e deixa que vá defendê-la!

— Continue olhando.

Eram muitas. A feiticeira não poderia tirar de cima dela às doze. Alguém tentou apunhalá-la pelas costas.

— Sabine!



Ela se agachou à velocidade do raio e desembainhou sua adaga para cortar os pés de sua atacante. Quando a outra teve caído ao chão, Sabine lhe tirou a faca, levantou uma bota e lhe deu um chute na cara e a deixou inconsciente com um golpe de salto.

Em seguida se deu meia volta e, antes que pudesse ocultá-lo, Rydstrom viu que a surpreendia vê-lo ali. Seus olhares se encontraram. Os olhos de Sabine lhe mandaram uma silenciosa advertência: não devia fazer nada para ajudá-la.

Nesse instante, a feiticeira fez desaparecer seu corpo e o transformou em centenas de morcegos. Hettiah levantou as mãos para tentar eliminar a miragem, mas já era tarde. Quando Sabine voltou a ser visível, tinha as garras enredadas na juba da jovem.

Segurando-a com uma mão, jogou a outra atrás, fechou o punho enluvado e lhe quebrou o nariz. O osso rangeu e o sangue começou a brotar entre os gritos de Hettiah.

Sabine continuou segurando-a, dobrando-se para esquivar os punhos de sua meio irmã. Então levantou a palma da outra mão frente ao resto das oponentes, igual havia feito com Rydstrom para ler sua mente.

As outras gritaram assustadas e começaram a coçar os olhos. Estaria-lhes mostrando seus piores pesadelos?

Enquanto isso, Sabine deu meia volta e deu um chute em Hettiah na mandíbula. O corpo desta saltou pelos ares, e enredado entre os dedos da feiticeira ficou uma mecha de cabelo. Lançou-o sobre o corpo inconsciente de Hettiah e logo voltou a fazer-se invisível.

As poucas competidoras que ainda seguiam em pé tentaram vê-la sem conseguir. De repente, a uma lhe rasgou o pescoço. Outra recebeu uma punhalada na cabeça e caiu de joelhos antes de desabar-se.

Quando todas estiveram mortas, Sabine se deixou ver. Rydstrom ficou olhando-a atônito, igual ao resto da corte, exceto Lothaire, que estava ocupado recolhendo seus lucros.

Sabine estava toda ela salpicada de sangue, tinha a respiração entrecortada e não parava de sorrir. Até que viu Omort, com aqueles olhos amarelados cheios de ira, dirigindo-se para Rydstrom.

O demônio gritou com todas suas forças e puxou os vampiros que o estavam segurando. O bruxo riu e, com um leve movimento de pulso, mandou-o contra a parede e o segurou pelo pescoço.

Lothaire e seus vampiros se transportaram fora dali sem alterar-se.

— Nix está tentando me capturar? — Perguntou Omort apertando o pescoço de Rydstrom. — Diga-me quais são os pontos fracos da adivinha!

Que diabos Nix haveria feito agora? Apertou os dentes ao sentir como se fraturavam alguns ossos de seu pescoço. Não podia defender-se.

— Responda-me, demônio!

A pressão se afrouxou um pouco.

— Brigue comigo! — A pressão voltou a aumentar. Nublou-lhe a visão e começou a ver pontos negros.

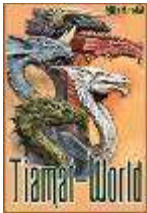
— O que está fazendo? — Gritou Sabine abrindo caminho entre a multidão.

Parecia uma fúria em pleno acesso de ira, com o rosto e o cabelo cobertos de sangue. Os olhos brilhavam como metal azul. Rydstrom a olhou.

Tenho que me manter vivo... Seguir com vida.

— Estou interrogando a meu prisioneiro. — Respondeu Omort de costas. — Antes de arrancar seus braços.

Apertou um pouco mais e rompeu a coluna vertebral do demônio.



Não sinto nada abaixo do pescoço. O bruxo tinha intenções de continuar apertando até lhe separar a cabeça do resto do corpo.

Assim é como vou morrer. Sentiu que a pele começava a rasgar-se e imagens de tempos passados passaram ante seus olhos. Não tinha esposa, nem filhos. Seu único legado era... Seu fracasso.

— Solte-o agora mesmo!

Omort olhou para Sabine. Depois de uns segundos, Rydstrom desabou no chão.

Estava paralisado, não podia mover-se. À medida que sua visão ia se clareando, deu-se conta de que o lugar parecia açoitado por um furacão. O cabelo de Sabine voava frenético ao redor de sua cabeça.

As criaturas que havia ali fugiram para ficarem protegidas.

— É *meu* prisioneiro, irmão. E está sob *minha* proteção. — Apesar de que era muito pequena comparada com Omort, olhou nos olhos deste sem nenhum temor. — Não quero que lhe faça mal.

O bruxo deu um par de passos para ela e a fascinação que sentia se fez evidente em seu rosto.

Omort a deseja? Como mulher?

— Venha daqui. — Ordenou-lhe Sabine, evitando olhar Rydstrom. E, por incrível que parecesse, o bruxo deu meia volta para ir.

Sempre se tinham ouvido rumores a respeito de que Omort queria a uma de suas irmãs de uma maneira nada fraternal. *Ela não. Não, por favor, que não seja ela.*

Mas não podia negar o manifesto desejo que o bruxo sentia por Sabine.

Enquanto tentava recuperar a respiração, Rydstrom riu com amargura: estava ficando louco. *É meu palácio, meu lar, minha mulher. Tudo está errado, tudo está transtornado.*

— Isso tem que doer. — Disse então com voz rouca. — Saber que um demônio possuirá algo seu... Saber que ela sempre me preferirá.

Sabine abriu os olhos como pratos. Omort deu meia volta. Com um movimento de pulso, golpeou Rydstrom no peito com uma força invisível e o rasgou de lado a lado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

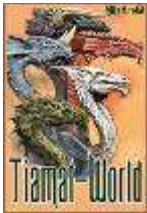
Rydstrom não tinha nem ideia de quanto tempo tinha passado inconsciente. Abriu os olhos um pouco. Estava na cama da cela?

Uma dor como nunca havia sentido o atravessou, mas só por cima do pescoço, por debaixo... Não podia sentir nada.

— Tragam a Bruxa. — Ordenou Sabine a alguém a quem ele não via. — Rápido!

Não sabia quanto tempo depois, uma anciã entrou na cela carregada com um montão de ataduras e um saco de cânhamo¹² cheio até as bordas. Sentou-se na cama, junto a ele, e tirou um unguento com um intenso aroma de ervas com o que cobriu as feridas de Rydstrom. Este não

¹² Nota: Cânhamo ou cânhamo industrial é o nome que recebem as variedades da planta *Cannabis* e o nome da fibra que se obtém destas, que tem, entre outros, usos têxteis. Além de roupas, é utilizado na fabricação de papel e como forragem animal.



notou nada.

Enquanto a mulher seguia trabalhando, ele manteve os olhos entrecerrados para que não se dessem conta de que despertou e ficou observando Sabine.

— Quanto demorará para começar a curar-se? — Perguntou esta.

— Dois dias. — Respondeu a anciã. — Até então, não poderá conseguir sua semente.

A Sabine seu temor não pareceu lhe surpreender.

Outra mulher entrou na cela.

— O castelo está totalmente revolucionado! Ouvi que gritou com Omort. — Tinha o cabelo negro e mordida as unhas como uma histérica. Parecia-se um pouco com Sabine. *Outra irmã?* — Maldita seja, Abie, o que quer, terminar como a última oráculo? — Desviou a vista para a cama. — Oh, seu demônio! Não me admira que ficasse feito uma fera.

— Nos dê uma cura, Bruxa. Sei que pode fazê-lo. — Suplicou então Sabine.

— Assinei meu pacto faz tempo. — A mulher começou a desfazer umas ataduras. — Se o romper, morrerei e lhe dariam outra mistura.

— O que tenho que fazer para que me dê isso? — Perguntou a feiticeira em voz baixa.

— Um dos que estabeleceram o pacto tem que libertar ao outro. Ou morrer.

— Tem que haver outro modo.

— Nem o sonhe. — Balbuciou a mulher. — Os sonhos pertencem ao inconsciente.

— Eu faço planos. E os planos pertencem à vigília.

Ambas ficaram olhando-se uma à outra. O que estava acontecendo ali? Rydstrom piscou e, durante um milésimo de segundo, a anciã enrugada teve o aspecto de uma jovem elfa de cabelo castanho. *Mas que diabos..?* Sabine não pareceu notar nada.

Um som afogado escapou da garganta de Rydstrom e pôs fim imediatamente à tensão. Sabine correu a seu lado.

— Não se olhe, demônio. — Ela, com sua fúria, tinha impedido que o matassem. No momento. Mas acaso não se dava conta de que Omort retornaria, de que iria de novo atrás dele e voltaria a atacá-lo como o covarde que era?

Sabine leu sua mente sem nenhuma dificuldade.

— O mantereí a salvo. Isto não voltará a acontecer. — Acariciou-lhe a testa com ternura, mas logo se deteve e afastou a mão de repente. Olhou a ambos os lados para assegurar-se de que ninguém a tivesse visto. — Durma, demônio.

Rydstrom não pôde manter os olhos abertos durante mais tempo.

Não minta para mim, — Pensou isso. — *não minta pa...*

— Não o farei. — Respondeu ela como se ele tivesse chegado a pronunciar essas palavras.

Me dê sua palavra!

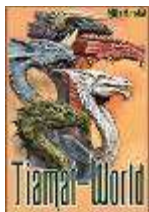
— Dou minha palavra. — Murmurou isso. — E agora durma, demônio. E sonhe. Sonhe com o que mais necessita nesta vida.

Rydstrom fechou os olhos. E sonhou.

Estava sentado em uma cadeira, junto ao fogo, olhando a sua mulher, que continuava adormecida na cama. As chamas iluminavam seu rosto enquanto sonhava placidamente. Seu amado filho dormia em um berço no mesmo quarto.

Fora, estava se formando uma tormenta, o vento demarcava o castelo; dentro, eles estavam a salvo. Rydstrom cuidava deles, protegia-os. Nunca nada o havia feito sentir tão bem.

Seu filho devia ter fome, assim Rydstrom se aproximou do berço. Agarrou-o nos braços com



cuidado e o levou até onde estava sua mãe. Sabine, meio adormecida, segurou o bebê nos braços e murmurou o nome de Rydstrom.

Minha família...

Abriu os olhos de repente. *Isso é o que mais necessito. E ela é a chave para consegui-lo...*

De repente, a dor assaltou-o, sacudia-o a cada baforada de ar que tomava. *Volto a sentir a coluna vertebral.* Quanto tempo tinha estado inconsciente?

Naquele instante Sabine entrou na cela. Usava um espartilho de metal diferente ao da outra vez, e tinha pintado os olhos de azul escuro. Quantos dias tinham transcorrido?

— Não posso ficar muito tempo, só vim ver como está meu colossalmente estúpido demônio.

Rydstrom viu que voltava a ser a Sabine de sempre, a carinhosa e afetuosa tinha desaparecido.

— Quanto tempo estive inconsciente? — Perguntou, fazendo um esforço. Estava deitado na cama, com um único tornozelo algemado. Os braços foram deixados livres, embora não pudesse movê-los.

— Um dia. Seu corpo está sarando muito rápido. A espinha dorsal e o pescoço já se recuperaram, igual a seus destroçados pulmões, e já pode voltar a falar.

Ele desviou o olhar para a vendagem que lhe cobria o torso.

— As feridas da pele ainda não cicatrizaram. — Explicou ela. — Mas o farão logo. Teve sorte de não sair pior. Por que diabos teve que provocar Omort desse modo?

— Porque me senti bem ao fazê-lo... Passei muito tempo esperando.

— Se eu não tivesse estado ali, teria morrido.

O poder e a astúcia de Sabine eram indescritíveis. Era tão poderosa como Omort, inclusive mais, tendo em conta que o bruxo a desejava.

Mas ela sentia o mesmo por seu irmão? Deitaram-se? Coisas mais repugnantes tinham acontecido entre os membros desse clã. Talvez por isso Sabine se aliasse com Omort.

Ou possivelmente o havia feito porque não podia matá-lo? Se o bruxo não fosse o Que não Morre, ela poderia chegar a derrotá-lo? Isso era tal precisamente o que estava tramando. E se Rydstrom conseguisse convencê-la de que a espada podia funcionar? Mostraria-lhe Sabine suas cartas?

É a rainha do xadrez, espera o momento oportuno para atacar.

Ele poderia ajudá-la. O que ia perder?

Sabine cruzou os braços por cima do espartilho de metal.

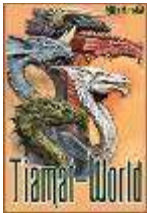
— Suponho que não tem intenção de me agradecer por ter salvado sua vida. É um ingrato, além de completo estúpido.

Rydstrom jamais tinha estado tão seguro de que ia morrer, o tinha salvado. Mas...

— Para começar... É culpa sua e de suas miragens que eu esteja aqui! — Uma pontada de dor o deixou sem fôlego.

— Foi por minha causa que Omort perdoou sua vida durante todos estes anos. Não te pareceu estranho que não voltasse a tentar matá-lo?

Sim, ele tinha perguntado muitas vezes, em especial depois de instalar-se em Nova Orleans e passar meses e meses no mesmo lugar. Gostava de viver ali. Ao menos até que pudesse recuperar seu reino. Até que pudesse recuperar Tornin e limpá-lo de todos aqueles parasitas. Ao recordar tudo o que tinha visto na noite anterior, fechou os olhos.



— Deita-se com o Omort?

— Não me deito com ele nem com ninguém. Supõe-se que tenho que dar a luz a um herdeiro, e não quero que ninguém questione sua paternidade.

Não tinha negado que se deitou alguma vez com o bruxo, mas Rydstrom estava convencido de que não o tinha feito. Ou talvez, simplesmente, negava-se a acreditar nisso... Porque isso a eliminaria de seu futuro para sempre.

— Por que lutou contra Hettiah? — Perguntou. Agora cada palavra lhe custava um pouco menos de pronunciar.

— Ela me atacou. Passa séculos tentando encontrar o modo de vingar-se de mim.

— Por quê?

— Certamente porque fiz um colar com seus intestinos e o mostrei a toda a corte. E porque lhe arranquei um par de órgãos em algumas ocasiões. E possivelmente porque os tenho metidos em jarras na mesinha de noite.

— Você..? Não é verdade. — *E o vampiro me disse que eu a estava matando?*

— Sim, sim é. Acredito que perdeu o apêndice e o baço. — Ficou de pé e se aproximou da mesa, em que havia disposto a comida. — E falando dessas coisas, não tem fome?

Ele olhou depreciativamente a bandeja, cheia de fruta e verdura, nem um pedaço de carne por nenhum lado.

— Olhe, feiticeira, se de verdade quiser que me cure... Por que só me dá ervas para comer?

Em toda a semana, não lhe tinham dado nem um pouco de carne nem bebida demoníaca, uma potente bebida fermentada. As feiticeiras bebiam vinhos asquerosamente doces e licores, e se atreviam a dizer que a bebida demoníaca era uma “mistura repugnante”. Rydstrom não podia suportar nem o aroma das açucaradas bebidas que elas gostavam.

— Sempre me esqueço de que meu demônio é carnívoro. — Deixou a bandeja de novo em cima da mesa. — Vejamos, ajudarei você a ficar confortável. — Sacudiu a mão e de repente a cela teve o mesmo aspecto que o quarto de Rydstrom quando este habitava no castelo.

Desta vez Sabine acrescentou uma tormenta marinha no exterior. *Como podia ter sabido..?*

— Leu minha a mente, não é assim?

— Sim. — Disse ela. O tom foi despreocupado, apesar de que seus olhos diziam justamente o contrário.

Rydstrom começava a suspeitar que a feiticeira utilizava miragens para ocultar suas verdadeiras expressões. No futuro, não olharia seu rosto, mas sim se concentraria nas mãos, como esticava os ombros.

— Pretende romper suas promessas frequentemente?

— Constantemente. — Respondeu Sabine. — Atreveria-me a dizer que quase sempre.

Que não tivesse cumprido sua palavra estava mau, mas que não parecesse se importar era muito pior.

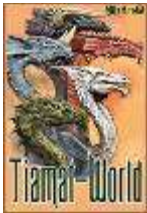
— Não se preocupa que todo mundo a considere uma mentirosa?

— Não é culpa minha que a verdade e eu não nos conheçamos. Nunca nos apresentaram como é devido.

— E o que descobriu quando esteve xeretando em minha cabeça?

Sabine parecia alerta, como se estivesse escutando algo proveniente do exterior. Não parecia estar nervosa, mas começou a caminhar de um lado ao outro da cela.

— Estava acostumado a adormecer escutando o som do mar e as tormentas, e senti muita falta do quarto que tinha na torre. Tem uma relação complicada com seu irmão, e isso te preocupa muitíssimo. Joga-lhe a culpa de ter perdido seu reino.



Todo mundo acreditava que Rydstrom culpava Cadeon pela perda do reino. E em parte era verdade... Supunha-se que tinha que lhe parecer bem o que seu irmão tinha feito? Cadeon era, além disso, um mentiroso, um trapaceiro, e fazia a guerra por dinheiro. Sua vida carecia de sentido.

E a sua não..?

— Tem duas irmãs. — Prosseguiu Sabine. — Mia e Zoë, com as quais mal se relaciona. Vivem sua própria vida, e frequentemente se pergunta se deveria se envolver mais em seu projeto. Envergonha-se de si mesmo por sentir inveja de um amigo seu que ao final encontrou a sua alma gêmea. Um licantropo. Acredito que seja Bowen MacRieve?

Rydstrom a olhou nos olhos, apesar de que o incomodava tudo o que ela tinha visto. Sim, tinha inveja de Bowen, e considerava esse sentimento uma mesquinha. Se fosse uma boa pessoa se alegraria de que seu amigo fosse feliz.

Mas Rydstrom era um dos mais velhos da Tradição, e ao longo de sua longuíssima vida tinha visto como um após o outro de seus amigos tinham ido encontrando a seus respectivos companheiros.

Todos e cada um deles tinham experimentado algo com o que ele só podia sonhar... Algo tão vital que todos tinham começado a sentir lástima por ele.

O demônio era realmente estoico, mas Sabine sabia que estava afetado por tudo o que ela tinha averiguado.

— Algo mais, feiticeira?

— Muitas coisas.

Rydstrom era um ser muito solitário. Tinha amigos, mas estava muito obcecado com sua missão para desfrutar deles. Não aprovava a conduta de seu irmão mais novo, nem o grupo de mercenários que trabalhavam para ele, assim só passava o tempo mínimo e necessário com Cadeon.

Sabine também sabia que não o tinha arrancado dos braços de alguma amante.

— Basicamente, — Disse, — vi que se sente... Sozinho.

E era essa solidão o que a atraía, o que a tinha intrigada e que se sentisse ainda mais frustrada. A noite anterior, só de imaginar a dor que Rydstrom sentiria se lhe arrancassem um braço, um sentimento desconhecido a consumiu com tanta força que nem sequer ouviu Hettiah aproximando-se com a espada.

Os sentimentos faziam que as pessoas cometessem tolices e as faziam vulneráveis.

E pior ainda, Sabine tinha sentido vergonha de que Rydstrom visse o castelo desse modo. Jamais poderia esquecer sua cara de asco ao ver como estava o que tinha sido seu lar. Por algum motivo não queria que pensasse que ela também vivia dessa maneira, que era como eles.

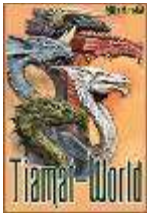
Que não faça nada não quer dizer que eu goste do que está acontecendo.

— Não tinha direito a se colocar em minha cabeça! — Deitou-se de lado sobre a cama e apertou os lábios para reprimir a dor. — E logo me fez sonhar...

— Que te fez sonhar, Rydstrom? — Isso não o tinha visto em sua mente. — Você disse que sonhou com o que mais necessitava. Referia-me a que sonhasse com que se curava. Acaso sua mente te mostrou outras coisas?

— Não é da sua conta. — Respondeu ele com rosto inescrutável.

Sabine deixou estar. No momento.



— Também vi que quer que eu passe para seu lado. Isso sim que seria toda uma proeza. Deixe que te diga uma coisa: é muito pouco provável que me una a você para enfrentar o bruxo mais poderoso que jamais existiu.

— Vi sua capacidade, Sabine. É mais poderosa que ele.

— Não anime minha já considerável vaidade, demônio. — Olhou as unhas. — Não te servirá de nada.

— Una-se a mim e busque asilo entre nós.

— Asilo? Onde? Em seu castelo? Oh, perdoe, tinha esquecido, você não tem castelo. Ao menos com Omort estou a salvo dos de seu clã.

— Forma parte de meu clã e ninguém voltará a machucá-la nunca mais.

Sabine se sentou nos pés da cama.

— Essa é a diferença entre você e eu. Eu nunca tentarei convertê-lo. Acredita que eu gosto que não saiba mentir e que aprecie coisas tão absurdas como o valor? É óbvio que não. Mas não tentarei convencê-lo de que deixe de ser assim. Por que as pessoas com chifres como você sempre querem fazer mudar às pessoas como eu? — Isso era o que mais odiava: não a ideia em si mesmo, mas sim se tentasse as impor a outros.

— Porque vivemos mais tranquilos e felizes. Sabemos o que é a lealdade, a fidelidade, a honra...

— Essas coisas estão supervalorizadas. Todos esses sentimentos consistem em negar-se algo, a si mesmo ou a outros.

— Seguindo esse raciocínio, como explica então sua lealdade para Omort? Já se sentiu tentada de se aliar com seus inimigos?

— Jamais. — Mentiu ela. Sentia-se constantemente tentada a traí-lo. E muito mais agora que seu irmão começava a desmoronar-se sob a pressão dos rebeldes, com os vampiros preparados para atacar o castelo ao anoitecer, e as ameaças daquela louca Valquíria.

E o fato de que Sabine pudesse deitar-se com o demônio...

Mas, para falar a verdade, ela poderia haver sido leal a Omort. Ainda recordava a primeira vez que o viu. Quando foi buscá-la parecia tão cavalheiresco... E as salvou, a ela e a Lanthe, do ataque de uns humanos ignorantes. As levou para viver naquela pensão, em que não havia nem humanos nem vrekners, e ambas as irmãs estiveram por fim a salvo, protegidas pelos muros de Tornin.

Até que, um dia, Omort lhe pôs uma mão na coxa.

Evidentemente, nem Lanthe nem ela acreditavam que fosse seu meio irmão só porque ele o havia dito. Mas as duas sabiam que sua mãe, Elisabet, tinha cometido um grave pecado, fazendo que sua nobre família de feiticeiros a repudiasse. Esse pecado a fez sentir tão indigna que, aparentemente, o pai de Lanthe e Sabine lhe pareceu naquele momento um bom partido.

Omort lhes contou que Elisabet tinha sido a Vestal de seu tempo e que tinha dado a luz ao pior dos seres: a ele.

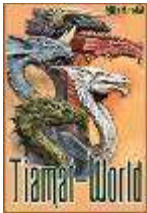
— O bruxo não poderá derrotar a aliança que Nix está formando. — Disse Rydstrom, interrompendo os pensamentos da feiticeira. — Ele sozinho não.

— Ah, sim, o Exército de Verta. Assim é como Nix o chamou.

— Falou com ela?

— Não, digamos que mantemos certa correspondência. E deixe-me te dizer que está como uma louca. A quem ocorre confiar um exército a uma lunática?

— Em sua loucura há certa lógica. — Se limitou a responder ele; mas a julgar pelo tom, diria-se que respeitava a Valquíria.



Por sorte, Sabine não queria ganhar seu respeito, assim não sentiu ciúmes de Nix. Se quisesse, Rydstrom a respeitaria, em qualquer momento... Se ela quisesse.

— Além disso, Omort não está sozinho, demônio. Já viu os membros de seu exército. — Gente que morreria se o bruxo não conseguisse recuperar logo o controle. — Esta Ascensão será das boas.

— E não se preocupa que quando chegar você e eu estejamos em lados opostos?

— Fala isso como se agora não o estivéssemos.

— Talvez, mas não o estaremos muito mais.

— Então deduzo que pensa se unir ao Pravus, porque certamente eu tenho previsto estar no lado dos ganhadores. — Mas apesar de suas palavras, pela primeira vez não estava tão segura. Omort estava demonstrando ser um completo inútil na hora de defendê-los das ameaças que os espreitavam. Sem ele à cabeça, os rumores e a instabilidade não demorariam para estender-se por todo o exército. Em algumas facções pequenas já tinham começado a romper vários pactos.

Essa noite, logo que se pusesse o sol, Sabine e Lanthe teriam que jogar a vida no campo de batalha só porque Omort não tinha sabido estar à altura.

— Demônio, tem que entender que Omort é impossível de matar. Não há modo de derrotá-lo.

— E se houvesse?

— Continue confiando na espada de Groot. — Olhou-o com indulgência. — É uma fábula, Rydstrom. Até no caso de que funcionasse e você estivesse livre, jamais poderia se aproximar o suficiente de Omort para utilizá-la.

— Funcionará. Nix me jurou que sim. E ela nunca se equivoca.

— Deve haver-se equivocado... — Sabine se interrompeu ao ouvir um grito procedente do exterior. Não demoraram para segui-lo os cascos de uns cavalos e o ressonar das botas dos soldados.

Pôs-se o sol. Os vampiros os estavam atacando.

— Tenho que ir. Não retornarei durante um tempo.

— Por quê? Aonde vai?

Tentar restaurar a pouca prudência que fica a meu irmão E se não tiver sorte...

— Ao campo de batalha.

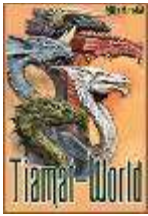
CAPÍTULO DEZESSETE

— *Omort continua catatônico?* — Perguntou-lhe Lanthe por telepatia enquanto esquivava a flecha extraviada de um centauro.

Sabine descarregou sua longa espada no pescoço de um vampiro por trás, lhe fazendo um corte limpo.

— *Não, catatônico não. Só cada vez mais louco.* — Com suas botas de ponteira metálica deu um chute para afastar a cabeça cortada do vampiro. — *Os olhos vidrados, suarento, Omort reclama sacrifícios.*

Fazia umas poucas horas, Sabine tinha ido de novo à torre de Omort, um lugar que odiava, para lhe implorar que dizimasse o exército que ia ataca-los. O encontrou sentado em sua cama, recebendo os mimos de Hettiah, que ainda estava se curando de suas feridas, e exigindo outro



sacrifício.

— Alguém jovem! — Gritou o bruxo.

— *Não podemos ganhar sem Omort.* — Disse Lanthe. — *Terminarão por nos encontrar. Só têm que seguir a esteira de corpos sem cabeça que vamos deixando para trás.*

O de ser invisível tinha suas vantagens.

— *Tem razão.*

Os zumbis eram lutadores bastante decentes, mas não pensavam. Em troca, os libitines que rondavam pelo céu noturno, e eram excelentes assassinos, brincavam com suas vítimas.

Os centauros usavam flechas envenenadas, mas estavam em desvantagem ante os vampiros, com sua capacidade de teletransportar-se, porque eram alvos e muito grandes; vários vampiros podiam lançar-se sobre as costas de um centauro, até atirá-lo ao chão sangrando-o desde o começo.

Uns poucos vampiros de Lothaire estavam cavando uma sarjeta. Sabine espiou a leste do campo de batalha, e viu como atacava a outros de sua espécie, esquartejando-os com um selvagem sorriso na cara; era a primeira vez que o via sorrir. Levava o cabelo trançado e parecia uma fera, com as tranças todas ensanguentadas.

Sabine inclinou a cabeça. Era tão alto como o demônio, mas não tão musculoso. *Por que estou pensando no demônio agora?*

Deu uma estocada para frente atravessando a um vampiro. Uma vez que se desfez dele, viu como Lanthe acabava com uma dessas sanguessugas, atravessando-a com a espada.

Normalmente, a jovem era uma pessoa pensativa e considerada, mas em combate era incansável. Mais de uma dúzia de vezes Sabine tinha querido gritar: “Essa é minha irmã!”.

— *Sabine!* — Gritou Lanthe de repente. — *Como é que os vampiros estão nos olhando?*

Olhou a seu redor. Eram... Visíveis? Moveu rapidamente a mão para conjurar outra ilusão, mas foi em vão.

Só havia uma pessoa que pudesse rebater seu poder dessa maneira.

— *Hettiah.* — Havia-as feito visíveis. — *Pode criar um portal?* — Perguntou Sabine a sua irmã enquanto ambas se colocavam costas contra costas, fazendo girar as espadas levantadas, em busca de uma saída.

— *Já tentei, mas não o consigo.* — Respondeu Lanthe.

Estavam rodeadas, e os vampiros estavam cada vez mais perto.

— *Parece-me que estamos acabadas.*

— *Parece-me que tem razão.*

Agora estavam ambas sem poderes, duas pequenas feiticeiras no meio da Horda. Sabine procurou Lothaire na distância, mas não o viu...

Um chupa sangue se lançou contra ela com as presas preparadas, lhe raspando a pele antes que o fizesse a armadura de Sabine. Esta se agachou e o tirou de cima com um murro. Mas havia mais que estavam avançando.

Centenas mais.

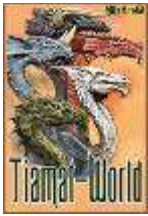
Inesperadamente, em uma situação como aquela, encontrou-se perguntando o que sentiria o demônio ao saber que tinha morrido. Guardaria luto por sua companheira?

Lanthe gritou:

— *Abie!*

Ela a ouviu apesar do clamor da batalha, do ruído dos cascos, dos assobios dos arcos e as cutiladas das espadas.

Mais perto... O que ela podia dizer a sua irmã? Como podia protegê-la?



O fim estava perto... Os vampiros se aproximavam... Quase as tinham... E de repente, os atacantes se converteram em... Cinza que se pulverizou por cima de suas botas.

Havia um poderoso poder no ar. Sabine se voltou instintivamente para o castelo. Omort estava de pé na muralha, com a boca aberta, olhos de louco e as palmas das mãos levantadas. Tinha liquidado a todos.

Até mesmo todos os guerreiros do Pravus que ainda seguiam em pé, ficou olhando o bruxo em estado de choque.

De repente, fez-se o silêncio no devastado e sangrento campo de batalha. O vento alvoroçava o cabelo de Sabine ao redor do rosto, e podia ouvir o sussurro da brisa nas árvores próximas. Os pássaros noturnos cantavam à distância.

As cinzas se espalharam...

Omort lançou um mortífero olhar a Hettiah e esta caiu de joelhos, chorando.

Lanthe se aproximou de sua irmã.

— E esse é o ser que quer que nos enfrentemos?

Sabine lhe havia dito que ia ao campo de batalha.

Rydstrom queria evitar que enfrentasse a quem queria matá-la e também queria evitar que a feiticeira liquidasse a sua própria gente. Tinha suposto que se inteiraram de que ele estava cativo e se rebelariam.

Está lá fora, desprotegida. Puxou forte as algemas, com frustração; os músculos de seu torso, que ainda estavam se recuperando, queixaram-se. Agora que podia levantar-se da cama, haviam tornado a lhe encadear as mãos à costas. Embora a pele do peito já tivesse se regenerado, como qualquer nova cicatriz continuava doendo cada vez que se levantava ou se movia de repente. Caminhou pela cela, desejando que Sabine voltasse.

Não posso fazê-la mudar. Não posso fazer que diferencie o bem do mau. Uma vez que tenha escapado...

Falava consigo mesmo de coisas impossíveis, porque queria a sua companheira de uma forma que ia além da razão. Recordou o sonho que tinha tido. A paz perfeita. Desejava Sabine mais que nunca. Queria estar com a Sabine da noite anterior, a que havia feito ferver seu sangue.

É minha. Para o bem ou para o mau, é minha companheira.

Não morra... Não o faça...

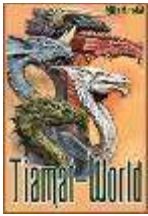
Quando percebeu seu aroma, fechou os olhos um instante. Uns segundos depois viu-a entrar na cela e plantar-se frente a ele. Estava sem fôlego, seu peito subia e descia. Tinha posto um capacete bicudo unido a um colar metálico, e umas luvas longas com umas garras metálicas tão afiadas como lâminas.

Tinha os olhos azuis e com as pupilas dilatadas, e sangrava por um canto dos lábios. Tinha ido direto a ele depois da batalha? Rydstrom entreceerrou os olhos. *Sabine estava tremendo.* Ele conhecia perfeitamente o olhar do soldado que esteve a ponto de morrer. *E veio direto a mim.*

Quando o sangue chegou ao queixo, Sabine o secou com o antebraço.

Tão preciosa. Tão letal. Minha. Em um abrir e fechar de olhos, teve uma ereção. *Não! Como vou desejá-la quando acaba de vir de uma batalha contra minha própria gente?*

Mas, de fato, se a feiticeira tinha ido correndo para vê-lo, tampouco passava nada porque Rydstrom tinha também ganas de estar com ela. Sabine lhe agarrou o rosto com as mãos e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo. Seus lábios eram suaves e tremiam sob os seus.



Estava tão desesperado para voltar a vê-la sã e salva que o demonstrou com um apaixonado beijo de alívio. A fez sua com sua língua, beijando-a de uma forma selvagem, até que lhe cravou as garras nos ombros. Com um gemido de dor, Rydstrom se afastou.

— O que aconteceu esta noite?

— Foi por um triz. — Respondeu Sabine ofegando. Tirou primeira uma luva e depois a outra, e as lançou ao chão.

— Tinha medo de que morresse.

Desabotoou a armadura pelo flanco.

— Houve um momento em que estava segura de que isso ia acontecer. — Disse, deixando cair à armadura.

Justo no momento em que Rydstrom notou seus mamilos duros esfregando-se contra ele, ela começou a baixar a mão pelo corpo.

— Me desacorrente, Sabine. — Estava desejando que tocasse seu membro.

— Não posso.

— Deixe-me protegê-la.

— Beije-me primeiro, já falaremos depois...

Estremeceu quando ela colocou a mão dentro de suas calças e roçou com os dedos a úmida cabeça. Rodeou sua ereção e com a ponta do polegar lhe acariciou a ponta, com uns excitantes movimentos circulares.

Já é suficiente. Inspirou gemendo contra seus lábios, e voltou a se concentrar no beijo. Ia possuí-la de uma forma ou outra.

Suas respirações se tornaram frenéticas. Rydstrom mal se deu conta das ilusões de fogo que se formavam na cela.

Com a mão que ficava livre, Sabine lhe desabotoou as calças e as empurrou para que caíssem até seus tornozelos.

Agarrou-o pelo pênis e o conduziu à cama.

Continuavam se beijando como se suas vidas dependessem disso enquanto se aproximavam do colchão. Com os pulsos algemados, Rydstrom não podia manter o equilíbrio, mas no último instante se moveu de tal forma que conseguiu evitar cair em cima dela.

Entre beijos, acomodaram-se até que Sabine ficou debaixo, estendida de costas na cama. Fazendo caso omisso da dor, ficou de joelhos. Uma vez mais se sentia frustrado. Não podia subir a saia, não podia rasgar suas calcinhas, não a podia acariciar.

— Tire sua saia.

Aturdida, ela desenredou a lateral da saia e deixou que esta caísse.

— Agora isso. — Assinalou com a cabeça a tanga negra.

Sabine a baixou até os tornozelos e logo, de um chute, a afastou ficando só com o capacete e o colar postos. Tinha as pálpebras fechadas e a sombra de olhos azul metálico que levava brilhava.

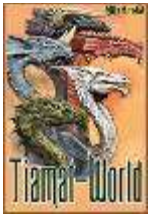
— Abre as pernas. — Sussurrou.

Enquanto ela o fazia, Rydstrom pareceu ouvi-la gemer, um som afogado surgiu da garganta do demônio ao ver seus cachos ruivos e a brilhante pele.

— Toque-se. Deixe-me vê-la enquanto...

Sabine obedeceu imediatamente e seus delicados dedos começaram a tocar seu sexo. Ele respirou fundo. *Faz isso com destreza. Sem duvidar.* Pela primeira vez em sua vida, ia ter à fêmea que secretamente sempre tinha desejado.

Estava maravilhosa debaixo dele, com o cabelo espalhado pela cama, as chamas refletindo-



se em seus olhos e seu corpo estremecido enquanto se masturbava.

— Dê-me sua palavra, demônio. Converterá-me em sua rainha.

Rainha da gente a que matou? Mas então Rydstrom lhe viu dois fios de sangue que corriam paralelos do pescoço ao peito.

— O que é isso?

Ela moveu a mão e os fez desaparecer cobrindo-os com uma ilusão.

— Um vampiro tentou me morder, mas minha armadura o parou bem a tempo.

— Por que um vampiro?

Com um bufo, Sabine afastou a mão de seu sexo e se levantou, apoiando-se nos cotovelos e retirando de um sopro uma mecha que lhe tinha caído sobre os olhos.

— Estamos em guerra, não tentarão me matar a beijos.

Não esteve matando a minha gente?

— Estão em guerra contra os vampiros?

— Com alguns deles. O que pensava?

— Eu... Não vem de uma luta com os demônios da Ira?

Ela tinha arriscado sua vida contra um inimigo comum.

— O que? Acreditava que...

— Sabine, dê-me um minuto, por favor. — *Deixe-me pensar...* — Não deve lutar contra eles nunca mais.

— Não pode evitá-lo. Eu adoro abater sanguessugas.

— Isso o compartilho. Mas são inimigos muito mortíferos. Fique no castelo.

— Só haveria um motivo para que evitasse me enfrentar a eles: que estivesse grávida.

Os vampiros tinham matado a seu pai e a seu irmão. Para Rydstrom seria uma maldição se também matassem a sua rainha. *A única maneira de salvá-la é deixando-a grávida.* O que significava que teria que casar-se com ela, a não ser que ganhasse aquela batalha entre eles. Faria que se tornasse louca de prazer e o aceitasse sem ter que prestar nenhum juramento.

— E que motivos teria para perseguir demônios da Ira? — Perguntou então Sabine com desdém. — Isso é como caçar ovelhas...

— Quer se calar? — Soltou Rydstrom. — Estou pensando em como pronunciar o juramento.

Ela piscou.

— Oh! — Esboçou um lento sorriso, e transformou as pontas agudas de seu capacete em delicadas folhas douradas cujos caules se enredavam em seu cabelo.

— Farei-o assim que me liberte das algemas.

— Libertarei você quando o tiver feito.

Rydstrom se inclinou um pouco até que seu membro pousou sobre o sexo de Sabine, carne com carne. O dela estava quente, preparado para ele. O dele pulsava com força. Mas quando tentou penetrá-la, seu pênis se deslizou dos úmidos lábios.

— Rydstrom! — Gritou.

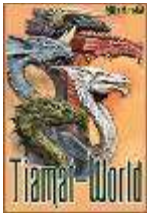
Ele o tentou outra vez, mas seguia sem acertar.

— Ahhh! — O suor lhe cobria a testa devido a seu desespero para introduzir-se em seu interior. — Preciso das mãos, querida.

— Preste-me juramento!

— Deixe que a penetre e o farei. — Disse entre dentes.

Com a outra mão, Sabine agarrou seu membro, mas em vez de introduzi-lo nela o passou por seu úmido sexo. Rydstrom estremeceu.



— Case-se comigo, demônio. — Sussurrou olhando-o com seus olhos de pesadas pálpebras. Ele sentiu como se pudesse perder-se dentro deles. — Preciso de você. Preciso-o inteiro. Não nota quanto o necessito?

— Dentro de você, *tassia*. Preciso estar dentro..! — Gritou quando com a ponta do membro notou por um momento quão apertada estava. Desesperado por afundar-se em seu calor, moveu os quadris para frente, mas Sabine seguia segurando-o firmemente, mantendo-o afastado. Ele soltou um grunhido de dor. — Maldita seja, feiticeira. É minha; e quero o que é meu.

— Então, tome. E note como chego ao orgasmo por você. Diga as palavras.

Proteja-a da batalha como pode. Tinha-lhe mostrado as regras do jogo, e agora ele se dispunha a ganhar. Faria-a dele. Mas o faria a sua maneira.

— Sabine, preciso fazer amor com você. — Tentou mover os quadris uma vez mais para penetrá-la, mas ela o impediu fazendo que escorregasse em seu sexo. — Olhe-me quando eu te fizer o juramento.

Quando a feiticeira o olhou nos olhos, Rydstrom pronunciou em duro demoníaco:

— *Nunca me casarei com você, Sabine. Não até que confiemos plenamente um no outro. E juro que me vingarei do que me fez.* — Ao acabar, acrescentou na língua comum: — Aceita?

CAPÍTULO DEZOITO

O olhar do demônio era tão firme, tão irresistível, que o coração de Sabine pulsou emocionado.

— Sim, Rydstrom. Aceito. Mas como sei que me prestou juramento?

— Porque eu nunca minto.

Ela ficou olhando-o um longo momento, até que ele disse com voz entrecortada:

— Esperei mil e quinhentos anos para que chegasse este momento. Não me faça sofrer mais.

Sabine engoliu saliva e guiou a ponta de sua ereção até a entrada de seu corpo.

— Mais. — Balbuciou ele com apenas um sussurro. — Agora! — Seus suarentos músculos se esticaram e suas feições se aguçaram.

Ela estremeceu e deslizou seu pênis um pouco mais dentro.

— É... Muito grande. — Notava como ia abrindo.

— Então tenho que conseguir que esteja mais úmida. Arqueie-se para mim.

Sabine fez conta. Fascinada, olhou para baixo e observou como lhe percorria os seios com os lábios.

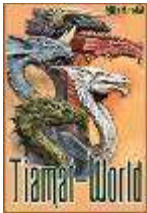
— Beije-me, Rydstrom.

Ao ouvir suas palavras, o demônio tremeu de prazer.

— Isto vai acabar... Antes que comece.

Por fim conseguiu lhe percorrer um seio com a língua. Quando seus lábios famintos se fecharam sobre o outro, Sabine embalou sua cabeça entre as mãos, estreitando-o contra si ao mesmo tempo em que lhe escapava um gemido de prazer.

Ela deslizou a mão que tinha livre por volta do clitóris e logo o rígido sexo do demônio que tinha em seu interior começou a lhe ser necessário, inclusive vital, como se fosse morrer se ele não estivesse dentro dela.



Rydstrom deixou de beijá-la.

— Mais dentro, *tassia*. — Ele tentou mover os quadris, mas Sabine se inclinou para trás. — Não! Preciso te penetrar mais. — Nem sequer se tinha deslizado até a metade em seu interior.

Ela viu que os músculos do peito de Rydstrom, que seguiam sem cicatrizar, estavam tremendo. Não estava o bastante recuperado para mover-se para frente sem apoiar as mãos, e tampouco podia balançar muito os quadris. Era óbvio que não podia possuí-la como precisava fazê-lo.

— Estou-o... Tentando. — Disse Sabine. — Mas sou muito pequena para você.

— Levante os quadris.

— É muito grande. Dê-me um segundo para que me acostume. — Além disso, naquela postura, ela estava a ponto de alcançar o orgasmo. — Só um segundo...

— Não posso. — Rydstrom se deteve e franziu o cenho. — Estou perdendo o controle. — Começou a retirar-se.

— Mas se eu estou pronta!

— Não quero machucá-la...

Sabine lhe cravou as unhas nas nádegas.

Ele gemeu de prazer e arqueou as costas.

— Não faça isso! Não o faça! — Voltou a fazê-lo cravando-lhe com mais força. Foi como se alguém tivesse acendido uma tocha no interior do demônio, igual a quando se esporeia a um cavalo, e começou seu processo de transformação: obscureceu-lhe a pele, que brilhou à luz das chamas. Vê-lo naquele estado desconcertou Sabine e a excitou ainda mais. Muito mais.

Por todos os deuses, morria de vontades de percorrer com a língua cada centímetro de sua pele. O tom de voz de Rydstrom também era diferente, e inclusive tinha trocado seu porte. Tinham-lhe crescido as presas, e tinha o olhar fixo em uma parte do pescoço dela, justo onde a garganta se unia com o ombro.

Queria mordê-la, marcá-la como sua para toda a eternidade. E Sabine estava disposta a chegar até o final...

— Oh! — Exclamou ela entre ofegos. — Estou a ponto de... — As chamas se avivaram a seu redor e a feiticeira arqueou as costas, levantando os seios.

Naquele preciso instante, Rydstrom experimentou a inconfundível sensação do interior dela envolvendo-o. Seu corpo se adaptava ao dele como uma luva.

— Sabine! — Ia ejacular em seu interior. *Por fim*. Sentiu uma emoção indescritível ao saber que finalmente ia derramar-se dentro de sua mulher, que por fim poderia lhe dar parte de si mesmo a sua companheira. — Necessito... Marcá-la. — *Esperei-a durante tanto tempo...*

— Vai ficar mais demoníaco? — Perguntou ela um pouco assustada.

— Levante-se...

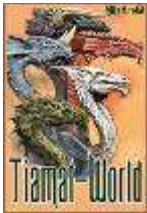
— Não! Demônio, não o faça. Resistirei a você se me morder!

— Não? — Perguntou ele. Sabine lhe havia dito que não? Rydstrom mal podia ouvi-la... O processo de transformação estava muito avançado. — Então, terá que me aceitar todo!

Depois de dias de tortura, estava a ponto de estalar.

Seu instinto demoníaco tomou o controle de seu corpo. *Preciso estar dentro dela. Deixar minha semente no mais profundo de seu ser*. Rydstrom apoiou a testa no frio travesseiro da cama e conseguiu assim o apoio necessário para poder mover os quadris. Nessa postura, começou a arremeter sem controle, afundando-se em Sabine.

É tão estreita... Muito estreita? Acreditou ouvi-la gritar quando a possuiu por completo. Mas o que preponderava eram os batimentos de seu próprio coração lhe retumbando nos



ouvidos. Ela estava tentando afastá-lo? Estava-lhe dizendo que parasse?

É virgem.

O pensamento se desvaneceu logo que a pressão que sentia em seu sexo se fez insuportável. Sabine lhe cravou as unhas nos ombros... E o encantou.

Rydstrom soltou um grito brutal ao sentir que ejaculava pela primeira vez em toda sua vida.

O calor, a força.

— Por todos os deuses, Sabine! — Notou como as primeiras gotas de sêmen saíam de seu corpo para entrar no dela, e girou os olhos.

Fora de si, moveu os quadris uma e outra vez até assegurar-se e que já não ficava nada dentro dele. Abriu os olhos bem a tempo de ver como Sabine jogava a cabeça para trás para golpeá-lo no nariz.

— O que acontece? — Gritou Rydstrom.

— Esperei quinhentos anos para isto? — A feiticeira saiu de debaixo dele, e a miragem com que se cobriu o rosto desapareceu durante uns segundos.

Estava chorando.

Rydstrom inspirou fundo para tentar recuperar o controle.

— Era... Virgem? — Maldição, ele a tinha avisado de podia ficar em plano demoníaco, porque sabia que inclusive uma mulher com experiência podia machucar-se... Mas isso. — Não queria machucá-la, Sabine. Por que me fez acreditar que tinha experiência quando na realidade era pura?

Seja o que fosse o que havia dito, tinha-a amendrotado.

— Tenho experiência e não sou pura! — Ela se fez invisível e Rydstrom sentiu que lhe dava uma bofetada. Tinha-a machucado e agora sua fera feiticeira o machucava

Quando Sabine se foi, Rydstrom baixou a vista até seu ainda ereto pênis, e fez uma careta de dor ao ver ali o sangue mesclado com o sêmen. A amostra inequívoca da dor dela e do prazer dele... Que tinha sido muito mais espetacular do que nunca se atreveu a sonhar.

Mas não podia deixar de sentir-se culpado por lhe haver feito dano.

E tampouco porque o juramento pronunciado tivesse sido de vingança.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Tão bom foi? — Perguntou Lanthe a Sabine quando a encontrou sentada na cama, com o lençol posto e o rosto escondido entre as mãos.

Apesar de que a chaminé estava acesa, sua irmã estava tremendo.

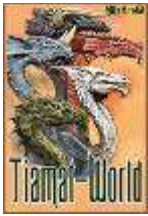
— Por que me atrevi a pensar que poderia ser diferente? Foi horrível. Se tivesse que dizê-lo agora mesmo, diria que não quero voltar a fazê-lo nunca mais.

— Quão único aconteceu é que seu demônio é muito grande, e que era sua primeira vez.

— Talvez os demônios e as feiticeiras não estejam feitos para estar juntos. Talvez os homens dessa raça sejam muito grandes para nós.

— Certamente, o que aconteceu é que o pobre perdeu o controle ao te fazer dele. O que quero dizer é que, bom, digamos que passou dias excitando-o e...

— Sim, e a besta terminou por me decepcionar. Lanthe, queria me morder com suas



enormes presas. — E quando lhe havia dito que não, Rydstrom tinha se afundado nela com todas as forças. Estremeceu só de recordar. — Deveria ter visto. É um demônio de verdade!

— Não posso acreditar que tenha sido ruim para você, eu agora tenho que passar trezentos e sessenta e quatro dias sem sexo. Isso ensinará a não fazer apostas com você.

Sabine nem sequer sorriu. Sua irmã suspirou e se sentou na cama, a seu lado, para lhe passar um braço pelos ombros.

— Olhe, acredito que nos têm feito dano tantas vezes, que inclusive quando alguém nos fere sem querer somos incapazes de ver que é assim.

— De verdade isso acredita?

— Sim. Acredito... Acredito que nem todo mundo quer aproveitar-se de nós. — Ao ver que Sabine soltava um bufo sarcástico e que seguia com o rosto escondido entre as mãos, Lanthe acrescentou: — Está bem, reconheço que, ao longo dos últimos quinhentos anos, todas as criaturas com as que nos topamos quiseram nos chatear de algum modo. Mas não sei, talvez o demônio seja de verdade honorável. E se for um entre um milhão? E se estivesse disposto a desfazer o dano que fez a você?

Sabine levantou o olhar.

— Um entre um milhão?

Se Rydstrom fosse assim, então talvez ela não se comportou de tudo bem. Ele a tinha advertido sobre o que aconteceria caso perdesse o controle. Mas bom, como se supunha que ia saber? Sabine nunca tinha estado com um demônio!

— Não sabia que eu era virgem. — Confessou.

— Oh, Abie, não.

Talvez não devesse ter lhe dado aquele golpe no nariz possivelmente, tampouco deveria havê-lo esbofetado, ou...

— E deixei instruções para que o castiguem. — Seu famoso mau gênio a havia feito agir precipitadamente. — Disse que o banhassem. Completamente. Talvez ainda esteja a tempo de...

A porta do quarto se abriu de repente.

— Deixe-nos a sós. — Disse Omort a Lanthe ao entrar. — Já!

A jovem não teve mais remédio que sair dali apressada, embora olhasse a sua irmã com cara de lástima antes de abandoná-la.

Sabine se sentou erguida, temerosa de estar perto de Omort depois do enfrentamento que tinham tido antes.

Ele começou a passear pelo quarto, de um lado a outro, com a capa ondeando a suas costas.

— A tabuleta de seu pacto... Quebrou-se. — Olhou-a aos olhos com o cenho franzido. — Tinha medo de que você gostasse. De que você gostasse de estar com ele.

— Tenho cara de que tenha gostado?

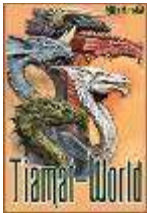
— Sinto que tenha tido que acontecer. Não terá que voltar a fazê-lo.

— Não sabemos se me deixou grávida. — Respondeu ela impaciente.

— O demônio ejaculou? — Depois de vê-la assentir, continuou. — Então outra pode procriar com ele.

Ao ser a companheira que o destino tinha escolhido para Rydstrom, Sabine era a única que podia fazer que o demônio produzisse sêmen pela primeira vez. Mas uma vez se rompia o bloqueio, não havia nenhum impedimento para que pudesse deixar grávidas a outras fêmeas.

— Não voltará a ele. — Disse Omort. — Quando tiver se recuperado das feridas, Lanthe ou Hettiah ocuparão seu lugar.



— Hettiah nem sequer deveria continuar com vida. Quase consegue que matem a ambas.

— Castiguei-a por isso.

— E por que quereria Hettiah deitar-se com o demônio? Agora ele pode deixá-la grávida, é verdade, mas... O herdeiro tem que ser meu filho. Eu sou a rainha de Rydstrom. — Dizer isso em voz alta a impressionou. *Sou a legítima rainha deste castelo. E ele é meu... Marido.*

Omort afastou o olhar.

— Basta com que a criança seja de seu sangue.

— Os demônios da Ira não reconhecerão a nenhum descendente do rei exceto o seu legítimo herdeiro.

— Possivelmente... Expliquei mal a você sobre a profecia. O bebê só tem que ser filho de Rydstrom.

Que o tinha explicado mal?

— Que se supõe que teria que fazer exatamente para desbloquear o Poço das Almas?

Omort ficou olhando-a com seus horripilantes olhos amarelos.

— Quero confiar em você. Preciso confiar em você. Todas as horas que você passou longe de mim foram uma agonia.

— Diz que quer que governemos juntos, mas não me conta nada.

— Não queria que se sentisse pressionada. — Respondeu o bruxo tocando o anel. *Está mentindo para mim.* — A verdade é que o filho de Rydstrom terá que ser sacrificado.

— O que disse?

— O primeiro filho de Rydstrom terá que ser entregue ao Poço.

— Quer dizer que terá que lançá-lo dentro? — Sabine colocou uma miragem na cara enquanto com o olhar procurava onde vomitar se por acaso não conseguisse conter-se.

Não a fazia especial graça ter um filho, o único motivo pelo qual estava fazendo aquilo era para adquirir o poder, mas nem morta ia permitir que fizessem mal a seu bebê. Tanto se fosse do demônio como se não.

— Por isso não lhe disse. Não acreditava que pudesse entendê-lo. Você não é tão... Forte como aparenta.

Nem tão má. Omort estava analisando sua reação. Se sua irmã ficava grávida no meio daquela derrota e se afeiçoava com o bebê, ele não teria nenhum problema em castigá-la e matar seu filho. Qualquer amostra de apego para o pequeno seria interpretada como uma debilidade.

— E o que o faz pensar que Hettiah o terá mais fácil que eu na hora de seduzi-lo?

Sabine nem sequer se incomodou em mencionar Lanthe. Jamais lhe faria tal coisa.

— Daremos um afrodisíaco a Rydstrom.

Por cima de meu cadáver.

— Segundo você, o herdeiro não tem que ser legítimo.

— Exatamente. Sabine, deixe que leia sua mente.

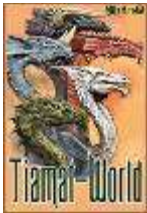
— Jamais, Omort. Eu mesma te direi o que estou pensando. Não me importa o mais mínimo o que tenha que fazer para conseguir o poder do Poço. — Mentiu, olhando-o aos olhos com decisão. — Mas me deixa furiosa que não confiou em mim e me contou isso tudo desde o começo. Por quê?

— Tudo pende por um fio.

— Conte-me.

Omort voltou a passear.

— Cadeon se pôs ao comando dos demônios. Tem a Vestal e resultou ser irreduzível. Ao princípio não me preocupava o mais mínimo; ao fim e ao cabo, esse demônio sempre tinha



falhado em todas suas tentativas para redimir-se. Mas aparentemente agora está tendo êxito, e a própria Vestal o está ajudando a chegar até Groot, embora isso implique a sentença de morte para ela...

— Rydstrom disse que Nix o assegurou que essa espada pode matá-lo. É verdade?

Omort se tocou o anel de novo, apesar de que a olhou diretamente nos olhos.

— Não. É óbvio que não. A adivinha não é infalível.

Está mentindo! Respire... Respire...

— Não está me contando toda a verdade. — Omort baixou a vista ao chão.

— É... Possível. — Isso explicaria que ultimamente o tinha visto tão alterado. — Preciso confiar em você. Posso fazer isso?

Nem pensar.

— É óbvio, irmão.

Omort pode morrer!

— Este é um dos motivos pelo qual estou procurando Nix. — Disse. — Para interrogá-la sobre a espada.

Para ocultar seu nervosismo, Sabine se fez de ofendida.

— Por isso não me contou isso? Por isso me ocultou informação de vital importância? Não podemos nos permitir este tipo de vulnerabilidade, em especial agora. E muito menos se acredita que Cadeon pode chegar a terminar a missão com êxito.

O inútil irmão de Rydstrom estava a ponto de apoderar-se da espada que podia matar ao Que não Morre. Como podia usar essa informação? Como podia explorar essa nova debilidade de Omort?

— Deveria ter acreditado em você. — O bruxo se deteve frente a Sabine e levantou a mão para lhe tocar o rosto. — Amo você. — Murmurou.

Ela se afastou de repente, tensa.

— Você não me ama. Você nem sequer sabe o que é o amor! — E o que era pior: não estava segura de que ela mesma soubesse.

Se Omort estava se deitando com uma de suas irmãs, não era com Sabine.

Ela era virgem antes de deitar-se com ele. Depois de tantos anos, ninguém a havia tocado.

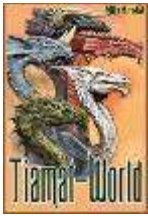
E se a deixei grávida? Rydstrom olhou o teto da cela que já sabia de cor. Era muito possível que a feiticeira tivesse concebido.

Que tenha concebido a meu filho. Deu-se conta de que desejava que fosse verdade, embora isso significasse acelerar sua sentença de morte. Se Sabine estava grávida, ele já não lhes serviria de nada. Agora, mais que nunca, tinha que escapar. *Tenho que levar a minha mulher e a meu filho, e retornarei depois pelo meu reino...*

Precisava ver Sabine. Tinha-a machucado, e queria ter a oportunidade de compensá-la por isso. Mas não só se sentia mal pela dor física que lhe tinha causado. Embora lhe houvesse feito amor, ela não era sua esposa e ele não tinha completado o ritual de marcá-la como dele.

Tinha que mordê-la e satisfazer assim seu instinto demoníaco.

Rydstrom se esticou ao ouvir uns passos descendo a escada que conduzia às masmorras. Segundos mais tarde, três homens enormes entraram na cela; estava claro que eram escravos inferi. O demônio recordou quão furiosa estava Sabine ao ir embora... Os teria ordenado que lhe dessem uma surra?



O mais alto lhe tirou as algemas, o que significava que podia escapar. Ficou quieto, à espera do momento preciso. Três inferi não poderiam nunca derrotar um demônio...

Lançaram-lhe pó aos olhos. *Por todos os deuses, maldição...* Desta vez Rydstrom não ficou inconsciente, mas sim viu tudo.

Mas não podia mover-se.

Havia algo no olhar daqueles homens ao contemplar seu torso nu. Quando por fim identificou o que era, o coração lhe paralisou.

Luxúria.

Meteram-no na ducha e lhe tiraram as calças, e ele não podia mover nem um músculo para defender-se. Enquanto o lavavam o demônio era impotente para fazer nada que não fosse olhar o teto da cela e sentir como o ódio o fazia ferver o sangue.

Sabine era a culpada. Ela os tinha ordenado que lhe fizessem isso, consciente do muito que ele o ia detestar.

Quando fugisse dali, humilharia-a diante de milhares de demônios, deixaria que fizessem com a feiticeira o que quisessem. Logo que essa ideia lhe cruzou pela mente, a ira explodiu em seu interior, e seu sentimento de posse o queimou por dentro...

Mergulhou-se nessa ira, desfrutando-se nela, e se jurou de novo levar a cabo a mais cruel das vinganças. Faria-lhe pagar por tudo o que lhe tinha feito.

Não descansarei até consegui-lo.

CAPÍTULO VINTE

— *Não pôde anular o banho?* — Perguntou-lhe Lanthe telepaticamente, aproveitando para beber ao mesmo tempo.

— *Pois não.* — Respondeu Sabine, provando outro modelito diante do enorme espelho de seu quarto, arrumando-se para ir ver o demônio. — *E foi... Muito mal.*

— *Conte-me.*

— *Passou nele o efeito do pó dos inferi, e Rydstrom os atacou com seus chifres venenosos.*

O trio não tinha intenção de ir mais à frente do banho, mas o demônio tinha enlouquecido e os tinha atacado como um animal.

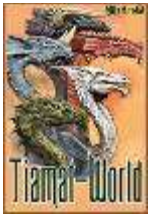
— Paralisou a um de meus pobres inferi antes que conseguissem retê-lo. — Prosseguiu Sabine escolhendo outro espartilho da nova coleção que tinham criado para ela. — *Enfim, eu já sabia que não ia gostar que três homens o tocassem... Por isso ordenei que batessem nele. Certo, reagir desse modo? A mim, o fato de que três mulheres pudessem me banhar não me parece tão mal.*

— *E vai voltar a vê-lo quando tão somente passaram três noites?*

— *Não tenho escolha.* — Por desgraça, Sabine não estava grávida. A Bruxa podia adivinhar esse tipo de coisas em questão de dias, assim que essa mesma manhã Sabine tinha descido às entranhas do castelo para consultar à velha intratável. Comentava-se que antigamente tinha sido jovem e bela e que tinha sucumbido vítima de uma maldição.

Sabine não acreditava.

O laboratório que a Bruxa tinha no porão era sórdido e horripilante, com todos aqueles animais esquartejados. Logo Sabine teve que banhar-se duas vezes para poder tirar o aroma de



inseto morto.

A mulher lhe tirou um pouco de sangue e lhe deu a má notícia, pois a feiticeira estava chegando ao final de seus dias férteis.

Por curiosidade, e só por curiosidade, perguntou à anciã se Rydstrom correria algum risco de envenenar-se com o morsus se a mordesse no pescoço. A Bruxa a olhou com seus velhos olhos opacos.

— Não, a não ser que você sofresse uma intoxicação do veneno. Assim não tem nenhuma desculpa para lhe negar algo que precisa fazer. A única causa é seu próprio egoísmo. — Acrescentou, pondo de manifesto sua habitual insolência. — Você ficou com sua semente e não lhe deu nada em troca...

— *Esta noite tenho que voltar a entrar no assunto.* — Disse Sabine a Lanthe com a mente. Hettiah não ia estar fora de combate para sempre. — *Devo conceber para evitar que Hettiah tenha que ficar grávida de meu marido.*

— *Isso soa horrível.* — Sua irmã fez uma careta de pesar.

— *Porque o é! Mas antes terá que me matar. E você sabe que eu não brinco com essas coisas.*

— *Tornou a pensar na espada de Groot?*

Depois que Sabine contou a Lanthe sobre a arma, ambas as irmãs ficaram inquietas, ansiosas para entrar em ação, para fazer algo, o que fosse.

Possibilidades e consequências. Ações e reações. Apesar de que, normalmente, a Sabine ocorriam os planos em seguida, e este estava lhe custando.

Além disso, a intervenção de Omort para salvá-las dos vampiros também pesava.

— *Acredito que vou seguir adiante com meu plano com o demônio.* — Sabine tinha chegado à conclusão de que o da espada era muito concreto para tramar todo um plano apoiando-se nele.

— *Acreditava que ia renegar do sexo.*

— *Vou lhe dar uma segunda oportunidade.* — Respondeu sua irmã enquanto vestia um espartilho de metal com as taças dos seios em forma de garras. Conhecendo Rydstrom como o conhecia, certamente que gostaria, e, além disso, se prendia com cintas de pele em ambos os lados.

— *Você começa a gostar do demônio, não é? Pode me olhar nos olhos e me dizer que não sente nada por ele?*

— *Lanthe, você melhor que ninguém sabe que posso olhá-la nos olhos e mentir na sua cara.*

— Replicou ela. — *Certamente não o farei. A verdade é que sinto algo por ele.*

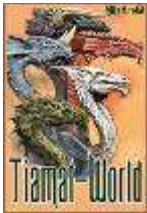
A mente de Sabine estava repleta de pensamentos sobre Rydstrom. Ansiava sentir o calor que emanava de seu corpo, tinha saudades do aroma que desprendia. Passou as noites deitada em sua cama, olhando ao teto, com a brisa marinha penetrando pelas janelas, e perguntando-se como seria estar ali com ele. Seria Rydstrom capaz de acariciá-la com delicadeza?

— *Não posso deixar de pensar no demônio como em meu marido. É uma tolice que as palavras me afetem tanto, mas me sinto possessiva por ele.*

— *A verdade é que não parece se importar muito ter que voltar a se deitar com Rydstrom.*

— *Pensando melhor, dei-me conta de que nem tudo tinha sido tão horrível.*

O que lhe havia feito antes de machucá-la tinha sido incrível. Sabine queria voltar a sentir aquela emoção; para falar a verdade, estava ansiosa. Ela era uma hedonista, uma feiticeira que desejava prazer. E o demônio podia dar a ela. Na noite anterior, despertou na metade de um sonho no qual Rydstrom se metia na cama com ela, com aquele olhar resolvido fixo em sua



pessoa, e as algemas pendurando dos pulsos.

— *E o tal Cadeon ainda segue adiante com sua missão?* — Perguntou Lanthe.

Sabine sacudiu a cabeça para centrar-se.

— *Pelo que isso sei, tem que passar por quatro pontos de encontro, e ele e a Vestal já vão pelo terceiro.* — Colocou um diadema novo por cima das tranças, e o atou na nuca. — *Mas até no caso de que consiga a espada, nunca estará o bastante perto de Omort para poder utilizá-la.*

— *Nós sim. Se tivesse a oportunidade, seria capaz de matá-lo?*

Sabine ficou completamente imóvel uns segundos.

— *Em um abrir e fechar de olhos.* — Colocou o par das meias mais finas que tinha e as segurou às coxas com umas cintas-ligas de pele. Logo, cobriu-se grande parte das pernas com umas botas até o joelho com altos saltos de aço.

— *Segue sem pensar na possibilidade de nos aliar com os demônios da Ira?*

Sabine negou com a cabeça.

— *Omort nos mataria antes que tivéssemos a mais mínima possibilidade de fazê-lo. Não podemos esquecer o poder que tem.* — Por cima da muito curta minissaia colocou um cinturão do qual penduravam uma dúzia de borlas¹³ de ouro azul. — *Além disso, se nos uníssemos ao final teríamos que matá-los.* — Ao ver que Lanthe arqueava as sobrancelhas, sua irmã explicou: — *Ficariamos sem castelo. E já sabe quão mau me dá compartilhar.*

— *E não poderia fazer uma exceção com seu marido?*

Essa palavra outra vez. Sabine duvidou uns instantes, depois respondeu:

— *Pensa no que Rydstrom nos pediria em troca: obediência, que acatássemos suas leis. Sim, seria muito melhor que o que temos agora, mas não tão bom como se você e eu estivéssemos no comando.*

— *Isso é verdade.* — Lanthe se levantou para ir para seu quarto. — *Tente obter um pouco de informação esta noite. Talvez os demônios tenham seu próprio plano.*

— *Verei o que posso fazer.* — Depois que sua irmã se foi Sabine terminou de vestir-se e começou a maquiarse. Esfumou pintura negra e cinza ao redor dos olhos, com sombras que se estendiam até as têmporas.

Olhou-se ao espelho. Estava o bastante atraente para convencer Rydstrom de que deixasse de estar zangado com ela? O espelho lhe disse que sim.

Mas de repente um pensamento atravessou sua mente. Em realidade foi mais um impulso. Um que descartou em seguida. Riu nervosa, e olhou a ambos os lados do quarto.

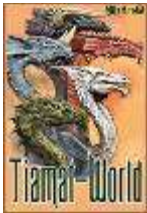
Durante uns segundos, tinha estado tentada de... Dizer ao demônio que lamentava.

Apesar de que estava furioso com ela, Rydstrom queria que Sabine fosse vê-lo.

Estar separado daquele modo não era natural, ia contra todos seus instintos demoníacos. Morria de vontades de marcá-la, de cheirar seu próprio aroma em sua pele. Precisava lhe percorrer o corpo com os chifres.

¹³ Nota: Tipo isso.





Abriu e fechou os punhos. *Maldita seja, quando voltará?*

Alguém se materializou na cela: Lothaire. *Tenho que matá-lo.*

— Não me olhe como se quisesse me arrancar a jugular. — Disse o vampiro com seu marcado acento. — Posso ajudá-lo a escapar. — Com uma mão segurava uma chave e na outra uma mochila. — Sua liberdade. E provisões. Posso teletransportá-lo até o reino de Grave, mas me é impossível levá-lo a outra dimensão.

— Por que você iria me ajudar? — Quis saber Rydstrom, perguntando-se o que jogava o vampiro.

— Quero algo de você. Tem que me fazer um juramento.

— Um juramento do que?

— Quando te pedir algo no futuro, — Respondeu o outro. — O que for, terá que me conceder.

— Deixe-me em paz.

— Pense nisso. Pelo que vejo, não tem muitas opções.

Nenhuma. E tal como estavam as coisas, a Rydstrom não ocorria nada que Lothaire lhe pudesse pedir que fosse pior que o que perderia se ficasse ali: sua mulher, seu filho, seu reino e, cedo ou tarde, sua própria vida.

— Por que decidiu me ajudar justamente agora?

— Porque, neste preciso instante, Hettiah, a irmã de Sabine, está descendo até aqui à pé para drogá-lo com afrodisíaco. E não posso permitir que isso aconteça.

— Sabine ordenou isso?

— Estou convencido de que não.

— O que está me pedindo é muito vago, vampiro, resistirei à irmã e a suas poções...

— Não se estiver inconsciente.

— Hettiah pode me deixar inconsciente? — Ao ver que Lothaire assentia, Rydstrom balbuciou: — Até no caso de que conseguíssemos escapar, logo nos encontrariam antes que pudéssemos sair desta dimensão.

— Pudéssemos?

— Sabine. Não vou daqui sem ela.

O vampiro negou com a cabeça.

— Retorna depois para procurá-la... Se levá-la agora nos descobrirão e Omort jamais deixará que Sabine se vá.

— Aonde eu for, ela irá comigo. Assim será até o dia em que eu morrer.

Lothaire o olhou nos olhos e, ao compreender o que acontecia, assentiu.

— Tem um par de dias até que o bruxo consiga fechar todos os portais ilegais do reino. Ao fim e ao cabo, eu sou o chefe de segurança. Cuidado, Hettiah se aproxima.

A ideia de que aquela mulher queria drogá-lo e abusar dele enquanto estivesse inconsciente fazia que em Rydstrom dessem arcadas.

— Faz sua promessa, demônio. Sei muitas coisas sobre este reino. E sei muitas coisas sobre sua futura prisioneira. Como, por exemplo, como deixá-la sem poderes.

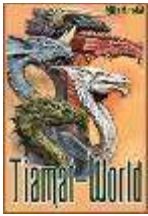
Nessa ocasião, Rydstrom nem sequer duvidou.

— Prometo-lhe isso. Conte-me.

Lothaire quase sorriu, embora nele a careta resultasse perversa.

— Sabine não pode conjurar nenhuma miragem com as mãos atadas às costas. — O vampiro começou a abrir as algemas de Rydstrom. — Seu quarto está na torre oeste.

— Sei. — Respondeu ele com o coração lhe pulsando frenético no peito.



Lothaire o agarrou pelo pulso e teletransportou a ambos até o quarto da feiticeira. Sabine estava se olhando no espelho, a criatura mais bela que Rydstrom jamais tinha visto. *Minha.*
— Olá, princesa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Sabine ficou sem fôlego ao ver o demônio refletido no espelho de seu quarto. E Lothaire estava com ele? O vampiro se aliou com Rydstrom? O muito traidor!

Levantou as mãos para fazer-se invisível, mas o demônio se equilibrou sobre ela e, com uma mão, segurou seus pulsos às costas. Sabia ele que isso a impediria de conjurar uma miragem? Conseguiu gritar uma vez antes que lhe tampasse a boca com a outra mão.

Bastaria com aquele grito para chamar a atenção dos guardas?

Enquanto Rydstrom lhe atava os pulsos com uma corda muito longa, Lothaire se aproximou para ajudá-lo. A feiticeira resistiu a ambos, mas o vampiro lhe pôs uma mordaca.

Embora não podia falar, balbuciou como pôde que o considerava um rato traidor. Ele se limitou a dar de ombros.

No castelo se deu o alarme e começaram a ouvir gritos. Segundos mais tarde, uns guardas entraram no quarto com as espadas em alto; foram rodeados de zumbis, feiticeiros e vampiros caídos. Os últimos saudaram Lothaire e se teletransportaram a outra parte.

Rydstrom colocou Sabine a suas costas, atirando-a sem querer ao chão, e logo foi enfrentar-se com ao menos dez dos guardas. Os proeminentes chifres lhe estavam alargando, e a pele estava se obscurecendo à medida que sua fúria aumentava. Seus músculos cravaram e flexionaram ante o olhar atônito de Sabine.

Observou fascinada como se lançava sobre os guardas, lutando com unhas e dentes. A tatuagem do dragão que tinha nas costas pareceu ganhar vida, ondulando-se com cada um de seus movimentos.

Lothaire, como se nada, sentou-se junto a ela no chão, levantou um joelho e apoiou a bota na parede.

— Poderíamos rastrear em outra parte sem mais, — Disse-lhe. — mas acredito que será melhor que esperemos que se desafogue um pouco. E, além disso, tenho fome.

Sabine voltou a amaldiçoá-lo sob a mordaca, mas a atenção do vampiro estava fixa na briga.

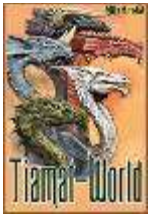
Rydstrom estava esquartejando aos soldados com tanta ferocidade que inclusive a feiticeira estava surpreendida. *É meu marido.*

O próprio Lothaire arqueou uma sobrancelha e olhou do demônio a Sabine, e voltou a começar, atribuindo a ela o selvagem comportamento dele.

— É bom sabê-lo. — Murmurou o vampiro para si.

Dois guardas que pertenciam ao clã dos feiticeiros desafiaram Lothaire. Este se levantou do chão e brigou contra eles, desfrutando da briga, esquivando com facilidade as espadas dos outros dois graças a sua capacidade de teletransportar-se.

Matou a um, e logo agarrou o corpo quase inerte do segundo e o mordeu no pescoço. As loiras sobrancelhas do vampiro se juntaram de prazer. Entre ele e a brutalidade do demônio,



Sabine estava horrorizada e ao mesmo tempo fascinada.

Sacudiu a cabeça e tentou ficar em pé para escapar. Quase conseguiu chegar à porta, mas Rydstrom estava brigando com dois zumbis, e o terceiro decidiu ir atrás dela.

Com a extremidade do olho, ela viu o punho de uma espada aproximando-se de sua cabeça.

Quando Sabine gritou de dor, o demônio rugiu de fúria, logo... Nada.

A mente de Rydstrom estava às escuras, toda sua parte racional tinha emudecido e seu instinto demoníaco tinha tomado o controle.

Tenho que pegar a minha mulher... Escapar daqui.

Mais soldados subiram a escada gritando.

— Teletransporte-nos fora daqui, vampiro! — Pediu a Lothaire com Sabine ao ombro.

O vampiro soltou o guarda de quem tinha estado bebendo e voltou a agarrar o demônio pelo pulso.

— Segure-a forte.

Depois de um instante de escuridão, Rydstrom viu as montanhas à distância. A lua brilhava sobre a areia da planície. O vampiro os tinha levado até o reino de Grave.

Rydstrom era livre... E Sabine estava com ele. Desceu-a de seu ombro e a segurou nos braços. Parecia muito inocente, mas só era na aparência. Voltaria a atormentá-lo uma e outra vez.

O demônio tinha a mente feita uma desordem, cheia de confusão e ódio, e o corpo repleto de agressividade e fúria.

Minha mulher. Tão pálida e perfeita. Posso fazer o que me agradar com ela.

Agachou-se e deixou o corpo inconsciente de Sabine sobre a areia, e logo lhe inspecionou a cabeça. Estava saindo um galo, mas não era nada que sua imortalidade não pudesse sanar em pouco tempo.

— Dê-me uma faca. — Disse com voz rouca enquanto soltava a corda com a qual a havia amarrado.

Quando Lothaire lhe passou uma adaga, Rydstrom cortou um pouco da corda e a atou a outra tira.

Ao terminar, o vampiro lhe deu uma túnica negra e uma mochila.

— Há um cantil com água e provisões para acampar durante uns dias. — Desabotoou o cinturão onde levava a espada. — E aqui tem uma arma para defendê-lo dos animais — Acrescentou, como se isso lhe fizesse graça.

Rydstrom vestiu a túnica e prendeu a espada à cintura.

— Como muito, tem uma semana para localizar o portal. Vá em direção ao oeste e não demorará em se encontrar com demônios da Ira, refugiados que saberão o guiar.

— O que vai me pedir em troca? — Rydstrom voltou a segurar Sabine em seus braços.

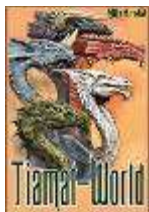
O pálido olhar do vampiro estava fixo no dele.

— Algo que me compense por ter quebrado o pacto que tinha com Omort.

— Quando?

— Quando chegar o momento. A semana que vem, ou dentro de uma década. Talvez no próximo milênio.

— Continua sendo meu inimigo. — Advertiu-lhe Rydstrom. — Poderia me limitar a caçá-lo e matá-lo.



— E não espero menos de você. É um rei honesto, mas também é implacável. E agora vá. Não tem tempo a perder.

Quando Sabine despertou, a lua ainda não havia se posto.

O primeiro que lhe deu a boa-vinda foi uma enorme dor de cabeça, e dado que o demônio a levava sobre o ombro, a cada passo que este dava, a dita dor ia aumentando. Seguiu com as mãos atadas às costas. O que significava...

Não tenho poderes.

Levantou um pouco a vista e, por entre as tranças, pôde ver que estavam em uma parte distinta de Rothkalina, longe do castelo, o mar e os verdes prados. O que a rodeava era uma planície desolada. Só havia uma região que não estivesse repleta de verdes bosques, a que levava o nome de reino de Grave.

Onde o selvagem é...

Estava em território perigoso com um louco, Lanthe devia estar morta de preocupação, e Sabine não tinha nenhuma gota de morsus... Se não conseguisse retornar ao castelo, a Omort, estaria perdida para sempre.

Tudo aquilo por culpa do traidor do Lothaire! E o muito sacana os havia teletransportado ao reino de Grave. Cravaria-lhe uma estaca com suas próprias mãos!

Sabine podia imaginar-se perfeitamente como Omort estaria tomando essa traição... E a quem o devia estar fazendo pagar. Estava convencida de que Lanthe estava a salvo, mas confiava em que sua irmã pudesse proteger também a seus inferi.

Pouco a pouco, com cada passo longo que dava o demônio em dano à cabeça dela, a planície ia dando caminho a um bosque fossilizado. A luz da lua projetava sombras no chão. Seres invisíveis escorregavam entre a poeira.

Mas o pior era que Sabine levava a saia levantada até a cintura, deixando à vista seu traseiro, apenas coberto por uma tanga. A mão com que Rydstrom a segurava se dedicava agora a acariciar suas curvas; o demônio tinha começado a massageá-la.

O que está me fazendo? Sabine não queria voltar a ter relações sexuais com ele, em especial estando ele naquele estado tão alterado. Para começar, seu plano se foi para o espaço. E, além disso, ainda estava dolorida da última vez. Quando decidiu que ia voltar para a cela para deitar-se com ele de novo, Sabine tinha toda a intenção de ficar no controle do encontro.

Rydstrom se deteve de repente e a depositou no chão. Sob a lua minguante, seus olhos enlouquecidos a olharam espectadores; tinha os lábios levantados, lhe mostrando as presas.

O demônio calmo e razoável tinha desaparecido.

Aparentemente, Sabine tinha despertado a fera, e agora havia se convertido em sua prisioneira.

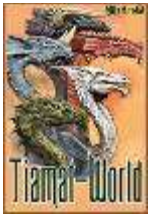
Não por muito tempo.

— Rydstrom. — Sussurrou.

— O que?

Ela voltou a sussurrar seu nome, mas em voz mais baixa. Quando ele se aproximou, golpeou-o no nariz com a testa e logo tentou lhe dar um chute com as botas de aço entre as pernas.

Ele a agarrou pelo tornozelo e a deitou no chão. Em questão de segundos, Rydstrom se colocou em cima dela.



— É uma má pessoa. — Afundou o rosto em sua juba e aspirou fundo. — Uma mulher traiçoeira.

Quando começou a lhe beijar o pescoço com desespero, Sabine olhou para o céu... A estava beijando como se tivesse sentido falta dela. Quão mesmo sua solidão, esse desejo teve o efeito de atraí-la para ele.

— Mas não o será por muito tempo.

O demônio estava completamente excitado e, quando se moveu contra Sabine, uma inesperada onda de prazer sacudiu o corpo da feiticeira. Estava se perdendo naqueles beijos, o desejo de Rydstrom tinha avivado o seu.

Um momento... O que quis dizer com isso de “Não por muito tempo”? O demônio tinha a intenção de que se passasse a seu bando, de fazê-la mudar?

E ir com ele para fazê-la mudar!

Ele se apoderou de sua boca, devorando-a com a sua. Para não sucumbir ao frenesi de seu beijo, Sabine lhe mordeu o lábio inferior.

Rydstrom soltou uma maldição e ficou em pé de um salto. Agarrando-a pela cintura, levou-a até uma rocha bastante plana. Ao chegar ali, tomou assento e a deitou sobre seu colo.

— O que está fazendo? — Com as mãos atadas às costas não podia fazer nada para detê-lo.

— Vou cumprir com uma de minhas promessas.

Até antes que compreendesse do que estava falando, levantou-lhe a saia até a cintura.

— Rydstrom, espera um momento! — Moveu-se nervosa ao sentir que baixava sua tanga até os tornozelos.

A palma dele caiu sobre uma das nádegas com um sonoro tapa. Ardeu-lhe, mas soou pior do que foi em realidade.

Aquela era sua vingança? Incomodaria-lhe se pegasse no sono?

— É isso tudo o que tem, demônio? Quer me castigar ou se trata de outra amostra de afeto? Estou confusa...

Zas! Ao receber esse segundo tapa ficou sem fôlego, e se moveu sobre o colo dele. O seguinte foi seguido de uma pequena pontada de dor, e o outro. Enquanto, com a outra mão, massageava-lhe a coxa. Castigá-la estava excitando Rydstrom, e lhe tinha acelerado a respiração.

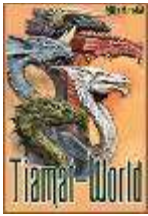
E algo começou a acontecer deste modo a Sabine. Para sua surpresa, ela também se sentia cada vez mais excitada. O que tinha aquele demônio que a fazia sentir assim? Haveria alguma vez em que ela não o desejasse? Como por exemplo, naquele mesmo momento, quando lhe estava dando tapas no traseiro, a meros segundos que aquilo se convertesse em umas palmadas.

Sabine se sentia enormemente atraída por ele, era o macho mais forte que tinha conhecido. Nunca poderia esquecer sua imagem lutando contra aqueles guardas... O feroz que lhe tinha parecido. Com o seguinte tapa, o grito que escapou da garganta de Sabine se transformou em gemido de prazer, deixando atônita inclusive a ela mesma. Rydstrom não soube o que fazer.

Era uma autêntica hedonista capaz de gozar em qualquer circunstância. Ali estava ela, no meio de um reino selvagem, cativa de um demônio que estava lhe açoitando o traseiro... E as miragens das chamas já estavam iluminando a noite. *Que surpresa*, pensou Sabine, com um leve sorriso. Moveu-se sobre o colo de Rydstrom e deslizou um joelho, separando assim as pernas. O demônio ficou imóvel e sua mão se paralisou no ar. Quão único Sabine podia ouvir era sua respiração entrecortada.

De repente, um dilacerador gemido escapou da garganta do demônio quando este olhou entre suas pernas.

— Preciso tocá-la...



Sabine assentiu. Ao primeiro contato, ela se sobressaltou, logo gemeu de prazer ao sentir que ele deslizava um dedo em seu interior. *Desabotoou a braguilha?* Sabine notava como Rydstrom tinha começado a acariciar-se por debaixo dela enquanto seu dedo entrava e saía ansioso de seu corpo.

— Está tão excitada... — Disse ele emocionado. — Feiticeira, deixa-me... Louco...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Rydstrom estava submerso até o pescoço nas areias movediças do raciocínio e o instinto, onde nada tinha sentido. Estava perdendo o controle por culpa de Sabine e não poderia desfrutá-lo mais.

Tinha fugido com sua feiticeira. Por fim. Só de pensar que agora ela era sua prisioneira, sua posse, lhe dava vontade de gritar de júbilo.

Com o cabelo que lhe caía pelas costas e o sutiã de metal que rodeava seu corpo, parecia tão malvada como sua atitude demonstrava, recebendo açoites e levantando o traseiro pedindo mais. E agora via que precisava chegar ao orgasmo, desesperadamente. As miragens de fogo estavam descontroladas.

Isto é o êxtase.

Introduziu um segundo dedo dentro de sua faminta vagina.

— Tão apertada. Quente. — O corpo dela estava aprisionando os dedos de Rydstrom. — E já não é virgem.

Com a outra mão, agarrou-se o pênis subindo e baixando o punho, até que tremeu a ponto de alcançar o final. Retirou devagar os dedos do interior de Sabine, só o tempo suficiente para virá-la e poder ver seu rosto.

Não havia vergonha nem medo no olhar da feiticeira. Com os olhos meio fechados, deitou-se sobre os joelhos do demônio e levantou os quadris, permitindo assim que ele pudesse tocá-la com total liberdade. *Tão preciosa... E feroz. Minha.*

Rydstrom tinha aquela sensação, ainda pouco habitual, de pressão no interior de sua ereção, a sensível ponta roçando as nádegas de Sabine. *Um prazer tão extremo resulta doloroso.*

Seus músculos se esticaram, seu corpo estava preparado para alcançar o orgasmo. Girou os olhos e ejaculou contra o traseiro de Sabine. O clímax seguiu e seguiu sem que ele pudesse deixar de gritar de prazer, salpicando com força uma e outra vez, movendo descontrolado os quadris debaixo dela.

Sabine ofegou e gemeu brandamente. Esse som provocou nele uma última explosão que foi parar entre as pernas separadas dela. Inclusive nessa postura, retorcia-se, gemendo, a ponto de ter um orgasmo...

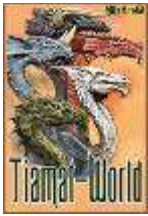
Mas imediatamente Rydstrom afastou a mão, abotoou as calças e levantou a feiticeira.

Enquanto Sabine piscava atônita, ele arrancou um pedaço da parte inferior de sua túnica para limpar o rastro que tinha deixado no corpo dela.

— O que está fazendo?

— Já acabei. — *Não me provoque... Não me faça enfurecer.* — Me deve três noites. Três noites nas quais saberá pelo que eu tive que passar. Então estaremos em paz.

Enquanto a limpava, ela o enfrentou.



— Vou matá-lo por isso!

À luz da lua, pôde ver seu traseiro bem vermelho. *Teria batido nela muito forte?*

— Muito forte, desgraçado! — Respondeu Sabine lendo sua mente.

— Saia de minha cabeça! — Jogou o pedaço de tecido, e lhe subiu a tanga com tanta força que a fez ficar nas pontas dos pés.

— Ou o que? Dará-me uns açoites? Costuma bater nas mulheres?

— Nunca. Nenhuma só vez em quinze séculos.

— Ah, claro, é o rei Rydstrom, o Bom. Pois não parece tão bom agora.

— Não seria capaz de reconhecer nada bom nem que estivesse te dando açoites sem parar.

— Puxou sua saia para baixo tão forte que o objeto se rasgou.

— Estou o convertendo em mau, demônio? Derrubando essa maravilhosa fachada?

— Poderia ter sido muito pior. — Agarrou-a pelo braço e a fez avançar, prosseguindo o caminho. — Não teria que ser assim, mas foi você a que começou tudo isto. Lembra-se de quando te pedi que me deixasse livre? Lembra-se de minha dor quando estava deitado naquela fodida cama, com a ferida de meu peito aberta e a coluna vertebral quebrada? Passei dias apanhado nessa maldita masmorra... Por sua culpa!

Como se não tivesse ouvido o que ele acabava de dizer, fixou o olhar em seus chifres.

— Vai continuar jogando isso na minha cara por toda a vida?

Soltou-lhe o braço. Aquela mulher o confundia continuamente. *Por todos os deuses, tem-me uma confusão feita.* Continuou caminhando, sem voltar-se enquanto falava na escuridão.

— Siga-me. Se não o fizer, a comerão viva aqui fora.

— Aonde me leva? — Perguntou ela, obedecendo. — O que me fará, além de me converter em seu fetiche?

Rydstrom parou e lhe agarrou a cabeça com as mãos, levantando-a para que seus olhos se encontrassem.

— Mulher, por que me provoca? — Entrecerrou os olhos. — Zomba de mim porque você gosta quando perco o controle.

Ela afastou o olhar um segundo.

— Absolutamente. Como acha que devo agir com alguém que me fez prisioneira? De maneira complacente?

— Se tivesse um pouco de bom senso, evitaria me provocar. — Deu por finalizada a conversa e se voltou para continuar o caminho. O forte sol estava a ponto de sair, e o terreno ia se voltar ainda mais difícil.

Com frequência, Sabine lhe perguntava aonde a levava e quanto tempo demorariam.

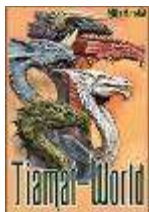
Queixava-se da intensidade do sol, do passo que levavam e do racionamento que ele impunha da minguante reserva de água que tinham.

Além de lhe molhar os lábios de vez em quando com um gole do cantil, Rydstrom a ignorava por completo, com a mente feita uma confusão. Uma parte dele se sentia triunfante. Estava livre, e tinha Sabine cativa. Tinha começado sua vingança e tinha sido recompensado enormemente, ejaculando com tanta força que as pernas tinham se enfraquecido.

Outra parte dele, em troca, sentia-se culpado por tratá-la desse modo. Entretanto, cada vez que o sentimento de culpa o espreitava, recordava a si mesmo o que o havia feito passar. A humilhação daqueles homens banhando-o... O mero fato de recordar isso o fez voltar-se para a feiticeira com os lábios retraídos por causa das presas.

O comportamento de Sabine lhe dava carta branca para fazer com ela o que quisesse.

Mas quanto tempo poderia seguir sem reclamá-la? Se não o havia feito ainda era porque



não queria deixá-la grávida. Queria ter seu filho, mas ainda não, não quando ainda havia tanto perigo. Não quando sabia que Sabine correria para Omort à primeira oportunidade.

Quando começaram a subir uma inclinada ladeira, ela tropeçou. Caiu de bruços e bateu a testa contra o chão. Cuspindo areia, espetou:

— Passei muito tempo assim! Ou me solta, ou não poderei continuar subindo. No mínimo, me libere uma mão. Preciso das duas para poder criar ilusões. Rydstrom, não posso continuar assim.

Ele a agarrou pelo sutiã e a puxou para cima para levantá-la.

— Omort virá atrás de mim! Nunca sairá bem dessa.

— Uma palavra mais e coloco uma mordaca em você.

Sem fazer caso de sua advertência, Sabine continuou:

— E Lothaire será convertido em cinzas... — Parou quando o viu rasgar um pedaço da barra de sua camisa. — Rydstrom! Ficarei calada...

Passou-lhe o pedaço de tecido ao redor da cabeça, lhe colocando a mordaca bem apertada.

— Já sei...

Durante uma hora a teve amordaçada enquanto seguiam avançando. Podia notar seu olhar cravado em sua nuca, mas não queria continuar ouvindo mais queixas ou demandas.

Finalmente, voltou-se para olhá-la. Tinha ficado bastante atrás. Estava queimada pelo sol, tinha os joelhos ensanguentados e algum corte nas pernas. O traseiro ainda lhe devia arder.

Desejava sentir satisfação ao ver seu sofrimento, mas não era assim. Ia contra seu instinto.

Maldita feiticeira. Deixa-me tão confuso... Lançou-lhe um turvo olhar por cima do ombro.

Ela se levantou e assumiu sua expressão altiva, então voltou a tropeçar. Apesar de que Rydstrom poderia continuar com aquele ritmo durante dias, decidiu parar de noite por ela.

Quando encontrou um lago de água fresca no caminho protegido por uma fenda, deixou sua mochila cair perto da borda e se agachou para desempacotar seu conteúdo: uma pequena garrafa de vinho, pão, frango, queijo, uma faca, uma pederneira¹⁴ e uns sacos de dormir.

Aliviada, Sabine se deixou cair de joelhos e se deitou sobre um quadril.

Depois de acender o fogo, Rydstrom comeu sua porção de comida e a seguir se inclinou para ela para lhe tirar a mordaca.

Engoliu saliva repetidas vezes.

— É tão doce como tinha pensado? — Perguntou logo. — Sua vingança?

— Será. Só começamos, princesa. Farei a você exatamente o mesmo que você me fez. Três noites veio a minha cela e me atormentou...

— Não foram três noites. Não sabe o que ia fazer a você na noite que o feriram. Se a corte não tivesse me chamado, o teria informado.

— E não o havia feito ainda? — Deu-lhe para beber um pouco de água do cantil.

Quando lhe aproximou o frango da boca, Sabine afastou o rosto.

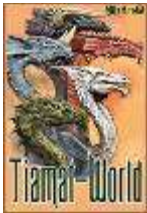
— Já sabe que não como carne.

— E você sabia que eu sim.

— Não vou comer isso.

— Pois ficará com fome. — Ele acabou a comida, e preparou os sacos de dormir debaixo de uma árvore sem folhas que havia perto do fogo que tinha acendido.

¹⁴ Nota: É um sílex pirômaco, capaz de produzir faíscas quando percutido ou atritado por peças de metal, em especial o ferro. Muito utilizado em peças antigas de artilharia, espingardas, isqueiros, etc., gera faíscas a 3.000 °C, tornando fácil fazer fogo em qualquer clima, em qualquer altitude, até mesmo sob tempestades e neve.



— Preciso que deixe minhas mãos livres para poder me lavar. — Sabine se voltou lhe dando as costas. — Acredito que ainda estou empoeirada com antes.

Com o queixo, lhe assinalou o lago.

— Aí tem água.

— E que espera que faça com as mãos atadas?

— Que me peça que a banhe.

Só de ver o olhar que lhe dirigiu, ele tirou a espada e se despiu. Continuando, mergulhou na água desde um relevo na beirada. Estava fresca, coisa que ajudou a aliviar a dor em seu maltratado corpo.

Saiu à superfície a tempo de ver como Sabine pisava com cuidado às escorregadias rochas que havia na beira de outro relevo, uns metros por cima daquele do que ele se atirou. Justo no momento em que ia assinalar-lhe uma beira de areia pela qual podia entrar na água, viu-a escorregar e cair rodando dentro da água. Imediatamente, desapareceu.

Tem as mãos atadas às costas, o metal que leva a afundará.

Morto de medo, mergulhou atrás dela.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— O que pensa fazer para encontrar a minha irmã? — Lanthe exigiu saber de Omort. A preocupação que sentia por Sabine lhe tinha dado a coragem necessária para enfrentar-se com aquele monstro.

O bruxo nem sequer parecia mais um homem: agora era a ira personificada. Hettiah estava ajoelhada junto ao trono, com a cabeça encurvada e sem deixar de tremer, como se tivesse frio.

Ao longo das últimas horas, Omort tinha matado repetidas vezes: inferis, zumbis, inclusive a vários demônios da Ira aos que tinha mandado sequestrar de seus lares.

Mas nada podia acalmá-lo. Os cadáveres se foram amontoando ao redor do Poço das Almas, olhos sem vida e extremidades entrelaçadas sobre um rio de sangue. O fedor e as moscas já eram insuportáveis.

— Tem que mandar os demônios do fogo atrás dela. Eles podem teletransportar-se...

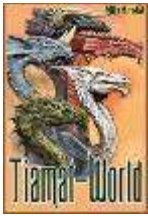
— Acredita que não pensei nisso? — Gritou Omort. — Rydstrom a terá levado ao reino de Grave, ali há vários portais para ir à outra dimensão. E nenhum dos demônios do fogo ou dos vampiros que estão aqui esteve antes nessa área!

Os demônios e os vampiros só podiam rastrear a lugares nos quais já tivessem estado. Lanthe não sabia se Omort estava a par de um pequeno detalhe, mas o fato de que os vampiros pudessem teletransportar-se ou não ao reino de Grave era irrelevante: nenhum deles era já seu aliado.

A tabuleta do pacto entre as facções vampíricas e os feiticeiros havia se quebrado e, quando a legião de Lothaire se desvaneceu se fez evidente quem tinha traído Omort... E Sabine. O rei dos demônios do fogo seguia estando a seu lado, mas por quanto tempo?

Para falar a verdade, a Lanthe não preocupava que Rydstrom pudesse fazer mal a sua irmã. De fato, estava convencida de que, ao contrário, protegeria-a com sua própria vida. O que sim a preocupava era a falta de morsus.

— Omort, se não a encontrarmos a tempo, quando começará a lhe fazer efeito o veneno?



— Perguntou.

— Uma semana antes do que ela acredita. — Respondeu o bruto rindo sem humor.

— Mentiu-lhe sobre isso? — Perguntou Lanthe furiosa.

— Não tem importância. — Disse ele. — Você abrirá um portal para o reino de Grave e esta mesma noite os zumbis revistarão a área até encontrá-la.

A jovem engoliu saliva.

— Eu... Não posso abrir um portal.

Quando Omort ordenou que trouxessem para ele os inferi de Sabine para torturá-los e matá-los, Lanthe tinha tomado uma decisão arriscada e tinha aberto um portal para salvar os serventes que estavam sob o amparo dela e de sua irmã. Acreditava de verdade que Sabine estava mais segura nas mãos do demônio que em Tornin. E elas duas se prometeram que se alguma vez acontecesse algo ruim com alguma delas, a outra se encarregaria de proteger os inferi.

— O que disse? — Perguntou Omort com seus olhos amarelados transbordantes de confusão.

— Que não poderei abrir um portal até dentro de vários dias. — Quando ele ficou em pé e se equilibrou para ela, Lanthe o esquivou.

— Se me fizer mal, nunca conseguirá que Sabine retorne.

— Ou poderia ficar com seu poder. — Levantou as mãos e um sinistro calor emanou delas.

— E esquartejar seu corpo...

Sabine se sacudiu nervosa e tossiu enquanto o demônio a arrastava até a borda.

— Você levou tempo! — A feiticeira pensou que ia afogar-se outra vez, estava convencida disso, até que notou as mãos de Rydstrom segurando-a.

— Lancei-me detrás de você em seguida! — Olhando o diadema de Sabine como se fosse o culpado de tudo, agarrou a joia e a sabotou.

— Não! — Gritou ela.

Mas ele o lançou por cima de seu ombro para o acampamento. Depois lhe tirou o colar e o jogou para ali também. A seguir se agachou junto aos tornozelos de Sabine. Antes que esta pudesse reagir, Rydstrom lhe levantou um pé e a deitou na areia para lhe tirar as botas.

— Pare, demônio! — Era inútil que brigasse com ele, mas mesmo assim o tentou. Tentou lhe dar chutes, apontando ao torso ainda ferido do demônio, e conseguiu acertar algumas vezes.

Ele nem sequer se alterou e lhe tirou as botas de todos os modos.

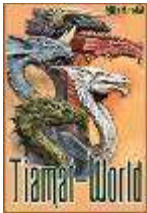
— É minha cativa. Minha responsabilidade. Assegurarei-me de que esteja limpa.

Depois das palmadas, Sabine se deu conta de que Rydstrom se acalmou, de que seu olhar furioso se apaziguou... Embora não tinha desaparecido de tudo. E naquele preciso instante retornou em toda sua plenitude. Inclusive sua voz estava alterada; o modo como falava e se movia não eram em nada majestosos. Antes, o demônio estava rígido e distante. Agora seus movimentos eram fluídos.

— E suponho que eu não tenho nem voz nem voto, não? — Perguntou, olhando-o.

Rydstrom negou com a cabeça, devagar, com toda sua atenção fixa no espartilho. Ficou em pé e a levantou. Concentrado, com a testa enrugada, Rydstrom começou a afrouxar os complicados nós das laterais, brigando com os cordões de pele.

Estava se excitando outra vez, sua ereção voltava a ser proeminente. Seus movimentos se tornaram cada vez mais lentos, como se desfrutasse com aquela tarefa e não quisesse que



terminasse.

Quando lhe tirou o objeto, seu olhar ficou fixo nos seios dela, no errático subir e descer de sua caixa torácica. De repente, pareceu como se repreendesse a si mesmo e, ato seguido, concentrou-se em lhe deslizar a saia pelas pernas.

— Basta! — Sabine se moveu contra ele, resistindo com todo seu corpo, mas Rydstrom a rodeou pela cintura e a imobilizou.

Deu-lhe um tapa no traseiro, ainda machucado de antes, e lhe lançou uma advertência com os olhos. Advertência a que ela decidiu fazer conta.

— Fique quieta. — Rydstrom lhe tirou então as meias e as ensopadas cintas-ligas e lançou tudo à pilha.

Uma vez a teve despida de tudo, concentrou-se em lhe desfazer as tranças. Parecia furioso, mas o fez com toda delicadeza.

Ao terminar, levou-a até o lago e deixou que a água a cobrisse até os joelhos. Depois, colocou-lhe as mãos sobre os ombros e a empurrou para baixo até conseguir que se ajoelhasse e que seu rosto ficasse frente a sua ereção.

Justo quando Sabine pensava que ia obrigá-la a beijá-lo ali, ele se ajoelhou diante dela.

Primeiro lhe tirou o pó e a areia, e logo se concentrou em investigar o corpo que tanto o atormentava. Percorreu-lhe as clavículas com suas grandes mãos demoníacas, seguindo cada movimento com os olhos, e logo com os lábios. Quando desviou a vista para seus seios, ela soube o que seria o seguinte. Rydstrom deslizou as mãos por cima deles, e logo os beijou com absoluta delicadeza, um mero toque de seus lábios.

De algum modo, estava sendo delicado com ela; essas carícias estavam fora de lugar. Não encaixavam absolutamente com a ira que Sabine podia sentir fervendo no interior do demônio. Tocava-a com... Ternura. Estava-a consolando. Mas a estava consolando pelo que lhe tinha feito ou pelo que ia fazer com ela?

Rydstrom lhe jogou um pouco de água sobre o seio, e logo a lambeu, capturando as gotas com a língua. Com os dentes lhe percorreu os mamilos até deixá-los dolorosamente erguidos, e logo se afastou para contemplá-los. Tinha o olhar fixo neles, como se estivesse fascinado com aquela parte do corpo de Sabine.

Ela amaldiçoou seu próprio corpo por responder de novo às suas carícias. Entretanto, seguia insatisfeita de seu anterior encontro inacabado, e por todas as noites que passou sonhando com Rydstrom antes que ele a sequestrasse. Começaram a lhe pesar as pálpebras, seu rancor e seu medo se desvaneceram. Beijou-lhe o lóbulo da orelha antes de murmurar:

— Esperei muitíssimo tempo para encontrar a minha companheira. Passei quinze séculos sem ela. — Acariciou-lhe o pescoço com os chifres com muita ternura. — Sem você. Já não posso esperar mais.

Agarrou-a pelos ombros e lhe deu meia volta para poder beijar suas costas molhadas.

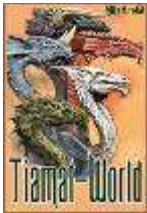
— Você ainda gosta que eu a toque. — Disse com voz rouca ao notar que ela se estremecia. Percorreu-lhe a coluna vertebral com as unhas de uma mão até chegar às nádegas. — Você sempre gostará.

Quando voltou a lhe dar meia volta, seus beijos e carícias a tinham emergido em uma neblina de desejo. E quando lhe deslizou mão entre as pernas, Sabine apoiou a cabeça no poderoso torso e procurou ansiosa seus dedos.

Estou nas nuvens... Faz o que quiser...

Já não lhe importava nada. Mas então, Rydstrom levantou uma mão e acariciou seu rosto.

Sabine se esticou e se afastou furiosa.



— Nunca toque meu rosto, demônio. — Disse em tom ameaçador.

Nove de cada dez machos que tinham aproximado uma mão de seu rosto o haviam feito para lhe bater ou matá-la. Ao menos assim tinha sido em seus quinhentos anos de vida.

— Farei o que gostar com você.

Agarrou-a pela mandíbula e, ao sentir que tremia, Sabine o amaldiçoou por ser testemunha daquela amostra de debilidade.

— Não tem direito...

— Você me deu direito a fazer o que quisesse me tratando como o fez.

Rydstrom lhe acariciou o pescoço com a outra mão. Quando o viu franzir o cenho ao notar a cicatriz, que seguia sendo invisível, Sabine lutou para soltar-se, mas Rydstrom a segurou com mais força. Ela sabia que as miragens não demorariam para desvanecer-se. Logo o demônio veria sua mecha de cabelo branco e a cicatriz do pescoço. Nunca teria imaginado que chegaria a estar em uma posição tão vulnerável frente a ele.

— Pretende que nos deitemos? — Perguntou-lhe, em uma tentativa desesperada para distraí-lo. — Porque já lhe disse...

— Não.

— ... E foi uma derrota... O que disse?

— Oferecerei o mesmo trato que você me ofereceu. Antes de fazer amor comigo terá que me prometer algo. Algo que sei que jamais me prometeria por vontade própria.

Rydstrom estava procurando o modo de vingar-se por ter arrancado dele o juramento matrimonial.

— Dirá-me: “Suplico que me faça sua. Preciso que seja meu amo e senhor e te entrego minha vontade”. Quando me prometer isso, terá sua recompensa.

— Então... Não a terei jamais.

— Juro que não farei amor com você até que me diga essas palavras. E não deixarei que tenha um orgasmo até que me suplique, ou até que tenham passado suas três noites.

— Se não vai exigir que eu tenha relações com você, vai me reter a seu lado só para se vingar?

Ele ficou olhando-a com uns olhos escuros como a noite.

— E porque eu sempre cuido do que me pertence. — Ele segurou a nuca com as mãos e lhe acariciou os maçãs do rosto com os polegares; logo se inclinou para frente para beijá-la.

O último beijo que trocaram tinha sido frenético, enlouquecedor. Como uma droga. Mas desta vez Rydstrom lambeu seu lábio inferior com ternura antes de apanhá-lo entre seus dentes.

Quando por fim cobriu seus lábios, deslizou a língua em seu interior, desafiando-a a ir a seu encontro.

Sabine não demorou para fazê-lo, e o saboreou até fazê-lo gemer de prazer. A ereção de Rydstrom se apertava contra o umbigo dela, que começou a mover os quadris para ir a seu encontro. Arqueou as costas e colou os seios contra seu quente torso.

Mas ele se afastou, deixando-a com a respiração entrecortada.

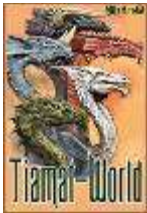
Sabine ainda estava tentando recuperar o controle, ainda atordoada por seus beijos, quando o demônio a agarrou em braços e a tirou da água.

— O que está fazendo?

Sem dizer nenhuma palavra, levou-a debaixo de uma árvore e a depositou ali, ainda molhada, com a água jorrando pelo corpo.

Então soltou a corda que lhe atava os pulsos, mas só para atá-la logo ao tronco.

— Espere... Não, demônio! — Não serviu de nada: Rydstrom levantou suas mãos por cima



da cabeça e a atou.

Continuando, ajoelhou-se diante dela.

— Abra as pernas.

— Vá para o inferno.

Com as palmas sobre suas coxas, Rydstrom foi separando as pernas e ficou olhando-a durante um longo momento.

Sabine queria afastar o olhar, mas lhe resultou impossível afastar os olhos daquela expressão tão intensa, de sua cicatriz iluminada pelo fogo.

— Sabe a vontade que tenho de saboreá-la? — Ele passou a língua pelos lábios e dela quase escapou um gemido. — Está me fazendo salivar. — Prosseguiu emocionado. — É linda. — Sua voz voltava a soar estranha.

Rydstrom se agachou e lhe acariciou o pelo com o nariz, conseguindo que Sabine gritasse de prazer. Logo roçou seu atormentado sexo com a boca, e soltou o fôlego em cima dele.

Ela levantou os joelhos para atraí-lo mais perto.

— Rydstrom! Ah, por todos os deuses... Faça!

— Que faça o que? — Separou-lhe os lábios com os polegares.

— Me saboreie... Beije-me. — Sussurrou.

Quando sua língua se afundou em seu interior, ele gemeu com tanta força que Sabine o sentiu por todo seu ser. Ela também gemeu com abandono.

Sem deixar de beijá-la naquela parte tão íntima, Rydstrom a possuiu com a língua, saboreando-a até o mais profundo, até saciar-se. Explorava-a com os lábios, com os dedos... Nada era sagrado.

Nunca tinham beijado Sabine assim.

— Seu sabor... Deixa-me louco. — Disse emocionado, lambendo seu clitóris. Sua língua percorreu a zona uma e outra vez, sem piedade, até que ela não pôde deixar de ondular-se sob seus beijos. *Estou tão perto... Tão perto.*

Viu então que ele tinha começado a masturbar-se com uma mão, o bracelete de ouro que usava no bíceps brilhava com cada movimento. A cada uma das sábias carícias de sua língua, a tensão do braço ia aumentando.

Rydstrom estava desesperado para tê-la. Os fortes músculos de seu corpo se esticaram ao alcançar o orgasmo e gemeu colado ao sexo dela, segundos antes que seu sêmen salpicasse o quadril de Sabine.

— Está tão quente. — sussurrou ela fascinada, também à beira do orgasmo.

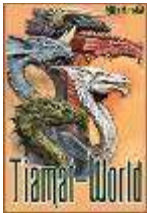
Mas quando por fim Rydstrom pareceu acalmar-se, levantou a cabeça e se afastou. Sabine ficou olhando-o, e se deu conta de que ele estava contente de que o tivesse visto alcançar o prazer, que inclusive o excitava a ideia.

Com um suspiro de satisfação, o demônio se deitou de costas. Ela observou fascinada como seu pênis continuava pulsando por cima de seu duro estômago. Desejando-o como o desejava, moveu os quadris buscando-o com descaramento.

A sério se expôs a possibilidade de renegar do sexo? Agora estava desesperada por voltar a tentá-lo.

— Mais vale que nos concentremos no assunto que nos ocupa. — Disse Rydstrom logo que conseguiu recuperar o fôlego, repetindo as palavras que lhe disse a noite em que o capturou. — Posso passar toda a noite fazendo isto. De fato acredito que o farei...

— Sim! — Exclamou Sabine, e ele voltou a devorá-la de novo. — Mais. — Gemeu ela, perdendo a cabeça.



Mas justo quando estava a ponto de alcançar o orgasmo Rydstrom se afastou.

— Não, não, não! — Esperneou. — Está fazendo... Que... Tenha vontade... De matá-lo! — Disse com a voz entrecortada.

— Sei. — Respondeu ele, percorrendo devagar todo seu corpo com o dorso dos dedos, fazendo-a estremecer. No preciso instante em que a respiração de Sabine parecia acalmar-se, disse: — Separe mais as pernas.

Apertando os dentes, ela levantou o olhar para os ramos que havia por cima da cabeça, e obedeceu.

Hora após hora, Rydstrom a manteve à beira do abismo. Ele teve dois orgasmos mais, mas logo começou a controlar-se, decidido a aguentar mais que ela.

Ele nunca tinha visto nenhuma fêmea nesse estado. Sabine sacudia a cabeça de um lado a outro, sua juba ruiva, que tinha secado, estava estendida por cima do saco de dormir. Tinha os mamilos excitados e arqueava as costas.

Miragens de chamas ardiam a seu redor.

Não lhe permitir alcançar o orgasmo era uma espécie de castigo também para ele... Ia contra todos seus instintos demoníacos não satisfazer a sua companheira. Mas a reação da feiticeira o excitava muitíssimo.

E apesar de tudo, ela ainda não havia se rendido. Apesar de ele morrer de vontade de fazer amor com ela, de possuir sem trégua aquele pálido corpo, estavam imersos em uma batalha de vontades. E ele nunca perdia esse tipo de confronto...

Quando a lua começou a baixar, Sabine mal podia respirar e tinha todo o corpo ensopado de suor, os seios doloridos e irritados.

Ele estava deitado a seu lado, e ela o olhou nos olhos.

— Ah... Abrace-me, demônio. — Sussurrou-lhe. — Eu farei o resto.

A imagem que essas palavras conjuraram fez que Rydstrom tivesse vontade de rugir. Abraçá-la e que ela movesse os quadris para que ambos os sexos se roçassem... Até senti-la estremecer-se entre seus braços presa do prazer...

Agachou a cabeça e lhe percorreu um seio com a língua.

— Suplique-me isso, querida. — Sussurrou-lhe. — E te juro que farei que tenha um orgasmo tão espetacular que verá as estrelas.

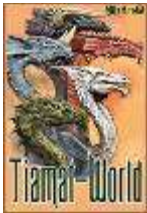
— Jamais! — Sabine negou com a cabeça e gritou. — Você não entende..!

— Ah, não? — Perguntou ele, sentando-se.

Com os braços ainda atados, Sabine se desabou a um lado, com todo o corpo tremendo e colando os joelhos a seu peito. Ele ficou olhando-a enquanto adormecia de cansaço.

Ainda era de noite quando despertou. Estava sozinha sobre o saco de dormir, e não tinha nem ideia de quanto tempo tinha estado inconsciente. Inspecionou seu corpo e ficou atônita. Rydstrom a tinha desatado da árvore e a tinha lavado?

Ao elevar a cabeça, viu-o nu, recostado contra uma rocha, com um braço apoiado em um joelho que tinha levantado. Estava-a olhando com expressão inescrutável. Apesar de que seu aspecto continuava sendo demoníaco, seus olhos obsidianos não pareciam já tão frenéticos.



Sabine jamais poderia esquecer a possessividade que tinha visto no olhar do demônio aquela noite. Arrepiou-se ao recordar quão satisfeito havia se sentido consigo mesmo depois de que ela o observou estalar de prazer.

Rydstrom ficou em pé, um exemplar magnífico de virilidade, um corpo feito para o sexo. Pertencia àquelas paragens; igual a um animal selvagem, era um ser mitológico, um ser tirado de uma lenda.

E era seu marido.

Quando chegou junto a ela, o corpo de Sabine voltava a estar inquieto, mas estava muito cansada para pensar em ter um orgasmo. O demônio a rodeou com os braços, aproximando-a dele.

Sabine se esticou ante esse gesto até então desconhecido, compreendeu que queria que dormissem juntos. Naquela postura.

Quando Rydstrom lhe acariciou o rosto com o seu, as pálpebras de Sabine começaram a fechar-se. Seu corpo era surpreendentemente quente. O demônio lhe beijou o pescoço, a orelha. Suas carícias eram ternas de novo. Era como se se arrependesse de tê-la magoado, apesar de ser ele mesmo quem lhe tinha infligido o castigo. Por todos os deuses, não deixava de confundi-la!

Embora não lhe soltasse as mãos, Sabine corria o risco de projetar miragens estando adormecida, sem dar-se conta. Nesse preciso instante, teria dado seu melhor diadema em troca de uma poção para poder manter-se acordada. A ideia de que Rydstrom pudesse ver seus mais profundos pensamentos, suas lembranças.

Preocupava-lhe o que seu demônio pensaria do passado de sua esposa se ela se atrevesse a contar-lhe. Não queria que a julgasse, muito pior, que sentisse lástima. Sua mãe estava acostumada a dizer: “Que os deuses me deem isso tudo, exceto a compaixão de um bom homem.”

Sim, Sabine estava ansiosa, mas tinha os músculos doloridos, e era tão agradável sentir o corpo dele colado ao dela... Quente, forte... Seguro.

Não sonhe... Não sonhe...

A cabeça de Sabine caiu de novo, e logo ficou profundamente adormecida.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— Esquente-o, acaricie-o, sente-o e cuide dele. Amasse-o, envolva, ame-o e beije-o...

Rydstrom despertou de repente ao ouvir o estranho cântico feérico.

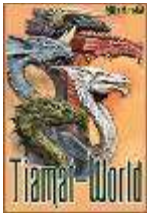
Olhou para Sabine, mas esta seguia adormecida, com os olhos tremendo sob as pálpebras. Não teve mais remédio que afastar-se dela e ir em busca desse som.

— O ouro é vida... É a perfeição. — Dizia a voz de mulher, uma risada seguiu aquela afirmação.

Quando Rydstrom acreditou ter chegado ao lugar de onde provinha a voz, olhou a ambos os lados.

Aqui não há ninguém. Era uma armadilha? Tinham-no enganado para que se afastasse de sua mulher? Correu de retorno para Sabine.

Estava adormecida na mesma postura em que a tinha deixado com seus longos cílios lhe acariciando as bochechas. Respirou aliviado e se deitou a seu lado. Ao baixar a vista para olhá-la, deu-se conta de que a ira e a luxúria se diluíram o suficiente para que fosse capaz de raciocinar de



novo. Mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão no que correspondia à feiticeira e aos confusos sentimentos que tinha por ela.

A noite passada, sua natureza demoníaca tinha exigido vingança, uma represália para aplacar sua ira. Mas, ao final, ele mesmo tinha sofrido ao causar dor a sua companheira.

Rydstrom não sabia o que pensar sobre Sabine, nem sobre si mesmo. E, para falar a verdade, estava expondo-se romper o juramento de vingança. Que tinha prestado estando naquela masmorra, e tinha evitado que sucumbisse irremediavelmente à ira.

Estava em uma situação sem saída. Se a atormentava durante duas noites mais, não seria melhor que ela. Mas se não o fazia, estava rompendo a promessa que havia feito a si mesmo, e então tampouco seria melhor que sua feiticeira.

Talvez devesse aceitar a teoria de Sabine de que ela só o tinha torturado duas noites... Sim, se fazia isso, só ficaria uma.

Fixou o olhar na longa juba ruiva da feiticeira. Entre os cachos avermelhados havia uma mecha branca que ele não tinha visto antes. Agarrou-o e o deslizou entre o polegar e o indicador. Ela o tinha ocultado... Por quê?

Soltou a mecha quando lhe descobriu uma cicatriz no pescoço. O rodeava inteiro. Entreabriu os lábios ao compreender o que significava. Agarrou-a pelos ombros e a levantou para poder inspecioná-la.

— O que? — Sabine piscou sob os primeiros raios do sol. — O que fiz agora?

— O que é esta cicatriz? É de alguma operação? — Perguntou-lhe ele, rogando que assim fosse. — Responda-me!

Ela fechou os olhos uns segundos, como se sentisse envergonhada.

— Sim, Rydstrom, é de uma operação.

— Outra vez está mentindo para mim!

— Não, não estou mentindo para você. — Respondeu completamente séria. — Foi uma operação contra minha vontade, uma mediante a que pretendiam me cortar a cabeça.

— Era muito jovem então. — Prosseguiu com a boca seca. — Quantos anos tinha?

— Que importância tem..?

— Quantos? — Gritou, e sua voz ressoou pelas montanhas dos arredores.

— Doze, demônio. — Olhou-o aos olhos. — Tinha doze anos o dia em que um soldado de um exército “dos bons” me cortou o pescoço pela raiz.

— Conte-me isso.

— O clã dos vrekensers matou meus pais. Quando me vi em frente a eles, tentaram fazer o mesmo comigo. E antes que diga nada... Sim, tinha que me enfrentar com eles. Não tem ideia do que fazem às crianças de nossa espécie.

— Os vrekensers as teriam adotado. — Respondeu Rydstrom sacudindo a cabeça. — Eles teriam dado um lar.

— Separam-nos de nossos irmãos ou irmãs para que assim lhes seja mais fácil nos converter. Às meninas de minha espécie lavam seus cérebros para que sejam como eles... Mais doces, mais comedidas, completamente opostas a nossa natureza. Lavam-nos o cérebro para que pensemos como vocês!

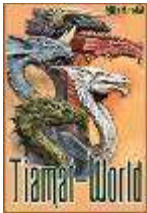
— Como é possível que sobrevivesse a uma ferida desse calibre?

— Não tem importância. O único importante é que o fiz.

— Fale-me sobre isso.

Ela tentou soltar-se, mas Rydstrom a reteve com força.

— Minha irmã, Lanthe, tinha a capacidade de dar ordens místicas. Eu estava morta, meu



coração tinha deixado de pulsar, e o sangue já não circulava por minhas veias, mas de algum modo ela conseguiu me ordenar que voltasse a viver e que me curasse.

— Por isso saiu à mecha branca em você?

Ela afastou o olhar.

— Não quero continuar falando disso. — Voltou a tentar soltar-se. — Não entendo a que vem tanto alvoroço. — Quando ele ficou olhando-a desconcertado, ela fez uma careta de desgosto. — Demônio, a sério acredita que essa foi a única vez que alguém me assassinou?

Por muito que insistisse, jamais lhe contaria a história de suas mortes. Ele não merecia saber disso. Não o entenderia, não como era devido, porque estava condicionado para pensar de maneira diferente à sua.

Sabine levantou a vista para olhá-lo e, seja o que fosse o que Rydstrom viu em seus olhos, fez que a soltasse.

O demônio passou a mão pelos lábios. Voltava a ter um aspecto quase normal, mas a ponto de voltar a transformar-se.

— Temos que seguir. — Murmurou.

Seguir. Afastar-se de Tornin, do morsus, de minha irmã. Começar outro dia interminável.

Sabine tinha os braços dormentes, e dores musculares nos ombros até os pulsos cada vez que abria e fechava os punhos. Doíam-lhe os seios, e o desejo insatisfeito da noite anterior voltou a golpeá-la com força como uma enfermidade desconhecida.

Pelo menos tinha dormido cinco horas. Isso não tinha acontecido desde que era criança! O que significava que durante todas essas horas tinha sido vulnerável, que sua segurança tinha estado por completo nas mãos de Rydstrom.

Sabine odiava essa sensação.

— Esta manhã me pareceu ouvir uma mulher cantando. — Disse ele enquanto apagava a fogueira. — Mas fui investigar e não encontrei a ninguém.

— Eu não ouvi nada. — Sabine tinha estado sonhando, mas não recordava o que. Ao menos, o demônio não tinha visto o sonho em questão.

— Hoje temos que acelerar o passo.

Ante seu olhar horrorizado, Rydstrom agarrou a espada e cortou os altos saltos das botas.

— Não acredita que chegou o momento de que me ponha a par de nossa situação?

— Vou levá-la à minha casa em Louisiana.¹⁵ — Levantou-a e a pôs em pé. Estava frente a ele completamente nua, mas ele não a tocou e se limitou a apertar a mandíbula.

Com movimentos torpes, vestiu-lhe a saia.

— Temos que encontrar os refugiados que vão nos passar à outra dimensão.

— Omort pode detectar a tudo o que entra e sai.

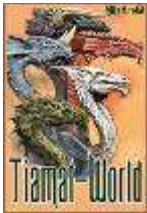
— Desta vez não.

— Vai levar-me a um desses portais ilegais, não é assim? Temos que caminhar muito?

— Uns dias mais.

— Ele nos encontrará antes que consigamos chegar. — Disse, fazendo que Rydstrom apertasse o músculo de sua mandíbula com cicatriz.

Depois de lhe pôr o espartilho de metal e as botas sem saltos, Sabine perguntou:



— E minha roupa de baixo e as meias?

— Não vai usar nada disso enquanto estiver comigo.

— Se não vai me soltar, — Disse ela. — é melhor você ir buscar o meu colar e o meu diadema.

— É melhor?

— Não queria dizer isso.

— Nem o sonhe, princesa.

— Tem que buscá-los!

Rydstrom se aproximou de onde estavam os objetos e os colheu com uma mão.

— Por que são tão fodidamente importantes? Quase se afogou por causa deles! — Deu a volta e os lançou à água.

— Não! — Gritou Sabine, mas já era muito tarde. Tinham desaparecido.

Fico sem fôlego.

O ouro é a vida... A suave superfície da água tinha apagado suas joias da face da Terra, como se nunca tivessem existido. Seu lábio inferior tremeu e não pôde fazer nada para ocultá-lo nem emocional nem misticamente.

— Vamos. — Disse ele, um pouco incômodo.

Rydstrom a agarrou pelo braço e ela olhou para trás.

— Não posso acreditar que tenha feito isso. — Perder ouro era uma coisa, mas jogá-lo... Era incompreensível. — Nada justifica o que acaba de fazer. Nada.

— Aquilo não serve de nada.

— Que não serve de nada! Será um ignorante? Essas joias protegiam minha cabeça e o pescoço!

— Então terá que confiar em mim para que a proteja!

Continuou puxando-a, e Sabine o seguiu em um silêncio sepulcral...

Depois disso, transcorreram umas horas nas quais não aconteceu nada. Ela se encontrava constantemente com os verdes olhos do demônio observando-a. A cada segundo que passava, Rydstrom era mais atento e considerado; ajudava-a a atravessar os lugares mais rochosos, agarrava-a pela mão para que não caísse. Mas seguia sem desatá-la.

E cada vez que tentava convencê-lo de que o fizesse, ele ameaçava colocar nela uma mordida. Sabine se perguntou se o dizia a sério, porque era evidente que morria de vontades de falar com ela... Mas só de um assunto em concreto. Não deixava de lhe perguntar quantas vezes tinha morrido.

— O que isso importa a você? — Espetou-lhe. — Me tratará melhor se souber todas as coisas horríveis que me aconteceram quando era pequena?

— Eu... Não sei. Quer que sinta compaixão por você?

— Não mereço sua compaixão. — Respondeu, como se não tivesse a mais mínima importância.

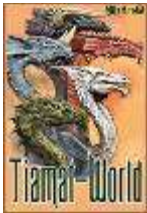
E embora a frase pudesse soar um pouco brega, Sabine a disse como se fosse uma das verdades da vida. Porque o era.

— E sua mecha branca? Ouvi dizer que isso acontece quando alguém passa muito medo, ou recebe uma forte impressão. O que aconteceu com você, Sabine? O mort fez algum mal a você?

— Ele nunca teria me feito mal. — *Fisicamente.*

— Segue sendo leal a ele?

Não podia contar ao demônio tantas coisas como queria, nem como necessitava. Não podia lhe dizer o muito que odiava a seu meio irmão, nem quão de acordo estava com ele a



respeito de que devia morrer. Algo que lhe dissesse seria uma arma nas mãos do bruxo quando os capturassem. Omort conseguiria ler a mente do demônio e então descobriria que Sabine o tinha traído.

— Protegeu Lanthe e a mim durante muitos anos. — Esquivou a pergunta. — E, além disso, por que deveria ser leal a você e não a ele? Você me fez prisioneira, e me colocou em perigo ao me afastar do reino, me trazendo para este lugar selvagem. Ao menos, Omort sabe me apreciar. Com certeza virá me buscar.

— Estou impaciente.

— Falando de lealdades: por que Lothaire iria trair Omort por você? Estiveram juntos durante todo este tempo?

— O vampiro quer algo que eu posso lhe dar, e negocie com ele para que me libertasse.

— Acaso foi ele quem nos trouxe aqui? — Ao ver que Rydstrom assentia, continuou: — Que motivo podia ter para ter visitado com antecedência o reino de Grave?

Rydstrom deu de ombros.

— Disse-me que sabia muito a respeito deste lugar.

— Ah, sim? Então poderia nos ter deixado mais perto do portal em vez de nos obrigar a ir de excursão por este maldito lugar.

— Os portais se movem constantemente. Acostume-se à ideia de que tem que caminhar, feiticeira.

Quando Sabine voltou a tropeçar, exclamou:

— Vamos, demônio!

— A não ser que me diga que existe outro modo de deixá-la sem poderes, seguirá com as mãos atadas.

— E se jurasse não utilizar meus poderes?

— Você, jurar algo? — Rydstrom riu com crueldade. — Romperia o juramento em menos de dois segundos.

— Disse-me que haveria paridade entre o que eu te fiz e o que você me faria, mas, que eu recorde, jamais o torturei. Nunca o machuquei fisicamente, e agora você está me matando.

— Estando sob “seu amparo”, — Fez o sinal de asas com os dedos. — me romperam a espinha dorsal e rasgaram meu peito.

— Isso não foi minha culpa, eu salvei sua vida. — Seu rosto iluminou ao recordar uma coisa. — O que mais o deixou furioso foi que aqueles homens o banhassem, equivoco-me? Pensava que você gostaria!

— Não, você não pensou tal coisa.

— Está bem, — Reconheceu Sabine imediatamente. — era mentira. Mas não sabia que o odiaria tanto. — Ao ver que ele entrecerrava os olhos retificou: — Sim, sim, isso também é mentira.

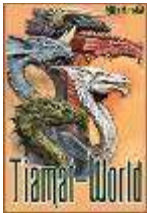
— Como você se sentiria se ordenasse a três mulheres que lhe dessem um banho?

A feiticeira levantou uma sobrancelha.

— Muito afortunada. E, de fato, seguindo com sua norma de paridade, deveria fazê-lo. Mas teriam que ser três mulheres muito bonitas, porque eu mandei os meus três melhores inferi, e te asseguro que os três se ofereceram como voluntários. Acredite-me.

— Esse é exatamente o motivo pelo qual não vou fazer tal coisa com você. — Solto ele zangado. — Se para você não é nenhum castigo então não é equiparável ao que me fez. — Acelerou o passo.

— E no que consiste exatamente essa sua paridade? — Perguntou Sabine tentando segui-



lo. — Não o tenho muito claro.

Rydstrom se deteve e ela quase se chocou com ele. Inclinou a cabeça para olhá-la e lhe responder:

— Terá que passar uma noite mais resistindo as minhas carícias. Vou fazê-la estremecer de desejo e não pararei até que me suplique que façamos amor. Depois disso, não voltarei a tocá-la até que me diga: “Suplico que me faça sua. Preciso que seja meu amo e senhor e te entrego minha vontade”. E, Sabine, posso esperar tanto tempo quanto for necessário. Tem que saber que se travar uma guerra de vontades contra mim, sairá sempre perdedora.

— Tanto tempo quanto for necessário? Durante quanto pensa me reter exatamente? Quando vai me soltar?

Ele a olhou de um modo estranho, entre possessivo e agressivo, e os olhos lhe passaram do verde ao negro mais escuro.

— Nunca.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Com o passar do dia, a paisagem foi gradualmente se transformando. Os matagais se tornaram cada vez mais espessos, enredando-se em seus pés ao avançar, e o bosque cada vez mais denso de árvores que o vento fustigava continuamente. Os rios tinham cavado um planalto, formando de lado a lado precipícios que ofereciam vistas espetaculares.

Sabine e Rydstrom continuaram sua ascensão, cruzando riachos pouco profundos um após o outro.

Ela olhava cada sarça, o forte sol que caía sobre sua cabeça, e ao demônio cada vez que este a ajudava a beber do cantil.

Rydstrom não podia evitar pensar no que tinha sabido essa manhã. Onde estava ele fazia quinhentos anos, quando Sabine estava desprotegida e estava sendo torturada?

Se tivesse deixado sua perseguição da coroa e, em vez disso, a tivesse procurado, poderia lhe haver economizado todo esse sofrimento. *Minha mulher, degolada dessa maneira quando era só uma menina.*

Tinha sentido medo? Sabia o que ia lhe ocorrer?

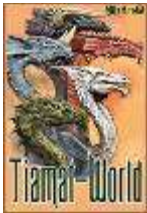
Havia dito que essa não foi a última vez que a tinham matado e, sobre isso, Rydstrom sabia que Sabine havia dito a verdade. Então, quantas mortes tinha tido que sofrer? De que outras formas tinha morrido? Que idade tinha cada vez?

Não era de estranhar que tivesse tão pouca consideração pela vida.

Essa manhã tinha gritado com ela, sacudindo-a para conseguir que o dissesse. E algo tinha acontecido. Sabine mudou totalmente de postura, seus olhos perderam intensidade. Sua arrogância desapareceu.

Tal como já tinha imaginado antes, cada vez que a feiticeira se sentia incômoda, camuflava-se sob uma miragem que expressava diversão ou condescendência. Mas agora não tinha maneira de criar ilusões. E Sabine estava tão acostumada a esconder-se misticamente atrás delas, que já não se lembrava de como era mostrar seus verdadeiros sentimentos.

Aquela manhã a furiosa e sarcástica Sabine tinha começado também a ruborizar-se. Cada vez que pegava Rydstrom olhando a mecha de cabelo branco ou o pescoço, suas bochechas



adquiriam uma cor rosada. Atuava como se agora ele conhecesse uma debilidade que ela se esforçou muito para manter oculta.

A feiticeira se converteu para ele em um livro aberto. E o que podia ler ali o transtornava enormemente.

Sabine tinha se perguntado se conhecer seu passado tinha apaziguado sua zanga do que ele já quase se esqueceu, como se fato de estar tão confuso o deixasse superado. A cada momento o deixava perplexo. Como se fosse o quebra-cabeças mais complicado com que jamais se encontrou.

Esta situação lhe recordava quando Bowen, seu amigo licantropo, tinha tentado ganhar à bela bruxa Mariketa. Sua relação tinha começado mal, quando ele a prendeu em uma tumba de incubi e demorou semanas em resgatá-la.

Rydstrom ainda se recordava de quão perplexo se sentiu quando viu seu amigo comportar-se desse modo tão confuso e agressivo. Naquele tempo tinha sido um completo presunçoso, e aconselhou Bowen que se acalmasse e tentasse raciocinar. O licantropo lhe respondeu que divertiria-se muito quando o demônio encontrasse a sua companheira. “Fará que seus chifres fiquem eretos cada vez que passar ao seu lado.” Bowen estava impaciente para que essa fêmea aparecesse e alterasse ao imperturbável Rydstrom.

De verdade fui alguma vez imperturbável? Parecia ter transcorrido muito tempo atrás. *Agora entendo pelo que Bowen teve que passar.*

Mas, ao final, o licantropo usou a cabeça para averiguar como ganhar a bruxa. Uma vez casado, Bowen disse a Rydstrom:

— Aprendi uma lição: com sua companheira, não faça nada irrevogável. Há linhas que nunca se devem cruzar com ela, porque uma vez transpassadas não há volta atrás. E para um imortal, “nunca” é uma sacanagem.

Não faça nada irrevogável. Mas mantendo Sabine atada, Rydstrom estava ganhando seu ódio. Enquanto tomava a vingança, estaria fazendo algo que alguma vez o perdoaria? Já não importava o que estava bem ou mau, ou o que era justo, a não ser o que a feiticeira acreditasse que era...

Enquanto a ajudava a atravessar outro riacho, ela disse:

— Por que tem tanta vontade de recuperar este reino?

Ninguém antes lhe tinha perguntado isso tão abertamente. Umas semanas atrás, a Valquíria Nix lhe tinha exposto:

— E o que preferiria ter, seu reino ou sua mulher?

Essa noite tinha pensado nisso muitas vezes. Ele tinha respondido que seu reino, uma decisão fácil naquele momento.

— É meu direito de nascimento. — Respondeu ao fim.

Mas nem sempre o tinha sido. Rydstrom não tinha sido criado como herdeiro de Rothkalina. E como segundo filho de um rei imortal, não havia por que pensar que algum dia seria o líder.

Entretanto, o destino tinha outros planos, e o demônio se viu obrigado a trocar os seus.

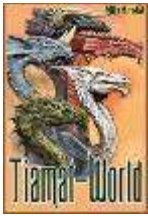
— Quero ver meu povo próspero outra vez.

— Por quê?

— Porque sou seu rei. Seu bem-estar é minha responsabilidade.

— Ao mínimo é sincero e não diz tolices como “que os amo como se fossem meus filhos”.

Rydstrom temia que possivelmente não amasse o seu povo o suficiente. Às vezes se sentia ressentido com eles por ver-se preso em uma batalha sem fim para recuperar um reino que nunca



teria que ter sido dele.

Seu irmão mais velho, Nylson, e seu pai, o grande rei, tinham ido lutar contra a Horda. Não tinha respeitado o costume de manter separados o rei e o seu herdeiro em tempos de guerra, e ambos morreram. Deixaram Rydstrom como desconcertado jovem líder.

Depois disso, este tinha se esforçado para manter seu irmão Cadeon, seu próprio sucessor, afastado de qualquer possível mal, encarregando sua educação a outra família assim que foi o bastante velho. E assim tinha sido durante novecentos anos...

— E também quero recuperar meu lar. — Acrescentou. — Que volte a ser tão glorioso como antes. — *E limpá-lo a fundo.*

Nunca havia se sentido tão cômodo como o tinha estado em Tornin tanto tempo atrás. Sempre lhe vinham à cabeça as lembranças de sua família ali, por Mia e Zoë brincando de esconde-esconde com Cadeon, quando este mal era um pirralho, e suas risadas ressoando pelos enormes salões.

Mas quando Cade ficou mais velho, ignorou a chamada de seu irmão para que voltasse para o castelo e o protegesse de seus inimigos. Escolheu ficar com sua família adotiva. E Tornin caiu...

Se Rydstrom recuperasse o reino, possivelmente pudesse suavizar parte da tensão que havia entre ele e seus irmãos.

— Acredita que merece este reino? — Perguntou Sabine

— É meu por lei.

— E o fim justifica os meios. — Respondeu. — Seja como for, acredita que foi tão bom rei que o correto seria que o reino voltasse a ser seu?

— Acredito que sim o era. — Claro que só tinha reinado uns poucos anos.

— Deixou Rothkalina presa no passado. Nenhum avanço inclusive para o tempo em que se encontra. Sem estradas, sem fronteiras, sem portais permanentes que a conectem com outras regiões.

— Não tive tempo! Estive em guerra com a Horda desde o primeiro dia de meu reinado. — Aquele dia em que a coroa lhe tinha pesado tanto sobre a cabeça. — E esquece que a maioria de minha espécie pode teletransportar-se. Cada espécie modifica seu ambiente segundo suas necessidades. Não havia nenhuma necessidade de fazer voar montanhas para construir estradas.

— Se mantiver o reino sem vias, só os que podem teletransportar-se prosperarão. Suponho que agora que não pode teletransportar-se, você mesmo sente falta disso.

— Por culpa de Omort. — Espetou.

No passado, Rydstrom tinha podido se teletransportar sem nenhum esforço de Rothkalina a outras dimensões ou civilizações. Agora se encontrava em seu próprio reino, atravessando Grave... A pé. Um motivo mais para acabar com o bruxo. Com sua morte, Rydstrom e Cade recuperariam sua capacidade.

— E o que acontece com os que não são demônios e querem fazer de Rothkalina seu lar? Dificilmente será atrativo para eles vir viver aqui. — Continuou Sabine.

— Como as feiticeiras?

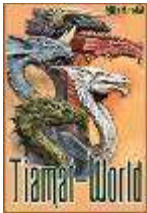
— Possivelmente. — Levantou o queixo. — Somos muito atraentes.

— Sei. Em Rothkalina há escassez de bebedores de vinho e traficantes de escravos.

Ela ignorou o comentário sarcástico.

— Não acredito que queriam vir aqui. Somos um povo alegre e os demônios da Ira são chatos e presos à moda antiga.

— Então, qual é sua desculpa para querer ficar?



— Aqui não há vreakers nem tampouco humanos. Inclusive uma maligna feiticeira como eu necessita um lugar seguro ao que possa chamar lar.

Se me aceitasse, daria um a você...

— Não é que Tornin seja o melhor dos castelos. — Continuou Sabine. — Não será que na realidade quer voltar ali pelo poder do Poço?

Rydstrom ficou tenso.

— Sabe qual é esse poder? — Ele perguntou por que a verdade era que ele não sabia.

— Possivelmente sim. Mas não se preocupe, que não o contarei. Eu gosto de deixar livre a imaginação de cada um. Alguns pensam que é uma prisão mística, uma base de poder, que concede desejos. Oh, e que ressuscita aos mortos. O que sabe você?

— Sei que a raça de demônios a quem pertença foi criada exclusivamente para proteger esse Poço. Tornin se construiu para resguardá-lo. É meu dever proteger a ambos.

— E você sempre cumpre com seus deveres. Não se torna aborrecido em algum momento? Acredito que por isso se sente atraído por mim, porque desmontei sua vida tranquila, racional e ordenada. Atrevo-me a dizer que tem sentido mais excitação comigo na última semana que nos últimos séculos.

Aí acertou totalmente.

— E eu acredito que nunca conheci ninguém tão egocêntrica como você.

— Egocêntrica? Possivelmente segura de mim mesma. Teria que ser submissa? Você gostaria mais se fosse assim?

— Não. Nunca quis uma fêmea submissa como companheira. Sempre quis a uma rainha...

— Pois agora tem uma.

Seguiram em silêncio enquanto o terreno se tornava cada vez mais abrupto, permitindo que Rydstrom refletisse sobre o que lhe havia dito. Apesar de sua história, a realidade era que tinha Sabine.

A companheira que levava tanto tempo desejando encontrar.

Sabine voltava a atrasar-se. Felizmente, o mato se abria um pouco mais adiante, os deixando ver uma maravilhosa paisagem. O sol caía sobre um lago verde e transparente, alimentado por dúzias de cascatas.

— Temos que cruzar toda essa água? — Esfregou a testa com o ombro para evitar que o suor lhe caísse nos olhos. — Não posso nadar. Nem sequer com as mãos desatadas.

Ele abriu o cantil e a ajudou a beber. Continuando, tomou um bom gole.

— Todas as criaturas da Tradição sabem nadar. É um instinto.

Sabine sorriu amargamente.

— Não sabe quão falso é o que acaba de dizer.

— Afogou-se alguma vez?

— Não sei nadar. Nunca aprendi. Não sou uma mulher de ar livre.

— Você... Se... Afogou? — Repetiu a pergunta.

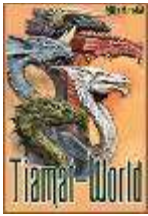
— Mais... De... Uma... Vez. — Respondeu ela com os olhos cada vez mais azuis de raiva.

Obviamente, tratava-se de um assunto sensível para a feiticeira.

— Estou cansado disto, Sabine. Diga-me como é, me conte sua história. Supõe-se que tenho que passar todo o dia me perguntando se você se afogou ou não? Ou por que você não gosta que toquem em seu rosto..?

— Sinto muito, mas não gostaria de conversar agora! Estou sem fôlego e preciso descansar!

Rydstrom negou com a cabeça.



— Devemos continuar...

— Temos que parar! Estou me machucando. Meus braços passam vinte e quatro horas dormentes. E quando foi a última vez que levou uma peça de metal sobre a pele nua? Há uma razão pela qual este espartilho é precioso: não foi feito pra caminhadas por caminhos escarpados. Aqui me entra areia e arranha meus seios. Já os tinha por si só muito sensíveis depois que você passou toda a noite beijando-os e lambendo-os!

A mente de Rydstrom acudiu a lembrança da noite anterior, e lhe escapou um gemido. Durante todo o dia havia rememorando com prazer tudo o que tinha feito com ela, e já estava planejando o que lhe faria essa noite.

O mais excitante dos últimos séculos? Sim, tinha razão.

— Demônio, está me ouvindo? Isto não é justo. Eu não deixei que sofresse dor ou que se machucasse.

— É imortal. Estará curada quando o sol se pôr...

— Olhe meus seios! Estão irritados e doloridos. Oh! E aposto que tenho o rosto ainda mais queimado!

Estava. Tinham aparecido sardas na ponte do nariz o que lhe conferia um aspecto menos malicioso. *Maldita seja*. Seu corpo era tão frágil... Não era como o de outras fêmeas da Tradição. Uma Valquíria ou uma fúria estariam rindo de uma travessia por um terreno como aquele.

— Quer que o solucione? — Desabotoou-lhe o espartilho; tirou e o deixou cair ao chão.

Se tinha esperado que ela se queixasse, equivocou-se: ao contrário, suspirou, flexionando as costas e fazendo movimentos circulares com o pescoço.

Em efeito, tinha os seios irritados. Seus mamilos ficaram ante seus olhos, e ele salivou pensando em lambê-los e beijá-los...

— Oh, nem pense nisso, demônio!

— Atrave-se a estar zangada comigo? — Zangada por seu desejo? Pela mesma necessidade que acendia seu fogo?

Ela o olhou furiosa, nua da cintura para acima, com a juba solta refulgindo ao sol.

— Sim, atrevo-me! — E lhe deu um chute na tíbia com a ponta metálica da bota.

— Faça isso outra vez, feiticeira, e você não gostará do resultado. — Disse ele apertando os dentes.

— Estou começando a pensar que teria que ter ordenado um par de duchas mais com os meninos.

Rydstrom abriu muito os olhos, e seguidamente os entrecerrou.

— Está desejando mais açoites, verdade? Pois continue assim e os terá.

— Você gostaria, verdade? Acredito que o motivo pelo qual não me quer libertar é porque então perderia sua fúria, e não poderia me tratar como a sua escrava sexual cada noite. É bom para você; não pode suportar a ideia de deixar pra lá.

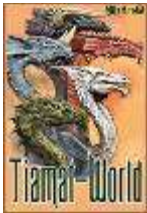
— Possivelmente tenha razão. — Pôs-lhe uma mão na nuca.

— É obvio que tenho! — Tinha os olhos azuis e a respiração ofegante. Estava tão fodidamente sexy... Inclusive muito.

Ele a apertou contra seu peito. Colocou-se nas pontas dos pés?

E então voltaram a se beijar de uma forma selvagem e louca. Como na noite em que ele a reclamou. Beijar sua tremente boca era uma loucura, um vício. Soltava aqueles pequenos ofegos afogados... Poderia estar beijando-a toda a vida.

Ela arqueou as costas, e Rydstrom levantou a mão para pousá-la em seus maltratados seios...



Então o estômago de Sabine se queixou. Com um forte som.

Ele deixou de beijá-la e apoiou a testa contra a sua, enquanto recuperavam o fôlego.

— Pararemos aqui para passar a noite, querida. — Tirou túnica e a colocou diante, atando logo as mangas detrás de seu corpo, para assim cobri-la. — Parece-me que tenho que ir caçar para minha mulher.

Ela o olhou.

— Não necessito que cace, demônio, basta-me com que vá recolher frutas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

— Solta-o, Sabine! — Gritou Rydstrom de baixo.

Tinha instalado o acampamento em uma colina, onde tinha deixado a feiticeira sentada perto da fogueira, com os braços atados às costas depois de lhe vestir a túnica que ele usava antes. Satisfeito de tê-la ali, foi caçar a um pobre animal que agora trazia na mão.

O demônio não tirava olho de cima dela, mas terminou por afastar-se o suficiente para que Sabine pudesse pôr em marcha seu plano.

— Solta... O... Vinho! — Correu para ali. — Solte-o de uma puta vez!

A modo de resposta, ela agarrou a pele com a boca, apertou os lábios e o levantou, esvaziando todo seu conteúdo em sua garganta.

— Merda, Sabine! — gritou ele enquanto seguia correndo.

Quando chegou ao acampamento, a feiticeira soltou a pele com a respiração entrecortada e fixou o olhar nele.

O torso nu do demônio subia e baixava, e gotas de suor escorregavam pelo pescoço. Os olhos dela seguiram uma das gotas, que se deslizava pelos sulcos dos musculosos abdominais. *É magnífico.*

Então franziu o cenho ao ver que segurava um pequeno animal de uma espécie indeterminável. Deixando a um lado esse detalhe, aquela era uma das cenas mais sexys que Sabine jamais tinha visto.

— Sabe o que me custou tirar a tampa? — Perguntou-lhe, voltando-se para dissimular um pequeno arrotos. — Não acredita que mereço uma recompensa? Além disso, não posso enfrentar a seguinte prova e me iniciar no ritual de abusar de um pobre animal sem ter tomado vinho.

Rydstrom se sentou no lado oposto do fogo e atravessou a pobre criatura com um pau.

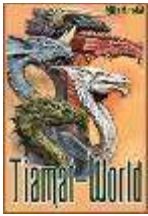
Uma vez ele teve colocado o pequeno corpo sobre as chamas, Sabine parou para analisar a cena. Tinham acampado na parte mais alta do relevo de um precipício. Debaixo deles, as cascatas se precipitavam em um lago de um verde muito escuro, a mesma cor dos olhos do demônio. Mais escarpados rodeavam a água pelos outros três lados, e, quando o vento soprava, flores brancas dançavam nos redemoinhos que se formavam no ar.

Uns minutos mais tarde, o aroma de carne assada era penetrante. Depois do árduo dia de viagem, Sabine morria de fome, e o aroma não era tão mau como tinha imaginado. De fato, abriu-lhe... O apetite.

— Cheira bem, verdade, feiticeira?

— Não o comerei. — Respondeu, levantando o nariz.

— Só olhe-o.



Sem poder evitar, fixou-se no assado. Ao fazê-lo, sua boca salivou. Era tão suculento, e ao gotejar sua gordura sobre as chamas o fogo crepitou. *Não, sou mais refinada que isso. Eu não como animais!*

— Sabe de sobra que minha raça não consome carne.

— Comerá agora.

— Agora? Agora que você está no comando?

O olhar dele pousou no ventre dela.

— Oooh, entendo. Agora que acredita que possivelmente leve seu filho em meu interior. Vai me obrigar a comer?

— Não é culpa minha que nos encontremos neste estado. Lembre-se disso. — O tom de voz de Rydstrom fez que Sabine levantasse as sobrancelhas. — Se saiu bem dessa e resulta que está grávida de um demônio, tem que comer carne para alimentá-lo.

— Não acredita que pode me fazer mal comer algo que nenhuma vez comi, algo que me dá náuseas? Possivelmente, antes de ter me sequestrado deveria ter averiguado como me ter contente.

Quando o estômago de Sabine voltou a rugir, Rydstrom se levantou e agarrou a bolsa vazia.

— Não se mova, princesa. Voltarei com algo que se digne a comer.

Ao cabo de um momento, voltou com a bolsa cheia e esvaziou o conteúdo sobre a manta. Ela arqueou uma sobrancelha ao ver a seleção de frutos vermelhos.

— Alguém tentando me envenenar. Oh, que... Novidade.

— Não são venenosas. — Rydstrom agarrou algumas e as meteu na boca.

— Não para os demônios, mas são tóxicas para mim. Não somos da mesma espécie.

— Diz isso como se fôssemos de planetas distintos. E não somos tão diferentes.

— Não? — O olhar de Sabine pousou nos chifres dele. Rydstrom passou uma mão por um deles, e se ruborizou. Era estranho: parecia que estava provocando-o, mas não o fazendo zangar.

Sabine negou com a cabeça ao ver uma raiz suja entre as frutas.

— Isso é uma casca? — Com uma risada, acrescentou: — Por todos os deuses, trouxe-me uma casca para roer!

— E como se supõe que devo saber o que come? Rechaçou a boa comida...

— Esse animal não é comida. As feiticeiras são muito refinadas para comer outros seres vivos.

— Preocupa-se mais dos animais que com outras pessoas.

— Vê? Essa é a razão: as vacas não tentam roubar poderes e as galinhas muito poucas vezes tentam me assassinar. E por que é assim? Pois não sei. É assim, ponto.

— Há algo de tudo isto que possa comer?

— Essas amoras não são venenosas.

Quando Sabine as assinalou com a cabeça, ele foi lavá-las com água do cantil, e ao voltar se sentou a seu lado.

Foi dando as frutas em sua boca, e ela tomou seu tempo. Não ficava mais remédio que ter paciência, já que não tinha intenção de deixar que comesse por si mesma.

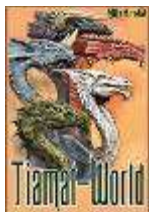
Mas ao demônio não parecia lhe importar que agarrasse uma amora cada vez. De fato, inclusive parecia desfrutar com isso.

— Meu novo mascote é herbívoro. — Disse sorrindo com voz rouca.

Desconcertada ao vê-lo sorrir, Sabine olhou a seu redor.

— Aqui em cima faz mais frio. Por que tivemos que subir tanto?

— Porque a maior parte das criaturas não o fazem.



— Não teria que preocupar-se disso se me libertasse. Eu posso falar com os animais.

— Ah, sei.

— Demônio, digo a verdade. Posso falar com eles, e eles me entendem.

— Seja como for, não vai necessitar dessa habilidade. Eu a protegerei de qualquer ameaça.

— Ameaças. — À medida que entravam no reino de Grave, tinha-o visto inspecionar pisadas no barro, não afastar a mão do punho da espada. — Que bom! Estamos em perigo. Trouxe-me para o lugar mais perigoso do reino, lar dos RDTE e coisas similares, e amarra as minhas mãos para que não possa me defender.

— Ratos De Tamanho Enorme? Não acredito que existam.

Ficou boquiaberta. Rydstrom tinha citado uma parte da Princesa Prometida¹⁶.

— Não se surpreenda tanto. — Disse, um pouco ofendido. — No sabá das bruxas põem esse filme às vinte e quatro horas do dia todos os dias da semana. E as bruxas brindam cada vez que ouvem “Meu querido Westley” ou algo assim. Seria impossível que não tivesse decorado.

— Vai frequentemente ao sabá, para visitar as bruxas?

Sabine podia imaginar a essas pequenas mercenárias da magia atirando os discos ao enorme rei demônio. A feiticeira não gostava das bruxas, desconfiava delas.

— Parece condescendente. Não estão as feiticeiras e as bruxas aparentadas?

— Muito de longe. — Apesar de que tinham antepassados comuns, ambas sentiam especial predileção pela rebeldia e alguns de seus poderes eram substituíveis (e furtáveis), as feiticeiras pertenciam a uma cultura única, muito distinta a das bruxas, que adoravam a Terra. — Bom, responde a minha pergunta.

— Passei por aí algumas vezes — Disse. — Como terá podido averiguar ao xeretar em minha cabeça, meu bom amigo Bowen está casado com Mariketa, a Esperada.

Sabine tinha ouvido falar dela, como a maioria das pessoas da Tradição. Era a bruxa mais poderosa, tinha tanto talento com os espelhos que a chamavam a Rainha dos Reflexos.

Roubar seus poderes seria um golpe de mestre. Mas atacar a uma bruxa poderosa ou a todo um grupo de bruxas era muito perigoso. Uma bruxa podia roubar o poder de uma feiticeira... Se a matasse.

— Ah, sim. Lembro-me de ter visto Bowen. É esse de que tem ciúmes.

— Eu não tenho ciúmes dele; invejava que tivesse encontrado a sua companheira.

— Mas agora você também a encontrou.

— Sim, por fim.

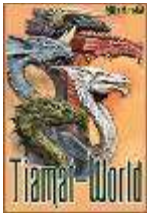
— E mesmo assim, não a soltará?

— Sairia correndo à primeira oportunidade. Possivelmente levando meu filho com ela.

Ambos são muito valiosos para mim para me arriscar a perdê-los.

Deveria lhe dizer que não estou grávida? Ainda se zangaria mais. E essa era a primeira vez que o notava relaxado desde que se conheceram. Inclusive aquela primeira noite, antes que

¹⁶ Nota: Bela princesa (Robin Wright) faz pacto de amor com um camponês (Cary Elwes), mas quando recebe a notícia de que ele morreu, vítima do cruel pirata Roberts, decide aceitar o pedido de casamento de um príncipe sinistro (Chris Sarandon). Nas vésperas do casamento, contudo, ela é raptada por um trio muito estranho, constituído por um exímio espadachim que possui seis dedos, um gigante retardado de força descomunal e um intelectual baixinho especialista em resolver enigmas. Surpreendentemente, quem aparece para resgatá-la é o camponês. Na verdade, ele é o pirata Roberts, um aventureiro cheio de malícia, que derrota sucessivamente e em cada uma das suas áreas de especialização, os três bandidos. *A Princesa Prometida* é uma fábula divertida, com muitos duelos de espada, cenas de perseguição e romance, escrita pelo vencedor do Oscar®, William Goldman (*Butch Cassidy & Sundance Kid*) e dirigida por Rob Reiner (*Conta Comigo*). (OBS: já passou muito na Sessão da Tarde, na Globo. Haueihaueihaueihaueihauei)



soubesse sequer quem era ela, estava tenso.

Decidiu manter o segredo. As feiticeiras não tinham fama de cautelosas à toa.

Quando se inclinou e lhe beijou a ponte do nariz, ela perguntou:

— A que veio isso?

— Suas sardas desapareceram. Disse a você que estaria completamente recuperada assim que o sol se fosse. — Deslizou um rápido olhar por seus seios.

Estava certamente curada, e o sol estava se pondo, dando por finalizado mais um dia. Sabine ficou olhando o horizonte. Isso significava que ficava um dia menos antes que sentisse o efeito do morsus.

Embora ainda ficassem duas semanas de margem, a preocupação começava a persegui-la.

Contrariamente ao que havia dito ao demônio, não acreditava que Omort fosse salvá-la. A fuga de Rydstrom teria deixado o Pavrus muito frágil, pondo em risco as alianças que se estabeleceram. À parte, claro está, da traição de Lothaire.

As distintas facções do exército estavam dispersadas e poucas poderiam ir atrás dela. Se os demônios do fogo e os vampiros não podiam rastrear até ali, dado que nunca tinham ido onde estavam, então Lanthe era a única que podia tirá-la do reino de Grave.

Mas, tal como Sabine tinha podido apreciar os últimos dois dias, era um reino imenso. As possibilidades de que sua irmã abrisse um portal nas cercanias eram realmente mínimas.

E se Rydstrom levasse Sabine a outra dimensão..?

Estava muito angustiada para pensar em explicar ao demônio os motivos pelos quais estava em perigo. Mas sim podia lhe explicar sobre o morsus.

Por certo, vou ter que dar meia volta e voltar para Omort, seu mais odiado inimigo, porque fui envenenada. Por quem? Oh, pelo próprio Omort. E quando encontrar a maneira de voltar até meu irmão, pedirei a ele que me dê ainda mais veneno. Se tenho provas de meu envenenamento? Sinais externos? Hummm, não, nenhum. Não até que tenha um ataque e comece a vomitar sangue. E não terei nenhum sinal externo até que certifiquem meu falecimento. Então poderá ver um X de cor vermelha em alguma parte de meu corpo. Mas chegado esse momento, já será muito tarde.

Ele não acreditaria, e a ela não ocorria de que maneira poderia convencê-lo de que dizia a verdade. Possivelmente o fato de ter quebrado sistematicamente todas as promessas que lhe fez ao princípio não tinha sido muito acertado.

“Mas como diabos poderia ter sabido que tinha que cumpri-las?”

Quão único lhe ocorria era assinar um pacto entre os dois sobre uma tabuleta de argila. Mas duvidava muito que houvesse um forno de secagem ou de cozinha nas imediações do reino de Grave.

Exatamente quão pouco confiava o demônio nela? Fez uma intenção de comprovar...

— Rydstrom, se te contasse uma coisa que parecesse loucura, mas te pedisse que acreditasse em mim, poderia..?

— Não.

— Não quer nem pensar nisso?

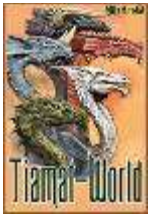
— Não.

— O que teria que fazer para que acreditasse em mim? Um juramento? Algum tipo de promessa?

— Já chegará o momento em que confiarei em você, Sabine. Mas só com o tempo.

Tempo que não tenho.

Embora algum dia pudesse chegar a convencê-lo, ela não dispunha de muitos. Sua única



esperança era persuadi-lo de que a desatasse, escapar e tentar localizar Lanthe. Se as irmãs se aproximassem o suficiente uma da outra, podiam comunicar-se telepaticamente.

O que era uma sorte, pois Sabine tinha um péssimo sentido da orientação. Igual a Lanthe, recordou franzindo o cenho.

Tentou apagar esse detalhe de sua cabeça. Já lhes ocorreria algo.

Assim que o primeiro passo era convencer Rydstrom de que a deixasse livre. Isso não tinha que ser um problema. Sabine era uma feiticeira. Podia seduzi-lo e conseguir o que quisesse dele.

O cenário estava preparado: as estrelas brilhavam intermitentemente e a lua com intensidade. A água que havia debaixo refletia a luz da lua, formando brilhos de cor esmeralda.

Sim, posso ser sedutora. Se ficava em plano encantador, o demônio seria incapaz de raciocinar...

Quando ele terminou de comer, e de chupar os dedos de forma exagerada, recolheu tudo. Sabine esperou um pouco e o distraiu falando da noite e do tempo, e então disse:

— Rydstrom, doe-me os braços. — Flexionou os punhos para dar mais dramatismo à representação. — Faz muito tempo que os tenho dormentes.

Quando ele levantou a vista, ela tentou ler sua mente, mas o demônio a manteve firmemente bloqueada.

— Proponho um trato, — Disse ele: — se responder todas as perguntas que eu fizer, soltarei seus braços uma hora.

Sabine evitou sorrir. *Bom, foi mais fácil do que tinha previsto.*

— Trato feito, demônio.

CAPÍTULO VINTE E SETE

— Isto não formava parte do trato! — Esticou-se ao ver que Rydstrom se metia no lago. — Não disse nada de água!

Apesar de que o demônio tinha uma mão em seu traseiro para segurá-la, Sabine lhe rodeou a cintura com as pernas e se agarrou a ele. Por todos os deuses! Seus corpos encaixavam como se estivessem feitos sob medida.

Rydstrom se dirigiu a uma rocha que tinha visto de longe. Estava situada no meio do lago, como se fosse uma ilha, e rodeada por uma profunda corrente.

— Não desatarei suas mãos em nenhum outro lugar. Aqui não poderá usar suas miragens para escapar de mim... A não ser que você queira retornar sozinha nadando.

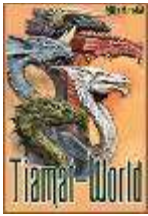
— Nadando! Já disse que não sei nadar! Eu não gosto das águas profundas!

— Por isso mesmo. — Antes, quando lhe contou quais eram suas intenções, Sabine tentou resistir enquanto ele ia despiendo-a. Não serviu de nada. Rydstrom tinha um plano, e ia segui-lo ao pé da letra.

Essa mesma manhã, o demônio se deu conta de que para ganhar o carinho da feiticeira tinha que trocar de tática.

Enquanto esteve caçando, recordou de novo seu sonho. E também que ele mesmo havia dito a Bowen que para conquistar a sua bruxa utilizasse a cabeça. Rydstrom não podia fazer menos por Sabine. Descobriria o modo de que as coisas funcionassem entre eles dois.

Mas se queria dar com o melhor modo de conquistar Sabine, primeiro tinha que entendê-



la. E para conseguir isso, tinha que ganhar sua confiança.

A feiticeira era um mistério... Toda uma provocação para alguém como ele, a quem adorava resolvê-los. E estava decidido a fazê-lo.

Quando entraram no lago tanto que a água cobriu o peito de Rydstrom, Sabine gritou assustada.

— Volta atrás, volta atrás! E se escorregar? — Moveu-se nervosa.

— Não escorregarei, querida. Olhe, já chegamos.

O lago voltava a ser pouco profundo ali. Alcançaram a ilha e ele a deixou de pé no fundo, com a água cobrindo-a só até os joelhos.

Sabine olhou a seu redor.

— Não tem nem ideia do pânico que me dá tudo isto.

Certamente tanto como o que senti eu ao ver meu corte no estado em que está.

— Sente-se aqui. — Assinalou-lhe uma rocha larga e plana.

Quando ela o fez a contra gosto, ele se sentou detrás dela e soltou a tira que unia as algemas de corda que lhe tinha posto nos pulsos. Deixou-a a um lado, à mão.

Sabine em seguida levantou os braços por cima de sua cabeça para esticá-los, e os moveu de um lado ao outro. Coçou-se por debaixo da corda que seguia lhe rodeando os pulsos.

— Essa fica.

— O que? Arde-me muito!

— Fica.

Ele viu como mordida a língua para não lhe dizer o que pensava.

— Como desejar. — Foi a frase que finalmente saiu dos lábios da feiticeira.

Para recompensá-la por sua cooperação, Rydstrom começou lhe massagear os ombros. Ela gemeu e jogou a cabeça para frente, fazendo que sua juba caísse a ambos os lados do pescoço. Ao ficar a nuca descoberta, ele não pôde evitar beijá-la. A respiração de Sabine acelerou e ficou arripiada.

Rydstrom lhe massageou os braços, começando pela parte superior e terminando pelas pontas dos dedos.

— Melhor?

— Hummm. Oh, sim, muito melhor.

— Então, chegou o momento das perguntas.

— Pergunte.

— Quantas vezes morreu?

Rydstrom a sentiu esticar-se sob suas mãos, mas respondeu de todos os modos.

— Dezenas.

— Como... Como é?

— É o sentimento mais horrível e dilacerador que possa imaginar.

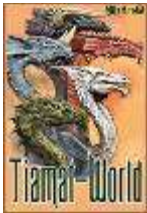
— Conte-me como foi uma das vezes.

— Um vrekener me levantou por cima dos edifícios da cidade e logo me lançou ao vazio.

Fiquei deitada sobre a rua pavimentada, com o crânio quebrado. — Explicou-lhe, com um tom de voz distante. — Pode sentir como o sangue se vai escorrendo de seu corpo. Sem ele, o corpo se esfria, mas se encharca ao redor, é como ter uma manta em cima, ao menos durante uns instantes.

Ele não podia suportar escutar aquilo: Sabine havia se sentido agradecida de que o sangue se encharcou a seu redor...

— Rydstrom. — Murmurou ela.



Estava apertando tanto com as mãos que a estava fazendo mal.

Afrouxou a pressão.

— Por que queriam machucá-la assim?

— Porque eu matei a seu líder. Os vrekners foram os responsáveis por muitas de minhas mortes. Inclusive uma das vezes em que me afoguei.

— Uma das..? — Rydstrom sacudiu a cabeça. — Quando chegarmos à outra dimensão irei procurá-los e os informarei que você e sua irmã estão sob minha proteção. Qualquer atentado contra alguma de vocês será interpretado como um ato de guerra contra meu povo.

Sabine deu a volta para ficar de joelhos frente a ele, e apoiou uma mão em sua coxa.

— Faria isso por mim?

— Você é minha mulher... Jamais permitirei que ninguém te faça mal. — Acariciou-lhe o rosto e ela quase não se moveu. — E dado que sua irmã a ajudou a mantê-la com vida, estou em dívida com ela. É a morena que estava na cela depois que me ferissem?

— Sim, chama-se Melanthe. Certamente está preocupada comigo.

— Se entre os refugiados encontrarmos a algum mensageiro, poderíamos lhe mandar algo para que soubesse que está bem.

Ela o olhou confusa, e logo sorriu... Um sorriso de verdade que chegou ao coração de Rydstrom.

— Seria impossível que fosse mais linda. — Disse, com o peito cheio de sentimentos.

— Sei. — Suspirou ela, conseguindo que ele esboçasse um sorriso. E logo acrescentou: — Você tampouco está nada mal, acredito que é o macho mais bonito que já vi.

— Por que sempre tem que mentir para mim? — Queixou-se ele resignado.

— Está bem, não é o mais bonito. Mas está no top teen. Talvez inclusive entre os três primeiros.

— Conformo-me estando no pódio.

— Eu adoro seu corpo. É extremamente atraente.

Começou a tocá-lo como se o estivesse vendo pela primeira vez, percorrendo-lhe o torso com as mãos. E logo os ombros e o pescoço.

Beijou-lhe a cicatriz da face e perguntou.

— Como se fez isso?

— Em uma luta de espadas. Quando jovem era uma besta. Assim foi também como quebrei um chifre.

— Não foi sempre tão calmo e sério como agora? — Ao ver que ele negava com a cabeça, acrescentou. — E a tatuagem?

— Formou parte de meu rito de iniciação, ser marcado com o desenho da besta.

— E as cicatrizes que tem... Aí abaixo? — Percorreu-lhe o pênis com o dorso dos dedos.

Suas carícias estavam fazendo seu sangue arder, mas Rydstrom se esforçou por manter a calma. Tinha um plano, e estava jogando tudo para conquistar para sempre aquela mulher.

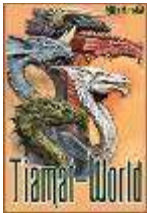
— Isso era outra parte do ritual. — Respondeu com voz rouca. — Todos os demônios tinham que superá-lo ao chegar a certa idade. Até que eu o proibi.

— Por que o fez?

— Porque dói muitíssimo.

— Eu poderia haver curado a beijos. — Sorriu. Definitivamente o vinho lhe estava fazendo efeito.

— Acredito que minha pequena feiticeira está bêbada. — Assim seria fácil encontrar as peças do quebra-cabeças que mais necessitava, como por exemplo: — Como é que era virgem?



— Estava me reservando para você. — Respondeu ela imediatamente, mas a ele ficava cada vez melhor em detectar quando lhe mentia.

— Não, não é verdade.

— Reclamei direito do Santuário sobre meu corpo. — Explicou, tirando importância do fato de que a tivesse pegado mentindo. — É um pacto que todos os feiticeiros estão obrigados a respeitar; enquanto eu me mantivesse virgem, ninguém podia me obrigar a manter relações sexuais com ele.

— Como, por exemplo, Omort? — Soltoou ele, com os chifres quase erguidos de ira.

— Não quero falar dele esta noite. E os motivos pelos quais o fiz são da minha conta. — Sabine desviou o olhar para os chifres e o acariciou um com os dedos. — O que sente quando fica em estado demoníaco?

Ele aceitou deixar o assunto da virgindade.

— Eu não gosto nenhum pouco.

— Por quê? Seu corpo é então muito mais forte...

— E se separa completamente de meu cérebro. É como se funcionasse só por instinto, como um animal selvagem. Não posso pensar. Não posso raciocinar. Os pensamentos são só ao azar. — Esfregou-se a mandíbula. — Posso ouvir tão forte o batimento de meu coração que me é impossível seguir uma conversa, embora esteja se desenvolvendo diante de meu nariz. E ao mesmo tempo ouço o ranger de uma folha a meio quilômetro de distância. Nada tem sentido. E isso é muito difícil para mim.

— Porque é escravo da razão.

— Exato. Você mesma poderia estar me dizendo algo perfeitamente lógico, mas se fosse contra meu instinto, meu cérebro o descartaria imediatamente. — Bateu na testa para enfatizar o que estava dizendo. — E, Sabine, aparentemente você tem um dom para me manter no abismo. E te asseguro que é um lugar muito incômodo.

— O que eu tenho de especial?

— Fiz amor com você, mas não a marquei como minha. O que significa que ainda não me pertence. O demônio que há dentro de mim não está satisfeito.

— O que teria que fazer para me marcar?

— Se chegasse a me transformar de tudo, o que é pouco usual nos demônios de minha espécie, faria amor com você e afundaria minhas presas em seu pescoço; você ficaria um pouco aturdida.

— Um pouco aturdida?

— Há quem diz que é para que a fêmea não se mova enquanto o demônio se esvazia em seu interior.

— Oh. — Disse ela com a voz entrecortada. — E se me fizesse isso, então você teria menos tendência a ser pouco razoável?

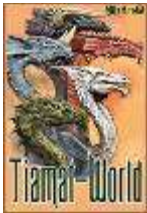
— Ajudaria. Mas a verdade é que sigo sem notar nenhum vínculo especial de você para mim. Apesar do muito que eu gostaria que sentisse algo, sei que não é assim.

— E se te dissesse que decidi ficar com você? — Deu-lhe um daqueles beijos tão ternos que o faziam enlouquecer de desejo, mas Rydstrom se obrigou a afastar-se.

Ele sabia perfeitamente o que estava fazendo. *Reduzi-lo ao estado em que não podia raciocinar.* Para assim lhe fazer o que quisesse. Mas o que Sabine não esperava era que ele antecipasse aquela jogada por sua parte.

Nem que gostasse.

— O rei Rydstrom, sempre afastado de tudo e de todos, — Ela disse com voz suave. — mas



não de mim. Decidi que quero ficar ao seu lado.

— Ah, sim? E por quê?

— Porque meu solitário demônio me necessita. E porque é meu marido

Ele se esticou um pouco. Não era seu marido. *Mas o serei.*

— Só diz isso para que solte suas mãos.

— Sim, reconheço que quero que me desate. — Agarrou uma mão do demônio e lhe acariciou a palma com a bochecha. — Mas isso não significa que o que estou dizendo não seja verdade.

Suas palavras o fizeram recordar aquele sonho no qual compartilhavam suas vidas, cama, e filho. Se estivesse grávida e escapasse...

Rydstrom não queria reconhecer nem sequer a si mesmo, mas parte dos motivos pelos quais a mantinha amarrada era porque tinha começado a acreditar que possivelmente pudesse haver um futuro para os dois. *Outro conflito mais.* E sabia que não podia deixá-la com as mãos atadas às costas para sempre.

— Quero ficar com você. — Repetiu Sabine, seus lábios a escassos centímetros dos seus.

Estava mentindo. Rydstrom sabia. E apesar de tudo gostava de ouvi-lo.

— Diga-o outra vez.

— Quero ficar com você.

— Outra vez.

— Não quero me separar de você. Leve-me a seu lar, a casa em que vive na outra dimensão. Não tentarei escapar. Desejo estar ao seu lado.

Ficou olhando-a nos olhos. Precisava confiar nela, mas não podia. Ainda não.

— Trouxe você aqui por outro motivo. — Disse o demônio.

— Qual? — Perguntou Sabine relaxada, olhando-o. Se fosse uma dessas fêmeas que gostavam de suspirar, nesse momento o teria feito.

Rydstrom tinha o cabelo alvoroçado, os olhos verdes fixos em seu rosto, e sua pele úmida brilhava a luz da lua. *É espetacular.*

E não deixava de surpreendê-la. Que tivesse prometido protegê-la não só a ela, mas também a Lanthe a tinha impressionado muitíssimo. Sabine estava convencida de que, se fosse necessário, o demônio daria sua vida para cumprir aquela promessa.

Por desgraça, Rydstrom não podia salvá-la do morsus. Só duas pessoas em todo o universo podiam fazê-lo...

— Tem que aprender a nadar. — Disse ele.

— O que? Nem pensar! Dá-me pânico. Embora esta seja a água mais tranquila que já vi.

— Então é ideal para que aprenda. — Agarrou-a nos braços e se meteu mais dentro.

— Rydstrom, não!

— Confie em mim, Sabine. Quão único quero é que se acostume a ela. A flutuar.

Talvez se se comportasse como se confiasse nele, ele faria o mesmo por cortesia.

— O que quer que faça?

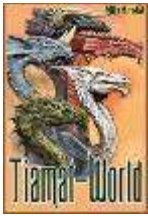
— Levante as mãos. — Apesar de que estava tensa por causa do medo, conseguiu colocá-la em posição com facilidade. Sabine não demorou para estar deitada de costas sobre as palmas de Rydstrom. — Relaxe... Confie em mim.

— Não posso.

— Sim pode, já o está fazendo.

— Estou... Flutuando?

— Eu não a seguro, quão único faço é evitar que se mova. Isso, respira devagar. Boa garota.



— A voz do demônio era tranquilizadora, suas mãos iguais a uma âncora. — Relaxe.

O peculiar silêncio aquático a rodeou. Por cima dela, as flores dançavam a luz da lua. O cabelo fazia cócegas nos ombros. Ele continuou acariciando suas costas, e Sabine não demorou para relaxar.

Fechou as pálpebras. *Quanta paz. Perfeito...*

Quando abriu os olhos, descobriu Rydstrom olhando-a fixamente. Um sentimento de propriedade brilhava em seus olhos e a deixou sem fôlego.

— Estou nua, a sua mercê, e você está olhando meu rosto?

— Estou tentando averiguar como acessar sua mente. Se o consigo, então isto... — Com os dedos lhe percorreu os seios e desceu por volta do umbigo. — Será meu para sempre e poderei desfrutá-lo quanto me agradar.

— De verdade acredita nisso?

— Tenho que acreditar nisso, Sabine. — Ao notar que ela estremecia, disse: — Temos que retornar. — Depois de deixá-la em um banco de areia, ajudou-a a ficar em pé, e logo foi pegar a corda que tinha deixado em cima da rocha.

— O que está fazendo? Vai voltar a me amarrar?

— É óbvio. — Agarrou-lhe os pulsos.

— Por quê? Acreditava que tínhamos chegado a um acordo. — Ele não cedeu, apesar de que ela resistiu. — Rydstrom! Até quando vai me deixar assim?

— Até que saiba que não fugirá.

— É tão teimoso como uma mula, não está sendo razoável.

— Estou sendo precavido.

Sabine não podia acreditar que seu plano não tivesse funcionado.

— E não me olhe desse modo! — Ordenou-lhe. — Oh, sim, já sei o que pretende. Se me atormentar mais uma noite, juro a você que o odiarei!

Rydstrom assentiu com os olhos entrecerrados.

— Sei o que se sente ao querer odiar alguém, o que é desfrutar-se nesse ódio. O único que me ajudou a superar minha própria ira foi à promessa de que conseguiria me vingar. Não te ocorreu pensar que possivelmente seja capaz de ser terno com você porque consegui aplacar minha fúria de outro modo?

— Tudo isto foi uma farsa!

— Pois claro que sim! — Rydstrom riu sem humor. — Sou perfeitamente consciente de que estava jogando comigo...

— Não, refiro-me a você! Enganou-me para que confiasse em você, mas você não está disposto a fazer o mesmo!

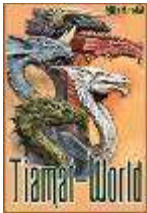
— Confiar em você? Que rápido esquece tudo o que me fez. Ao impedir que pudesse me reunir com meu irmão, possivelmente você tenha carregado à única oportunidade que tinha de recuperar Tornin, meu lar. Jurei me vingar de você, Sabine. Preciso-o. Preciso que se entregue a mim!

Quando a agarrou nos braços para tirá-la da água e a aproximou do peito, ela começou a lhe dar chutes e a sacudir-se, mas o abraço dele era como uma cela de aço.

— Demônio, não. Não me atormente mais!

Não lhe fez caso e a levou até a borda. Uma vez ali, subiu até o acampamento e se dirigiu sob a árvore, onde tinha intenção de lhe fazer “coisas” durante toda a noite.

Ao chegar, Rydstrom a deslizou por cima de seu corpo nu. Agarrou-a pela parte superior dos braços e a manteve quieta para beijar seu pescoço.



Sabine o esquivou e jogou a cabeça para trás.

— Demônio... Não faça que me sinta fraco...

— Você me faz sentir fraco. — Contra sua pele, disse emocionado. — Renda-se a mim, e juntos podemos pôr ponto final a esta tortura, Sabine. Desejo-a tanto... — Ela podia sentir sua ereção lhe pressionando o estômago.

— Não tanto quanto para quebrar seu juramento.

— Um dia se alegrará de estar com alguém capaz de manter sua palavra. Fez-me passar por umas noites insuportáveis. Agora você receberá o mesmo. Jurei-me isso...

— Economize a explicação... Você gosta de me fazer isto. Mantém minhas mãos atadas porque o excita!

— Já te expliquei que não posso correr o risco de perdê-la.

— Está me fazendo pagar ter passado quinze séculos insatisfeito!

— Talvez haja parte de verdade no que diz. Eu gosto de tê-la a minha mercê. Morro de vontades de fazê-la enlouquecer de desejo, igual à ontem à noite. Sabe o que sinto cada vez que vejo que seus olhos ficam azuis de luxúria... E que é por mim? Sabe o que me faz sentir ver todos esses fogos ardendo a nosso redor?

Acariciou-lhe o rosto com o seu, inalando seu perfume.

— Jamais havia sentido nada como isto, e quero mais. — Gemeu perto de seu ouvido. — Você é minha obsessão, Sabine. Ouvi dizer que todos temos uma obsessão na vida. E você é a minha.

— Solte-me!

— Renda-se a mim...

— Se não me desamarrar, — Disse ela apertando os dentes. — odiarei você. Prometo que o matarei!

Ele a tombou sobre a manta.

— Ah, mas minha preciosa cativa nunca cumpre suas promessas.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— Você gostaria que tivéssemos um filho? — Perguntou Rydstrom entre seus braços, a ponto de dormir na fria noite. Deslizou uma mão sob a túnica até fazê-la descansar sobre o liso estômago de Sabine. — Demônio ou não.

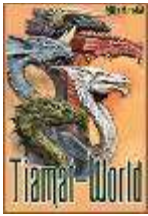
— Sim, sempre que não fosse um miserável traidor como seu pai. — Murmurou ela sonolenta antes de adormecer completamente.

Miserável traidor. E se com seu comportamento Rydstrom estava matando o que poderia chegar a existir entre os dois? *Não faça nada que não tenha remédio.* E essa noite lhe havia dito que o odiava...

Ao longo das horas que passou atormentando-a, mantendo-a as portas do orgasmo, a feiticeira em nenhum momento se deu por vencida.

Apesar de que Sabine tivesse perdido a cabeça, seu corpo tinha enlouquecido. Tinha arqueado os quadris, tratando de tentá-lo a que fosse ele quem rompesse seu juramento. Nunca nada o tinha excitado tanto como acariciar seu precioso sexo, ansioso por ser possuído.

Mas agora as duas noites tinham chegado a seu fim. Ao dia seguinte conseguiria que se



entregasse por completo e voltaria a fazer amor com ela. E por fim poderia recuperar o controle sobre si mesmo. Tinha que consegui-lo.

Confuso e cheio de dúvidas, terminou por ficar adormecido. Ao amanhecer, abriu os olhos e se encontrou no meio de uma miragem. Sabine conjurava quimeras enquanto dormia. Eram aqueles os sonhos da feiticeira?

— Esquenta-o, acaricia-o, sente-o, e cuida-o. Amassa-o, envolve-o, ama-o e beija-o... — Cantava uma mulher enquanto deslizava umas correntes de ouro por uma bochecha. Era a mesma voz de mulher que tinha ouvido a noite anterior... E agora podia vê-la.

Usava uma máscara de seda sobre uns hostis olhos azuis. O diadema que luzia no cabelo se estendia além de sua cabeça causando o efeito de um par de asas, repletas de safiras. Uma juba negra azeviche pendurava atrás do adorno.

— O ouro é a vida. É a perfeição. Existe unicamente para nós. — Deixou as correntes dentro de um cofre que havia em seu guarda roupa, e logo enterrou as mãos em montões de moedas, deixando que caíssem entre seus dedos.

Quando deu meia volta para o espelho, Rydstrom viu que havia também duas meninas refletidas nele, uma ruiva e a outra morena. Eram Sabine e Melanthe, ambas olhavam à mulher com completa fascinação. Certamente era sua mãe, e era óbvio que estava louca...

— Façam uma armadura com ele para rodear seu coração, e o ouro jamais as deixará morrer. Coloquem isso no cabelo, no rosto e na pele, e não existirá homem ao que não possam vencer. Uma feiticeira jamais rouba o ouro suficiente; os que resistem, — Adotou uma expressão impassível. — têm que morrer.

As feiticeiras adoravam o ouro, havia-lhe dito Sabine, e Rydstrom tinha pensado que era só uma desculpa para justificar sua avareza, mas essa crença, no caso dela, parecia ir mais à frente. Ao recordar sua cara quando atirou o diadema à água... Rydstrom passou uma mão pelos lábios.

Comprarei um novo. Comprarei-lhe milhares...

Os olhos de Sabine se moveram frenéticos debaixo das pálpebras, e débeis gritos surgiram de sua garganta. Rydstrom tocou seu ombro para despertá-la, mas retirou a mão ao ver aparecer outra miragem.

Era uma noite tempestuosa, e Sabine estava de pé frente a uma cova, junto com um montão de mulheres alinhadas de ambos os lados da mesma. Aparentava ter apenas quatorze ou quinze anos.

Um homem vestido com uma túnica negra estava diante delas, flanqueado por outros homens e empunhando uns facões nas mãos. Em latim exigia a Sabine que renegasse o seu vil comportamento.

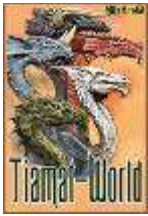
Esboçando aquele sorriso que Rydstrom tinha chegado a conhecer tão bem, cuspiu na sua cara. Ele a esbofeteou e a lançou à cova... A sua tumba.

Por todos os deuses. Os seguidores do homem empurraram então às outras mulheres com as forcas, as matando e as lançando à fossa, e todas foram caindo em cima de Sabine. Pazadas de terra seguiram o mesmo caminho, e logo o peso a estava esmagando. A feiticeira não podia respirar...

Passou uma eternidade antes que uma tênue voz a chamasse da superfície. Sua irmã.

— Levante-se, Abie! Saia daí e se cure!

Rydstrom sentiu arcadas ao ver a menina abrindo caminho entre os cadáveres, escalando às cegas para a voz até que por fim Melanthe conseguiu tirá-la daquela tumba.



Não era de estranhar que Sabine fosse tão dura. Rydstrom só se fixou em quão traiçoeira era, e nunca pensou que possivelmente ela mesma pudesse ter sido uma vítima.

Se não tivesse sido tão dura... Estaria morta. E então não estaria a seu lado naquele momento. Era legítimo que a criticasse por haver feito o que tinha que fazer para seguir com vida e poder chegar a estar com ele?

Não. Já não.

Na miragem, começou a chover e Sabine caiu de joelhos ao chão e vomitou toda a terra que tinha engolido. Sua irmã se ajoelhou a seu lado e lhe acariciou as costas. A chuva levou parte da sujeira que Sabine tinha no cabelo. Melanthe agarrou entre seus dedos a mecha de cabelo branco que tinha saído em Abie e pôs-se a chorar...

Rydstrom abriu e fechou os punhos ao sentir uma fúria demolidora crescer em seu interior. Tinha que lutar por Sabine, tinha que defender aquela menina que tinha chegado a converter-se em sua mulher. *Daria qualquer coisa para voltar no tempo e evitar que lhe acontecessem todas essas desgraças.*

De repente, na realidade, um som irreconhecível chegou a seus ouvidos. Aspirou o ar da noite e detectou um aroma desconhecido não muito longe. Ouviu passos aproximando-se, mas ao inspecionar a área quão único viu foi o pesadelo da feiticeira.

— Sabine! — Sacudiu-a. — Acorde!

Devido a sua miragem, Rydstrom não podia ver o que acontecia a seu redor.

— Sabine, maldita seja, acorda...

Sabine despertou ao ouvir o golpe de uma lança de combate contra a cabeça de Rydstrom.

O demônio saiu voando pelos ares, com o sangue brotando a fervuras da ferida. Ao menos havia sete tigloths armados atacando-os. Eram uns homenzinhos grotescos, metade humanos, metade bestas, com proeminentes presas nos maxilares menores e pele de réptil.

Sabine tentou chegar onde estava Rydstrom, mas um dos assaltantes a lançou ao outro lado do prado. Enjoada e deitada no chão, esfregou os olhos com o ombro e piscou repetidas vezes. Estava absolutamente indefesa, não podia recorrer a suas miragens para proteger-se. Não podia ajudar ao demônio.

Ele ainda estava inconsciente!

— Vamos levar a mulher. — Disse um quando tentou levantar-se.

— Não enquanto ficar em mim um sopro de vida. — Rydstrom conseguiu chegar até onde estava Sabine. — Fique detrás de mim.

Ela cambaleou ao levantar-se e caminhou insegura para ele. Não conseguiu alcançá-lo antes que os tigloths se equilibrassem sobre ele.

Enquanto esquivava os golpes das lanças que estes brandiam como armas de combate, os homenzinhos foram empurrando-o para o escarpado. Um golpe alcançou Rydstrom no braço, quebrando-o. A afiada ponta de outro rasgou sua coxa.

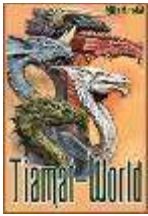
Quando sua perna cedeu e ele caiu de joelhos, o chão do escarpado começou a desmoronar-se.

Justo antes que se produzisse o desprendimento de terras, Rydstrom a olhou nos olhos.

— Irei buscá-la.

E desapareceu no meio de um montão de pó.

— Rydstrom! — Gritou ela, correndo para o escarpado. *Oh, Deus! Está muito escuro... Não*



posso vê-lo!

Sabine lembrou a si mesma que Rydstrom era um demônio formidável, e não um feiticeiro qualquer. Podia sobreviver àquela queda e muito mais.

Então deu meia volta e enfrentou os tigloths.

— Por que nos atacaram? Vieram me buscar? — Talvez Omort tivesse devotado um resgate.

— É nossa terra. Entraram sem permissão. — Respondeu enquanto rebuscava na mochila de Rydstrom e roubava tudo o que encontrava, inclusive a espada. Era o mais alto, o que significava que devia ser o líder. — A venderemos como escrava.

Escrava? Os tigloths não sabiam que era uma feiticeira; não lhes tinha mostrado seu poder e não ia vestida como tal. Tampouco levava nenhuma joia, e as sinetas azuis de seu cinturão não pareciam de ouro.

Digo a eles que sou princesa do reino de Omort ou que sou a esposa do rei demônio?

Era melhor que lhe ocorresse algo logo. Os tigloths não só eram traficantes de escravos, também colecionavam partes do corpo de seus inimigos como troféus, que cravavam nos repugnantes coletes que usavam. Dedos e couros cabeludos os adornavam. Um dos homenzinhos o levava completamente cheio de orelhas, e estava olhando as de Sabine com muito interesse.

— Sou a irmã de Omort de Rothkalina. E a lei dita que peçam um resgate por mim.

— Resgate, ganhar dinheiro vendendo você como escrava... Qual é a diferença? — Respondeu outro com acento primitivo.

Sabine tinha ouvido falar dos traficantes de escravos, aos que Omort tinha deixado proliferar em troca de uma percentagem de seus benefícios.

— Esse demônio ao que atacaram é o rei Rydstrom, e eu sou sua esposa. Virá me buscar, e quando fatar seus asquerosos pescoços eu estarei animando-o.

— Amarra sua esposa? — Perguntou outro.

— É um jogo ao que nós gostamos de jogar. Não espero que alguém como você o entenda. O tigloth lhe deu um bofetão.

Sabine cambaleou e sentiu que a boca se enchia de sangue. Cuspiu ao homenzinho, e este a esbofeteou de novo mais forte; a visão de Sabine nublou e caiu ao chão. Então a levantou e a jogou ao ombro. Estava amanhecendo quando o grupo iniciou a marcha...

Horas mais tarde, Sabine seguia sem ter notícias de Rydstrom nem de qualquer outro ser que pudesse ajudá-la.

Por que não sentia aquela gelada fúria tão habitual nela? Onde estavam as arcadas, os nervos? Por fim identificou o que estava acontecendo com ela e sentiu asco de si mesma.

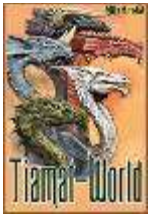
Confio em que Rydstrom venha me salvar.

Com as mãos atadas às costas, procurou seu cinturão e puxou uma das sinetas até conseguir que caísse ao chão. Esperava que o demônio entendesse que estava sacrificando aquele ouro para guiá-lo para ela. Mas o santarrão de Rydstrom certamente nem se daria conta de seu sacrifício! Já que tinha atirado o diadema à água como se fosse uma maçã podre!

Ao anoitecer, Sabine estava convencida de que todo o sangue do corpo tinha se amontoado na sua cabeça. E também tinha assumido que o demônio possivelmente não fosse procurá-la. Antes de cair pelo escarpado, estava já muito ferido gravemente.

O medo ameaçava consumi-la. E esse medo não era só por ela.

Ao entardecer, as areias foram convertendo-se em rochas à medida que foram aproximando-se a outra montanha. Ao chegar ali, os tigloths se meteram dentro, descendo até o mais profundo de uma escura mina.



Por fim a soltaram e Sabine caiu sentada no meio da escuridão mais absoluta, enquanto ouvia como os homenzinhos rondavam a seu redor.

Acenderam uma fogueira, e não demorou para ver algo, e imediatamente desejou não havê-lo feito. Aquelas criaturas estavam jantando, arrancando ossos e carne, olhando-a com renovado interesse.

Sabine inspecionou a área com a vista em busca de algo que a ajudasse a escapar. Estavam no ponto nevrálgico ¹⁷de uma série de minas, o lugar onde confluíam três dos túneis. O lugar tinha exatamente o aspecto que a feiticeira imaginou: um teto cheio de vigas com suportes por toda parte.

Mas não havia picos nem pás abandonados que pudesse utilizar para cortar as cordas. E a espada de Rydstrom estava fora de seu alcance, atirada entre os pertences que os tigloths lhes tinham arrebatado.

Quando as criaturas terminaram de comer, o cabeça não perdeu nem um segundo e puxou Sabine até colocá-la debaixo dele. Ela não podia defender-se, pois seguia com as mãos atadas.

Estou mais indefesa que quando era criança.

Um fio de saliva pendurava do canto do disforme lábio do tigloth, que se inclinou para seu rosto para lambê-la ao mesmo tempo em que lhe rasgava a túnica em duas...

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Rydstrom recuperou os sentidos de repente e lutou frenético para tirar-se de cima as rochas que o tinham coberto com o desprendimento. Quando por fim conseguiu mover-se e ficou em pé, cada movimento era pura agonia.

Lutando contra o enjoo que sentia como consequência do golpe na cabeça, farejou a noite em busca de Sabine ao mesmo tempo que fazia inventário das feridas de seu corpo: tinha os músculos rasgados de uma perna, várias costelas e uma clavícula quebrada. Um braço fraturado. E certamente o crânio partido...

Detectou a essência da feiticeira procedente do sul.

Saiu disparado nessa direção, apoiando-se mais na perna boa e ignorando a dor, pois ia em busca do que mais importava na vida. Correu durante quilômetros, ansioso para chegar até Sabine.

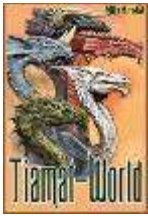
Não sabia se os tigloths tinham sido enviados por Omort para que levassem a feiticeira de volta ao castelo, não sabia se estava disposta a segui-los por vontade própria. Mas o modo como tinha gritado seu nome ao vê-lo cair pelo precipício...

Começou a encontrar sinetas de ouro em cada borda que supunha tinham cruzado os tigloths, e em cada riacho seco que atravessavam.

Quando Rydstrom se deu conta de que Sabine queria que a encontrasse se emocionou enormemente, mas essa emoção logo foi substituída pelo medo. Se aquelas criaturas não tinham ido procurá-la para cobrar um resgate, então nada os impedia de abusar dela.

Estavam-na levando para a cordilheira, provavelmente a uma das minas que ainda ficavam ocultas nas montanhas. O hábitat natural daquela raça.

¹⁷ Nota: Ponto mais importante de uma questão qualquer.



Secou-se o suor e o sangue que lhe caíam pelos olhos e conseguiu incrementar a velocidade. A base de força de vontade, seus músculos obedeceram e Rydstrom não demorou para chegar à entrada da mina. Penetrou nela sem demora e desceu até as vísceras da montanha.

De repente, um grito de Sabine irrompeu na escuridão. A ele lhe parou o coração e correu para aquele dilacerador som...

Com fúria, Sabine deu uma cabeçada no tigloth que tinha em cima. Este a esbofeteou e os olhos se encheram de lágrimas enquanto tentava recuperar o fôlego.

Nesse momento viu Rydstrom deslizando-se entre as sombras. *Estava vivo!*

À medida que o demônio ia aproximando-se, os chifres foram crescendo. Ao chegar junto à fogueira, recuperou sigilosamente sua espada.

Quando o cabeça dos tigloths voltou a manusear Sabine para aproximar-lhe de novo, esta lhe disse entre dentes:

— Tigloth, vai fazer-me uma pergunta, e perderá a cabeça antes de ouvir a resposta.

— Do que está falando? — Gritou a criatura.

Ela se limitou a sorrir ao ver que Rydstrom brandia sua espada.

— Sequestrou a mulher do demônio errado. — Disse à cabeça decapitada, ao mesmo tempo que se afastava do repugnante resto do corpo.

Ante a morte de seu líder o resto clamou furioso. Rydstrom se colocou diante de Sabine para protegê-la.

— Retrocedam!

Quando os tigloths atacaram, levantando suas lanças, o demônio recorreu à espada e a suas próprias garras para defender-se. Um deles tentou golpeá-lo pelas costas, mas ele jogou a cabeça para trás e o feriu com seus chifres venenosos.

Aguentou golpes que teriam derrubado uma árvore, e conseguiu manter-se em pé. Embora estivesse ferido, era muito forte para eles. Sabine observou fascinada como o incansável e ardiloso demônio lutava, iluminado pelo fogo, escondido entre as sombras da mina.

É meu marido. Por todos os deuses!, era um ser incrível. *Está lutando por mim.* Ninguém, excetuando Lanthé, jamais fez algo assim. Nunca, sem importar o muito que ela o tivesse necessitado...

Um tigloth mandou o enorme corpo de Rydstrom contra as vigas que aguentavam o teto e a madeira rangeu a seu redor. Com as mãos atadas, Sabine não conseguiria sair dali a tempo.

Quando a viga começou a estilhaçar-se, ela chamou o demônio.

Com um alarido de guerra, este a agarrou pela cintura e a tirou dali justo antes que o teto da mina se derrubasse. Começaram a cair rochas a torto e a direito, e entre elas, também os restos dos tigloths.

Só vejo pó. Voltava a estar indefesa, em pleno ataque de tosse e com a única alternativa de esperar. Rydstrom teria conseguido sair?

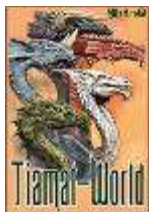
Esperou... Um batimento, outro. *Maldição, estúpido demônio, não morra! Não morra..!*

Rydstrom abriu caminho entre a poeira. Estava sangrando profusamente por uma dúzia de feridas e lhe custava respirar. Com o cenho franzido de preocupação, caiu de joelhos frente à Sabine. Ainda estava em pleno estado demoníaco, e parecia incapaz de deixar de olhá-la nos olhos.

Sabine se sentia muito aliviada de que estivesse vivo, e a gratidão que sentia porque tinha ido salvá-la ameaçava ultrapassá-la.

Então lembrou-se de que ela era uma das feiticeiras mais poderosas que existiam.

Aquela donzela em apuros poderia ter deixado fora de combate a aqueles energúmenos



em questão de segundos se seu marido não houvesse amarrado suas mãos às costas, deixando-a assim indefesa.

Rydstrom a abraçou com tanta força que Sabine quase gritou. Sentiu em seu próprio corpo o doloroso som que saía do peito de Rydstrom, metade gemido, metade soluço.

A salvo... Segura... Furiosa? Sabine tentou em vão resistir sem deixar de amaldiçoá-lo. Ele não disse nada, mas sim se limitou a abraçá-la com força, com o rosto dela contra o torso, retendo-a ali com seus poderosos braços.

O que mais incomodava Sabine era que tudo aquilo poderia ter sido evitado. Mantendo suas mãos atadas, Rydstrom a tinha deixado indefesa.

Mas o que era que a deixava mais furiosa? Que sua própria vida tivesse estado em perigo... Ou que o tivesse estado a dele?

O demônio por fim se afastou e lhe percorreu o corpo com o olhar em busca de feridas. Seus olhos se obscureciam a cada arroxeadado que descobriam. Quando levantou sua saia, viu-o engolir devagar, temeroso do que pudesse encontrar.

— Não me violentaram. Embora não graças a você.

Ele respirou fundo, lutando para manter o controle, e suas feições demoníacas retrocederam.

Quando lhe secou o sangue do lábio, ela fez uma careta de dor.

— Sabine, estou aqui...

— Golpearam-me. Bem atada, como um presente para ser utilizado a sua conveniência.

O demônio arrancou uma parte da rasgada túnica e a utilizou para lhe cobrir os seios, depois foi em busca de seus pertences. Só se afastou dela o necessário para recolher suas botas.

— Se tinham intenção de vendê-la como escrava, não tem sentido que a golpeassem, a não ser que os fizesse zangar-se.

— Sim, provoqueei-os. E suponho que isso lhes dava direito a me esbofetear, não é assim?

Ele retornou com as botas e as pôs.

— Por que os provocou?

— Porque isso me fez me sentir bem. — Respondeu sem olhá-lo, repetindo o que tinha respondido o próprio Rydstrom quando lhe perguntou por que tinha desafiado Omort.

— Possivelmente venham mais. — Ajudou-a a ficar em pé. — Temos que sair daqui.

— Não vai soltar-me? — Pelo seu tom de voz era evidente que estava um pouco histérica.

— Está zangada porque se encontra em uma posição vulnerável. Deveria haver me mantido mais vigilante.

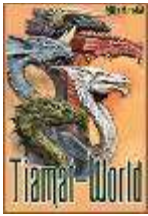
— Maldito seja, Rydstrom, inclusive depois do que passou, não pensa me desatar as mãos? Estava indefesa! Sim, salvou-me, mas foi você o culpado de que estivesse nessa situação. Igual a quando eu o salvei de Omort depois de levá-lo a Tornin. Está contente, demônio? Você e sua paridade podem se sentir satisfeitos.

— Contento? — Soltou ele. — Se tivesse acontecido algo com você... Maldita seja, terei mais cuidado. Não dormirei.

— Os tigloths não são as únicas ameaças que há aqui fora. — Disse ela. — Há bestas lendárias. E, como bem sabe, poderia me afogar.

— Também sei que poderia fugir de mim à primeira oportunidade que se apresentasse. — Ao ver que ela negava com a cabeça, Rydstrom disse: — Não tenho nenhuma dúvida! Cada vez que me disse que queria ficar comigo mentiu. Agora não tenho tempo para isto. Não vou trocar de opinião, e devemos sair destas minas antes que venham nos procurar.

Seu tom não admitia réplica, e, quando a agarrou pelo braço para tirá-la dali, Sabine o



deixou que o fizesse.

Seguiram adiante, avançando a tropicções pelo turvo túnel durante o que pareceram ser quilômetros antes de conseguir sair à superfície.

Uma nova paisagem lhes deu a boa-vinda. Uns altos montes arenosos se levantavam diante de umas colinas cobertas de árvores. O sol da tarde se abatia sobre eles, e havia rajadas de vento. Mais terra, mais quedas, mais sofrimento.

Basta. Sabine puxou o braço até conseguir que Rydstrom a soltasse. Nem no melhor dos casos poderia considerar-se que ela ficasse paciente... E agora tinha chegado a seu limite.

Deteve-se.

— Vamos, continue. Estamos perto. Posso senti-lo.

— Basta, demônio.

— O que?

Sabine se sentou e levou os joelhos ao peito.

— Tenho queimaduras por culpa do sol, estou cheia de manchas roxas e morro de fome. Atormentou-me sexualmente durante dois dias. Uma mina se derrubou ao meu redor sem que eu usasse nada de metal que protegesse minha cabeça, o pescoço ou o peito. E não posso me mover! E, para cúmulo, sequestraram-me uns monstros que pretendiam me vender como escrava!

E durante uns instantes, temi mais pela vida do demônio que pela minha. O que lhe estava acontecendo?

— Não penso dar um passo mais até que me solte.

— Sabine, coloque isso na cabeça: não penso soltá-la. Não penso permitir que se afaste de mim, embora só seja porque poderia estar grávida de meu filho! — Tinha jogado os ombros para trás como se sentisse orgulhoso disso?

— É impossível.

— Sim, já sei que estivemos juntos só uma vez, mas poderia.

— Não há nenhum filho... Não estou grávida!

— Como sabe?

— Soube poucos dias depois. — Respondeu ela. — A Bruxa pôde confirmá-lo em seguida.

— E me deixou acreditar que podia estar grávida? Mentiu-me!

— E por que não ia deixar que acreditasse? Não tinha nem ideia do que pretendia fazer comigo!

— Cada dia que passa me dá um motivo mais para que não confie em você.

— Sabe o que? Será melhor que me deixe de mãos atadas, porque se me solto te asseguro que me desferrarei. Não posso mais. Se quiser seguir adiante, terá que me levar nos braços, porque eu não penso me mover.

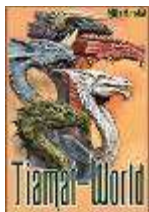
— Acredita que não o farei? — Rydstrom a pôs em pé

— Estou farta de você! — Gritou ela. — Estou farta de que me trate assim! E pensar que estava preocupada... — Mordeu a língua.

— E pensar que estava o que? Ah, feiticeira, estava preocupada comigo? — Perguntou-lhe ele em tom de brincadeira. Mas logo entrecerrou os olhos e escrutinou seu rosto com atenção. — Estava preocupada comigo.

— Sei! O único que me preocupava era minha própria pele. — Replicou Sabine, mas não lhe sustentou o olhar. *Maldito seja, sabe que lhe estou mentando.* Deu-lhe um chute. — Solte-me agora mesmo!

Rydstrom afundou os dedos em sua juba e lhe jogou a cabeça para trás. Ambos ficaram sem fôlego. Ela tinha o olhar fixo em seus lábios, e não pôde evitar percorrer os seus com a língua.



Viu que o demônio tinha também os olhos cravados em sua boca.

Estavam a ponto de beijar-se com aquele frenesi típico deles. Outra vez. E Sabine não sabia se seria o bastante forte para resistir...

— Olá! — Gritou uma voz da distância. — Há alguém aí?

Os refugiados os tinham encontrado.

CAPÍTULO TRINTA

Havia demônios da Ira por toda parte.

Ao entardecer, Sabine e Rydstrom seguiram a um par de guardas do acampamento, por volta de uma colina que precedia o mar de tendas que ocupavam a planície.

Quando os encontraram, o primeiro que quiseram saber era o que faziam fora dos limites do acampamento, pois essa área estava cheia de “bestas selvagens”.

Rydstrom se tinha limitado a lhes ordenar que o levassem ante o demônio que estivesse no comando. Ia sem camisa e ainda tinha sangue seco no torso, mas na aparência se via estável, embora não calmo.

Naquele preciso instante, Sabine e ele entravam com os guardas no acampamento, esquivando o que deviam ser centenas de demônios. A feiticeira os olhava com firmeza, e eles lhe devolveram o olhar. Ouviam-se cochichos a seu redor, e as fêmeas comentavam atônitas seu escasso traje. As demônias daquela espécie estavam sempre muito cobertas, com saias desnecessariamente longas e camisas abotoadas até o pescoço.

Uma feiticeira menos valente que Sabine haveria se sentido incômoda ao ter que passear por ali com apenas um recorte de tecido lhe cobrindo os seios, uma micro saia e um montão de areia, sem mencionar que seguia com as mãos atadas à costas. Mas ela olhou a seu redor com cara de aborrecimento.

Se algum demônio lhe percorria o corpo com olhar lascivo, notava como a mão com a que Rydstrom a segurava apertava com mais força, e seus chifres já tinham começado a levantar-se.

Sabine estudou o lugar e suspirou exasperada. *Tornin é um castelo medieval, este é um reino medieval com gente medieval.* Por que a surpreendia porque aquele lugar parecesse tirado de feira da época?

O “alojamento” consistia em uma série de tendas de campanha com elaborados bastidores que penduravam da parte superior estandartes que ondeavam ao vento. Sabine reconheceu as cores de várias famílias de nobres. Ali havia demônios de todo o reino.

Os guardas os levaram até um pavilhão de dimensões consideráveis. Dentro tinha reunidos uns demônios muito bem vestidos que sem dúvida pertenciam à nobreza.

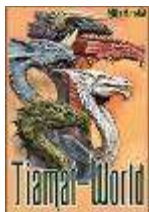
— O que estavam fazendo fora dos limites do acampamento? — Um deles repetiu a pergunta a Rydstrom. — Informamos a todos obre os perigos deste lugar.

— Não formamos parte desta colônia. Somos de fora.

— Bom, pois aqui não cabe ninguém mais. — Respondeu o mesmo de antes. — Mal podemos subministrar mantimentos a todos os que vieram.

— Pois é melhor conseguir um lugar para mim. Sou Rydstrom, seu rei. — Depois do alvoroço inicial, fez-se o silêncio.

— Faz séculos que Rydstrom não vem a esta dimensão!



— Mas a cicatriz...

— Comentava-se que foi capturado por uma feiticeira.

— Uma feiticeira? — Interveio Sabine. — Melhor dizer a feiticeira...

— Sou seu rei. — Os interrompeu Rydstrom. — E estou me fartando disto.

— É verdade. — Disse uma demônia por trás. — É ele.

Aproximou-se deles. Era atraente, tinha uma longa juba castanha e uns brilhantes chifres pequenos. E ah, claro, ia vestida com tons pastéis. Sabine a colocou em sua lista negra.

Rydstrom entrecerrou os olhos ao olhá-la.

— Conheço você?

A pergunta pareceu surpreendê-la.

— Eu... Sim, sim me conhece. Sou Durinda. Era uma das damas de companhia de uma de suas irmãs em Tornin. — Um pequeno demônio, de mais ou menos uns seis anos de idade, mostrou a cabeça por entre as saias de Durinda. — E este é Puck. — Afagou-lhe o loiro cabelo. — É o filho de minha melhor amiga.

Ao Puck faltava uma presa de leite e ficou embevecido olhando Sabine. O que pareceu incomodar Durinda, porque disse ao pequeno que se fosse imediatamente.

A feiticeira se converteu no centro das atenções. Com todos os olhares fixos nela, Rydstrom voltou a falar:

— Minha prisioneira, Sabine, do castelo de Tornin.

Todos ficaram boquiabertos e a sala voltou a alvoroçar-se

— A irmã de Omort?

— A Rainha das Miragens?

— Matará-nos enquanto dormimos!

Ela levantou o queixo e olhou para Rydstrom.

— Assim agora só sou sua prisioneira? Por que não me apresentou como sua..?

— Silêncio.

Apertou-lhe o braço com tanta força que Sabine fez uma careta de dor e decidiu ficar calada. De momento.

Rydstrom se dirigiu então ao demônio que parecia estar no comando.

— É aqui onde se abrirão os portais para a outra dimensão?

— Sim, meu senhor. — Respondeu ele. — Dentro de quatro dias.

Sabine se deu conta de que Durinda parecia haver ficado hipnotizada olhando o musculoso torso de Rydstrom. Havia algo no olhar daquela demônia que fez que Sabine se aproximasse dele; na verdade, colou-se tanto que Rydstrom a olhou admirado.

Talvez ela não terminasse ficando com seu marido, mas no momento lhe pertencia, e jamais tinha gostado de compartilhar.

— Estou segura de que estão cansado da viagem, meu senhor. — Disse Durinda. — Podem ficar em minha tenda, e já encontraremos algum lugar para... ela.

— Ela fica comigo. — Decretou ele.

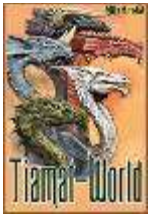
— Por... É óbvio. — Durinda empalideceu ao escutar seu tom de voz.

— Durinda, — Disse Sabine. — obrigada por sua hospitalidade.

É o mínimo.

Apesar de que os ombros da demônia se esticaram, guiou-os até sua tenda. A lona era de cor azul céu com listras cinza, e havia uns tecidos decorativos a ambos os lados da entrada. Em conjunto a tenda era muito chamativa, e denotava riqueza.

O interior foi decorado com as mesmas cores. Em um canto havia um catre cinza, com uma



linda colcha azul. Do teto penduravam lanternas de papel estampados combinando.

Se Sabine tivesse uma tenda seria granada, com atrevidos arremates dourados. *De ouro de verdade. O que eu mereço.*

— Isso é tudo, Durinda. — Disse então a feiticeira no tom mais distante de que foi capaz.

A demônia se foi indignada.

Logo que se fechou a cortina que fazia às vezes de porta, Rydstrom disse:

— Era necessário que se comportasse assim?

— Sim. — Respondeu ela olhando-o. — Realmente sim.

Essa harpia estava dando em cima do meu marido!

— Faz-nos um favor ao deixar dormir aqui.

— Não é verdade. É seu rei, o que significa que esta tenda e tudo o que há neste acampamento e neste maldito reino é seu. E dado que eu sou sua rainha, meu também. Por que ia agradecer a alguém algo que já é meu?

Quando Rydstrom começou a apagar as velas das lanternas ela voltou a falar.

— E por que não lhes disse que estamos casados?

Depois de tudo o que tinham passado, ele nem sequer a reconhecia publicamente como a sua rainha? Sabine não pôde evitar recordar uma coisa que Omort havia dito: *O quão decepcionado deve se sentir o demônio ao saber que...*

Rydstrom se envergonhava de que ela fosse sua companheira?

— As pessoas saberão cedo ou tarde. Melhor admitir que estamos casados.

— Sabine, ambos estamos feridos e exaustos. — Disse ele, segurando-a pela mão para deitá-la na cama. — Já falaremos amanhã.

Ela se sentia desconcertada em mais de um sentido. Fazia menos de quatro horas que tinham chegado ali e talvez pudessem passar sem a ceninha. Mas tinha todo o direito do mundo de continuar zangada por como a tinha tratado durante seu cativeiro.

Maldito seja, envergonha-se de mim?

Ao longo das duas últimas noites em que tinham dormido juntos, Sabine tinha se dado conta de duas coisas: quando Rydstrom a abraçava, segurava-a como se fosse seu tesouro mais prezado. E sempre que ele fazia isso, ela ficava profundamente adormecida.

Essa noite aceitou com prazer o ritual. O calor que emanava do corpo do demônio era quase evidente, como se a acariciasse na escuridão. O mundo não demoraria para desvanecer-se...

Sabine despertou na metade da noite, piscou várias vezes e viu que Rydstrom estava olhando-a. O via tão cansado...

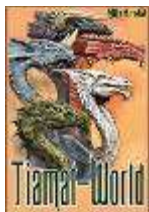
— Sem mais pesadelos, meu amor.

Teria visto algum de seus sonhos? Não recordava o que tinha sonhado...

Beijou-lhe o cabelo.

— Agora está a salvo. — Deslizou uma mão até seu rosto e a acariciou muito, muito devagar. A carícia que depositou em sua bochecha foi a mais suave que jamais havia dado. Era como se Rydstrom estivesse tentando encontrar um modo de não assustá-la.

O último pensamento que cruzou na mente de Sabine antes de dormir de novo foi: “Se não for com cuidado, poderia me acostumar a estar casada com um demônio...”



— Retro-Amish¹⁸. Oh, que... Bonito! — Disse Sabine quando Rydstrom lhe levou roupa no dia seguinte.

Ele estava encantado de ver que o corpo de Sabine se curou completamente durante a noite.

Ela acabava de despertar, mas ele já havia se banhado em umas águas termais próximas, pôs-se roupa nova e se reuniu com o porta-voz dos nobres, que morriam de vontade de lhe ceder o governo — e os problemas — do acampamento.

A curiosidade a respeito de Sabine tinha ido aumentando. *Era concubina do rei ou sua prisioneira, ou ambas as coisas de uma vez?* Rydstrom não comentava nada a respeito, quão único fez foi ordenar que, embora seguisse atada, lhe mostrasse o máximo respeito, e todo mundo tinha que obedecer a essa ordem.

Sabine assentiu ao ver a roupa.

— Deixe-me adivinhar: é de Durinda?

— Sim, cortesia dela.

A demônia tinha mostrado o acampamento a Rydstrom, seguidos em todo momento pelo pequeno Puck. Este era um órfão que Durinda confiava poder acolher no futuro. Apesar de que fosse óbvio que conhecia perfeitamente Rydstrom, este não se acordava onde a tinha visto antes. Mas era bastante amigável e o menino recordava Cadeon quando tinha essa idade. *Tem a mesma idade que tinha meu irmão quando o enviei para viver longe do castelo.*

— Durinda, e outros muitos, deram-se conta da pouca que roupa levava ontem de noite. Aqui se levava um estilo mais conservador.

Desde a noite anterior, todo o acampamento se inteirou de quem eram os recém chegados. As pessoas não se sentiam cômodas ao saber que havia uma feiticeira entre eles, embora olhassem para Rydstrom com... Esperança. Pensavam que este melhoraria suas condições de vida.

Sobre os ombros dele pesava uma enorme responsabilidade. Olhasse onde olhasse havia coisas por fazer. E havia escassez de comida. Toda a caça dos arredores se esgotou, e os caçadores tinham que ir cada vez mais longe, coisa que podia supor pôr sua vida em perigo.

Rydstrom desejava contar com alguém com quem falar desses assuntos. Desejava que esse alguém pudesse ser Sabine. Mas, até o momento, eles só tinham tido uma conversa séria.

— Um estilo mais conservador, Rydstrom? Não quererá dizer careta?

— Chame-o como quiser.

— Não parece tão zangado como ontem de noite. — Observou. — Não está aborrecido sobre o bebê, porque não esteja grávida?

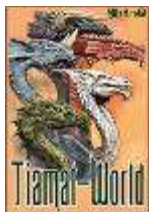
Ele tinha estado refletindo sobre esse assunto toda a noite. Ao princípio, pensava que Sabine se preocupou com ele. Agora tinha a teoria de que tinha querido ver e ouvir coisas nas palavras da feiticeira que em realidade não estavam ali. Mas desejava que ela também quisesse estar com ele, que sentisse algo por ele.

— Não, não me zanguei pela gravidez, mas sim pelo engano. Agora me alegro de que não o esteja.

— Ah, sim? — Perguntou incrédula.

— Sei muito pouco de crianças ou de como se forma uma família, mas estou convencido de

¹⁸ Nota: É um grupo religioso cristão anabatista baseado nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes conservadores, como o uso restrito de equipamentos eletrônicos, inclusive telefones e automóveis.



que os pais não têm que odiar-se.

— Rydstrom, eu não o odeio.

— Isso não é o que disse.

— Ontem estava furiosa. Olhe, merecendo ou não o que vivi estes dois últimos dias, foram muito difíceis para mim. E sua mulher não tem um caráter moderado nem nas melhores circunstâncias.

Ele franziu o cenho, e disse ausente:

— Possivelmente um banho de água quente seria muito agradável. — Prosseguiu ela, que parecia muito razoável.

E Rydstrom detestou a si mesmo porque o primeiro que pensou foi: *O que deve estar tramando?*

— Babados? Sua vingança é demoníaca e odiosa, Rydstrom.

Quando Sabine terminou de banhar-se, ele a vestiu com uma longa saia até os tornozelos e uma blusa de manga larga com – estremeceu ao vê-lo – essas coisas que voavam.

Um simples espartilho e anáguas lhe serviram de roupa de baixo, enquanto umas suaves sapatilhas lhe cobriam os pés.

— E como se supõe que vou dar um chute com estas coisas? — Disse, olhando as sapatilhas com o cenho franzido.

— É que não vai dar nenhum.

— Viu alguma vez fotos de gatos vestidos por humanos? Pois assim ridícula me sinto eu agora.

— Bem. Assim seu ego descerá um pouco. — Respondeu, enquanto a acompanhava de volta à tenda.

— Duvido-o. Tenho um muito forte, demônio. Assim acredita que as mulheres deveriam ir vestidas desta forma? É um velho caquético.

— Acredito que as mulheres devem vestir-se como gostam. Dentro de uns limites razoáveis.

la replicar a esse último comentário quando se deu conta de que as pessoas deixavam de fazer o que estivessem fazendo para cuspir no chão a seu caminho.

— Grande popularidade tenho aqui. Resulta um pouco incômodo ver tanta adoração.

— Não posso culpá-los pelo que sentem.

— O que?

— Estão entre os mais duramente tratados por Omort, daí sua determinação em arriscar o reino de Grave para liberar-se de seu jugo.

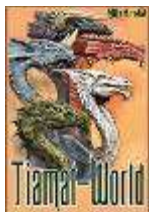
— E me odeiam pelo que Omort fez? Ouviu algum caso onde eu tenha machucado a este povo?

— Não, mas tampouco ouvi nenhum em que os tenha ajudado.

— Pois claro que não. Eu nunca ajudarei a ninguém, a não ser que tenha algo que me interesse. Porque tenho um cérebro na cabeça. Demônio, espera coisas de mim que eu simplesmente não posso te dar. E deseja ver em mim coisas que não sou. Eu sempre mentirei, farei armadilhas e roubarei...

— E matará a todo aquele para defender seu ouro.

— Viu meus sonhos.



— Assim é. E vi sua mãe. E como a enterravam.

Ela engoliu saliva. *Não tenha pena de mim. Nem se atreva.*

— É forte, Sabine. Se pudesse atenuar sua força com...

— Com o que? Com compaixão? Amabilidade? Piedade?

— Por que não?

— Rydstrom, não saberia por onde começar... — Afastou-se um pouco ao passar junto à Durinda.

A linda demônia sorria a seu rei. Ele a saudou.

Sabine não gostou absolutamente dessa troca. Tinha que reconhecer que estava ciumenta. Tinha experimentado esse sentimento já antes de conhecer Rydstrom, mas tinha sido por coisas, objetos que outros tinham e ela não.

Agora se sentia como se Durinda estivesse lhe roubando seu ouro. Perguntava-se o que pensaria “seu ouro” disso, assim levantou o olhar para seu marido.

— Acredita que é possível desejar a outra depois de encontrar sua companheira?

— Depende do muito que a pessoa a queira.

— Então, é bom sinal que você esteja obcecado comigo.

— Por quê? Preocupa-se que possa desejar a outra?

Pôde evitar responder à pergunta por que nesse instante iniciou uma briga entre meninos perto deles.

Durinda se apressou a separar Puck da luta. Estava brigando com outros muito maiores que ele, coisa que mereceu por um instante a atenção de Sabine. Era muito bonito para ser um demônio.

Certamente teriam se metido com seu nome.

— A que pais ocorrem pôr em seu filho um nome que se preste tanto a zombar dele?

— A uns mortos. — Respondeu rapidamente Rydstrom. — Ambos estão mortos, Sabine. Além disso, o menino tem problemas porque é órfão e ainda não foi acolhido por nenhuma família.

— E quanto a Durinda? Por que não é ela sua nova mãe?

— Porque não está... Casada.

— O demônio acaba de fazer sua primeira piada. — Dizia-o a sério? — É impossível que tenha dito isso.

Passou a mão pela nuca.

Quando Durinda falou com Puck em demoníaco, Sabine perguntou:

— O que está dizendo a ele?

— Que essa briga não arrumará nada.

— Está... De brincadeira? — Antes que Rydstrom pudesse detê-la, Sabine gritou: — Não faça conta, menino! As brigas solucionam tudo! Só tem que se assegurar de ganhar!

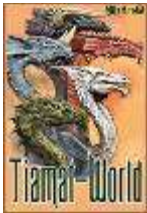
— Já é suficiente! O menino não a entende como os outros. Criou-se em um povoadinho de camponeses e só fala demoníaco.

— Estará de acordo com o que lhe disse sobre as brigas, não é assim? Este mundo se tornou louco! Diga-me que não ensinará a nosso filho a não brigar, porque isso seria suficiente motivo para romper o compromisso.

Aproximou-se dela, olhando-a de cima.

— Não sabia que continuávamos em negociações. — Disse com voz grave.

Demônio sexy. Engoliu saliva e se perguntou se chegaria o dia em que não se emocionasse tanto cada vez que ele se aproximava. A seguir repreendeu a si mesma.



— Nossas negociações encalharam antes que decidisse me obrigar a fazer esta fodida viagem no tempo. — Respondeu-lhe.

Os projéteis saíram de um nada. Sabine baixou a cabeça procurando proteger-se. Olhou a feia blusa, que havia se tornado ainda mais feia.

Alguns meninos lhe tinham jogado tomates podres, que estalaram contra seu peito. Olhou-os incrédula. Se isso tivesse acontecido em outro momento de sua vida, alguém estaria a ponto de morrer.

Apertando os dentes, disse a Rydstrom:

— Desate-me agora mesmo! — As unhas estavam se cravando nas palmas, fazendo-a sangrar.

Lançou um ameaçador olhar para onde estavam os jovens demônios e os pais apareceram imediatamente apresentando suas mais sinceras desculpas.

Rydstrom lhes disse:

— Voltarei para solucionar este assunto. — E se dirigiu com ela para a tenda.

— Isso é tudo o que vai fazer? Não é suficiente, Rydstrom! — Sacudiu-se contra ele. — Desate minhas fodidas mãos!

— Para que? Para que possa matar a algum menino confuso?

— Não, só farei que tenham pesadelos o resto de suas vidas. — Por como as pessoas a estavam olhando, soube que devia ter os olhos de um azul raivoso.

Uma vez chegaram à tenda, ele a deixou sobre o colchão que havia em um extremo. Ficou atônita ao ver que, enquanto tinham estado fora, alguém tinha enfiado uma estaca no chão. Atada a ela havia um pedaço de corda.

Não. O demônio não se vai atrever a...

Rydstrom agarrou uma toalha do móvel onde se guardava a roupa de cama, e a afundou em uma terrina de água. Continuando, tirou-lhe a camisa e passou a toalha pelo corpo para limpar os restos de tomate, e logo voltou a vesti-la com outra horrenda blusa.

— E como castigará a esses pequenos vândalos?

— Vou dizer a seus pais que você me pediu que fosse indulgente com eles.

— Oh, que ardiloso. Já está trabalhando para melhorar a imagem que têm de mim. Lástima que seja uma mentira. E o bom rei Rydstrom nunca mente.

— Quando tiver saído desta tenda, não será uma mentira.

— Nunca!

— Então não poderá enviar uma nota a sua irmã, embora tenha encontrado a alguém convencido de que poderá fazê-la chegar a Tornin.

— De verdade? Oh, perfeito. Rei Rydstrom, seja, por favor, indulgente com os pobres, equivocados pequenos que lançaram verduras podres sobre mim?

— Estarei encantado de fazer chegar essa mensagem até eles. — Estava girando a longa corda cravada na estaca?

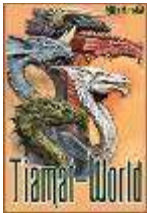
— Nem se atreva!

Quando ele se agachou para atar seu tornozelo, ela tentou lhe dar um chute com as inúteis sapatilhas que levava postas. Mas Rydstrom lhe agarrou a perna, mantendo-se imóvel enquanto fazia os nós. Quando finalizou essa tarefa, dirigiu-se à saída.

— Aonde acredita que vai? Não pode me deixar assim!

Ele se deteve com uma mão na cortina e olhou a feiticeira.

— Sempre procura problemas quando saio. Tenho muito que fazer e não posso ficar te vigiando em todo momento.



— Pois então me solte.

— Não vai ter essa sorte. — Assinalou-lhe o tornozelo. — Tem corda suficiente para chegar até o guarda de fora.

— Guarda? — Gritou. — Acredita que posso escapar..? — Sua voz se apagou. — Uma vez mais me deixa indefesa.

— O guarda não permitirá que aconteça nada com você.

— E o que eu farei enquanto isso?

— Ficar aqui sentada. Refletir sobre por que as pessoas gostam de atirar coisas em você.

Enquanto ele se agachava para sair da tenda, Sabine gritou:

— Deixa-me atada como um cão? Pois então será melhor se lembre de que esta puta morde!

Rydstrom se foi.

Passou uma hora antes que se voltasse a abrir a cortina da tenda. Para sua surpresa, era o menino, Puck.

— O que quer? — Espetou-lhe, e certificando-se de que não trazia vegetais consigo. — Vem me lançar tomates?

Uma vez dentro, o pequeno tirou uma navalha do bolso. *Excelente*. Ia ser apunhalada por um pirralho que mal tinha deixado às fraldas.

Então o viu tirar um pedaço de madeira do outro bolso. Se sentou no chão a seu lado e começou a esculpir a madeira.

Oh.

— Pode me fazer uma estaca para cravá-la em um olho? Para o Rydstrom? — Puck franziu o cenho ao não entender suas palavras. — Ou, melhor ainda, poderia utilizar a navalha para me cortar estas ataduras.

O pequeno sorriu sem saber do que ela estava falando.

Sabine não gostava de crianças, e depois de tentar repetidamente fazer saber àquele o que devia fazer para ajudá-la em sua tentativa de fuga e não consegui-lo, sua presença começou a lhe ser incômoda.

— Você... Vá embora.

Ele nem se alterou.

Com um tom exageradamente alto, disse:

— Já me mostrou o bom entalhador de madeira que é! Agora vá embora daqui de uma maldita vez. Tenho coisas importantes nas quais pensar.

Nada de nada.

— Oh, veja o safado! Representa o papel do bom órfão. Tenta me fazer gostar dele, assim possivelmente tenha alguma possibilidade de que o adote, já que eu sim estou casada. É óbvio, tem um gosto maravilhoso, pequeno demônio. Ai! Mas cometeu um pequeno engano. Eu não tenho instinto maternal.

Puck se limitou a inclinar a cabeça. Então estendeu a mão como se quisesse lhe dar algo.

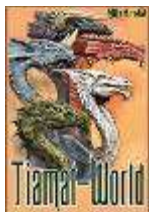
A feiticeira gostava de receber presentes.

— O que é? Deixe-me ver. — Girou os olhos. — Sinto muito, estou amarrada aqui e não posso me mover... Não posso estender a mão.

Ele deixou algo sobre seu joelho; algo pequeno e de cor branca. Sabine tinha se dado conta de que lhe faltava à presa inferior. Agora já sabia onde estava!

E, obviamente, passara muitíssimo tempo guardando-a.

— Oh, isto não está bem. — Pôs cara de desgosto, e não só porque a repugnasse. — Não



sabe que pode conseguir ouro por essa presa? Que diabos acontece com você?

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Rydstrom jamais teria imaginado que pudesse fazê-lo tão feliz ver a feiticeira com ciúmes. Sabine tinha ciúmes de Durinda. E ao longo dos dois últimos dias tinha dado repetidas amostras disso.

Possivelmente fosse sinal de que começava a sentir algo por ele, coisa que ele só se atreveu a sonhar.

O quebra-cabeça de Sabine era cada vez mais complexo.

Era verdade que Rydstrom passava grande parte do dia com a demônia, pois esta estava ajudando a organizar as coisas para cruzar o portal para a outra dimensão. Os grupos se formaram segundo os diferentes destinos. A maioria queria ir a cidades próximas à Tradição, como por exemplo, Nova Iorque ou Savannah¹⁹. Se as pessoas estavam dispostas a pagar um pouco mais, podia dar ao encarregado do portal as coordenadas exatas.

Transferir a tantos indivíduos de repente não estava isento de dificuldade. Se de repente apareciam mil demônios no meio de Savannah, alguém terminaria por dar-se conta.

Enquanto trabalhava com seu povo preparando-os para o novo mundo, envergonhou-se de ter se sentido ressentido com eles, de ter amaldiçoado sua responsabilidade. Rydstrom descobriu que seu povo era honrado, muito trabalhador e prático.

Durinda foi de inestimável ajuda na preparação de tudo, e Rydstrom desfrutava de sua companhia. Ambos compartilhavam parte de um mesmo passado e podiam falar sobre os bons tempos de Tornin. O demônio gostava de conversar com ela sobre o castelo, recordar seus momentos de glória, e tentar apagar de sua memória o que tinha presenciado tão somente uns poucos dias atrás.

Também falavam de Mia, Zoë e Cadeon. Durinda lhe disse que um dos motivos pelos quais era tão protetora com Puck era porque recordava muitíssimo Cadeon na sua idade. A Rydstrom também.

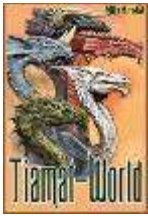
Este recordava que seu irmão tinha sido um menino desajeitado. Quando lhe saíram os chifres ficou frenético, e lhe ardiam tanto que se esfregava contra tudo o que encontrava, inclusive com as paredes do castelo. Ia deixando arranhões por toda parte, todos a um metro de altura, mais ou menos.

Rydstrom jamais teria acreditado possível que algum dia sentiria falta de Cadeon, mas assim era. Ao longo dos séculos, tinham brigado juntos contra muitíssimos adversários, e frequentemente um contra o outro. Antes de conhecer Sabine, Cade era o único capaz de deixá-lo furioso. Rydstrom riu. Seguro que quando a feiticeira e Cadeon se conhecessem, dariam-se muito bem.

Mas apesar de ter uma relação tensa, os dois irmãos quase nunca se separavam. Eram tão juntos que na Tradição quase todo mundo se referia a eles como “os Woede”. Cadeon vivia na casa que Rydstrom tinha junto à piscina de sua mansão.

O demônio acabava de inteirar-se de que muitos se somaram aos rebeldes inspirados pelo

¹⁹ Nota: Cidade do Estado da Geórgia, nos Estados Unidos.



êxito de Cadeon na busca da espada. Estava muito orgulhoso de seu irmão. Surpreso, mas orgulhoso...

Rydstrom e Durinda tinham outra coisa em comum: ela ia viajar à outra dimensão para casar-se a contra gosto com um demônio ao que, de momento, negava-se a reconhecer como seu companheiro.

— Ele está convencido de que estamos destinados a estar juntos. — Disse-lhe. — Mas eu não o vejo tão claro. Não temos absolutamente nada em comum. Não acredito que haja duas pessoas no mundo que façam pior casal que nós.

Durinda não sabia do que estava falando.

Rydstrom e Sabine eram polos completamente opostos, ele não tinha nenhuma dúvida de que ela era sua companheira. Apesar de que morria de vontade de voltar a fazer amor com sua feiticeira, e de que estava ansioso para marcá-la, ia devagar. Primeiro estava decidido a ganhar sua confiança. A conquistá-la para o resto da eternidade.

Cada dia que passava ali, Sabine não podia evitar afeiçoar-se mais e mais com o demônio.

Naquele mesmo instante, estava olhando-o preparar-se para sair, e se deu conta de que não tinha começado a considerá-lo a sério como seu possível companheiro até que ele escapou de suas correntes. Sabine sentia muito respeito pelo poder, sentia-se atraída por este, e, enquanto foi seu prisioneiro, Rydstrom tinha estado indefeso. Agora emanava dele tanta autoridade, tanta força, que as pessoas o seguiam dissesse o que dissesse.

E apesar de que agora estava rodeado de seu povo, Sabine tinha a sensação de que seguia sentindo-se sozinho. *O demônio, sempre afastado de todos.*

Por desgraça, a crescente atração que Sabine sentia não era correspondida.

Rydstrom passava cada vez mais tempo com Durinda, e deixava Puck com ela para fazê-la zangar. Devia considerar que o pequeno demônio estaria a salvo de sua má influência dado a que ainda não entendia a língua comum. E Sabine ainda não tinha encontrado o modo de tirar-se de cima à fantasia de diabo. Este entrava timidamente na tenda, e cada dia lhe levava um presente. Um dia foi uma libélula morta, outro, uma pedra. Rydstrom seguia acompanhando Sabine às águas termais a cada manhã. Quando passavam por diante de Durinda e os seus, a demônia se comportava de um modo muito familiar com o demônio, e isso deixava Sabine frenética.

De noite, ele continuava abraçando-a ao ir dormir. Dado que agora dormia cinco ou seis horas cada noite, Sabine tinha muitos pesadelos. Sempre que despertava, Rydstrom estava ali, acariciando seu cabelo com ternura.

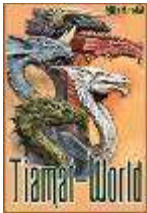
A noite anterior, havia-lhe dito com voz rouca:

— Tranquila, querida, estou aqui.

Sentia um arrepio cada vez que se acordava.

Mas Rydstrom não havia tornado a tentar nada sexual, apesar de que ela tinha notado sua ereção contra as costas. Essa abstinência voluntária por parte do demônio a deixava muito confusa, e teria dado qualquer coisa para falar com sua irmã e lhe perguntar o que podia estar acontecendo a seu marido. Lanthe era a guru do amor. Seguro que ela saberia lhe dizer o que Rydstrom estava jogando.

Por todos os deuses! Sentia muita saudade dela. Nunca tinham passado tanto tempo separadas. Rydstrom tinha cumprido sua promessa e tinha deixado que mandasse uma mensagem a Lanthe.



A segunda noite depois de chegar ao acampamento, tinha aparecido na tenda com um pedaço de papel e uma pluma. Mas tinha acreditado que essa seria sua oportunidade de escapar, teve uma grande decepção. Rydstrom lhe soltou só uma mão e segurou a outras às costas, e ficou a seu lado, olhando por cima do ombro, durante todo o momento.

— Limite-se a lhe dizer que a levo a outra dimensão. — Disse. — A mensagem não chegará a Tornin até que tenhamos ido.

— Saberá que nos dirigimos à Nova Orleans, e Omort mandará ali os seus assassinos.

— Sim. — Se limitou a responder ele.

Quando Sabine terminou a carta, Rydstrom voltou a amarrar sua mão.

— Estive tentada de te dar um abraço, — Disse-lhe ao afastar-se. — mas claro, abraçar a alguém sem braços é um pouco complicado, assim em vez disso pensei que poderia te fazer um favor. Vou ajudá-lo a fazer as pazes com seu irmão.

— Cadeon e eu não temos remédio. Além disso, a deixei escrever para te agradecer que não seguisse adiante com sua ideia de castigar aos meninos. Por que teria que me fazer um favor em troca disso? Eu não gostaria que nossa relação funcionasse assim.

— Por que não?

— Porque você e eu... Você e eu estamos juntos.

Ela ficou pensativa. *Estamos juntos*. E o que significava isso exatamente? Sabine tinha zero experiência no que se referia às relações pessoais.

— Oh, bom, não tem importância. — Disse então despreocupada. — Só ia te contar uma coisa que possivelmente faria que sentisse menos ressentimento para Cadeon.

— Está bem, — Respondeu ele um pouco incômodo. — diga-me isso.

— Tornin teria caído, independentemente do que ele houvesse feito.

— Quão único tinha que fazer meu irmão era obedecer ordens, ir ao castelo e ficar ali até que eu retornasse do combate com os vampiros. Em vez disso, deu-me as costas e preferiu ficar com sua família adotiva. Sei que não o entenderá, mas era muito importante que houvesse alguém de sangue real no castelo.

— Oh, sim que o entendo... Quem controla Tornin controla todo o reino. E Omort também acha assim. Por isso tinha quinhentos soldados esperando Cadeon para assassiná-lo.

Rydstrom se esticou de repente.

— O que disse?

— Dá no mesmo a quantidade de guardas que tivesse mandado para protegê-lo. Embora seu irmão não tivesse ignorado suas ordens, jamais teria conseguido chegar ao castelo com vida.

— Como sei que está me dizendo a verdade?

— Por que ia mentir sobre isso?

Depois dessa conversa, Rydstrom saiu da tenda como se o tivessem desafiado a um duelo...

E no momento atual se dispunha a abandoná-la de novo. Vestia uma túnica verde que combinava com seus preciosos olhos. A lã se colava a seus ombros e marcava seu bem definido torso, enquanto levava o cabelo negro tão despenteado como sempre.

Se Sabine fosse propensa a suspirar, não duvidaria em fazê-lo.

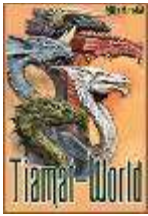
— Aonde vai agora? — Perguntou-lhe.

— Caçar.

— Ah. Com quem? Com Durinda?

Parecia uma esposa despeitada. Só lhe faltava um cigarro pendurando do lábio inferior e uma criança presa ao quadril.

Ele prendeu a espada à cintura.



— Assim é.

— Está me dizendo que às mulheres está permitido montar a cavalo? — Perguntou ela com fingida surpresa. — E também podem carregar armas? Elas também jogam o Clã do Urso Cavernário? — Ao ver que ele não mordida o anzol, perguntou-lhe: — O que tem essa demônia de interessante?

— Eu gosto que se preocupe mais com outros que com ela mesma. — Respondeu Rydstrom. — Admiro que seja tão nobre e virtuosa.

Sabine soltou um bufo.

— Eu também posso ser virtuosa se me propuser a isso.

— Você nem sequer sabe o que quer dizer essa palavra! — Respondeu ele, cético.

— É óbvio que sim. Quer dizer que tenho que vestir roupa íntima branca.

Rydstrom levantou o olhar ao céu pedindo paciência.

— Olhe, — Disse. — eu gosto de falar com ela. Isso é tudo. É agradável poder conversar com alguém sem discutir.

— Sei, você gosta de conversar com ela. — Aproximou-se de joelhos até onde estava Rydstrom. — Estou segura de que se continuar conversando com ela se esquecerá de tudo o que te fiz com os lábios. — Levantou o olhar para olhá-lo. — Os bate-papos costumam ser um prelúdio excelente para o sexo oral. Seguro que dentro de pouco terá esquecido do calor que desprende minha boca, do faminta que estava por você. — Passou a língua pelo lábio inferior.

Rydstrom engoliu saliva e se excitou visivelmente.

— É óbvio que não me esquecerei. Penso nisso constantemente. Mas também é muito agradável poder estar tranquilo com alguém, compartilhar coisas. Se pudesse ter tudo isso com você.

— Compartilhar coisas? — Sabine entrecerrou os olhos. — Deitou-se com ela!

— É óbvio que não! Por que diz isso?

— Pelo modo como o olha. E pelo modo como olha para mim.

— O que é que mais incomoda você com tudo isto? O carinho que começa a sentir por Puck ou que eu goste de passar tempo com outra fêmea? — Ao sair da tenda, acrescentou: — Voltarei ao anoitecer.

Genial. Tinha conseguido que se fosse dali zangado e excitado. E ainda por cima ia ver outra.

Sabine não tinha outra coisa que fazer que passar as horas olhando o teto da tenda e pensar em sua situação. O que faria se pudesse fugir? As lendas a respeito das bestas que habitavam o reino de Grave, e tendo em conta seu recente encontro com os tigloths, davam-lhe suficiente motivo para não querer sair dali. Mas não podia evitar perguntar-se se podia haver algo pior que enfrentar a falta de morsus.

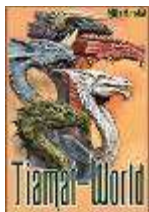
Se chegasse a Tornin sem estar grávida do demônio, Omort se equilibraria sobre ela em um abrir e fechar de olhos. Seria inclusive capaz de lhe negar a dose de morsus até que se deitasse com ele.

Sim, esse era outro motivo de peso para não querer se separar do demônio... Embora absolutamente estivesse se afeiçoando. E tampouco sonhava com que a beijasse cada vez que ela, sem querer, claro está, olhava-lhe os lábios.

Passou outra hora até que Puck entrou na tenda. Trazia-lhe outro presente.

— Uma lagartixa. Justo o que sempre tinha querido.

Quando o inseto saltou da mão do pequeno demônio ao cabelo de Sabine, esta gritou e sacudiu a cabeça com força até conseguir que o inseto saísse dali.



Puck riu, e não foi essa risada estúpida que Sabine tinha ouvido antes em alguns meninos; essa que fazia que se perguntasse por que alguém queria lhes fazer cócegas e aguentar aquele ruído tão incômodo.

Não, o pequeno demônio tinha uma risada de verdade, dava vontade de sorrir. Correu atrás da lagartixa, olhando a cada dois segundos para Sabine por cima do ombro, como se a quisesse assegurar que ia recuperar seu presente.

Ela franziu o cenho. *É o único do acampamento que é bom comigo.*

Em Tornin, seus inferi sempre puxavam seu saco. Na corte todo mundo perseguia sempre algo.

Aqui todo mundo me odeia abertamente. Por sorte, isso não a incomodava. Absolutamente.

— Ei! Você, sente-se. Está me enjoando. — Puck se deteve indeciso, mas Sabine assinalou o chão com o queixo. — Sente-se. — Quando o fez, acrescentou: — Se vai ser meu único amigo neste maldito lugar, necessito que comece a trabalhar para mim. E sobre cortar sua perna, falei de brincadeira.

Não me entende. Ele pronunciou um par de tímidas palavras em demoníaco, ou em balbúrdias, como o chamava ela.

— Blá, blá, blá. Menino demônio, não sei falar seu idioma. Direi mais, não quero aprendê-lo e que me polua o cérebro. Assim não fica mais remédio que aprender minha língua. Primeira lição: “meu nome é Sa-bi-ne”, sempre dizem que sou “lin-da” e “ma-jes-to-sa”.

— A... Bie. — Disse Puck.

Ela ficou gelada. *Disse meu nome como Lanthe diz. A irmã que sinto falta como o ar que respiro.*

— Não volte a me chamar assim!

Ele abriu os olhos como pratos. Genial, agora ia perder o único que a distraía.

— Certo, Certo. Sabine estava de brincadeira.

O pequeno inclinou a cabeça e ela temeu que se fosse.

Mas não o fez, e a feiticeira franziu o cenho ao dar-se conta de que de verdade tinha temido que o fizesse.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— Deuses! Vai matá-los! — Gritou alguém umas horas mais tarde. Fora o que fosse o que estava atacando aos demônios, Sabine lhes desejou toda a sorte do mundo. Estava dando voltas às palavras que Rydstrom havia dito: *...que eu goste de passar tempo com outra fêmea...*

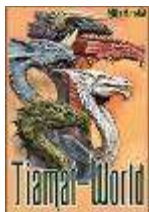
Bastardo.

O demônio tinha saído com Durinda fazia horas, e já fazia tempo que Puck se foi para jantar.

O sol se pôs, a noite estava caindo e Rydstrom ainda não havia retornado. A lua estaria linda essa noite. Inclusive romântica.

— Que alguém os ajude!

Sabine suspirou irritada e deu um jeito para ficar de pé. Então, conseguiu afastar a cortina com a cabeça para sair da tenda. Ela também queria desfrutar do espetáculo...



Ficou boquiaberta. Um dragão avermelhado estava perseguindo os demônios em qualquer parte, levantando as tendas no ar. Sua enorme calda batia contra o chão enquanto rugia. O som retumbava nos ouvidos e agitava a noite.

O guarda de Sabine não estava, uniu-se a outros, que pareciam estar se expondo a atacar o animal.

O dragão encurralou a um grupo de demônios em uma curva do penhasco, a ponto de equilibrar-se sobre eles, projetando sua bífida língua no ar.

Quando tivesse acabado com eles, Sabine seria para ele presa fácil, atada a uma estacada e sem nenhum guarda que a protegesse! E enquanto isso, Rydstrom se fazendo de Romeu com aquela mosca morta.

Pôde ver uma nobre, uma demônia do grupo de Durinda que muito nervosa, ia correndo acima e abaixo, falando consigo mesma.

— Ei, lady demônia! — Chamou-a Sabine. — Se me desatar, posso salvar a todos com meus poderes.

A outra se deteve, duvidando e esfregando as mãos.

Esfregando as mãos e caminhando. — Pensou Sabine desgostosa. — *Ações repetitivas: é o momento de passar à ação não veem isso?*

— Quer que morram?

— Os machos estão defendendo às mulheres e as crianças. — Demônios com tochas estavam preparados para atacar à besta. — Eles nos salvarão...

— Obrigada. Acredito que me acaba de vir uma arcada. — *Esta sociedade realmente precisa ser reescrita por completo!* — As tochas desses meninos só lhe farão cócegas. Assim me desate...

— Se desatá-la, o rei Rydstrom ficará furioso.

— Bom, ele não está aqui, verdade?

— Tem a cabeça em outro lugar. — Disse-lhe Durinda.

Depois de uma frutífera caça, cavalgavam de volta a um ritmo mais lento que agradeciam os exaustos cavalos.

— Sinto muito. — Disse Rydstrom. — Tenho muito em que pensar. — Não podia esquecer em como Sabine o tinha olhado, com aqueles olhos cor âmbar. Divertida, zombando dele...

Outra mais de suas facetas.

Conhecer a feiticeira não era fácil: havia peças que não encaixavam.

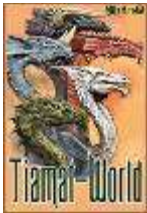
Por exemplo, era uma desumana assassina e, por outro lado, havia-se feito amiga – a sua maneira – de um menino demônio que não tinha amigos. Era tão fria e dura que guardava o baço de uma mulher em uma jarra, mas quando dormia tinha começado a aproximar-se de Rydstrom confiante e a apoiar a cabeça em seu peito.

Ele tinha visto que ela necessitava de alguém que pudesse acalmá-la quando tinha um de seus pesadelos, e por todos os deuses que ele ia ser essa pessoa.

— Está pensando todo o momento na feiticeira.

— Além de em outras coisas. — Suas preocupações não só se concentravam em Sabine. Se o que esta tinha lhe contado de Cadeon fosse verdade, e supunha que devia sê-lo, queria dizer que teria que reformular nove séculos de disputas.

E agora seu irmão fazia que se sentisse orgulhoso, com sua busca pela espada. Mas realmente poderia entregar Holly, sua companheira, a Groot? Se chegasse a fazê-lo, Cadeon



odiaria Rydstrom para sempre.

— Está claro que Sabine é algo mais que uma concubina para você. — Disse Durinda.

Ele não o negou.

— É minha companheira.

— Levou até o fim... A tentativa com ela?

Rydstrom assentiu secamente, mas não gostou de seu tom.

— Quis, e desejei, alguém muito melhor para você. — Disse Durinda vacilante. — De fato, não me ocorre o que poderia ser pior.

A ele tampouco ocorria. Nunca tinha conhecido a ninguém tão absorvente como a feiticeira. Mentia, roubava, fazia armadilhas e matava. Excetuando Puck, nenhum demônio a suportava.

E continuo apaixonado por ela. Não podia evitá-lo: cada vez lhe sorria quando a tranquilizava depois de um pesadelo, ou mostrava seu inteligente senso de humor, seus sentimentos para ela se faziam mais fortes.

— É como se não tivesse alternativa.

— E por que a mantém atada?

— Porque fugiria de mim à primeira oportunidade.

Embora Sabine se sentisse cada vez mais atraída por ele e tentasse confiar em Rydstrom de algum modo, pertencia a um mundo muito diferente; um no qual a premiava por seus vícios. Um mundo ao que ele tinha claro que não queria que voltasse.

— Não pode tê-la presa todo o tempo. — Observou Durinda.

— Espero que quando sairmos desta dimensão possa ganhar seu afeto. — *Se isso ainda for possível.* Tinha que sê-lo.

— Não posso acreditar que com todas as demônias que provou não tenha podido encontrar a uma de nossa espécie.

— Não aconteceu. E não foi porque não o tentasse. — Riu sem humor. — Alegre-se de você não ter sido uma delas.

Durinda fez uma pausa e logo disse:

— Rydstrom, sim... Fui.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

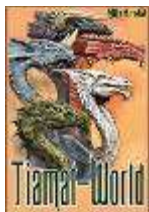
— Pode salvá-los? — Perguntou à Sabine a demônia que esfregava as mãos.

Ao assentir ela, a outra não duvidou nem um instante e lhe soltou as mãos e o tornozelo.

A feiticeira massageou os pulsos com um sorriso. *Idiota!* Imediatamente, arrancou a estúpida blusa, mas se deixou o espartilho, e com seus poderes fez que parecesse uma armadura metálica. Criou um capacete e um colar movendo as mãos no ar por cima de sua cabeça, e com ajuda de miragens pintou o rosto e se trançou o cabelo.

— Sabine, tem que se apressar!

— Que tenho que fazer o que? — Enfrentou a demônia. — Não volte a me chamar por meu nome nunca mais! Sou a rainha de Rydstrom; sou sua rainha. Estamos casados, tanto se ele quer admiti-lo como se não. — Saiu em direção oposta ao tumulto, dizendo por cima do ombro: — Que se saiam bem com isso.



A demônia correu detrás dela com os olhos cheios de lágrimas.

— M... Mas você me disse...

— Realmente acredita que é da minha conta salvar a vida de pessoas o bastante estúpida para ficar presa em um lugar assim com um dragão? Sim, sou egoísta, mas quem sou eu para mudar o curso da seleção natural? — Aquela não era sua guerra...

— Ai-bee! — Uma voz infantil se ouviu à distância.

Ficou estática. Puck era um dos que ficaram presos. O pequeno Puck acabava de chamá-la por seu nome.

O que significava que o pequeno demônio lhe deixava só duas opções: uma, desprezar a si mesma por ir salvar a uma criança de demônio; e dois, ter muito mau dia se o pequeno morria. Tomou ar. Talvez fosse muito pior ter um mau dia.

Voltou-se em direção ao caos e murmurou para si:

— Não posso acreditar que esteja fazendo isto.

A diablesa²⁰ que a tinha soltado levou as mãos ao peito.

— Oh, obrigada!

A modo de resposta, Sabine se equilibrou sobre ela e estalou a língua.

— Não estou fazendo isto para ganhar seu agradecimento. — E a soltou para ir atrás do dragão. *Sou uma idiota, uma completa idiota.*

Sabine tinha em efeito a habilidade de falar com os animais. Mas o que aconteceria se o enorme dragão não tinha vontade de falar com ela?

— Não... Lembrava-me. — Disse Rydstrom a Durinda. *E sigo sem fazê-lo.* Sabine o tinha suspeitado desde o começo, e ele em todo momento o tinha negado. O que significava que sem querer, tinha-lhe mentido.

— Bom, isto é realmente intenso. — Comentou a demônia, e olhou para frente. — Foi há muitos séculos e entendo que houve... Muitas.

Com sua amizade, Durinda tinha tentado reviver um caso? Ele tinha dado por certo que só procurava ser amável e ajudá-lo a familiarizar-se com o acampamento. Que gostava de recordar os velhos tempos.

— De fato, já te digo, foi há muito tempo.

Seguiram cavalcando em silêncio; mas, quando chegaram à colina que havia sobre o acampamento, viram uma cena indescritível.

Com a indumentária típica de uma feiticeira, Sabine afastava as pessoas de seu caminho, enquanto se dirigia onde estava o dragão. A besta se dispunha a arremeter contra o grupo que tinha encurralado, entre os que se encontrava Puck.

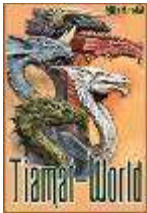
Empunhando a espada, Rydstrom galopou para lá. Nunca chegaria a tempo.

Quando Sabine esteve perto da besta, gritou para chamar sua atenção. O coração de Rydstrom se deteve quando o dragão se voltou para ela.

— Não! — Gritou o demônio. — Afaste-se!

A besta rugiu, tirando sua língua bífida. Apesar disso, a feiticeira se manteve de pé ante ela, com a cabeça bem alta, os ombros jogados para trás e as palmas levantadas. O calor que desprendiam suas mãos criava uma espécie de neblina a seu redor.

²⁰ Feminino de diabo ou sinônimo para mulher diabólica, maliciosa, astuta...



Quando o dragão moveu as garras, Sabine saltou e esquivou a cauda com que o dragão tentou golpeá-la.

— Nossa! Foi por um fio! Pare de uma vez!

Ele deixou de mover a cauda, aparentemente confuso.

Rydstrom desceu de seu cavalo a toda pressa. À medida que se aproximava onde estavam, podia ouvir Sabine falando com o dragão. Havia dito a ele que podia falar com os animais. Conseguiria convencê-lo de que se fosse?

— Isso está melhor. Em realidade não quer me comer. — Murmurou. — Apesar de que sou a mais tenra, também sou a mais venenosa. — Riu para si mesma. — Não se zangue conosco, grandalhão. — Com cautela, acariciou-lhe as brilhantes escamas. O dragão se estremeceu, mas deixou que voltasse a acariciá-lo. — Não sabíamos que este era seu lar. — A besta soltou fumaça pelo focinho.

Sabine olhou para Rydstrom, com os olhos brilhantes sob a máscara de maquiagem.

— Acredita que poderia me comer de uma mordida?

— Afaste-se dele! — Gritou o demônio.

— Para que possa matá-lo?

— Para protegê-la, sim! — Rydstrom odiava a ideia de matar um daqueles animais, mas estava disposto a fazê-lo se necessário.

— Tenho-o controlado. Por sorte, uma pessoa daqui foi o bastante sensata para me libertar... Contra suas ordens.

Realmente tinha ao animal sob controle?

Rydstrom temia que ela estivesse em perigo, mas em troca Sabine parecia estar passando-o... Bem. O demônio fez gesto com a cabeça para que os que estavam encurralados se fossem retirando. O dragão se esticou.

— Continue falando com ele. — Murmurou à feiticeira enquanto ajudava Puck e a outro pequeno que se afastassem. Quase todos tinham escapado.

— Chegou a hora das confissões com Sabine, dragão. Uma noite do verão passado em que minha irmã Lanthe e eu estávamos muito aborrecidas, estivemos muito, mas que muito a ponto de mandar a todas as criaturas do reino de Graves através de um portal a um lugar chamado Times Square. Mas ao final nos demos conta de que isso só faria graça a nós duas.

As pálpebras da besta começaram a abaixar, como se estivesse hipnotizada. Quando todo mundo esteve a salvo, Rydstrom baixou a espada.

Ao ser liberada, em vez de escapar, a feiticeira tinha ido voluntariamente para o dragão para salvar a outros. Havia dito a ele que nunca lhe ocorreria ajudar a ninguém se ela não tirasse um proveito, e, entretanto o tinha feito...

— Cwena. — Murmurou orgulhoso, com o peito cheio. *Pequena rainha.*

Vê-la com o dragão era a coisa mais memorável que Rydstrom jamais tinha presenciado. Parecia impossível não ficar cativado por ela.

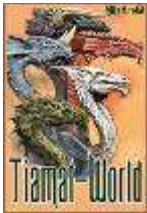
Isso o temos em comum, dragão.

— Permitiria que ficássemos aqui uma ou duas noites mais? — Perguntou Sabine ao animal.

A modo de resposta, a criatura exalou ar quente sobre ela, e depois fez girar seu enorme corpo e desapareceu na noite.

As pessoas explodiram de júbilo. De repente, Puck correu para Sabine com o ímpeto próprio das crianças.

Ela, entretanto não se ajoelhou nem abriu os braços para recebê-lo, mas sim o agarrou



pelo cinturão e o levantou como se tratasse de um acessório, repreendendo-o por não fugir de coisas que tinham presas maiores que seu próprio corpo. O pequeno não podia parecer mais feliz.

As pessoas se aproximavam da feiticeira para lhe expressar sua gratidão.

Ela os saudava com a mão que tinha livre, murmurando:

— Sim, sim. Agradeçam-me com ouro.

Inclusive Durinda lhe agradeceu ao recolher Puck.

Quando Sabine se aproximou de Rydstrom, este a olhou em silêncio.

— Se ocorrer a você voltar a amarrar minhas mãos, — Disse ela. — farei que meu grande amigo volte a baixar por aqui, e abandonará a dieta restritiva que lhe acabo de impor. — E se foi dali, ignorando-o.

Um dia, Sabine havia dito a ele: “Demônio solitário. Precisa muito de mim”.

Rydstrom temia que estivesse correta.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Fazia dois dias que sua mulher estava em liberdade e o acampamento inteiro estava revolucionado.

A que antes tinha sido uma odiada feiticeira agora não cometia engano algum a olhos de seus súditos... E ela estava se aproveitando disso ao máximo.

Quando um grupo de jovens demônias lhe perguntaram que nome poria a um cavalo, Sabine respondeu:

— Eu gosto de como soa *Fellatio*.²¹

Quando Rydstrom foi procurá-la para lhe pedir explicações, o único que lhe disse foi:

— Sabe o maravilhoso que é ouvir uma dessas demônias suspirar: “eu adoro meu *Fellatio*”? Há coisas que nem o ouro pode comprar! — Ante o olhar atônito dele, acrescentou: — Essa garota tem dezenove anos. Se a essa idade não sabe o que significa essa palavra, então tem um problema mais grave que o de ter um cavalo com um nome estranho. Você zombou de mim porque preferi continuar sendo uma ignorante com respeito a seu idioma, uma língua que minha espécie considera áspera. Mas acaso não é quão mesmo fazem as fêmeas de seu reino com o sexo?

Rydstrom abriu a boca e logo a voltou a fechar, incapaz de rebater esse raciocínio.

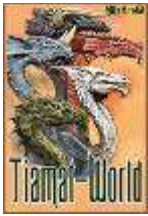
E para cúmulo, Sabine adorava ditar leis. Alguém decretava que os vinhateiros tinham que fazer vinho doce para ela. Outra, que o ferreiro tinha que lhe forjar uma coroa e uma couraça quanto antes. Outra, que o cozinheiro tinha que preparar pratos vegetarianos.

Puck a seguia a todas as partes. Por sorte, não a entendia quando lhe dizia coisas como: “Ainda está detrás de mim? Por que não deixa de me seguir?” ou “Está me olhando outra vez, não é? Posso sentir seus pequenos olhos sobre mim”.

Embora se comportasse como se não lhe fizesse nenhuma graça que Puck a acompanhasse, Rydstrom a tinha pegado um dia sentada em um banco, dando leves golpes a seu lado para que o pequeno demônio fosse sentar-se ali. E também a tinha visto lhe afastando uma mecha de cabelo que tinha caído sobre a sua testa.

Em ambas as ocasiões, Sabine pareceu surpreender a si mesma e as duas vezes olhou a seu

²¹ Nota: Em italiano: sexo oral.



redor sentindo-se culpada, como se ser amável fosse algo inapropriado. Em seu velho mundo possivelmente o fosse.

E no que se referia a Rydstrom, o demônio não podia passar suficiente tempo com ela, pois a feiticeira o evitava.

Tinha exigido ter sua própria tenda, negando-se a compartilhar a dele. A noite do ataque do dragão, Rydstrom foi procurá-la para agradecer por ter salvado o seu povo, e para lhe dizer que queria que continuasse dormindo com ele.

— Meus súditos me proporcionaram um novo alojamento. — Respondeu ela. — E agora, se não se importar, tive um dia exaustivo salvando a todos esses refugiados. Já sabe, ao fim e ao cabo sou sua rainha, embora você tenha permitido que acreditem que sou uma escrava sexual.

— Já não.

— Sim. Deduzi-o quando começaram a me trazer presentes e a me jurar obediência. Adoram-me. Cunharão moedas com meu rosto. Já estão nisso.

Sabine seguia com sua teimosia. Rydstrom o permitia porque, ao menos continuava ali. Se ficava, pensou, talvez chegassem a ter um futuro.

Fazia Rydstrom esforços para tentar vê-la? Sim, cada maldito minuto que podia. Aquela mesma tarde tinha ido procurá-la, mas não a encontrou nas águas termais, nem tampouco naquela colina em que tanto gostava de sentar-se.

Mas, dali, o demônio a viu jogando os jogos de dados no acampamento, fazendo apostas com um grupo. Quando se sentou para observá-la, algo cravou-se nele. Uma escama de dragão? Olhou a seu redor e encontrou algumas mais. Sabine tinha estado sentada ali com o dragão?

Passou a mão pela lateral do corpo, por cima da tatuagem. Durante todos aqueles anos Rydstrom tinha levado a imagem da besta gravada em suas costas, e nenhuma só vez se imaginou que uma feiticeira os conquistaria a ambos.

Naquele preciso instante, ouviu-a rir no meio da partida de jogo de dados; seguro que havia dito algo escandaloso. Mas seus companheiros de jogo sempre acreditavam que o dizia em brincadeira. Os demônios estavam fascinados com sua beleza e seu ar misterioso, com as miragens de ouro que ela exibia no corpo, e com a animada maquiagem que colocava ao redor dos olhos.

Todos pensavam que era uma rainha muito alegre, mas que era melhor não fazê-la se zangar.

Dado que Sabine podia fazer que os jogos de dados tivessem o aspecto que desejasse, seguro que os estava depenando. Rydstrom suspeitava que podia estar armazenando seus lucros em um lugar secreto.

Ouviu alguém aproximando-se... Durinda. Depois da confissão dela, mal tinham trocado um par de palavras, assim Rydstrom ficou tenso.

— Agora a adoram. — Disse a demônia, sentando-se a seu lado. — É surpreendente. Continua tratando as crianças como se fossem mascotes, e os chamam “insetos”. — Imitou a voz do Sabine, condescendente e sem senso de humor, e prosseguiu: — O inseto cheira mal... Se o inseto quer me dar as economias de toda sua família quem é você para dizer o contrário?

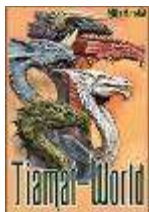
Antes que Rydstrom pudesse defender a sua companheira Durinda continuou:

— Mas a verdade é que está se comportando como uma rainha. Uma rainha pouco ortodoxa, reconheço-o, mas rainha ao fim e ao cabo.

— De verdade isso acredita?

Ela assentiu.

— Podia ter escapado, e escolheu ficar e proteger a esta gente. Disse às garotas, às



mesmas que deixou tão confusas com o do nome do cavalo, que lhes dará aulas de... Biologia. É verdade que pediu ouro em troca, mas se poderia considerar como uma espécie de imposto para serviços públicos. Se tivesse a autoridade necessária, seguro que poderia promover uma profunda mudança social.

Rydstrom recordou o que Sabine lhe havia dito sobre a ignorância das fêmeas de seu povo, sobre o eterno estado medieval em que Rothkalina parecia viver, sobre a falta de infraestruturas.

— E tem razão a respeito sobre lutar. — Prosseguiu Durinda. — Lutar pode resolver problemas. Vivíamos em uma solidão tão benévola que ninguém chegou a ser tão forte como poderia havê-lo sido. E, quando nos derrotaram, ficamos indefesos ante séculos e séculos de tirania. — Olhou-o nos olhos. — Acredita que Sabine ficaria de braços cruzados se soubesse que seu reino é vulnerável?

Jamais. Rydstrom não podia pedir uma rainha mais feroz.

— Sabe? Tudo isto me animou. — Continuou a demônia. — Se duas pessoas tão distintas como você e ela estão destinados a estar juntos, então talvez o demônio com o qual vou me casar seja realmente meu companheiro. Sinto-me otimista.

Isso aliviou muitíssimo a Rydstrom e começou a relaxar.

— Acredita que seu novo marido a deixará ficar com Puck?

— Isso espero. Se não, sua rainha se ofereceu para ficar com ele.

— O que? — Perguntou arqueando as sobrancelhas.

— Disse-me, e cito textualmente: “Ficarei com esse menino demônio”. Quando lhe recordei que Puck não era seu mascote, levantou a vista e respondeu: “Isso é o que estou tentando remediar”.

Rydstrom notou que lhe escapava um sorriso.

— E, o que é mais estranho, Puck encontrou um pedacinho de ouro debaixo de seu travesseiro, em troca do dente que lhe tinha caído. Suspeito que Sabine se fez invisível e entrou em nossa tenda, embora ela negasse com veemência que tivesse tido nada a ver e me chamou de um montão de coisas que não me atrevo a repetir.

Puck estava louco de contente.

Rydstrom já tinha aceitado para si mesmo que necessitava à feiticeira. Mas não se atreveu a sonhar com que seu reino a acolhesse desse modo.

Talvez Sabine fosse exatamente o que Rothkalina necessitava. O destino tinha acertado em cheio.

Só havia dois problemas. Um, ela não era em realidade sua rainha. E quando descobrisse que lhe tinha mentido seguro que não se sentiria muito inclinada a perdoá-lo. Dois, Rydstrom tinha intenção de degolar a seu irmão logo que fosse possível.

Imaginou a possibilidade de falar com Sabine sobre Omort, sobre o futuro, e sobre o fato de que logo estalaria uma guerra; segundo suas estimativas, na primavera a mais demorar.

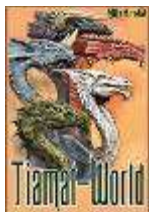
Mas ao final tinha decidido que seria melhor ir primeiro a Nova Orleans, a seu lar, antes que ela pudesse fugir.

— Também vim te dizer que os guardiões do portal chegarão a partir de manhã. — Acrescentou Durinda. — Trazem notícias frescas. Aparentemente, toda a Tradição está revolucionada com as aventuras de seu irmão e a espada de Groot, o Ferreiro. Nosso Cadeon saiu vitorioso.

— Sabe-se como ele conseguiu?

— Ainda não. — Respondeu ela negando com a cabeça.

Duas semanas atrás, a Rydstrom era como se não lhe tivesse importado nada. Agora tinha



medo de que seu irmão tivesse sacrificado a sua companheira por ele.

Tinha chegado a lhe pedir não só que a traísse, mas também a entregasse a um louco que pretendia violentá-la e deixá-la grávida... E, aparentemente, Cadeon o havia feito pelo bem do reino.

Rydstrom ficou hipnotizado olhando Sabine.

Se o tiver feito, então Cade é muito mais forte que eu.

Sabine tinha que tomar uma decisão o quanto antes.

Tinha estado as duas últimas noites sentada na colina, passando o tempo com o dragão, olhando a seus súditos enquanto dormiam e espiando a silhueta de Rydstrom em sua tenda, passeando de um lado ao outro, esperando que ela retornasse.

Mas os portais iam abrir-se ao meio dia. Apenas ficavam umas horas e ainda não tinha decidido se queria ir com ele.

Desviou o olhar e viu seu marido ajudando a sua gente. O via muito majestoso. Sabine debateu consigo mesma que caminho mais lhe convinha tomar. Agora era livre e poderia escapar com facilidade. Mas seguiam preocupando-a as mesmas coisas que quando atravessavam o reino de Grave, e o de Omort também seguia sendo certo.

E, além disso, ao fim de um dia estaria na casa de seu Rydstrom, em sua vida. A julgar pelo que tinha ouvido, Cadeon estava a ponto de apoderar-se da espada. Talvez a própria Sabine pudesse apoderar-se da espada. Lanthé receberia sua mensagem e iria procurá-la em Louisiana, e ambas conseguiriam escapar antes que o morsus lhe fizesse efeito nos seguintes doze dias. E ao fim as duas teriam seu próprio reino.

Ou possivelmente deveriam unir-se a Rydstrom? Sabine havia dito a este que ela sempre estava do lado dos vencedores, e aparentemente agora as posições estavam mudando. O demônio tinha todo o aspecto de ser o rei guerreiro capaz de derrotar Omort. Se os demônios da Ira chegavam a conseguir a espada, a balança se inclinaria definitivamente em seu favor.

Mas se aliasse com Rydstrom, teria que enfrentar a algo muito mais sério que uma mera guerra. O demônio queria que ela... Sentisse algo por ele.

Queria ter um futuro com ela... Queria todo seu futuro. E isso de eternidade em Sabine dava muito medo. Nem sequer tinha tido uma encontro normal em toda sua vida, jamais tinha visto o mesmo macho duas vezes seguidas, e se supunha que tinha que prometer a eternidade a um demônio ao que só fazia umas semanas que conhecia?

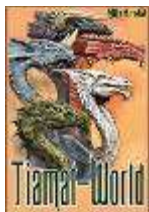
Para falar a verdade, havia momentos nos que estava tentada de aceitar seu oferecimento. Agora, cada vez que recordava aquelas noites nas quais lhe tinha percorrido o corpo com as mãos e os lábios, levando-a ao limite uma e outra vez, já não se zangava... Mas sim se excitava. Morria de vontade de que a tocasse, inclusive as duas últimas noites despertou sozinha, procurando sonolenta seu quente torso. *Por que não provar e ver no que consiste o que o demônio está me oferecendo?*

O que podia fazer? Qual devia ser o plano?

Naquele preciso instante, deu-se conta de que Rydstrom a tinha descoberto. E como se pressentisse que estava imaginando a possibilidade de fugir, seguiu-a com o olhar durante toda a manhã, interrogando-a com os olhos.

A modo de resposta lhe fez um gesto de muito má educação com um só dedo. Ele sorriu.

Oh, meu Deus. Sabine nunca o tinha visto sorrir, e tinha um sorriso maravilhoso. Desviou o



olhar e olhou seu peito. O que tinha sido aquilo? Certo, aparentemente sim sentia algo por ele.

Rydstrom se dirigiu para ela, e Sabine teve que reconhecer que não a incomodou nada que o fizesse. Quando chegou ao alto da colina, sentou-se a seu lado.

— Está se aproximando a hora de partir. — Disse. — Nenhuma vez a perguntei formalmente, mas quer vir comigo a meu lar, a nosso lar, em Louisiana?

— Tem ouro ali? — Perguntou-lhe ela.

— Não, mas poderia consegui-lo.

— É rico?

— Nessa dimensão, se for imortal tem que ser muito idiota para não ser rico.

— Sua casa é grande e bonita?

— Nossa casa é de sonho. É uma mansão que foi construída faz séculos, e está situada em um bairro famoso por seus jardins. Sempre me senti muito orgulhoso dela, é uma das casas mais caras e invejadas da cidade. — Parecia impaciente para mostrá-la.

— Não está acostumado a pedir nada. — Observou Sabine. — O que o fez pedir que fosse com você?

Ele negou com a cabeça.

— Talvez não tivesse feito se não tivesse tanta vontade de tê-la a meu lado.

Ela tinha ouvido dizer que Cadeon era o sedutor dos dois irmãos, mas a feiticeira estava convencida de que as torpes confissões de Rydstrom eram muito mais intensas e tinham muito mais significado que alguma das frases feitas de qualquer paquerador.

— Por que tem tanta vontade? Porque o destino me escolheu para você?

— Não, porque sei que entre você e eu pode haver algo mais.

Sabine o olhou nos olhos e viu neles sinceridade... E paixão. O demônio a desejava, e queria que ela visse o quanto. Foi incapaz de afastar o olhar.

— Se vier comigo, não se arrependerá.

E se ela não desse uma oportunidade ao que pudesse chegar a existir entre os dois, talvez terminasse lamentando-o por toda a ditosa eternidade.

— Está bem, irei com você. — Disse ao fim. — Mas quero pôr algumas condições. — Quando ele moveu a mão daquela maneira tão régia, ela continuou: — Basta de paridade. A partir de agora, começamos de novo como iguais.

— De acordo. O único que me importa é que comecemos. E só posso te prometer seis dias. Depois teremos que negociar.

— Por que só seis dias?

— O seis é meu número preferido. — Mentiu.

— Não, não o é.

— Tem razão. Mas essas são minhas condições.

— Eu também quero pôr algumas condições. — Disse Rydstrom depois de meditar um momento. — Tem que ser sincera comigo.

— Serei-o tanto como puder.

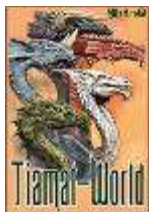
— Sabine...

— Olhe, isto é uma grande concessão vindo de alguém como eu.

Ele suspirou.

— Tem que dar uma verdadeira oportunidade ao nosso relacionamento. Acredita que poderá fazê-lo, cwená? — Acariciou-lhe a maçã do rosto com o polegar.

Sabine franziu o cenho ao ver que Rydstrom sorria. Não tinha afastado o rosto.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Nova Orleans, Louisiana

— Temos que caminhar? — Murmurou Sabine, exausta pela atropelada viagem entre as duas dimensões.

As coordenadas que Rydstrom tinha dado ao operário do portal não tinham sido de tudo exatas.

— Não fica longe. Seis casas mais abaixo.

Sabia que ele estava nervoso porque desejava que gostasse da casa. Deu-se conta de que estavam em um bairro muito elegante, mas estava muito cansada, e morta de frio, para ser mais expressiva.

O portal que acabavam de atravessar era como uma carruagem espacial. Comparado com ele, os portais de Lanthe eram obras mestras. Não era de estranhar que sua irmã só pudesse criar um de vez em quando.

— Está triste por causa de Puck? — Perguntou-lhe Rydstrom.

— Só estou cansada.

Para falar a verdade, gostaria de ver outra vez o pequeno terrorista. Puck tinha se posto a chorar gritando seu nome. O que não deveria ter admirado a ninguém. Nem a ela.

— Acima esses ânimos, menino demônio. — O havia dito Sabine, lhe fazendo uma torpe carícia na cabeça. E logo deu a ele uma nota que tinha mandado traduzir para o demoníaco. Quando Puck a leu, levantou o olhar e, completamente sério, assentiu.

— O que escreveu na nota? — Perguntou-lhe Rydstrom.

— Dizia que se fosse o bastante mau o mandariam para viver comigo.

Ele a olhou daquele modo tão dele: uma mistura entre perplexo e surpreso. Sabine estava convencida de que aquele olhar, só o utilizava com ela. Era como dizer: “Está de brincadeira não? Sério, me diga que está de brincadeira”.

— Já chegamos. — Disse ele ao chegar em frente a um imóvel com um portão muito alto de madeira, rodeada de muros de pedra cobertos de trepadeiras.

Parecia opulenta, mas elegante ao mesmo tempo. Fazia tanta umidade que o aroma das gardênia impregnava o ar.

— É muito grande?

— Tem uns seis mil metros quadrados, mais ou menos. — Ao chegar à entrada, disse-lhe com sinceridade: — Quero que você goste de estar aqui.

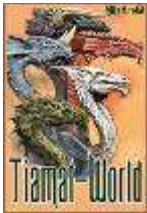
— Estou convencida de que, se o interior se parecer com o exterior, eu adorarei. — *Estou tão cansada...* Sentiu um calafrio.

Rydstrom lhe deu a mão ao abrir a porta. De repente, um aroma de cerveja e a fumaça de charuto golpeou a ambos. Sabine tampou a boca com a mão que tinha livre.

— Que diabos significa isto? — Balbuciou Rydstrom ao dirigir-se para o interior.

No salão, montões de revistas *Playgirl*²², ensopadas de cerveja, cobriam os móveis muito

²² Revista de nu feminino



caros. Tetrabriks²³ de bebidas preparadas estavam espalhados por todo o chão e, em meio de um atoleiro de sorvete, havia dois barris de cerveja vazios, justo em cima de uns delicados tapetes orientais.

Seguiu o olhar de Rydstrom. Em cima deles, havia um espetacular lustre de ouro com pendentes de cristal e complicadíssimos braços. E de um deles pendurava... Uma tanga.

O demônio se ia pondo furioso por momentos.

— Isto parece a casa de Cadeon.

A Sabine não importava o aspecto que tivesse. Quão único queria era encontrar uma cama... Que não cheirasse como aquela sala.

— Possivelmente tenha sido Rök. — Disse ele, ausente, enquanto observava o destroço.

— Quem é Rök?

— O companheiro de apartamento de Cadeon.

Ouviram umas risadas procedentes de fora e Rydstrom correu para lá, arrastando Sabine até o terraço que dominava uns cuidadíssimos jardins com uma piscina enorme, que agora estava repleta de fêmeas espantosas. Todas estavam de biquíni. Ou algo assim. E jogavam a guerra de topless.

— Suas amigas vieram te fazer uma visita?

— Não conheço nem a metade. Diria que são Valquírias e bruxas.

Bruxas? Em circunstâncias normais, Sabine teria ficado em guarda ante um grupo como aquele, mas aquelas fêmeas estavam todas na água. Pela força do costume, jogou uma olhada a seus poderes, mas não encontrou nenhum que lhe compensasse o não dormir.

Entretanto, a atenção de Rydstrom estava concentrada em uma fêmea em concreto, uma beleza miúda deitada em uma espreguiçadeira, fumando um charuto e falando pelo celular.

Usava um biquíni vermelho, saltos e uma camiseta que dizia: “Saltos altos... Biquínis pequenos”. Tinha o cabelo negro e brilhante.

— Não, não vamos pagar por ele. — A ouviu dizer Sabine. — Porque o mandou à casa equivocada. O guri fez um strip-tease à avozinha viúva da casa do lado. Pelo que sabemos, a senhora tem intenção de ficar com o menino e com a lanterna de plástico que levava. — Outra pausa. — Acaso acredita que sou médica? Como quer que saiba? Alô? Alô?

— Quem é essa? — Perguntou Sabine ao demônio.

— Vou matá-la. — Respondeu ele entre dentes. Antes que Sabine pudesse perguntar-lhe de novo, a fêmea o viu.

— Demônio! Retornou! — Lançou o charuto à piscina e correu para eles. — E trouxe consigo uma feiticeira malvada à equipe dos bons. Sabia que podia confiar em você!

Colocou os óculos de sol em cima da cabeça e deixou descoberta umas orelhas bicudas... E uns vazios olhos dourados. Sabine sentiu que dela emanava um grande poder.

— Olá, sou Nîx. — Disse a Valquíria saudando-a. — A Que Tudo sabe, a Adivinha das Estrelas. — Estendeu-lhe a mão.

A feiticeira levantou a sua, pronta para entrar em combate.

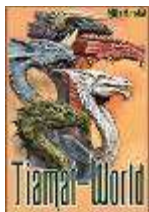
— Rydstrom, que diabos é tudo isto? — Perguntou. — Sabe que somos inimigas.

— Nîx não te fará nada. Prometo-lhe isso.

— Ah, não? — Perguntou a Valquíria completamente a sério. Mas logo sorriu e mostrou suas pequenas presas. — Hoje não estou de humor para matar a companheira do rei demônio!

— Me matar? — Zombou ela. — Posso fazer que veja coisas que derreteriam sua mente.

²³ Vasilhame de papelão plastificado pra líquidos.



— Outra vez? — Suspirou a outra sem alterar-se pela ameaça.

Sabine entrou na mente da Valquíria sem nenhum problema, mas saiu assustada em questão de segundos. *Caos. O caos mais absoluto.*

— Bem-vinda a meu mundo! — Disse Nîx lhe piscando um olho de maneira exagerada. — Escute uma coisa, feiticeira: quero que passe a nosso bando, assim que o melhor será que não discutamos. E não falemos de já sabe quem. Inclusive te farei um presente, premonição. — Olhou ao céu um instante e logo voltou a olhá-la. — Sua irmã receberá seu mensageiro alado dentro de duas horas. Embora a carta esteja coberta de caca de pomba, poderá lê-la sem problemas.

Sabia sobre a mensagem!

— Lanthé está muito preocupada? Está a salvo?

— Está a salvo. — Respondeu Nîx. — Neste preciso instante, está a salvo. Estou falando do presente, talvez não seja assim no futuro. Se está preocupada? Tem o pressentimento de que está a salvo com o demônio, está convencida de que Rydstrom jamais fará mal a você.

Sabine experimentou tal alívio que quase se sentiu em dívida com a Valquíria.

— Ei! Vocês as feiticeiras sempre usam roupa muito bacana. — Disse Nîx então. — E que maquiagem! — Passou-lhe o dedo indicador por debaixo dos olhos e a bochecha.

— Eu acreditava que era mais... Corpulenta. — Disse Sabine para lhe devolver o elogio.

— Nîx, — Interveio Rydstrom, interpondo-se entre as duas. — importaria-se me contar o que é..?

— Feitimônio! — Exclamou de repente a Valquíria. — Claro, isso!

— Do que está falando? — Perguntou ele, como se estivesse acostumado a interrupções desse tipo.

— Assim é como deveríamos chamar o filho de uma feiticeira e um demônio. — Respondeu Nîx com um sorriso.

Sabine olhou para Rydstrom com receio, mas este se limitou a encolher os ombros.

— Sim, Nîx, soa bem, mas por agora me conformo sabendo o que está acontecendo aqui.

— Soubemos que ia passar uns dias fora. — Disse ela. — Estou me referindo a você, a Cadeon e ao Rök. Em Valha Hall não há piscina e tampouco na Casa das Bruxas. — Assinalou com um polegar a piscina que ficava as suas costas. — Assim decidimos nos instalar aqui.

— Pois já podem desinstalar-se agora mesmo! E melhor deixar minha casa como um cristal.

A Valquíria lhe fez uma saudação militar, e logo estalou os dedos para um par de bruxas que estavam escancaradas em umas espreguiçadeiras ali perto.

— Vocês duas, ponham em marcha o feitiço de limpeza.

— Mas, Nîxie, — Se queixou uma. — se estou quase bêbada.

— Faça isso, ou publicarei as fotos na internet! — Respondeu ela com os olhos muito abertos.

— Maldita seja, Valquíria! — Exclamou a bruxa, levantando um punho para o céu. — Você e suas armas digitais!

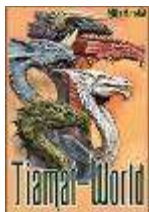
Nîx deu meia volta e se dirigiu ao resto das convidadas.

— A festa terminou, o rei demônio voltou para sua guarida. Quero dizer lar. O rei demônio voltou para seu lar!

Todas se queixaram, mas saíram com lentidão da piscina. Uma exuberante morena passou junto a Rydstrom com os seios no ar.

— Olá, grandalhão. — Se insinuou. — Lembra-se de mim? Carrow, a melhor amiga de Mariketa. — Deslizou um dedo pelo torso do demônio ao despedir-se dele.

O único motivo pelo qual Sabine deixou que Carrow seguisse com vida foi porque Rydstrom



não lhe fez nem caso.

Logo que as bruxas da equipe de limpeza ficaram a recitar seus feitiços, rodeou-as uma nuvem de poder. Os cânticos flutuaram por toda a casa.

O chão ficou imaculado e o lixo desapareceu. Terminaram em questão de minutos.

— Bom, já está tudo preparado. — Disse Nix voltando-se de novo para Sabine. — Meu bem, parece esgotada. Deveria ir descansar.

— Sim, a acompanharei a nosso quarto. — O demônio lhe colocou uma mão nas costas. — Nix, já volto. — Disse por cima do ombro enquanto a guiava para dentro.

Agora que o fedor tinha desaparecido e que a casa estava ordenada, Sabine pôde apreciar outros detalhes da mansão. Como por exemplo, os trabalhados painéis de madeira e os espetaculares tetos. Havia ventiladores movendo-se devagar por cima de suas cabeças. O demônio tinha muito bom gosto.

— Este é nosso quarto. — Disse Rydstrom ao chegar a uma espaçosa estadia do andar de cima.

Era enorme. Tinha inclusive uma pequena sala de estar e um terraço que dava à piscina. A cama era imensa, e ela a olhou ansiosa. Quando se sentou na beira e tirou as botas, o demônio se aproximou de um gaveteiro e pegou uma camiseta.

— Toma, pode vestir isso para...

Mas, quando deu a volta, a feiticeira já tinha se despido e se metido sob os lençóis.

— Sabine não necessitava toda esta animação. — Disse Rydstrom a Nix ao retornar ao salão. — Nem eu tampouco. — Passou uma mão por um chifre.

Atravessar o portal tinha sido exaustivo e, embora estivesse convencido de que a feiticeira jamais o reconheceria, estava seguro que a emotiva despedida de Puck a tinha afetado. Quando aconteceu, ela tinha se limitado a dizer: “Tudo isto é... Incômodo. O menino demônio me incomoda”.

— Sujo Rydstrom, deixou a sua feiticeira esgotada! — A Valquíria estava tão louca como de costume. — Ela não é como suas recatadas demônias, sabe?

— Já sei. — E por todos os deuses que se alegrava muitíssimo de que fosse assim. — Maldita seja, Nix, algumas de suas convidadas ainda estão na piscina.

— Eu me encarrego. — Dirigiu-se a elas e gritou: — Ei, bruxas, viram essa ruiva que estava aqui antes com essa roupa tão legal?

— A que ia vestida como uma feiticeira? — Perguntou uma.

— Não me importaria me deitar com ela. — Disse outra.

— Pois bem, é uma feiticeira. É Sabine, a Rainha das Miragens.

Essa frase conseguiu que saíssem correndo.

— A grande puta nos roubará os poderes! — Gritou uma.

— Nos deixará loucas! — Exclamou outra.

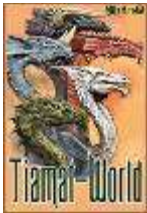
— Onde está meu cachimbo?

— Temo que a apresentação de Sabine na sociedade estará cheia de momentos como este.

— Disse Nix com um suspiro de resignação.

— Está a salvo nesta casa? Quando Omort atacará?

— Bom, para falar a verdade, não só invadimos sua casa por motivos egoístas... As bruxas fizeram um feitiço de proteção ao redor. Acredito que tinha a que ver com um agente da condicional e Carrow. — Deu de ombros. — Enfim, isso agora dá igual. Ninguém, exceto os



habitantes da casa, pode entrar no imóvel sem prévio convite.

Ele tinha pensado pôr algumas armadilhas, mas isso era muito melhor.

— Até quando durará o feitiço?

— Até que você cancele o cartão de crédito que encontrei em uma das gavetas de sua escrivaninha.

Rydstrom respirou fundo e fez provisão de paciência.

— Também enfeitei seu arsenal para que ninguém possa roubá-lo. Já sabe, assim o armário está preparado para quando guardar nele a espada de Groot.

O demônio tinha em seu escritório um armário de cimento onde guardava as armas. Sempre o deixava fechado, mas era vidente que não era invulnerável.

— Então, meu irmão vem para aqui. Está bem?

— Sim, sim, não me agradeça mais, Rydstrom. Já sei que minha ajuda não tem preço, e te agradeço que queira pôr meu nome na sua primogênita. Em resposta a sua pergunta, sim, Cadeon está bem. Correu um grave perigo para conseguir a espada. — Deu-se uns leves golpes no queixo com os dedos. — E também bateu seu Veyron de um milhão de dólares.

— Que fez o que? — O carro era a menina de seus olhos.

Só havia trezentos no mundo, e tinha proibido expressamente a Cadeon e a Rök que o tocassem.

— Para falar a verdade, foi Holly, minha sobrinha, a que o bateu. O que, claro está, converteu-a em uma heroína entre as Valquírias do mundo inteiro. Destroçar o muito caro carro do rei demônio? Nunca mais terá que pagar em um bar...

— Vamos por partes: por que deixou que Holly se fosse com o Cadeon?

— Porque sou má assim?

— Meu irmão... A entregou a Groot?

— Sim. Cadeon escolheu a seu irmãozinho antes que a sua garota. Mas Holly, minha pequena guerreira, conseguiu salvar-se sozinha. Não ponha essa cara de apalermado. É minha sobrinha. — Alisou o cabelo. — E ao final Cade se encarregou de Groot.

— Assim, agora Cadeon e Holly estão juntos.

— Entregou-a a um psicopata assassino. Digamos que Holly não está especialmente contente com ele. Mas não se preocupe, afrouxará uma vez que se inteire de que Cadeon sempre teve intenção de retornar e salvá-la.

Rydstrom se sentiu muito aliviado ao ouvir isso, mas suas próprias circunstâncias faziam que ainda estivesse tenso. *Tenho seis dias para conquistar Sabine*. Tinha conseguido levá-la a sua casa, e agora estava deitada em sua cama. Estava convencido de que essa noite o aceitaria.

E estava muito nervoso. *Quero fazer amor com ela quero me esforçar, quero que goste*.

— Vai fazer isso bem, tigre. Relaxe.

Rydstrom odiava que Nix pudesse ler sua mente com tanta facilidade.

— Diz-me isso como adivinha?

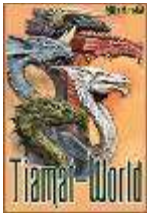
Ela negou com a cabeça.

— Digo-lhe isso como alguém que viveu mais de três mil anos. Bom, tenho que ir voando.

— Venha me ver se souber de algo mais sobre Cadeon.

— De acordo. Assim o farei. — Já de costas, murmurou: — Está se formando uma tormenta. Uma muito má. Melhor que esteja preparado.

Ele levantou a cabeça. Não se via nenhuma só nuvem no céu.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

— *Acorda de uma vez!*

Sabine se levantou de um salto, piscando e olhando a seu redor.

— Há alguém aqui? — Murmurou, ao não ver ninguém no luxuoso quarto.

Quanto tempo tinha estado dormindo? Já estava completamente escuro lá fora.

— *Já está acordada?* — Disse uma voz, pondo palavras na mente de Sabine.

— *Lanthe?*

— *Ah, por todos os deuses, Abie, procurei você por toda a cidade!*

Sabine jogou as pernas para um lado da alta cama.

— *Está... Aqui?*

— *Recebi sua mensagem em Tornin e abri um portal aqui. Estive escaneando este lugar hora após hora até encontrá-la.*

— *Os vrekeners.*

— *Estão em qualquer lugar. Mas tem que voltar para tomar dose agora! Onde está?*

— *Com o demônio. Em sua casa. — Em nossa casa.*

— *Pode escapar dele?*

— *As coisas mudaram entre nós.* — Admitiu Sabine. — *Chegamos a uma entendimento cordial.*

— *Bem! Abrirei para você outro portal dentro de seis dias e pode voltar então. Mas agora, tem que vir comigo!*

— *O que aconteceu?*

— *Omort mentiu: o morsus a atacará uma semana antes do que pensava.*

— *Que fez o que?* — Maldito bastardo! Quando se enfrentassem o faria reviver seus piores pesadelos, mostraria-lhe cenas que não poderia suportar.

— *É verdade. Confessou-me isso pessoalmente. Abie, Tornin se tornou um caos. Os vampiros fugiram. Os demônios do fogo se esconderam. E Omort quase toma meus poderes e me mata.*

— *Então não pode voltar ali!*

— *Convenci-o de que você nunca o aceitaria se me fizesse mal. Omort continua pensando que vocês dois se casarão. Agora, sai da casa e segue minha voz até o portal. Não podemos perder nem um minuto.*

— *Não posso deixar Rydstrom sem lhe dizer nada.* — Respondeu ela.

— *Está de brincadeira? Embora espere que funcione com os meninos, agora não é o momento adequado para começar a confiar nele.*

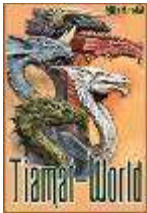
Quando Sabine ouviu abrir a porta, rapidamente se fez invisível e deixou uma ilusão de si mesma dormindo profundamente.

Rydstrom a olhou dormir com uma expressão inconfundível de orgulho. Ela tentou ler sua mente... Só um pouquinho.

Minha mulher... Em minha cama. Por fim...

Então, sua expressão mudou uma vez mais, e aquela linha entre suas sobrancelhas se fez mais profunda.

— *Oh, deuses, Lanthe. Rydstrom está vendo uma ilusão de mim, e parece que está... Apaixonado.*



— *Pôde ver seu olhar?* — Sua irmã soava melancólica. — *Desenhavam suas sobrancelhas esse sentimento?*

— *Sim. E quando saiu do quarto, tocou um pouco o peito.*

— *Como se lhe doesse?*

— *Só tinha visto isso na televisão!* — Disse Sabine. — *Tenho que dizer a ele, tenho que explicar tudo.*

— *Para que faça exatamente o que?* — Perguntou Lanthe. — *E enquanto você lhe informa que vai a um lugar ao que ele nunca deixaria que fosse eu servirei de isca para os vrekensers.*

Era verdade; se explicasse a Rydstrom sobre o veneno, este não a deixaria voltar para Omort. E se lhe dissesse que morreria se não conseguia cruzar o portal, ele insistiria em que encontraria ajuda para ela ali. Mas não havia ninguém nessa dimensão que pudesse evitar que o morsus a atacasse.

Até sabendo isso, Sabine mordeu o lábio, duvidando sobre o que devia fazer.

— *Sair escondido de sua casa está tão errado...*

— Não cabe dúvida de que está completamente apaixonada, porque está se tornando estúpida! Não é razoável nem sequer considerá-lo. Pode voltar dentro de poucos dias.

— *Poderia lhe escrever uma ca...*

— *Abie, acabo de ouvir umas asas.*

Sabine ficou de pé em um segundo.

— *Vou em seguida!*

Calçou as botas e agarrou a roupa. Deixou a miragem na cama mantendo-se invisível, saiu do quarto. Ouviu Rydstrom caminhar pela casa e evitou encontrá-lo saindo pela porta de trás. Enquanto trabalhava em excesso para deixar a propriedade, na escuridão da noite se vestiu a toda pressa com o top e a saia.

O demônio a seguiria assim que descobrisse que não estava. Só pedia poder chegar ao portal de sua irmã antes que ele.

— *Lanthe?*

— *Sabine, segue minha voz. Estou em um parque, em não sei onde.*

As ruas pareciam todas iguais, como um labirinto. Começou a chover, suave ao princípio, mas logo mais forte. Ao momento, os relâmpagos começaram a atravessar o céu, os trovões a retumbar e a água a cair como se fosse lançada com baldes.

— *Lanthe?*

— *Estou aqui. Que asco de tempo.*

Sabine viu um parque na distância.

— *Fale comigo.*

— *Está perto.*

— *Vejo um...* — Deu um tropeção quando ouviu o demônio rugir seu nome; o som pareceu o de um canhão ao disparar-se.

Tinha iniciado sua busca. E soava enlouquecido.

— *Lanthe, vem para mim!* — Sem resposta. — *Lanthe? Onde está?*

Quando sua irmã respondeu, sua voz soava mais longínqua.

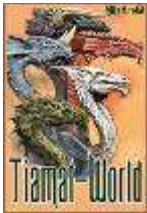
— *Tive que me desviar um pouco.*

— *Está se afastando de mim? O que está fazendo?*

A voz de Abie era apenas um sussurro.

— *Nestes momentos estou escapando de uns monstros alados. E você?*

— *Escapando de um furioso demônio de mais de dois metros...*



CAPÍTULO TRINTA E OITO

Quando Rydstrom voltou a subir para ver como Sabine estava e foi acariciar seu cabelo, não encontrou mais que uma miragem. Ficou olhando um momento, incrédulo.

Brincou comigo. Obviamente, a feiticeira não tinha tido nenhuma intenção de ficar. Outra mentira. Havia-o... Abandonado.

Por quê? Saiu da casa feito uma fúria, gritando seu nome aos quatro ventos. *Onde está?* Cheirou seu perfume a vários quilômetros.

Lançou-se atrás dela, seguindo seus rastros, seguindo seu instinto. Corria pelas ruas molhadas, com uma fúria que crescia em seu interior passo após passo. A frenética necessidade que tinha de marcá-la o consumia.

Não leva minha marca... Não estamos casados.

Viu-a aproximando-se a um pequeno parque, contornando os atoleiros. Jogou uma olhada através da chuva. Na distância, viu uma área com uma esteira de ar difusa: um portal. E Sabine ia direto ao mesmo.

Não posso perdê-la. Moveu os braços para ganhar velocidade até que esteve a uns passos dela. Então, equilibrando-se, agarrou-a pelos quadris e a deitou na enlameada grama.

— Disse-me que queria ficar comigo! — Com a respiração entrecortada, Rydstrom a voltou de rosto para ele. — Conseguiu que acreditasse em você. E agora corria ansiosa para voltar para Omort!

— Não... Sim... Rydstrom, tem que me escutar! — Piscou. A chuva lhe caía diretamente no rosto.

O demônio a agarrou e a arrastou debaixo dele, cobrindo-a, cravando-lhe sem dar-se conta as garras nas coxas.

— Por quê? Cada palavra que sai de sua boca é uma mentira! Quantas vezes vou permitir que me decepcione?

Pensava que podia escapar dele? A feiticeira mentirosa pagaria por aquilo.

Os olhos de Rydstrom brilhavam na escuridão como cruéis obsidianas. A chuva caía com tanta força que doía, Sabine nunca tinha visto uma chuva como aquela. Mal podia abrir os olhos, com a força da água, nem podia ouvir- a si mesma.

— Tinha planejado ser bom com você. — Disse ele entre dentes. — Fazer amor com você. Mas já se acabou.

Quando o viu desabotoar o cinturão, seus olhos se abriram como pratos.

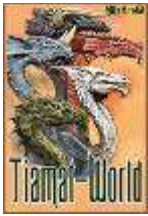
— Não! — Gritou Sabine lhe cravando as unhas no rosto e no peito.

Ele grunhiu furioso, e então lhe agarrou os pulsos, atando-os às costas com o couro.

— Rydstrom, não! Aconteceu algo! Demônio, me escute. Minha irmã está aqui...

— Sua irmã não está aqui, está em Tornin! Em meu castelo! Meu lar! — Seus chifres estavam erguidos e escuros. — Não quero escutar mais mentiras suas!

— Por favor, Lanthe está em perigo... — As palavras se engasgaram ao tentar lhe explicar enquanto se concentrava em escutar a voz de Lanthe ou algum bater de asas. — Há vrekeners em qualquer lugar!



Rydstrom acabou de amarrá-la e voltou a virá-la para ver seu rosto. *Não está me escutando.*

— Tenho que ajudá-la! — Insistiu, tentando-o outra vez, mas não servia em nada: o demônio não escutava, não raciocinava. *Eu o destrocei.* Ele, que tinha sido tão racional, tão razoável. — Se lhe acontecer algo... — Tinha o coração a ponto de estalar do medo que sentia por Lanthe. Esse medo se converteu em fúria e depois em náuseas. — Não tem direito nenhum de me prender! — Gritou. — Não tem direito a me atacar nem a me lançar contra o barro!

— Você mentiu... E pagará por isso.

— Sai de em cima de mim, animal! Tem que me soltar, já!

— Nunca, Sabine. Nunca. — Levantou-a, a jogou ao ombro e iniciou o caminho de volta para casa.

— Não! — Gritou ela quando Rydstrom a afastou do portal, de Lanthe. — Não me leve de volta. — Embora a chuva tivesse começado a remeter, seguia sem ouvir sua irmã.

— Ficará comigo seja como for. — Rydstrom murmurava para si. — Presa à cama se for necessário. O demônio que há em mim ficará satisfeito esta noite...

Ela olhou para trás por cima do ombro, estremecendo-se. Onde estava Lanthe? Sabine tinha que voltar com ela, tinha que escapar de Rydstrom.

Quando o vendaval amainou, tentou uma vez mais lhe contar sobre Lanthe. Mas era como falar com a parede. Não a escutava. Nem quando chegaram a casa, nem quando ele a despiu. Nem quando saiu fora em busca de umas amarras com que segurá-la à cama.

Só há um modo de lutar com uma mulher assim.

Rydstrom mal ouvia o que estava lhe dizendo. Não precisava escutar mais mentiras de Sabine. *Só devo marcá-la.*

Estava deitada na cama, com a juba ruiva espalhada a seu redor, seu pálido corpo exposto e tremendo. Ele tirou as calças e se colocou em cima dela.

Sabine abriu muito os olhos.

— Tem que me deixar ir! — Gritou. — Tenho que voltar.

Não faça nada irrevogável... Mas tinha que fazê-lo, de todos os modos, não estava disposta a ficar. *Tenho que marcá-la como minha.*

O demônio se ajoelhou entre suas pernas.

— Ia fazer amor com você devagar. — Disse-lhe, colocando as mãos a ambos os lados de sua face enquanto a olhava. Sua ereção vibrava contra o quente sexo da feiticeira.

Controle-se. O deixa louco! Tem feito uma confusão...

— Não me faça isto, demônio! — Levantou os olhos: tinha um olhar suplicante.

— Disse que ficaria. E eu acreditei em você.

— Rydstrom, tenho que ajudar Lanthe, minha irmã. Se não voltar, a matarão. Confia em que voltarei para você, farei isso.

— Acreditava que o nosso acabaria se voltasse para Omort? Eu iria buscá-la. — Acariciando-a com o pênis, sussurrou-lhe ao ouvido: — Cwena, se não estamos juntos é porque ainda não encontrei o modo de derrubar suas defesas.

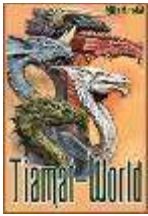
— Se fizermos isto, me deixará ir? — Perguntou desesperada. — Se for assim, tome, me faça sua, faz o que tenha que fazer, mas deixe-me ir.

— Tem que levar minha marca.

— Então, sim! Faça!

— Sabe o que tem que dizer, verdade, feiticeira?

— Quer que lhe suplique isso? Farei-o! Suplico que...



— Não! — Tampou-lhe a boca com a mão.

Não queria que as coisas fossem assim entre os dois. Não queria que o fizesse à força. Quando ela se calou, afastou a mão.

— Isto... Isto é o que queria, não? — Perguntou Sabine.

— Sim... Não! — Levantou-se e se sentou no extremo da cama, esfregando a testa. *Pensa um pouco.*

— Então, o que? — Gritou ela, retorcendo-se em suas amarras.

Rydstrom se levantou e começou a caminhar pelo quarto. *Pensa...*

— O que quer que faça, demônio? O que quer?

— Não sei! — Gritou ele, dando um murro na parede. — Quero que sinta algo por mim. — Voltou a aproximar-se de Sabine e lhe agarrou a nuca com a mão. — Porque eu sinto como se estivesse me arrancando o maldito coração do peito!

— Sinto algo por você, demônio. Tome, me marque como sua. Para sempre.

As palavras com as quais tanto sonhei. Não podia decifrar o que ocultavam, não podia prever o que a feiticeira tramava dessa vez. Sua suave língua lhe dizia exatamente o que ele queria ouvir, Sabine tentava acalmar assim à besta que ele levava dentro.

— Mas depois tem que me soltar. Voltarei para você!

Não posso pensar... Nada irrevogável... Levantou-se uma vez mais e se meteu no banheiro. Uma vez ali, apoiou a testa e os punhos contra a parede, cravando as unhas, para ver se assim se acalmava e recuperava o controle...

Ouviu o inconfundível som do velho quatro por quatro²⁴ de Cadeon no caminho de entrada. De um salto, vestiu uns jeans e saiu ao encontro de seu irmão antes que este pudesse entrar na casa.

Quando Rydstrom abriu a porta de repente ainda pensando em Sabine, mal notou que Cadeon parecia... Cansado.

— Rydstrom? — Perguntou seu irmão, surpreso.

Ele só podia imaginar o aspecto que teria. Não usava camisa nem sapatos, e estava abotoando os botões dos jeans. O olhar de Cadeon se fixou em sua apertada mandíbula, seus tensos músculos e os pequenos arranhões que tinha no peito e uma bochecha.

— Vai me fazer esperar aqui fora? Abre de uma vez.

Rydstrom olhou o interior da casa. A feiticeira tinha estado a ponto de arrebatá-lo seu sonho, e ele poderia ter chegado a odiá-la por isso.

— Cara, preocupa-me. Deixe-me entrar e me conte o que aconteceu. Quão último ouvi é que Sabine o tinha capturado.

Ao não responder Rydstrom, Cadeon prosseguiu:

— Levaram-lhe a Tornin, verdade? Teve que lutar com Omort para escapar?

Seu irmão finalmente negou com a cabeça.

— Então, como saiu dali? Ninguém escapa de Tornin.

— Guardava um ás na manga. — Respondeu ele com voz dura. *O que terei que fazer para que ela queira ficar?*

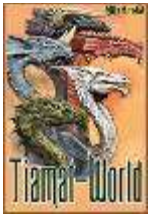
— Parece que aconteceu algo com você. Está bem?

— Estarei. — Rydstrom olhou por cima do ombro uma vez mais. — Dentro de pouco.

— Tenho a espada. — Cadeon a ofereceu. — Também matei Groot.

Seu irmão aceitou a arma sem lhe dar nenhuma atenção. *Fugiu de mim depois de me fazer*

²⁴ Veículo preparado para circular por terrenos acidentados.



acreditar que queria estar comigo.

Cadeon, perplexo, disse lentamente:

— Esta é a espada que vencerá Omort.

— Iremos à guerra na primavera. Fique preparado.

— Isso é tudo o que vai dizer? Tanto esforço para tão mesquinho agradecimento? Nem sequer me deu um tapinha nas costas. — Cadeon foi subindo o tom à medida que dizia cada uma das palavras. — Se soubesse pelo que tive que passar para conseguir esta maldita coisa, o que minha mulher teve que suportar... Oh, e para que conste, seu Veyron já não existe e não vai voltar a vê-lo em sua puta garagem.

— Há alguém aí? — Sabine começou a gritar. — Oh, por todos os deuses, que alguém me ajude! — Puxou as amarras. — Estou presa contra minha vontade!

— É essa a feiticeira? — Perguntou Cadeon surpreso. — Ela era o ás que guardava na manga?

— Por favor, me ajude!

Rydstrom olhou a seu irmão com dureza, esperando sua reação.

Adotando um tom mais calmo, Cadeon disse:

— Então, tem a uma malvada feiticeira presa a sua cama?

Rydstrom sabia o que seu irmão pensava.

— É minha. — Respondeu entre dentes. — Farei com ela o que me dê a puta vontade. E não será nada que não me tenham feito já. — Acrescentou, recordando as humilhações pelas quais ela o havia feito passar.

A lembrança era ainda pior, porque Rydstrom tinha tentado ser bom com Sabine, inclusive tinha pensado perdoá-la por como o tinha tratado. Apertou os punhos.

— Certo, hei, não se zangue comigo. A cada um o seu, certo? — Disse Cadeon, que não deixava de olhá-lo com atenção.

— Quando tiver acabado com ela, entrarei em contato com você.

Enquanto fechava a porta, ouviu pela metade como Cadeon murmurava:

— Certo, isso significa que já não sou o irmão mau.

Antes de guardar a espada na armaria, Rydstrom a levou ao quarto para mostrá-la a Sabine.

— Esta é a espada que matará Omort.

A arma brilhava, e os olhos dela seguiram os movimentos que ele fazia para comprovar a têmpera da espada descrevendo um movimento circular a seu redor.

— Dentro de pouco, voltarei para Tornin em busca de sua cabeça. Você gostaria disso? Como te faz sentir a ideia da morte de seu irmão?

— Como se ouvisse a previsão do tempo que vai fazer em outra cidade.

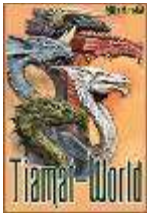
— Quase desejaria que fosse leal a Omort.

— É que não o entende? Nunca se aproximará o suficiente dele para poder utilizar essa arma. Mal sai de Tornin. Tem guardas e armadilhas místicas que o rodeiam em todo momento. Maldito seja, Rydstrom! — Sangravam-lhe os pulsos. — Solte-me!

Deu-lhe as costas e saiu do quarto. De caminho a seu escritório, deteve-se observar a espada, a mais especial de todas as que tinha tido em sua vida. Era como se fosse uma extensão de seu braço.

Aquilo era o que tanto tinha desejado, e mal tinha dedicado tempo a contemplá-la. Seu irmão tinha arriscado a vida para obtê-la, e Rydstrom nem sequer o tinha agradecido.

Fazia uns minutos, Cadeon o tinha olhado como se houvesse ficado louco.



Acredito que sim que me tornei louco.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

— *Abie?*

Sabine suspirou aliviada.

— *Lanthe, onde está?*

— *Estou esquivando uns pássaros realmente enormes.* — A ouviu responder. — *O que aconteceu com você?*

— *O demônio me apanhou e me prendeu à sua cama.*

— *Ele fez o que? Logo que tire de cima de mim a estes chatos, irei amassar o seu rei.*

— *O que vai fazer? Levá-lo de um portal a outro até matá-lo?* — Perguntou Sabine. — *Pode esquivar aos vrenkers um pouco mais? Espera, acredito que está subindo... Não vá!*

Rydstrom retornou junto a Sabine e ficou olhando-a com aqueles incríveis olhos negros cheios de dor e confusão. Levantou uma mão, mas em vez de tocá-la começou a soltar as amarras.

Ela conteve a respiração. Ia deixar que se fosse?

— Sabe o que foi o que vi aquele dia em que me disse que sonhasse com o que mais necessitava? — Disse emocionado ao libertar seus tornozelos. — Sonhei com você e com nosso filho. Fomos tão ditosos, Sabine... Eu tinha conseguido fazê-la feliz, e era capaz de protegê-la. O sentimento era indescritível.

— *Lanthe, está me soltando... Aguarde um pouco mais!*

— Mas agora sei que isso não acontecerá jamais. — Prosseguiu ele.

Quando terminou de soltá-la, Sabine ficou em pé de um salto e se afastou, mas Rydstrom se limitou a ficar sentado na cama. O via esgotado, tinha uma bochecha marcada pelas unhas dela.

— *Lanthe, continua aí?*

Sabine agarrou a camiseta que lhe tinha dado ao entrar pela primeira vez no quarto e a passou pela cabeça.

— Olhe, Rydstrom, — Disse ao chegar à porta. — retornarei dentro de seis dias. Prometo-lhe isso.

— Não, não retornará e já não posso mais, Sabine.

Ela deu meia volta.

— Rydstrom, não...

— Eu não sou assim. Você consegue tirar o pior de mim. — Segurava a cabeça entre as mãos.

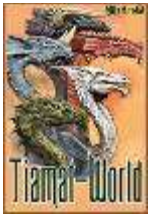
Era o gesto de quem estava destroçado, ou se dava conta de que tinham perdido para sempre algo ou alguém muito querido. Rydstrom se tinha dado por vencido, e Sabine queria lhe pedir que não o fizesse. Queria inclusive lhe dar motivos para que não o fizesse. Mas Lanthe estava ali fora, sozinha, indefesa.

— Quão único conseguiremos será nos fazer mais mau um ao outro. Não quero que retorne. — Disse ele devagar, mas com voz firme.

— Demônio, espera...

— Não volte. — Acrescentou, olhando-a nos olhos.

Quando Sabine notou que seu lábio inferior começava a tremer, fez-se invisível. Olhou para



Rydstrom pela última vez e saiu do quarto.

- *Abie, está aí? O que aconteceu?*
- *Acaba de romper comigo.*
- *O que? Bom, não precisa dele para nada!*
- *Ah, por todos os deuses, Lanthe. Acredito que sim preciso.*

Lanthe, quase sem fôlego, correu um pouco e se perdeu ainda mais. Tanto ela como Sabine careciam totalmente de senso de orientação. Aquelas sapatilhas que penduravam de um cabo elétrico, já as tinha visto algumas vezes.

A cada dois segundos, girava a cabeça para ver se os vrekeners ainda a seguiam, mas estava convencida de que os tinha despistado.

No mínimo eram duas dúzias. E quando Lanthe os viu ali escondidos, nos ramos daquele velho carvalho, acreditou distinguir o rosto de Thronos entre eles...

- *Acabo de sair de casa.* — Disse Sabine.

Lanthe se sentiu tão aliviada que quase tropeçou.

— *Pois vamos daqui de uma vez. Despistei aos vrekeners, assim que o único que temos que fazer é encontrar o caminho de volta ao portal. Lembra-se de onde estava o parque?*

- *Está de brincadeira?*

— *Você acredita?* — Os distintos becos pelos quais ia passando eram todos iguais. Atravessou a toda velocidade um, onde saía vapor do úmido chão, e logo voltou atrás e optou por outro.

— *Espera! Acredito que o vejo.* — Lanthe correu para um descampado que havia mais adiante e que tinha toda a aparência de ser o parque. — *O encontrei!* — O portal estava a menos de cinquenta metros dela. — *Segue mi...* — Interrompeu-se. Seu pelo se arrepiou e levantou assustada o olhar.

Havia vrekeners por toda parte: pendurando dos ramos das árvores, rodeando-a pelo chão. Tinham utilizado o portal como chamariz para apanhá-la.

— *Por todos os deuses, é uma armadilha! Estavam nos esperando. Utilizaram-me para trazê-la até aqui.*

Se Rydstrom não a tivesse detido, a essas horas os vrekeners já a teriam capturado.

- *Abie, não venha. Este lugar está infestado!*

- *Estou a caminho!*

Lanthe voltou a ver Thronos. Usava o casaco negro de sempre e ali, agachado sobre um ramo, parecia o próprio diabo. Sorriu-lhe, esticando as cicatrizes que tinha no rosto e logo saltou ao chão sem nenhum esforço.

O grande imbecil acreditava que a tinha apanhado.

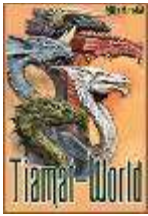
Supunha-se que um perigoso acontecimento ia despertar de novo o poder de persuasão de Melanthe? Não lhe ocorria nada mais perigoso que a situação em que se achava. Não perdia nada por tentá-lo.

Thronos deu o sinal com a mão e, em um abrir e fechar de olhos, todos os vrekeners se equilibraram sobre ela. Lanthe tomou ar e correu para o portal.

Alguns a sobrevoaram, e conseguiu esquivá-los, outros a perseguiram a pé.

- *Deixe-me em paz!* — Gritou. Seu poder tinha começado já a despertar?

Sem deter-se nem um segundo, olhou por cima do ombro. Os vrekeners que vinham a pé



se detiveram. Todos exceto Thronos, que parecia estar apertando os dentes com força, tentando não cumprir sua ordem.

Seguiu coxeando para ela com expressão malévola e suas hostis asas desdobradas. Cada vez estava mais perto...

Deveria tentar entrar em contato com Sabine? Ou possivelmente deveria afastar os vrekeners dali para que sua irmã pudesse utilizar o portal.

Um a um os demônios foram desobedecendo a ordem de Lanthe e voltaram a persegui-la. Presa pelo pânico, correu mais depressa, atravessou o portal e aterrissou no meio de seu quarto no castelo de Tornin.

Thronos, que ia pisando seus tornozelos, justo antes que cruzasse a agarrou pelo tornozelo. Lanthe lhe deu um chute, o acertando na boca.

— Afaste-se! — Ordenou-lhe.

A luta de Thronos consigo mesmo foi mais que evidente, mas o vrekener terminou por dar um passo atrás.

— *Lanthe, onde está?* — Perguntou-lhe Sabine.

— *No portal.*

— *Feche-o!*

— *E o que você fará?*

— *Posso aguentar mais seis dias!* — Gritou sua irmã. — *Mas se a capturarem, já não terei nenhuma possibilidade.*

— *Mas...*

— *Tem que fazê-lo!*

— *Voltarei para buscá-la!* — Apertando os dentes, fechou o portal e soldou a brecha que tinha criado no universo. As bordas eram como uma ferida na pele humana, que se foram fechando pouco a pouco ao sarar. — *Agente até que eu volte, Abie!*

Justo antes que ela selasse as bordas, Thronos conseguiu colocar uma bota. Olhou para Lanthe com seus olhos prateados e abriu as asas.

Sorriu-lhe maléfica. A ferida do portal estava se fechando, nada conseguiria evitá-lo. Ouviu o grito do vrekener quando as bordas lhe cortaram o pé, e logo Lanthe caiu desabada sobre o chão de seu quarto. *Tenho que encontrar o vampiro,* — pensou enquanto tentava recuperar o fôlego. — *a alguém que possa teletransportar-me até Sabine.* Mas todos os tinham abandonado...

Foi levantando-se por etapas. Primeiro colocou a cabeça entre os joelhos e inspirou fundo. Elevou o olhar e ficou olhando a bota de Thronos. Por culpa dele, Sabine tinha ficado atrás nessa outra dimensão.

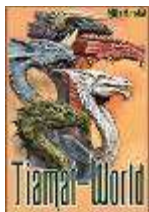
— Estou farta de vocês, safados! — Gritou Lanthe ao pé. — Passamos quinhentos anos assim! — Lançou-o ao outro canto do quarto.

— Atreveu-se a retornar sem ela. — Disse Omort, que estava na porta e teve que esquivar o pé do vrekener.

Sabine notou que o ar se acalmou e soube que sua irmã se foi, o que significava que estava sozinha naquela dimensão. Lanthe tinha cruzado o portal. Certamente estava já a salvo.

Mas eu estou bem fodida. Tinha que esperar seis dias para que fosse resgatá-la. Aguentaria tanto? Maldito Omort e suas mentiras!

Não tinha nem ideia de onde podia encontrar um vampiro e lhe pedir que a levasse de



novo ao castelo. Não tinha nem ideia de onde podia alojar-se esses dias. Podia criar dinheiro com uma miragem e ir a um hotel, mas os vrekensers detectariam a magia e a encontrariam em questão de segundos.

Por que me sinto tão abatida? Estive em circunstâncias muito piores.

Talvez estivesse assim porque sabia que logo ia morrer.

Não! Negava-se a acreditar nisso. Tinha ouvido dizer que o morsus atacava em episódios intercalados. A primeira onda de dor com certeza que poderia resisti-la. Certo! Ao menos inclusive conseguiria desenganchar do veneno e poderia mandar Omort à merda.

Abriu os olhos como pratos. Posso vencer o vício! As pessoas morriam de dor porque não conheciam a agonia como Sabine. *Morri dúzias de vezes. Seguro que desta vez não é diferente.*

Tomada essa decisão, estava inclusive ansiosa para sentir os primeiros efeitos do veneno.

Se isso for assim, por que ainda estou tão triste? Sinto falta do demônio. Sabine tinha tido a seu alcance algo maravilhoso e só começava a valorizá-lo agora que o tinha perdido. As probabilidades de que voltasse a encontrar alguém como ele – um rei atraente, que lhe afastava o cabelo para poder beijar sua nuca, que era considerado e justo, exceto quando ficava em plano demoníaco, coisa que ela provocava ao tentar escapar, e que, além disso, fosse seu marido eram realmente escassas.

Querida o demônio. Mas ele já não me quer. E tudo é minha culpa. E isso dói.

Notou que o lábio inferior começava a tremer de novo. Não! Só as fêmeas fracas que se davam por vencidas choravam.

Mas apesar de tudo, sentiu como as lágrimas lhe escorregavam pelas bochechas, e foi uma sensação tão estranha que não soube como reagir.

CAPÍTULO QUARENTA

— O que fiz? — Rydstrom repreendeu a si mesmo com amargura. — Deixei que se fosse.

Nesse momento tinha acreditado que não tinha outra alternativa. Seu próprio comportamento o tinha horrorizado. Tinha estado a ponto de possuí-la à força naquele parque, no meio da chuva, e havia tornado a amarrá-la na cama.

Agora que se acalmou o suficiente para poder pensar, estava convencido de que ela havia dito a verdade quando lhe prometeu que retornaria ao cabo de seis dias. Era possível que a feiticeira quisesse que sua relação fosse mais à frente.

Se Sabine conseguia tirar o pior dele, então teria que esforçar-se para converter-se em melhor pessoa. Ninguém se esforçaria tanto como ele para obtê-lo. Rydstrom estava inclusive disposto a ir mais à frente, e a perguntar a Sabine o que acreditava ela que deveria fazer; ia ser completamente sincero: “Não me interessa uma vida em que você não esteja. — Diria-lhe. — Deixa-me louco. Daria qualquer coisa em troca de que sentisse algo por mim.”

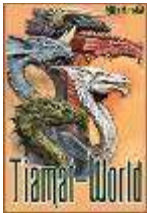
E exigiria que ela fizesse o mesmo.

Mas antes tinha que encontrá-la.

Com esse pensamento, ficou em movimento. *Possivelmente tenha cruzado o portal.* Embora tivesse o pressentimento que não, pois ainda podia sentir sua presença...

Encontrou-a na quadra seguinte a de sua casa, na calçada.

Ao aproximar-se, viu que estava secando os olhos com o antebraço.



Sua feiticeira estava chorando?

— O que está fazendo aqui fora, cwenas? — Ao longo da última semana, Rydstrom tinha gostado de ver que Sabine se preocupava com ele, e o havia feito muito feliz vê-la ciumenta. Convertia-o em má pessoa que quisesse que chorasse por ele?

Ela levantou a vista e o olhou. Tremia-lhe o lábio inferior, e não criou nenhuma miragem para ocultá-lo, permitindo que o demônio a descobrisse nesse estado.

— Não... Não tenho aonde ir. — Voltou a passar a manga pelos olhos. — Lanthé se foi, e eu... Não posso ir com ela até dentro de seis dias. Estou em uma cidade estranha, em um mundo que me é desconhecido, e há vrekens por toda parte.

Nem sequer tinha mencionado o que tinha acontecido entre eles dois...

— E você tem rompido comigo! — Gritou então, e as lágrimas caíram a maior velocidade. — Supõe-se que tenho que estar contente de que tenha me deixado?

— Venha para casa, Sabine.

— Não! Você me disse que não retornasse. — Fungou pelo nariz. — Não quer que esteja em sua casa.

Ele a agarrou nos braços.

— Por que não se cala de uma vez? — Com a mão que tinha livre, secou-lhe as lágrimas. — Só demorei dez minutos em sair detrás de você.

— Alegro-me de que o tenha feito. — Disse ela, escondendo rosto no ombro do demônio.

Rydstrom engoliu saliva: jamais teria imaginado que a noite terminaria assim.

— Você e eu temos que resolver muitas coisas, mas primeiro tem que tomar uma ducha e se aquecer. Depois já falaremos do que vamos fazer.

— Podemos... Podemos tomar uma taça de vinho?

— Do mais doce que encontrar.

— Ainda me quer?

Rydstrom apoiou a testa na sua.

— Sempre quereerei você.

— Demônio, compreendo por que antes pensou o pior, sei que te dei motivos de sobra para não confiar em mim. Mas também sei que tem que estar disposto a confiar.

— Feiticeira, seja razoável...

— Espera, o único que te peço é que me escute. Ocorreu-me uma ideia para que saiba quando o estou enganando. Algo que fazem os maus do filme para nos assegurar de que não haja mentira entre nós. E quero fazê-lo por você, demônio.

Não tinha nem ideia do que ela estava falando, mas adorava a ideia de que estivesse disposta a fazer algo por ele.

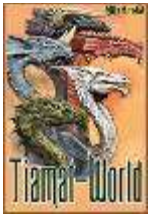
— Quão único preciso é um pouco de argila, uns ganchos e um pouquinho de seu sangue.

— Como saberei se isto das tabuletas dos pactos funciona? — Perguntou-lhe Rydstrom enquanto cravava os ganchos na parede.

— Fiz tabuletas de sobra para que possamos fazer algumas provas. — Respondeu ela, olhando suas costas enquanto tentava passar uma parte de corda pelo buraco da terceira tabuleta.

Os músculos, a tatuagem, a pele... Deus, o demônio era espetacular.

Rydstrom deu a volta de repente e a pegou olhando-o. Sabine deu de ombros e lhe disse



que não tinha podido evitar ficar embevecida. E era verdade.

— Já terminou? — Perguntou-lhe ele com a voz um pouco rouca.

— O que? Sim.

Tinha três tabuletas de argila recém assadas prontas para provar. As passou com cuidado.

Era óbvio que o demônio tinha suas dúvidas a respeito de tudo aquilo, mas seguia na sua onda, ansioso para que funcionasse.

Antes, quando retornaram à casa, Rydstrom a tinha deixado sozinha na ducha enquanto ele ia procurar argila ou barro pelos arredores. Reuniram-se na cozinha um momento depois, e ela vestiu uma das camisetas do demônio. Este tinha tomado banho no andar de abaixo e se pôs uns jeans limpos... E nada mais.

A cozinha da casa era ultramoderna, embora, para falar a verdade, Sabine mal sabia como funcionavam as antigas, mas conseguiu encontrar uma terrina onde misturar o sangue de ambos com a argila.

— Seu sangue é o que o vincula ao feitiço. — Explicou-lhe enquanto ele fazia um pequeno corte no braço. — Meu sangue age como catalisador, a pilha que faz que isto funcione.

Depois, aplanou a massa de argila e a colocou em três pratos pequenos utilizando um furador para gelo como lápis. Na primeira tabuleta, escreveu: “Jamais desejarei Rydstrom”. Na segunda: “Jamais beijarei Rydstrom”. E na terceira: “Jamais mentirei para Rydstrom”.

O demônio pendurou as três tabuletas na parede e Sabine deu um salto para sentar-se no mármore da cozinha.

— Chegou a hora dos pactos! Sagrado inclusive entre os mais malvados.

A feiticeira tinha estado bebendo um pouco do melhor vinho doce da adega de Rydstrom enquanto trabalhava. Ele se apoiou no mármore e cruzou os braços, observando todos seus movimentos.

A tensão sexual que havia entre ambos era evidente.

Durante o momento que tiveram que esperar a que as tabuletas se secassem, Sabine sugeriu que fizessem algo para entreter-se, mas Rydstrom se negou, preferindo manter a calma enquanto solucionavam alguns de seus problemas.

— O que temos que fazer agora? — Perguntou-lhe, aproximando-se onde estava ela.

— Está preparado para a primeira prova? De acordo, então me faça o favor de desabotoar as calças e me deixar jogar uma olhada.

— Sabine! Está bem. — Desabotoou os botões e abriu a braguilha.

Ao vê-lo pareceu tão sexy que mordeu o lábio inferior, ansiosa para acariciá-lo, para percorrer toda aquela pele com os lábios...

A primeira tabuleta se rompeu em mil pedaços e caiu ao chão.

Rydstrom abriu os olhos, surpreso, enquanto se abotoava de novo.

— Beije-me. — Disse o demônio, aproximando-se.

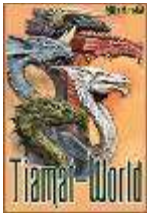
Ela o beijou nos lábios, pequenos e deliciosos beijos. Admirou-se quando a segunda tabuleta caiu fulminada, ele se afastou.

— Está funcionando.

— Está casado com uma feiticeira, demônio. Sei o que faço.

Ele deu a volta de repente e foi inspecionar as tabuletas.

— Agora pode me perguntar o que quiser e eu terei que te dizer a verdade. Mas antes que comece, eu gostaria de te perguntar uma coisa. — O demônio moveu a mão daquele modo tão magnânimo. — Se houvesse dito a você que tinha que retornar a Tornin por uma questão de vida ou morte, mas que depois voltaria para seu lado, teria me deixado ir ao castelo sem você?



— Não. Você e eu não nos separamos, Sabine. — E para demonstrar ele caminhou pelo mármore da cozinha e se colocou frente a ela, deslizando as coxas entre suas pernas. — Demorei mil e quinhentos anos em encontrá-la, assim por nenhuma razão estou disposto a me afastar de você.

— Entendo. — Ela já sabia que ele ia dizer algo parecido, mas a veemência do demônio lhe recordou que tinha que andar com cuidado.

Não importava o muito que queria confiar plenamente em Rydstrom: não podia fazê-lo. Tal como Lanthe havia predito, o demônio não ia permiti-la retornar ao castelo para que renovasse sua dose de veneno, assim ao cabo de seis dias teria que ir sozinha.

— Pergunte.

— Aonde foi esta noite? E por que fugiu de mim?

Tome cuidado.

— Minha irmã abriu um portal para vir me buscar. Ela e eu podemos nos comunicar telepaticamente se estivermos o bastante perto uma da outra, e Lanthe me despertou. Expliquei-lhe que não queria ir sem te dizer nada, embora só fosse por uns dias, que você e eu tínhamos chegado a um acordo. Que estávamos juntos.

Ao ouvir essa frase, Rydstrom desviou o olhar para a tabuleta, convencido de que ia romper-se, apesar do muito que desejava que não fosse assim.

Um sentimento desconhecido floresceu no interior da feiticeira. *Demônio solitário. Desesperado para abandonar a solidão...*

— Continue. — Incitou ele, ansioso, depois de assegurar-se de que a tabuleta seguia intacta.

— Os portais de Lanthe requerem de muito poder, assim não demorou em atrair os vreakeners. Minha irmã me disse então que estava em perigo. Rydstrom, ela não tem nenhum poder que lhe permita defender-se. Não pode enfrenta aos vreakeners, assim saí de casa e fui ajudá-la.

— Tinha intenção de retornar a meu lado?

— Sim.

O demônio apoiou as mãos no mármore, a ambos os lados das coxas de Sabine, como se tivesse ficado aturdido com todas essas revelações. De repente, entrecerrou os olhos.

— Está tramando algo com Omort? Confabulando contra mim?

— Não.

— Não está ao lado de seu irmão?

— Não. Estou do meu lado e do de minha irmã.

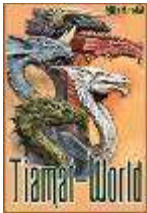
Ele tentou assimilar toda aquela informação.

— É possível que queira ter um futuro comigo?

Sabine duvidou uns segundos. *Quero?*

— Sim... — Respondeu ao fim, olhando de esguelha a tabuleta, e, ao ver que esta seguia intacta, olhou para ele com cara de satisfação. — Rydstrom, se algum dia queria estar com alguém, seria com você. Quão único acontece é que não sei se é o que de verdade necessita. Eu não... Eu não sou como você.

— Sabe uma coisa, Sabine? Tinha razão ao dizer que sempre levei uma vida muito ordenada. Antes de conhecê-la, tudo o que me rodeava era lógico e razoável. Em troca, você desafia à razão. Eu gosto de quão ardilosa é, e seu desavergonhado senso de humor. Eu gosto que não seja de senso comum, eu gosto de me sentir tão atraído por você... Eu gosto de me sentir assim apesar de tudo.



Como resposta a essa sentida declaração, ela o olhou aos olhos.

— Rydstrom... Está muito sexy nos jeans.

Ele demorou uns segundos em recuperar-se da impressão.

— Sei. — Respondeu ao fim, tentando dissimular o sorriso.

— Isso é a única coisa que vai me dizer? Não mereço nada mais?

Ela voltou a ficar séria.

— Eu gosto que as pessoas o respeitem tanto. Eu gosto de seu torso quente e forte, e eu gosto de dormir colada a você. E me emocionou muito que esta noite tenha saído para me buscar.

— Ficaré comigo?

— Por agora, só posso te prometer seis dias.

— Outra vez o assunto dos seis dias?

— Lanthe só pode criar um portal a cada seis dias.

— Ah. Agora o entendo. Tem intenção de me deixar quando ela retornar?

— Estou tentando te fazer promessas que possa cumprir. Por agora, posso te prometer seis dias. Depois disso, talvez o futuro não me pertença. Poderíamos voltar a fazer isto o último dia.

Rydstrom a olhou como se quisesse lhe perguntar algo mais sobre esse assunto, mas terminou por deixá-lo.

— Por que não me disse que começava a sentir algo por mim? Teve-me completamente às cegas.

— Não estava segura. E como se supunha que ia saber como devia dizer isso? Nunca tive uma relação com ninguém, e tampouco pode dizer-se que em Tornin você fosse me confessando seus sentimentos diariamente. — Rodeou-lhe o pescoço com os braços. — Você também me teve completamente às cegas.

— Ainda há muitas coisas que não está me contando.

— Assim é. Mas confio mais em você que em ninguém que tenha conhecido jamais, exceto Lanthe. Não podemos ir passo a passo? — O aroma que desprendia do corpo do demônio a estava derretendo, e foi se aproximando dele. — Talvez pudesse se conformar sabendo que antes não tinha intenção de abandoná-lo e que tampouco vou querer fazê-lo no futuro. — Sugeriu-lhe, quando escassos milímetros separavam seus lábios.

— Quer que faça amor com você? — Perguntou ele emocionado.

— Agora mesmo é o que mais desejo no mundo.

A última tabuleta continuou intacta.

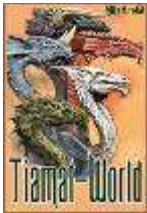
CAPÍTULO QUARENTA E UM

O demônio a agarrou nos braços e correu para seu quarto. Subiu os degraus de dois em dois, respirando baforadas de ar junto a seu pescoço.

Ao chegar, depositou-a na cama e lhe tirou a camiseta. A feiticeira estava convencida de que Rydstrom estaria frenético para estar com ela, entretanto, ele atrasou seus movimentos.

— Tenho que me acalmar um pouco. — Inclinou-se para ela para beijá-la, segurando-a pela nuca de um modo muito possessivo. — Quero saborear o momento.

Pousou os lábios em cima dos seus e deslizou a língua para o interior da boca de Sabine, movendo-a de um modo incrivelmente sensual, convertendo o beijo em algo mais. Um pouco mais



profundo.

Quer me fazer dele. Toda dele.

Quando Rydstrom deixou de beijá-la, seus olhos negros percorreram cada curva, como se estivesse fazendo amor com ela pela primeira vez.

A essas alturas, ela já estava tremendo, ansiosa das carícias do demônio. Rydstrom por fim deslizou as mãos por seus quadris, seu umbigo, seus seios. Sem pressa, explorou até o último centímetro de sua pele.

— É tão suave... — Sussurrou-lhe ao ouvido.

Quando lhe acariciou os mamilos com os dedos, atormentando-os para logo mimá-los, miragens de chamas se acenderam a seu redor.

— Rydstrom. — Murmurou Sabine. — Preciso de você.

Depois de um leve assentimento de cabeça, tirou os jeans e se deitou nu a seu lado.

— Tenho que me assegurar de que está preparada.

Tinha os músculos tensos e os olhos completamente negros, mas seu aspecto era de algum modo distinto ao das anteriores ocasiões. Não parecia fora de si e em seu olhar ardia a determinação.

Seu demônio parecia estar totalmente decidido a conseguir o que queria.

Separou-lhe então as pernas com cuidado, e ela as deixou cair a modo de convite. Ato seguido, atormentou aqueles lábios com dedos ardilosos, acariciando-os sensualmente, antes de deslizar um dedo em seu interior. Ela gemeu ao sentir que o retirava e repetia o movimento com dois.

A maravilhosa sensação ia aumentando.

Rydstrom tomou seu sexo com a mão, pressionando o clitóris com a palma e deslizando os dedos até o mais profundo.

— Demônio, por favor!

— Tenha um orgasmo para mim. — Marcou cada palavra com um movimento dos dedos.

O desejo ia a mais, cresceu... Cresceu... E cresceu até que Sabine por fim se derrubou.

As chamas arderam com força quando a feiticeira alcançou o orgasmo, o azul de seus olhos refletiu a luz que as miragens desprendiam. Rydstrom sentia sua pele úmida e quente sob os dedos enquanto o corpo dela os devorava faminto, fazendo-o tremer ansioso.

Mas tinha que ir devagar. Tinha que assegurar-se de que Sabine gostasse tanto daquilo que não pudesse viver sem ele. E, pelo modo como o tinha olhado antes, Rydstrom estava convencido de poder consegui-lo.

Quando o corpo de Sabine experimentou o último espasmo, o demônio se ajoelhou entre suas pernas e acariciou seu sexo com a ponta de seu membro. Colocou-o na entrada, e se deteve.

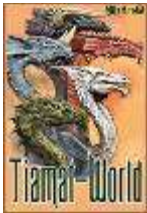
— Relaxe, cwená. Irei pouco a pouco.

Ela assentiu com a cabeça.

Inclinado sobre ela, Rydstrom apoiou os cotovelos em ambos os lados de sua cabeça. Recorrendo a toda sua força de vontade, deslizou-se muito devagar para o estreito interior da feiticeira, sem deixar de olhá-la aos olhos todo o tempo. Sabine ficou sem fôlego, mas tampouco afastou o olhar nem um segundo.

Ao chegar ao final, a emoção por estar por fim dentro de sua mulher embargou o demônio.

— Eu a machuquei?



— Não, Rydstrom.

Esperou que ela se acostumasse em tê-lo no seu interior, quieto, suando pelo esforço que estava fazendo para não mover-se e sentindo como o corpo dela o envolvia. Tinha que conseguir aguentar um pouco mais, mas começava a ficar ansioso para chegar ao final.

— Desta vez é diferente, é tão perfeito...

— Posso me mover? — Gemeu ele quando Sabine começou a balançar os quadris.

— Sim, estou preparada... Preciso mais.

Rydstrom se levantou sobre os braços. Tinha a testa ensopada de suor, e algumas gotas caíam sobre os seios dela, que arqueou as costas de prazer.

Ele não pôde evitar empurrar com todas as suas forças para deleitar-se na umidade que o envolvia. Sabine gemeu quando o demônio se retirou pela primeira vez, e gritou satisfeita quando voltou a penetrá-la.

A pressão... O calor que emana dela.

— Tenho que entrar mais. — Rydstrom levantou um pouco os quadris, aprofundando as investidas. — Tão quente!

— Rydstrom... Sim! — Sabine voltava a estar perto do orgasmo.

Ele podia sentir como o pequeno corpo da feiticeira começava a estremecer-se e as coxas se apertavam e relaxavam ao redor de seus quadris.

Outro movimento delicioso conseguiu que ele se estremecesse dos pés à cabeça. Quando voltou a retroceder, o interior de Sabine apertou a ereção do demônio como se não quisesse que não se fosse jamais dali.

De novo, ele voltou a afundar-se em seu corpo, desesperado para chegar até o mais profundo de seu ser. Moveu-se ansioso, desejando estar mais dentro, necessitando possuí-la por completo...

Quando Rydstrom fez amor com ela pela primeira vez, doeu-lhe. Ele era tão grande e Sabine tão estreita... Mas dessa vez era distinto, não havia dor... Só prazer.

Estava deitado em cima dela, tentando estar o mais perto possível, mal havia um centímetro de pele de um que não estivesse em contato com a do outro. Agarrou-lhe os braços e os colocou por cima da cabeça, cobrindo-os logo com os seus e entrelaçando os dedos com os dela.

Rydstrom tinha o torso ensopado de suor e lhe atormentava os seios com ele. Balançando-se desse modo, ia deixá-la louca: Sabine se sentia bombardeada por sensações. Não podia deixar de tremer de quão maravilhoso era tudo o que ele estava fazendo.

Outro espetacular movimento de quadris, mais palavras sussurradas ao ouvido.

— É impossível que alguém pudesse me dar mais prazer...

Nessa postura, ela notava uma fricção maravilhosa em seu sexo, e Rydstrom a incrementava com cada investida. Arqueou-se sob ele.

— Preciso-o, demônio.

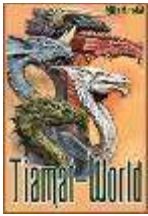
Ele apertou os dedos que tinha entrelaçados com os seus.

— Diga-o outra vez.

— Preciso-o.

Rydstrom levantou a cabeça e fixou seus olhos negros no pescoço de Sabine.

— Entregue-se a mim.



Ah, por todos os deuses, ia mordê-la! Sabine sabia que ia acontecer, e seu corpo parecia ir direto para o orgasmo que ele tinha ido convocando com cada um de seus deliberados movimentos.

Com os braços ao redor da cabeça dela, Rydstrom lhe beijou o pescoço, percorreu-lhe a pele com a língua. Seduziu-a.

— Esperei tanto tempo... — E nesse instante a mordeu, afundou as presas na pele da feiticeira.

Sabine ficou quieta debaixo dele, incapaz de fazer nada exceto chegar ao orgasmo e provocar o seu, enquanto Rydstrom a marcava.

O clímax a sacudiu com cegadoras ondas, e gritou de prazer. Seu sexo se apertava contra a ereção do demônio uma e outra vez exigindo tudo dele.

Rydstrom gemeu e se moveu com mais força, com mais intensidade até o mais profundo. Por fim deixou de mordê-la e, antes de levantar a cabeça, passou a língua pelas pequenas feridas.

— Agora sim é minha. — Disse com voz rouca.

Baixou as mãos entrelaçadas de ambos, e afundou Sabine no colchão, movendo-se de novo entre suas coxas, lançando-a ao precipício de outro orgasmo.

— Rydstrom, não pare! — Gritou ela, movendo a cabeça de um lado a outro ao mesmo ritmo que os quadris dele. Mais... Mais... Perto... Mais.

E então o clímax a sacudiu de novo, com tanta intensidade que não pôde evitar gritar, arquear as costas, colar seu corpo ao do demônio.

— Sabine! Vou... Vou explodir...

Tinha os músculos tensos, trementes do esforço, e de repente ficou imóvel, seu membro contraindo-se em seu interior. Olhou-a nos olhos, seu corpo a ponto de partir-se por causa da pressão que tinha chegado a resistir.

— Minha Sabine.

E jogou a cabeça para trás e gritou. Com o pescoço e o torso imóveis, moveu os quadris esvaziando-se nela com tanta força que Sabine pôde sentir como o sêmen se deslizava dentro dela... Uma e outra vez.

Quando Rydstrom terminou, derrubou-se sobre seu corpo. Sabine notava como pulsava seu coração.

Enquanto tentava recuperar a respiração, o demônio beijando-a no pescoço, na ferida que lhe tinha feito, e a encantou.

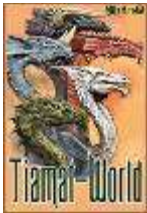
— Cwena, valeu a pena esperar mil e quinhentos anos para encontrá-la.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

— Diria algo bonito. — Começou a dizer Sabine quando viu a maltratada cabana. — Como “seguro que é bonita por dentro”, mas então a última tabuleta se romperia.

— Pediu-me que tivéssemos um encontro em um botequim da Tradição. — Respondeu ele, lhe dando um sorriso de presente. Embora cada vez lhe sorria mais frequentemente, ainda a deixava atordoada ao fazê-lo. — Pois bem, temos um encontro, e aqui está o botequim.

Ela tinha querido que fossem jantar no que ia ser, na realidade, seu primeiro encontro. Ao fim e ao cabo, passaram os últimos quatro dias dentro da casa, sobretudo na cama. Mas Sabine



também tinha segundas intenções...

— Esta noite está arrebatando. — Comentou Rydstrom ao passear seu novo esportivo pelo estacionamento, tentando encontrar um lugar livre.

O lugar estava fora da cidade, em meio de um pântano: como podia haver tanta gente ali?

Quando por fim pôde estacionar, ela disse:

— Continuo pensando que teria que ter me deixado dirigir.

— Nem o sonhe. — Respondeu ele, saindo do carro. Quando despertou à manhã seguinte após fazer amor, o demônio tinha uma surpresa para ela. Tinha comprado um carro novo para cada um. Mas ante o impressionante conversível vermelho, quão único a feiticeira pôde fazer foi ficar perplexa.

— Não sei dirigir.

— Eu te ensinarei. — Disse ele confiante.

Mas ao final da lição decretou que Sabine era a condutora mais agressiva e perigosa com a qual se encontrou jamais.

Depois disso, Rydstrom se encarregou de que vários comerciantes da Tradição fossem a casa para oferecer a feiticeira as roupas e as joias mais seletas, assim como qualquer coisa que pudesse necessitar.

— Está tentando comprar meu carinho? — Perguntou-lhe ela.

— Funciona? — Replicou ele.

Naquele instante, Rydstrom lhe abria a porta do carro e o úmido ar da noite alagou seus sentidos, junto com o som de música e de risadas estridentes.

Por todos os deuses, que bonito estava! Usava uns jeans escuros e uma simples camisa negra com um cinturão e umas botas de pele muito cara. Seu aspecto dizia “Tenho dinheiro e poder e, além disso, sou consciente disso”.

Uma vez esteve fora do carro, Rydstrom se inclinou e a beijou nos lábios.

— Está segura de que não quer voltar para a cama? — Seu luxurioso demônio parecia insaciável. De fato, ambos o eram.

Rydstrom era tão fascinante... Adorava que lhe percorresse o rosto com beijos para demonstrar seus sentimentos, e se estremecia imediatamente quando lhe passava as unhas pelas costas de cima a baixo. Essa mesma manhã o tinha encontrado ante o espelho, inspecionando os arranhões.

— O resultado de um trabalho bem feito. — Comentou orgulhoso, lhe dedicando um sexy sorriso que conseguiu que a ela pusesse um arrepio.

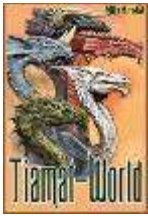
Teria estado mais que contente de voltar para a cama. Mas a noite anterior teve um ligeiro mal-estar. Não exatamente uma dor, mas sim uma sensação fora do lugar para um imortal. A velha Sabine, a que sobrevivia a tudo, tinha retornado. Apesar de que cada vez estava mais convencida de que acabaria vencendo o morsus, no caso tinha um plano B preparado.

Essa noite iria em busca de um vampiro que pudesse teletransportá-la de volta a Rothkalina. Só se por acaso as coisas se modificassem...

— Esta noite está espetacular. — Sussurrou ele. — Haveria dito isso a você antes, mas me deixou sem palavras.

— Estava convencida de que você não gostaria de meu modelito.

Sabine usava a juba tão selvagem como de costume, mas nela só exibia um simples



diadema, e em honra de Rydstrom fazia um esforço para que sua sombra de olhos azul marinho fosse mais conservadora e só chegasse às têmporas. Entretanto, a saia era curta, as botas altas, e o top consistia em uma simples cinta feita de vários tipos de metal, que se mantinham em seu lugar mediante umas amarras presas a uma gargantilha, duas pela frente e duas por trás.

— Nego-me a que volte a me chamar de velho caquético. — Enquanto a repassava com o olhar, agarrou-lhe as mãos e lhe separou os braços a cada lado. — Estarei ciumento se outros homens a virem assim? Sem lugar a dúvidas. Meus chifres ficarão bem rígidos nas primeiras mudanças. Mas também me sinto orgulhoso.

Abraçou-a com força e a aproximou dele. Seu calor e seu aroma fizeram que Sabine levantasse o olhar para contemplá-lo.

— As pessoas passaram tanto tempo se lastimando por mim, por ter passado tantos séculos sem encontrar a minha companheira, que agora quero me gabar de você. E quero que saibam que você sempre esteve destinada a estar comigo, que só era questão de tempo.

Durante os últimos quatro dias, cada vez que Rydstrom dizia coisas como essa naquele tom tão brusco e com aquele olhar tão penetrante, Sabine tinha medo de que fosse muito maravilhoso, muito bonito, bom e considerado com ela.

Esse tempo com Rydstrom tinha sido maravilhoso. Mas, para ser sincera, tinha que dizer que nem tudo tinha sido perfeito. Para começar, tinha insistido em que aprendesse a nadar, a ensinando em sua luxuosa piscina. Apesar de que ia melhorando, passava mais tempo colada a ele, com os braços ao redor de seu pescoço, que nadando.

E o demônio seguia bebendo cerveja demoníaca, comendo bifes e chupando umas pequenas criaturas chamadas caranguejos. Mas se assegurava de que ela tivesse vegetais para comer e vinho doce para beber. Inclusive tinha levado uma garrafa consigo no carro para essa noite, se por acaso não encontrasse nenhuma bebida que gostasse.

Sabine concentrou sua atenção no desmantelado botequim. Um letreiro quebrado com luzes de néon seguia brilhando, mas era ilegível.

— E como se chama este lugar? — Estava situado sobre a água, rodeado de ciprestes, e parecia que cairia se soprasse um vento um pouco mais forte. Uma precária passarela conduzia dentro. — O Monstro Sedento ou algo assim?

— Todo mundo o chama Erol. Escute: uma vez que entrarmos, se algo sair errado, fique detrás de mim. Prometa-me isso.

Era excessivamente protetor.

— Não posso prometer isso; se não, encontraremos o chão de sua cozinha cheio de argila.

— Da nossa cozinha.

— Demônio, se algo der errado lá dentro, não necessitarei que se preocupe por mim. Necessitarei que me ajude a nos proteger.

Esse comentário o desconcertou. Sabine deu meia volta e percorreu devagar a passarela, deixando-o desconcertado. O grande Rydstrom teria que começar a aprender alguns truques novos se queria continuar com ela.

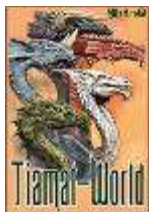
Quando a viu caminhar nas pontas dos pés para que as botas com salto de agulha não ficassem enganchadas entre as pranchas, perguntou-lhe:

— Por que não usa sapatos planos e faz que pareçam botas?

— Porque os usando me sinto sexy.

— E a faria se sentir sexy que a levasse nos braços agora?

— Posso dar um jeito nisso, Rei Encantador. — Disse. — Se estiver tão cheio, acredita que haverá alguém a quem conhece? Possivelmente uma das milhares de demônias com as quais se



deitou, como Durinda. — Disse, provocando-o.

Quando ele não respondeu, Sabine o olhou nos olhos.

— Só brincava, já sei que não esteve com ela. Espera, por que parece tão culpado? — Por que Rydstrom tinha aquela expressão de culpa ao ouvi-la nomear a demônia. De repente, sentiu que lhe faltava o ar. — Não haverá... No acampamento... Não estaria com ela..?

— Por todos os deuses, não! Mas lhe disse que não tinha me deitado com a Durinda. E, aparentemente, faz um milênio, mais ou menos, sim o fiz.

Sabine se sentiu aliviada imediatamente, então acrescentou:

— Mas me disse que não o tinha feito.

Rydstrom tocou a nuca com a mão.

— Eu... Tinha me esquecido.

— Ela teve que recordá-lo isso? — Quando ele assentiu, Sabine pôs-se a rir a gargalhadas.

— Não tem graça. — Replicou aborrecido. — Foi muito incômodo. — Acrescentou, como se estivesse fazendo esforços para dissimular um sorriso.

— Teria pagado para ouvir essa conversa! — Disse Sabine sem deixar de rir.

— Pensava que se zangaria.

Depois de outro sorriso, respondeu:

— Não pelas coisas graciosas. Hei, tenho uma ideia! Possivelmente poderíamos confeccionar uma base de dados com todas as fêmeas com as quais se deitou, e assim poderia as pôr em dia...

— Isso acredita, sabichona? — Abraçou-a. — O único que me importa é o último registro.

Continuou pela passarela, com ela rindo a seu lado.

Na porta de entrada, fez que Sabine ficasse a seu lado. Ao entrar, Rydstrom levava uma mão no quadril dela e os ombros bem erguidos, com a arrogância de um rei. Sabine adorava.

O interior estava pouco iluminado e abarrotado. Em um canto havia uma velha máquina de discos funcionando. Na parede posterior, umas caveiras emolduravam um espelho, com luzes natalinas nos espaços dos olhos.

O lugar tinha seu encanto.

Passaram junto à barra, onde estavam sentados um par de gêmeos incrivelmente atraentes. Sabine supôs que eram licantropos, e ao ouvi-los falar com um forte sotaque escocês soube que tinha acertado.

— Maldição, Rydstrom! De onde a tirou? — Perguntou um, lhe aproximando um tamborete com o pé. — E vai vestida como uma feiticeira de antigamente. — Assobiou para dar mais ênfase a suas palavras.

— Tem uma irmã? — Acrescentou o outro. O demônio os saudou com um movimento de cabeça. — Sabine, estes são Uilleam e Munro, soldados licantropos. — Os apresentou.

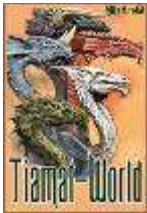
— Sim, para falar a verdade tenho uma irmã. — Informou-lhes Sabine rapidamente. — Vocês adorariam, e também gostaria...

Mas Rydstrom a afastou antes que pudesse acabar a frase, continuando até a parte de trás, onde havia a única mesa livre. Umas estridentes garotas estavam sentadas ao lado, jogando os jogos de dados. Todas pareciam bêbadas, bem por culpa da bebida ou por feitiços com álcool.

— Mais bruxas. — Murmurou Rydstrom.

Sabine voltou a bisbilhotar para ver que poderes tinham. E, uma vez mais, não encontrou nada pelo que valesse a pena incomodar-se. Entretanto, uma delas não era bruxa, mas sim tinha orelhas bicudas e pele brilhante.

— Regin, a Radiante. — Disse Rydstrom, assinalando-a com a cabeça. — A cúmplice



habitual das travessuras de Nix.

Uma vez chegaram à mesa e Ihe retirou a cadeira para que se sentasse, foi óbvio que não o fazia nenhuma graça deixá-la ali para ir em busca das bebidas.

— Vá, demônio, estarei bem.

Ele se inclinou e Ihe disse ao ouvido:

— Não diga a ninguém seu nome completo ou o título de feiticeira que tem, e tudo irá bem.

Quando Rydstrom a deixou, Sabine se fixou em algumas fêmeas que suspiravam ao ele passar por seu lado, embora o demônio parecesse não dar-se conta.

Ao chegar à barra, voltou-se para ela para comprovar que estava bem, vigiando-a com seus verdes olhos.

A equipe dos maus marcou um ponto? Não, o ponto é para a equipe de Sabine.

Era tão incrivelmente masculino... Um dínamo²⁵ na cama, no sofá ou na parte pouco profunda da piscina. E, além disso, se comportava bem com ela.

Sabine tinha se esforçado por ser boa com ele a maior parte do tempo, mas os velhos hábitos custavam muito a se erradicar. Sempre que Rydstrom abria a armaria para contemplar a espada, a feiticeira se fazia invisível.

E agora sabia a combinação...

Isto poderia ficar difícil. Rydstrom tinha levado Sabine ao bar porque cedo ou tarde teria que acostumar-se a viver em sociedade. E as pessoas da Tradição também teriam que acostumar-se a vê-la por ali.

Mas aquele não era o único motivo. Ali era o lugar perfeito para conseguir informação. E o demônio queria saber por onde Lothaire andava.

Quando contou a Sabine os termos do pacto que havia feito com o vampiro, ela, com toda a razão, começou a se preocupar. Lothaire Ihe podia pedir qualquer coisa. Em qualquer momento.

— E se quiser o seu primogênito? Temos que matar o vampiro!

— Nosso primogênito. E eu me encarregarei disso...

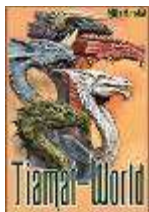
Na barra, Rydstrom pediu informação a um demônio de tormenta que tinha ao lado e ao garçom, mas só ouvindo o nome do Inimigo do Antigo ambos negaram com a cabeça.

Enquanto esperava as bebidas, o demônio voltou a olhar Sabine. Estava sentada com uma graça inata, inspecionando a sala com seus olhos cor âmbar.

É tão fodidamente linda... E é óbvio, não era o único que pensava assim. Os homens giravam a cabeça para podê-la olhar. Tal como tinha previsto, tinha os chifres acesos. Inclusive fulminou com o olhar a algum desses imbecis, os fazendo saber que a garota era dele.

Mas o era? Segundo Sabine, só ficavam dois dias, então voltariam a fazer o das tabuletas do pacto. Rydstrom não a tinha pressionado sobre o assunto, porque supunha que, mantendo-a ali, conseguiria que ela quisesse ficar. Fazia tudo o que Ihe ocorria, mas seguia tendo a sensação de que a feiticeira Ihe escapava das mãos...

²⁵ Nota: É um aparelho que gera corrente alternada convertendo energia mecânica em elétrica, através de indução eletromagnética. É constituído por um ímã e uma bobina. A energia mecânica (de um rio, por exemplo) faz girar um eixo ao qual se encontra o ímã, fazendo alternar os polos norte e sul na bobina e por indução geram uma energia elétrica. O contrário, ou seja, a bobina no eixo, também é possível.



Quando o garçom lhe serviu o vinho que tinha pedido para Sabine e sua própria cerveja, Regin gritou do outro lado do local:

— Ouça, demônio! Quem é essa fulana?

Rydstrom suspirou, e se voltou para a mesa das bruxas. Viu que algumas delas tinham estado na festa da piscina. Deveriam ter reconhecido a feiticeira, porque se apressaram a fechar a boca de Regin.

Apesar de que lhe sussurraram ao ouvido, a Valquíria respondeu gritando:

— Sabine? Quem diabos é? Para mim continua sendo uma fulana. — Quando ela se voltou lentamente para olhá-lo, Rydstrom se apressou em aproximar-se, deixando as bebidas na primeira mesa que encontrou pelo caminho.

— Não sou uma fulana. Sou a Rainha das Miragens. — Respondeu a feiticeira ameaçadora, com as palmas preparadas.

Maldição.

— A irmã de Omort? — Regin ficou em pé de repente e a cadeira caiu. Uns relâmpagos estalaram no exterior, e a Valquíria tirou duas pequenas espadas que levava em umas capas às costas. — Ele gostou dos demônios de fogo mancos que Nixie e eu os enviamos de volta? Você leu seu bilhete?

Ao ouvir o nome de Omort, os presentes começaram a entender a quem Rydstrom tinha levado ao local. Este ouvia murmúrios e sussurros sobre a feiticeira, e as pessoas começaram a aglomerar-se para sair.

Quando os licantropos alcançaram a saída, um deles chamou o demônio.

— Merda, Rydstrom, essa potranca ainda não foi domada!

O outro acrescentou:

— Falando de sair e conhecer gente nova..!

Rydstrom se colocou entre Sabine e Regin.

— Valquíria, ela é minha. Nix não quereria que brigasse com Sabine. — Porque a feiticeira a destroçaria. Regin franziu o cenho, confusa.

— Então deve ser a feiticeira que Nix me disse especificamente que deixasse em paz esta noite. — Deu de ombros, voltando a guardar as espadas nas capas com um movimento. Sua ira tinha desaparecido tão rápido como tinha começado, e desviou sua atenção de Sabine para Rydstrom. — Ouça! Aonde se foi todo mundo? Passam The Rocky Horror Picture Show²⁶ no cinema! — E saiu disparada para a porta, com suas amigas atrás.

Em poucos minutos, toda a gente do botequim, incluindo o garçom, tinha desaparecido.

Sabine olhou o lugar, agora vazio, com uma indecifrável expressão.

Detrás dela, o demônio a abraçou e lhe tocou o queixo com os dedos carinhosamente.

— Querida, sinto muito. É questão de tempo.

— Está brincando? Sinto-me adulada. — Quando ele a olhou dubio, ela disse: — Rydstrom, não esqueça que fui criada considerando que o medo é igual ao respeito. Toda esta gente acaba de demonstrar um enorme respeito por mim.

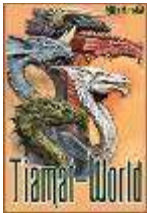
A ele não pareceu convencê-lo o comentário, por isso acrescentou:

— Eu não vim aqui para fazer amigos. Assim, me diga, isto continua sendo um encontro?

— É óbvio.

— E seguimos em um botequim da Tradição?

²⁶ Nota: É uma comédia musical de horror, dirigida por Jim Sharman a partir da peça de autoria dele mesmo e de Richard O'Brien, que compôs as canções.



— Isso.

Dirigiu-se então à barra e saltou detrás.

— Diga-me, pois, o que vai tomar? — Perguntou com um amplo sorriso. — A casa convida.

De volta para casa, conduziam em um agradável silêncio, ambos perdidos em seus pensamentos.

Rydstrom lhe tinha contado que os demônios gostavam dos carros bonitos, fascinavam-os, e agora Sabine entendia por que. O aroma de pele nova a rodeava, os assentos eram quentes, e as luzes do painel iluminavam o bonito rosto de Rydstrom.

E este conduzia com muita segurança. Era bom ao volante, e sabia. Por todos os deuses, era muito excitante ver um macho que conduzia tão bem, embora antes só os tivesse visto usando cavalos e carruagens.

Cada vez que encontrava um semáforo em vermelho, levantava a mão que até então levava na mudança de marchas e a colocava sobre o joelho dela, como se não pudesse suportar não tocá-la durante uns instantes.

Saber que se dirigiam a sua casa e que fariam amor toda a noite conseguiu que Sabine se esquecesse momentaneamente de todas suas preocupações. Notava a força que emanava do demônio, que era evidente e reconfortante. Tinha prometido protegê-la, e o tinha prometido porque de verdade queria fazê-lo.

Depois de fazer amor, contaria a ele sobre o veneno...

— Estava linda esta noite. — Disse, com voz profunda.

— Você tampouco estava mau.

— Fiquei entre os três primeiros?

— Demônio, teria dado a você a medalha ouro. Senti-me muito orgulhosa de ir no seu braço. Ao menos enquanto houve gente. — Quando ficaram com o botequim só para eles Rydstrom aproveitou para lhe ensinar a jogar bilhar. — E o passei bem.

Sorriu-lhe.

— Apesar de não ter deixado uma fileira de cadáveres a nosso caminho?

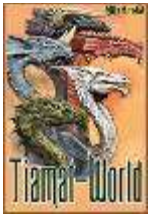
— Possivelmente eu esteja aprendendo algo com você. — Replicou ela como se nada, olhando os lábios e os intensos olhos verdes de Rydstrom. Sabine voltava a ter aquela sensação, e foi tão intensa que, ao compreender o que significava, sentiu como se lhe tivessem dado um murro.

Acredito que estou apaixonada pelo demônio.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Essa mesma noite, um pouco mais tarde, Rydstrom estava sentado em seu escritório, com o olhar fixo em uma taça de cerveja demoníaca. Tinha deixado Sabine dormindo, depois de fazer amor com ela mais vezes das que conseguia recordar.

Havia dito a ele que queria lhe contar uma coisa, mas ao final tinha terminado por ficar



adormecida. Viu que estava pálida, e o preocupou tê-la deixado exausta.

Às vezes, quando a feiticeira cravava as unhas nas suas costas enquanto faziam amor, esquecia-se de que ela não tinha a força de uma demônia.

Rydstrom tinha a sensação de estar utilizando o sexo para obter que Sabine sentisse algo por ele, possivelmente porque todo o resto lhe estava falhando. Embora a feiticeira parecesse realmente feliz a seu lado, ele percebia sua impaciência. E só faltavam dois dias para que sua irmã retornasse a procurá-la.

Rydstrom necessitava que Nix o aconselhasse, mas ao longo dos últimos dias tinha sido impossível localizá-la. Tinha finalmente a espada, e se supunha que tinha que estar concentrado, planejando o ataque. Mas era como se não pudesse fazer nada até que houvesse resolvido as coisas com Sabine... Até que se casasse com ela e a tivesse convertido em sua rainha. O que significava que tinha chegado o momento de lhe confessar a verdade...

Arrasado pelas dúvidas, sentou-se e começou a beber como estava acostumado a fazer seu irmão... Muito a pesar do próprio Rydstrom.

Como se agora isso tivesse alguma importância. Tinha sido tão duro com Cadeon... E para que?

A porta da casa se abriu. Falando do rei de Roma.

Segundos mais tarde, seu irmão entrou no escritório.

— Continua estando feito uma merda, mas ao menos tem melhor aspecto que a última vez.

Apesar de que a relação entre os dois sempre tinha sido tensa, agora tudo podia ser diferente. O passado não tinha sido em realidade tal como eles sempre tinham acreditado, e Cadeon redimiu a si mesmo.

Quando Cadeon se deitou no sofá que havia diante do que Rydstrom ocupava, este levantou a garrafa para convidá-lo.

— Só um pouco.

Depois de que lhe serviu dois dedos em uma taça, Cadeon pegou a bebida, respirou fundo e deu um gole.

— Deu-me um susto de morte o outro dia.

Eu também me assustei muitíssimo.

— Tentei entrar em contato com você várias vezes após. — Disse Rydstrom.

— Estive desaparecido. — Limitou-se a dizer Cade. — Mas esta noite decidi interromper minha missão de vigilância e passar para te fazer uma visita. — Ficou observando o rosto de seu irmão durante um momento. — Acredito que aqui é onde se supõe que tenho que perguntar a você se quer falar do assunto.

— Talvez depois de outra garrafa. — Respondeu Rydstrom após rir com amargura.

— Quando começou a beber cerveja demoníaca? — Perguntou Cadeon.

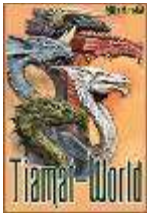
— Quando você o deixou?

— Já não bebo. Agora sou um homem responsável, não soube? Caçaram-me e bem caçado. Rydstrom levantou a taça.

— Felicidades, irmão. — Disse-lhe, aliviado porque ele e sua mulher tinham solucionado seus problemas.

— Por isso não liguei para você. Passei estes dias com minha princesa na casa nova que lhe comprei. Nix me disse que não podia continuar vivendo com Rök em “meu apartamento de solteiro junto à piscina”, não se queria ter Holly.

Rök era um demônio de fumaça, o segundo na horda de Cadeon, e um grande soldado,



exceto pelo fato de que desaparecia constantemente.

— Onde está Rök? Não o vi por aqui.

— Disse-me em tom enigmático que talvez eu não fosse o único que sentasse a cabeça, e logo desapareceu. Não o vi após.

Rydstrom adoraria ver o paquerador do Rök domesticado.

— Quero apresentá-lo a Holly oficialmente. — Disse então Cadeon. — Assim me ocorreu passar e ver se gostava de ter companhia. Mas me dá a impressão que você tem muitas coisas para resolver sozinho.

Não me diga.

— Por que não me conta o que aconteceu enquanto eu... Enquanto eu não estava?

— Está bem.

Com seu entusiasmo habitual, Cadeon contou tudo o que lhe tinha acontecido até chegar ao esconderijo secreto de Groot; explicou-lhe dos pontos de encontro, e lhe falou de todas as vezes que tinham escapado por um fio. Dos confrontos contra zumbis e demônios do fogo.

Mas quando começou a lhe falar de sua recente esposa, sua postura mudou radicalmente. A taça de bebida ficou esquecida na mesa.

— Você e eu já sabíamos que era muito esperta, mas quem ia me dizer o sexy que podia chegar a ser uma matemática?

— Como conseguiu a espada?

— Tive que entregar Holly a Groot. Pensei que se sentiria orgulhoso de mim por ter sido capaz de fazer tal sacrifício pela primeira vez em minha vida. Pensei em você, no reino e em nosso povo. Apesar de tudo, estava decidido a retornar para salvá-la, mas o muito bastardo me preparou uma armadilha...

Depois que seu irmão lhe contou tudo o que tinha acontecido, Rydstrom não podia nem imaginar o doloroso que lhe tinha que ter resultado sustentar o olhar da mulher a que tinha chegado a amar tanto e que, naqueles instantes, deve ter se sentido traída por ele.

Embora Cadeon tivesse tido a intenção de ir salvá-la, Rydstrom não podia assegurar que ele tivesse sido capaz de entregar Sabine.

Cadeon lhe havia dito que, chegado o momento, Holly tinha se posto a chorar.

Meu irmão é muito mais forte que eu. Resultou-lhe muito difícil assumir a verdade, mas Rydstrom necessitava tanto à feiticeira que só de pensar que pudesse estar um dia sem vê-la, suas presas cresciam.

— Holly o perdoou?

— Quase. Mais ou menos. Mas ainda joga isso em minha cara quando se encontra mal. Tomo isso como parte do trabalho de marido.

— Encontra-se mal? Disse-me que já era totalmente imortal.

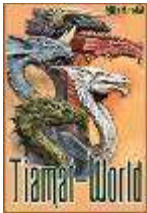
— Sim, mas às vezes vomita, porque, bom, a verdade é que... Merda, Rydstrom, está grávida.

— Vai ser pai? — Que os deuses protegessem o mundo. — Vou ser tio?

— Sim, bom, ficou grávida na primeira vez. Nix me chama Cadeon, “onde põe o olho põe a bala”.

— Nix sempre foi muito sutil. — Um mês atrás, a ideia de que seu irmão tivesse deixado a Vestal grávida o teria inquietado muito. Agora estava absolutamente convencido de que Holly daria a luz ao melhor dos guerreiros.

— Por isso estou sozinho esta noite, porque Nix e Holly foram comprar espadas para bebês, ou algo parecido. — Coçou a cabeça. — A verdade é que espero que tenham dito isso em



brincadeira, mas com as Valquírias nenhuma vez pode estar seguro, não acredita?

— Como se sente ao saber que vai ter um filho?

— Ao princípio fiquei muito contente, porque acreditava que isso significava que Holly tinha que me perdoar. Pensei que tinha conseguido colocar um aliado dentro dela, que me ajudaria a conseguir seu perdão. — Explicou Cadeon com um raciocínio típico de um mercenário. — Logo me inquietei um pouco. Se ela considera que eu a deixo louca, imagine o que farão uns pequenos Cadeon correndo daqui para lá.

— Eu tive experiência de primeira mão com um. E foi mais que suficiente.

Fez-se um incômodo silêncio. Rydstrom agarrou a taça e balbuciou algo com os lábios colados na borda.

— Assegure-se de pôr protetores nas paredes.

— O que disse?

— Nada. — Rydstrom negou com a cabeça.

— Não, vamos, diga-me isso. — Insistiu seu irmão.

— Quando era pequeno e lhe saíram os chifres, ardiam-lhe tanto que foi esfregando por todas as paredes que encontrava. Nylson e eu tínhamos um ataque de risada cada vez que víamos um descascamento. Todos estavam à altura de um metro. Não deixávamos que ninguém os tampasse. — Rydstrom sorriu, até que se deu conta da cara com que Cadeon o olhava. — Por que me olha assim?

— Está falando de mim, e é como... É como se sentisse carinho.

Rydstrom pensou que não tinha nada a perder e decidiu arriscar-se.

— Mandá-lo para longe quase acabou comigo.

— Sei. — Zombou seu irmão. — Por isso me visitava tão pouco.

Tanto ressentimento sentia por ele?

— Ia vê-lo sempre que podia. Ao princípio, no mínimo uma vez à semana. — Ante o olhar incrédulo de Cadeon, acrescentou: — Ia lá para cuidar de você, para me assegurar de que tivesse tudo o que necessitava, mas me mantinha afastado de você porque Mia e Zoë me disseram que era o melhor, já que assim se integraria mais rápido em sua nova família.

— E o que teria parecido a você não me mandar a nenhum lugar para começar?

— Depois que Nylson e nosso pai tinham sido brutalmente assassinados? Só por ter desafiado os costume demoníacos? Quando era pequeno, eu começava a exercer como rei. Acabava de perder a meu irmão mais velho, que era, além disso, meu melhor amigo. E também a meu pai. Acredita que ia colocar a você em perigo também? Não podia nem suportar a ideia de pensar que alguém pudesse machucá-lo. Estive tentado de pegá-lo e a nossas irmãs e partir com vocês para começar uma nova vida em outra parte.

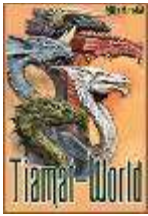
Cadeon ficou boquiaberto.

— Pensou em renunciar à coroa?

— Se tivesse havido um substituto adequado, sim. E, bom, de todos os modos, anos depois terminei por perder o reino para as mãos de um psicopata assassino. Estava acostumado a me perguntar se tinha lutado o suficiente, se tinha me rendido com muita facilidade. O sentimento de culpa era implacável, é implacável.

— Mas a coroa era tudo para você. Por isso me odiou durante todos estes anos.

— Eu nunca o odiei. E a coroa não teve nada a ver com como o tratei. — Ao ver que o outro arqueava as sobrancelhas, Rydstrom retificou: — Está bem, mas só em parte. Estava zangado com você pelo modo em que vivia a vida. Foi um egoísta e nunca nada nem ninguém o importava o mais mínimo. — Sabia que Cadeon não ia discutir isso. — Sabine me contou que se tivesse



retornado a Tornin teria morrido. Omort tinha quinhentos soldados esperando você.

— A feiticeira te contou isso?

— Disse-me que queria me ajudar a limar asperezas entre você e eu.

— É todo um detalhe, vindo de uma bruxa malvada.

— Meça suas palavras, irmãozinho, essa mulher se converterá em sua rainha.

Justo quando Rydstrom acreditava que já iam voltar para os velhos beligerantes costumes, Cadeon levantou as mãos.

— Tem razão. Sinto muito. Mas não se esqueça de que ela foi um dos motivos pelos quais entreguei Holly a Groot. Pensei que, se conseguisse a espada, poderia ir a Tornin para salvá-lo. Carcomia-me por dentro pensar que estava detento nessa cela. Nix me disse que a feiticeira ia... utilizá-lo.

E o tinha feito.

— Terminou com isso.— Comentou Cadeon, assinalando a garrafa vazia com o queixo. — E isso é algo que não acreditei chegar a ver jamais. Assim, está preparado para me contar o que aconteceu com você?

Rydstrom soltou o ar que estava retendo nos pulmões e logo contou a Cadeon toda a história, excetuando a parte do falso juramento.

— No que se refere a ela, — Terminou a confissão. — não estou fazendo tantos progressos como eu gostaria. E só ficam dois dias.

— Olhe, sei que sou a última pessoa a quem pediria conselho, mas isto do amor não pode forçar-se. Não pode fazer que ela o ame.

— Então, o que você faria?

— Já sabe, tenha detalhes. Compre coisas. Pense no que de verdade gosta, no que a faz feliz, e dê a ela. Já verá como a conquistará. E se com isso não basta, sempre poderia cortar seus chifres. As garotas costumam agradecê-lo.

Rydstrom levantou a vista e viu que, efetivamente, Cadeon tinha cortado os seus.

— Por que diabos fez algo assim?

— Holly queria ter uma vida normal, assim tentei de lhe dar o máximo de normalidade possível. Mas por sorte me proibiu que volte a tocar meus “lindos e atraentes chifres”. E logo me disse tudo o que ia fazer com eles quando voltassem a crescer. Por todos os deuses, irmão, essa Valquíria me deixa louco. — De repente, Cadeon ficou pensativo. — Um momento, disse-me que Sabine ia converter-se em minha rainha? E que diabos é agora?

Uma mulher enganada.

Uma tormenta estava se formando no exterior da casa e outra no interior.

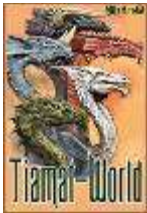
Rydstrom ia confessar a Sabine que o juramento que tinha prestado a ela tinha sido uma farsa. Com o coração em um punho subiu a escada que conduzia a seu quarto, e deixou Cadeon a sós para que terminasse sua bebida.

Com tudo o que Rydstrom se esforçou para ganhar confiança da feiticeira, agora ia destruí-la de um só golpe, mas não tinha alternativa. Cada vez que ela o chamava “meu marido”, ele sentia uma pontada no coração.

Sentou-se a seu lado na cama.

— Sabine, tenho que te confessar uma coisa.

Ela não respondeu, não se voltou para ele, mas esticou os ombros, lhe indicando com isso



que estava acordada.

— O único que te peço é que tente me entender. Acredita que poderá fazer isso?

Nenhuma resposta. Colocou-lhe uma mão no ombro e a voltou para ele para olhá-la.

Sabine abriu os olhos.

Tinha-os cheios de sangue.

— O que é isto? Feiticeira, o que está acontecendo?

— Já... Está aqui. — Arrastou cada palavra. Tinha a pele como cera.

Rydstrom a agarrou nos braços, o coração de Sabine pulsava a mil por hora.

Quando começaram a lhe sangrar o nariz e as orelhas, a dor mais intensa que jamais sentiu rasgou Rydstrom.

— Por todos os deuses, o que está acontecendo com você? Diga-me isso, cwena!

— Veneno. — Balbuciou ela.

— Do que está falando? Como? Quem fez isso com você?

Doía-lhe tanto as costas que se segurou à camisa de Rydstrom com todas suas forças. Ao lhe vir um acesso de tosse manchou sua camisa de sangue.

Tenho que conseguir ajuda...

— Cadeon! — Gritou Rydstrom.

Seu irmão subiu a escada a toda velocidade e entrou no quarto com a espada na mão.

— Que diabos é isto?

— Sabine está doente. Onde está Nix?

— Irei procurá-la.

— Faça isso, e se reúna comigo no sabá das bruxas.

— Nãããooo! — Gritou ela, movendo-se nervosa entre os braços de Rydstrom. — Não...

Sabá.

— Tranquila, querida, ficaremos aqui. Tranquila... — Dirigiu-se a Cadeon e lhe disse: — Traga Nix aqui. Se não puder encontrá-la, então vá em busca de Mariketa, a Esperada. Ou a duende Tera. Ela sabe sobre venenos.

Cadeon saiu de lá sem sequer despedir-se. Rydstrom ouviu como se fechava a porta da casa e, ato seguido, o quatro por quatro de seu irmão ficou em marcha.

Colocou uma mão na bochecha da feiticeira e a retirou confuso ao notar que uma pontada de dor lhe atravessava todo o corpo. Tinha sido como tocar uma chama, a única diferença era que tanto a camisola dela como os lençóis estavam gelados.

— Aguarde, Sabine, faça isso por mim. Em seguida virá alguém nos ajudar.

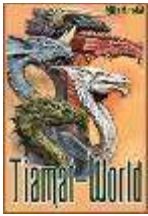
A dor a estava rasgando por dentro, retorcendo seus músculos. O amargo sabor de sangue alagava sua garganta. *É como se milhares de espadas estivessem cortando minhas veias, e cravando-se em meu coração ao mesmo tempo.*

Rydstrom continuava lhe perguntando o que acontecia com ela, olhando horrorizado tudo aquele sangue, embalando-a em seus braços.

Ela gemeu de angústia e fechou os olhos. Equivocou-se. Não tinha nenhuma possibilidade de sobreviver àquilo. Tinha sido tão estúpida, tão arrogante ao acreditar que poderia superá-lo...

E agora estava pagando as consequências. *A não ser que Rydstrom seja capaz de fazer o que se deve fazer.*

Enroscou-se sobre si mesma ao notar que a sacudia outra onda daquela dor atroz. Sua



mente estava saturada de visões de si mesma tomando o veneno. Sim, esvaziava copo detrás de copo... Colocava os amargos grânulos negros sobre a língua e os engolia inteiros.

Ah, por todos os deuses! Poderia envenenar Rydstrom sem querer através da pele, do sangue. *Tenho que adverti-lo.*

— Não... Não me toque.

— Sabine, tenho que levá-la para que alguém a veja.

Ela negou com a cabeça com veemência.

— Ninguém daqui... Pode me ajudar.

Sobreveio-lhe outro acesso de dor. Uma agonia sobrenatural... Indescritível.

Sabine abriu os olhos ao notar que o frenético batimento de seu coração se detinha.

Seus olhares se encontraram.

— Cwena?— Disse Rydstrom sobressaltado. — Seu... Coração.

Ponto final. Sua mente ficou em branco. As pálpebras se fecharam.

O dilacerador grito do demônio retumbou no quarto.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Seu fodido coração parou... Quase morre.

Rydstrom jamais esqueceria o que sentiu quando voltou a ouvir o primeiro fraco pulsado do obstinado coração da feiticeira, lutando para seguir adiante.

Sentou-se com as costas apoiada na cabeceira, segurando-a em seus braços, balançando-a enquanto ambos suavam de dor.

— Estou com você, amor. Estou com você. — Murmurou-lhe quando ela gemeu.

Cada vez que a tocava, Rydstrom sentia como o sofrimento emanava de sua pele, assim continuamente acariciava sua testa e a face com a palma da mão, com a esperança de aliviá-la.

Havia tormenta, e os raios caíam ao redor da casa, cada trovão ressoava nos vidros. Com o brilho de cada relâmpago, o rosto de Sabine parecia ainda mais mortalmente pálido.

Meia hora antes, quando Cadeon entrou com Nix no dormitório, o olhar da Valquíria se cravou no rosto do demônio, como se tentasse avaliar sua prudência. Seus chifres estavam erguidos, e sabia que tinha os olhos negros, mas seguia aguentando.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou. — Quão único Cadeon me disse foi: deseja ou alguma vez desejou assistir a uma cena do Exorcista em pessoa?

— Está doente. — Respondeu Rydstrom. — Disse-me que era por um veneno. Você sabe de venenos. Diga-me o que devo fazer

Na escuridão do quarto, uma procissão de leves miragens começaram a aparecer, enquanto a feiticeira balbuciava.

Nix se aproximou da cama e inclinou a cabeça.

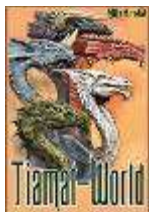
— Tem os lábios azuis. — Agarrou o braço de Sabine e o levantou.

Ao inspecionar a pálida pele, viu uma irregular ferida vermelha, como uma queimadura. Seguiu por todo o braço até a palma, onde formava um X.

A Valquíria soltou o braço de repente e esfregou a mão nas calças.

— Foi condenada.

— Condenada? De que merda está falando?



— Isto é morsus, o veneno mais cruel, porque causa uma dor horrorosa quando se deixa de tomar. Seguro que Sabine tomava uma dose com frequência para mantê-lo a raia.

— Ah, por todos os deuses, ela tentou voltar para o Omort faz dias. E eu... Não a deixei.

— Então ele é quem lhe fez isto. Tem sentido que o utilizasse para tê-la controlada todos estes anos.

— E o que acontecerá com ela?

— Tocou sua pele? Sentiu sua dor? — Ao ver o demônio assentir, disse: — Pois percebeu um por cento do que ela está sentindo nestes momentos. Supõe-se que não há pior agonia. É como se a tivesse escaldado, e a estivessem apunhalando ao mesmo tempo, enquanto lhe arrancam a pele com pinças. Demônio, isto irá piorar mil vezes. A dor será tão grande que certamente seu corpo entrará em um estado de choque tão intenso que seu coração parará.

— Já o tem feito! — Inalou profundamente, tentando acalmar-se. — O que posso fazer?

Nix negou com a cabeça causar pena.

— Não pode fazer absolutamente nada. A única pessoa que pode salvá-la é a que em seu dia a envenenou. Rydstrom, tem que se preparar. Sabine terá um ataque do coração atrás de outro até que...

— Não! Não, alguém tem que poder ajudá-la. — Interrompeu ele com a voz quebrada. — Tera, Mariketa...

— Só lhe confirmarão o que eu disse.

— E quanto à irmã de Sabine? Ela a salvou antes!

— Ah, Melanthe, a potencial Rainha da Persuasão. Curar outra pessoa é um dos processos mais difíceis de levar a cabo. E seu poder é fraco, só se manifesta imprevisivelmente, quando tem ataques de pânico.

Rydstrom apoiou a testa contra a de Sabine, desesperado para tirar aquela dor de dentro dela.

— Tem que haver algo que eu possa fazer. — Levantou o olhar para a Valquíria, sem envergonhar-se de estar suplicando. — Nix, por favor...

— Sim, há algo que deve fazer, Rydstrom, se é que ela importa alguma coisa a você. — Disse. — Tem que matá-la.

Entre febris ondas de agonia, Sabine ouviu que o demônio lhe falava.

Com uma voz profunda, suplicava-lhe:

— Cwena, não se dê por vencida. — Rogava-lhe. — O que vou fazer sem você? Não pode me deixar assim! Seguirei você até a maldita tumba, Sabine.

Quando ela teve o seguinte acesso, ele rugiu com toda sua dor e sua confusão, abraçando-a com força, até que seus gritos remeteram...

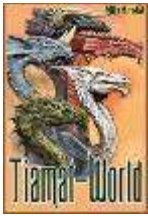
Às vezes, Sabine ouvia outras vozes. Cadeon estava frequentemente por ali. Duas mulheres chegaram e se foram.

Agora percebia o demônio sentado a seu lado na cama, tocando seu cabelo. Mas outra onda começava a formar-se... A aproximar-se... E cada uma era pior que a anterior.

— Rydstrom...

— Estou aqui, Sabine. — Beijou-lhe a palma da mão, e acariciou seu rosto com o seu. — Estou aqui mesmo.

— Mate-me. — Suplicou-lhe enquanto a dor residual abrasava todo seu corpo. — Por



favor...

— Nunca! — Respondeu ele com uns frenéticos e intensos olhos completamente negros.

— Diz que... Que se importa comigo. — Sussurrou. — Mas se fosse assim... Faria-o.

— Você não só me importa, maldita seja! Estou apaixonado por você, Sabine. Amo você.

Disse-me que a necessitava. E preciso de você. — Confessou desesperado. — Admito-o sem disfarces. — Agarrou-lhe o rosto entre as mãos e apertou os dentes pela própria dor do contato.

— Lutaremos contra isto juntos.

— Me... Ama? — Ela já sabia; havia-o sentido cada minuto que tinha estado com ele. Mas o ouvir dizer...

— Ah, por todos os deuses, cwená. Tem meu coração. Todo o meu é seu. Só se cure. Não sinta mais dor.

— Então, deixe-me ir. — Úmidas mechas rodeavam a pálida face da feiticeira. — Por favor... Estou suplicando isso...

Ele não podia escutar essas palavras. Não podia nem imaginar a dor que tinha que sentir para chegar a dizê-las...

Voltou a ter um acesso. Arqueou as costas e lhe saiu mais sangue por um canto da boca enquanto gritava de dor uma e outra vez. Nix e Cadeon entraram justo quando o corpo de Sabine desabava sem vida.

Tinha os olhos abertos, mas olhavam ao vazio.

— Não respira, demônio. — Disse Nix. — Foi-se.

— Não! — Bramou ele, agarrando Sabine pelos ombros e sacudindo-a.

— Rydstrom! — Cadeon lhe agarrou o braço. — Foi-se, irmão. Ela quer que a deixe partir.

— Nunca! — Continuou sacudindo-a. — Volte para mim, feiticeira!

Os olhos dela se moveram, seus músculos visivelmente doloridos.

Viva.

— Não... Não mais. — Balbuciou Sabine, desesperada ao dar-se conta de que não tinha morrido. Lançou a Rydstrom um olhar sentindo-se traída e seguidamente caiu inconsciente em seus braços.

— Só a salvou até que volte a ter outra recaída — Disse Nix. — Demônio, a próxima vez, tem que deixar que se vá.

Não, nem pensar.

— Não haverá próxima vez. — Entrecerrou os olhos olhando a Valquíria. — Sabia que isto ia acontecer. Sabia faz muitos dias, quando me perguntou se tivesse que escolher, o que escolheria: meu reino ou minha rainha. E o perguntou por um motivo. Tenho que sacrificar um para salvar o outro.

— Então respondeu “meu reino” sem vacilar nem um instante. Fez-me graça.

— Um momento, um momento. — Disse Cadeon. — De que caralho estão falando?

Rydstrom perguntou a Nix:

— Como posso chegar a Tornin esta mesma noite?

— Uh... Já me encarreguei disso.

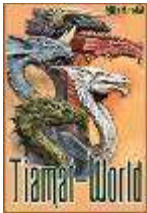
— Se já viu tudo, me diga: Sabine viverá?

Nix olhou ao teto, e logo voltou a olhá-lo.

— Não sei nada dela. Mas seria melhor que falasse com seu sucessor e lhe explicasse o que está a ponto de acontecer.

Rydstrom assentiu, aceitando a morte... Ou algo pior.

— Sim, isso, me diga que diabos está acontecendo! — Interveio Cadeon.



— Vou procurar Omort, pelo antídoto. É provável que esta vez o bruxo consiga me matar. Cade, você é meu herdeiro. Nix disse que esta era minha última oportunidade para reclamar o trono, mas ela nunca disse que você não teria possibilidades de fazê-lo.

— O que... Diz? — Gritou Cadeon. — Nem pensar! De maneira nenhuma!

— É o que vai acontecer. — Respondeu Rydstrom. — Não estava lhe perguntando isso: estava informando.

— Bem, então, convertamos esta desgraça em uma oportunidade. — Disse Cadeon, tentando controlar seu gênio. — Não pode entrar ali sem um plano de ataque.

— Disse-me que Groot derrubou seus bloqueios mentais como se os golpeasse com uma lança. Omort solicitará que deixe a mente aberta para me explorar. Devo estar totalmente livre de qualquer conspiração, ou porei Sabine em risco.

Seu irmão passou as mãos pela cara.

— Se o fizer assim, estará se suicidando.

— Sei. Mas se assim posso salvá-la desta dor... — *Então minha vida terá valido a pena.*

— Nix! Diga a Rydstrom que isso é uma missão suicida.

A Valquíria suspirou.

— Se quer converter-se em mártir, quem somos nós para impedi-lo?

— Não deixarei que o faça!

— Já está feito. — O interrompeu Rydstrom. — Nix, me diga como posso chegar a Tornin.

— Seu meio de transporte para lá está já a caminho de Nova Orleans. E vem muito irritado.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

— Como vai com Mike Rowe? — Perguntou uma voz feminina.

Sabine ia recuperando gradualmente a consciência, presa de novas ondas de dor, na angustiante pausa entre a lembrança da agonia e a antecipação da mesma.

— Mike Rowe? De quem está falando, Holly? — Respondeu outra voz deste modo feminino.

É Nix a que está falando? Sim. O que está fazendo em meu sonho? Ou estou acordada?

— O ator? — Perguntou Holly lentamente. — O do Dirty Jobs. Que pôs uma ordem de afastamento contra você?

Uma pausa, e então Nix disse:

— Ah! Sim, bom, Mikey e eu rompemos depois que ele conseguiu me chatear.

— A semana depois de que eu a vi?

— Sim, a última noite, se não recordar mal. — Disse a Valquíria. — Era bastante ágil para ser um humano, e muito tentador. Mas tive que do esquecer número de telefone que me deu.

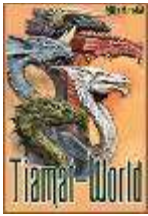
Como se não pudesse evitar, Holly perguntou:

— E como é isso?

— Porque me lembrei de que sou uma puta.

Sabine piscou ao ver a cena e olhou dissimuladamente para Nix que estava sentada em uma das cadeiras do quarto. Sabine olhou a camiseta da Valquíria. Dizia: "NASCIDA PARA FLORESCEM, FLORESCEM PARA MORRER - G. S."

A outra mulher, a tal Holly, usava óculos e parecia afetada. E, por isso lhe parecia estava...



Dobrando roupa?

— Além disso, — Prosseguiu Nîx. — tinha que romper com o Mikey porque deixo a cidade.

— O que quer dizer com isso? — Perguntou Holly, dobrando e redobrando a mesma toalha. — Ainda não me instalei neste mundo, e você já vai... Outra vez?

— Cadeon pode ensiná-la o que quiser ver.

— Aonde tem que ir que é tão importante para que me deixe aqui na mão?

— A tia Nîx vai tirar umas férias. Dirijo-me a Budapeste, para investigar esse grupo de guerreiros imortais. — Explicou. — Chamam-nos de os Senhores do Submundo. Se isso não te der vontade de ter uma transa... — Grunhiu e levantou as garras. — Seja como for, supõe-se que são muito sexys.

— E quando diz investigar, refere-se realmente a se atirar neles.

A Valquíria fez um som zombador.

— Holly, de que outra maneira se pode investigar a um homem? Sério.

Esta fez um som com a boca antes de falar, mas Nîx se adiantou.

— Entre nós: se puderem com o que Nîxanator vai dar, possivelmente não parta nunca dali... — Seu olhar perdida se fixou na cama, e os olhos se abriram como pratos. — Está acordada.

Aproximou-se do leito com Holly atrás.

— Lembra-se de mim? Nîx, a Que Tudo sabe? Esta é minha sobrinha, Holly. — Assinalou à bonita loira, que lhe fez uma leve saudação. — É a mulher de Cadeon.

A Valquíria aproximou um copo de água aos seus lábios, mas Sabine se voltou para soltar com dificuldade umas palavras:

— Onde... Está... Rydstrom?

— Finalmente conseguimos que se fosse de seu lado. Nós a vigiaremos esta noite. Rydstrom, Cadeon e milhares de demônios saíram para procurar a sua irmã, para assim poder penetrar em seu portal. — Riu de repente. — Sinto muito, esta não é uma situação graciosa, mas isso de “penetrar em seu portal” soa um pouco obsceno.

Holly girou os olhos.

— Trará Lanthe aqui. — Continuou Nîx. — E então tem intenção de levá-la até Omort e suplicar o antídoto.

O coração de Sabine fez uma ameaça de parar... Mas dessa vez de emoção.

— Não pode... Seguir com isso!

Nîx disse:

— Decidiu sacrificar-se por você.

— Omort o matará desta vez... Lerá sua mente... Descobrirá qualquer plano que tenha para atacá-lo...

— Não haverá nenhum plano. — Respondeu Nîx, tranquila. — O demônio considera que é uma viagem só de ida, feiticeira.

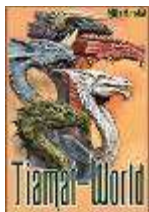
Sabine negou com a cabeça veementemente.

— Não pode... Deixar que... Faça isso!

— Tente parar um demônio de mais de dois metros que está desesperadamente apaixonado.

— Nîx. — Murmurou Holly. — Sabine precisa de lençóis limpos. Estes estão sujos de tanto sangue... Sangue... — Tampou a boca com uma mão, com a cara cada vez mais pálida.

— Volta a ter vontades de vomitar? — Perguntou-lhe sua tia. Quando Holly saiu correndo do quarto, gritou: — Por todos os deuses! Que maneira de roubar o protagonismo de Sabine! — E dirigindo-se à feiticeira, disse: — Agora mesmo volto. Grita se necessitar algo. — Quando a



Valquíria chegou à porta, Sabine a ouviu murmurar: — Penetrar em seu portal. Vou colocar isso em uma camiseta.

Deitou-se, tremendo e aturdida. Rydstrom tinha planejado sacrificar tudo por ela.

Ocorreu-lhe uma ideia, uma conspiração. Funcionaria? Tinha pouco tempo antes que lhe chegasse outro ataque... Ficava suficiente força?

Encontraria-as porque, se ele estava disposto a salvá-la, ela ia protegê-lo. Ou, no mínimo, lhe dar os meios para que se protegesse.

Apertando os dentes, deixou-se cair da cama, desabando-se no denso tapete. Podia ouvir Holly vomitando no banheiro de convidados e Nix lhe jogando água pela cabeça. A Sabine não ficavam forças para ocultar-se atrás de uma miragem, mas enquanto as ouvisse, tudo estaria livre.

Arrastou-se pelo chão, cravando às vezes as unhas para poder arrastar a si mesma. Quando por fim chegou ao corredor, este lhe pareceu interminável, e a distância até o escritório, impossível.

Estou tão fraca... Mas se armou de coragem e aguentou a dor. Um cotovelo diante do outro, as pernas inúteis detrás dela.

Escutando em todo momento a Valquíria, arrastando-se, arrastando-se. Só o amor que sentia pelo demônio a permitia continuar.

Cuspiu saliva, sufocou um espasmo de tosse, moveu-se outro metro. Só alguns mais até chegar à porta de seu escritório... E, finalmente, esteve dentro.

Aproximou-se da armaria! Com muito esforço, levantou a cabeça para olhar o cadeado de combinação que tinha que alcançar. De onde estava, no chão, parecia-lhe tão longe como a lua.

Rydstrom morrerá se não fizer isto!

Com essa ideia em mente, cambaleou-se até ficar de joelhos, e logo se levantou insegura até ficar em pé. *Tenho que chegar.* Esteve a ponto de desabar-se. *Não posso... Não posso fazê-lo.*

Uma sombra apareceu por detrás dela. Girou a cabeça e amaldiçoou ao destino por ter permitido que Nix a descobrisse.

— Necessita algo, feiticeira? Hummm? — Levava uns lençóis sobre o ombro e estava brincando com algo que tinha no bolso. Uma arma? — Possivelmente deseja um paracetamol?

Sabine tinha vontade de chorar.

— O que... O que... Quer? — *Tinha estado tão perto!* Justo nesse momento se ouviu a porta principal abrir-se e a Valquíria disse:

— Rydstrom voltou com sua irmã.

Já tinha retornado?

— Nix... Eu... Necessito...

— E está a ponto de encontrá-la fora da cama...

— Sabine! — A voz de Rydstrom retumbou por toda a casa.

Ela estava a ponto de ter outro ataque e quase desmaiou no chão, aturdida.

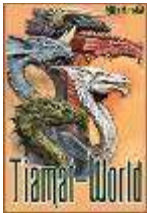
— Quer a espada, feiticeira? É isso o que veio procurar?

Sem forças, Sabine assentiu fracamente a modo de resposta.

A Valquíria tirou uma seringa gigante do bolso, e a sustentou apontando para cima, enquanto Sabine a olhava surpreendida. Nix piscou um par de vezes, como se não soubesse de onde tinha saído aquilo.

Coçou a cabeça com a mão que tinha livre.

— Ah! — Sorriu, com a face iluminada ao recordar. — Já sabia eu que esta noite tinha vindo aqui para fazer algo: ou cravava isto no seu coração ou jogava Wii um momento. E me esqueci do Wii!



Então deu de ombros... E afundou a seringa no coração da feiticeira.

Com olhar enlouquecido, Sabine inspirou, desesperada por agarrar ar, agarrando-se à seringa que tinha cravada no peito, olhando como Nix tentava descobrir a combinação do armário onde Rydstrom guardava as armas.

— A adrenalina a manterá consciente durante uns minutos, mas não muitos.

Justo quando o corpo de Sabine começava a recuperar um pouco de energia, a Valquíria abriu a armaria e assobiou ao ver a espada.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

O pânico se apoderou de Rydstrom ao entrar no quarto e começou a chamar Sabine a gritos.

— Você perdeu a minha irmã? — Perguntou Lanthe furiosa, seguindo-o.

Ele voltou a respirar quando viu Nix no alto da escada, com Sabine nos braços. A Valquíria o olhou surpreendida.

— O que acontece? É que acaso a feiticeira não pode ir nem retocar a maquiagem?

Rydstrom estava a ponto de arrancar Sabine de seus braços quando esta o deteve.

— Vá com cuidado, demônio. Dói-lhe muito. Não a aperte muito.

Ele assentiu e a colheu com muita delicadeza, quase embalando-a. Sabine o olhou nos olhos.

— Rydstrom, por favor, não...

— Basta já de queixa. — A interrompeu Nix. — Ele quer segurá-la nos braços. Considere-se afortunada, feiticeira.

— Ah, por todos os deuses, Abie! — Lanthe correu a seu lado. Sabine levantou uma mão para acariciar a sua irmã, mas em seguida a afastou, para não correr o risco de lhe passar o veneno.

— Lanthe... Fica comigo... Não faça caso de Omort.

A jovem negou com a cabeça.

— Ele me obrigará a ir.

— Você pode ser... Muito... Persuasiva.

Por algum motivo, Lanthe abriu os olhos como pratos, mas Rydstrom não teve tempo de analisar sua reação, pois Sabine estava a ponto de sofrer outro ataque. Notou como se esticava em seus braços e fechava os olhos com força.

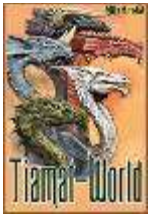
— Lanthe, não temos tempo a perder. — Disse o demônio. Tinham perdido várias horas procurando-a, antes de encontrá-la rondando pelas ruas, esperando Sabine. — Partimos por volta do portal agora mesmo.

Na porta principal, Cadeon o estava esperando com Holly a seu lado. Rydstrom só a tinha encontrado com ela uma vez, e o tranquilizou ver que ela o olhava com preocupação e carinho no olhar.

Cadeon deu uns passos para bloquear sua saída.

— Deixe que a irmã da feiticeira a leve. Não há nenhum motivo pelo qual você tenha que correr tal risco.

— Não penso me separar de Sabine. — Respondeu ele.



— Meus homens se reunirão aqui comigo dentro de uns minutos. Iremos atrás de você.

De repente, Rydstrom se deu conta de que possivelmente, depois daquilo, não voltaria a ver seu irmão.

— Não, Cade. A missão desta noite não é essa. — Disse-lhe muito sério. — Você pode retomar a luta no futuro.

— Tudo isto poderia ser uma armadilha; a feiticeira pode fazer que a gente veja coisas. Está capturando-o para entregá-lo a Omort. Outra vez!

— Está morrendo! — Gritou Lanthe. — Não cheira o sangue?

Cadeon não lhe fez nem caso.

— Rydstrom, me dê a combinação da armaria. Utilizarei a espada esta mesma noite! — Ante a firme expressão de seu irmão, disse: — Então a leve com você. Esconde-a...

— Não funcionará. — Interveio Nix, impaciente. — Omort saberá se Rydstrom está ocultando algo.

— Tem que haver outro modo. — Cadeon negou com a cabeça, abatido.

— Ponha-se em meu lugar. — Disse Rydstrom. — Imagine que fosse Holly a que estivesse a ponto de morrer com esta agonia.

Ao ouvir isso, seu irmão apertou a mandíbula, soltou uma maldição e se fez a um lado, golpeando a parede com o antebraço de tão frustrado como se sentia.

— Será um grande rei. — Disse-lhe Rydstrom antes de sair.

Cade o olhou com lágrimas nos olhos.

— Não quero ser o rei, merda! E não quero perdê-lo justo agora que as coisas... Justo quando já não me odeia.

— Nunca o odiei. — Insistiu Rydstrom, emocionado. — Amo você, irmão. E me sinto muito orgulhoso de ver no que se converteu.

Com Sabine nos braços e Lanthe colada a seus tornozelos, Rydstrom saiu do portal e apareceu no meio da corte de Tornin.

Imediatamente viu Omort sentado no trono.

— O que é tudo isto, Melanthe? — Perguntou o bruxo.

O castelo estava quase vazio e ainda mais repugnante que a vez anterior. Os cadáveres se amontoavam por toda parte, o fedor e as moscas eram insuportáveis. Os zumbis seguiam vigiando as muralhas.

Rydstrom se obrigou a não fixar-se em nada de tudo aquilo; só lhe importava uma coisa. Sem titubear um segundo se dirigiu para o estrado. Sabine se moveu nervosa, e apertou os dedos por causa da dor.

Omort o deteve com um movimento da mão, imobilizando-o onde estava.

— O demônio veio para ver-me? — Sorriu. Tinha os olhos de um louco maníaco. Dirigiu-se a Lanthe: — Você, vá embora daqui! Agora mesmo!

— Irmão, olhe para ela! — Suplicou Lanthe. — Está morrendo. Não posso deixá-la assim! Por favor!

— Seu coração já parou. — Disse Rydstrom. — Morrerá em questão de minutos...

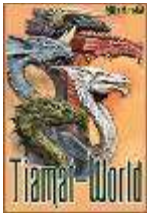
Do trono, Omort se inclinou para frente.

— Abre sua mente, demônio! Faça isso já!

Rydstrom o fez, desejando que o feiticeiro visse a verdade... Que quão único queria era que Sabine se curasse.

— Disseram-me que tem o antídoto que pode curá-la. Isso é quão único procuro.

— De verdade não tem nenhum outro plano? Sei que não me engana. Quão único quer é



que sua mulher fique bem porque está apaixonado por ela. — Riu com amargura. — Não poderia ter encontrado melhor castigo para você, amar Sabine só trouxe desgraça.

— Se a quiser, tem que ajudá-la...

— Um momento... Há algo mais em sua mente. Sabine, abre os olhos. — Depois de uns instantes, a feiticeira piscou e obedeceu. — O único que jurou que jamais o faria a traiu. O demônio a enganou. Não estão casados. Mentiou sobre o juramento. Em vez de jurar que a protegeria, jurou que a machucaria.

Ela, com lágrimas de sangue nos olhos, levantou o olhar e olhou para Rydstrom.

— Pelo seu aspecto, irmãzinha, diria-se que cumpriu sua promessa. — Acrescentou o bruxo.

Rydstrom não o estava negando.

Não! Não! Ela queria ser sua esposa... E não o era? O demônio lhe tinha mentido? Concentre-se, Sabine!

Mais tarde já enfrentaria a tristeza, naquele momento tinha que seguir adiante com seu plano. Quando lhe passasse o efeito da injeção não poderia seguir aguentando a dor por muito tempo.

Sabia que esse ataque seria o último...

Omort seguiu falando.

— A verdade é que o fato de que tenha traído Sabine é do mais apropriado, demônio; ao fim e ao cabo, ela tinha intenção de matar a seu filho. A seu próprio filho. Não é assim, irmã? Ela e eu tínhamos planejado entregá-lo ao Poço e assim desencadear seu poder. Por isso se esforçou tanto em seduzi-lo.

— Não acredito em você. — Respondeu Rydstrom. — E jamais poderá me convencer de nada do que está dizendo.

— Omort, podemos deixar isto para mais tarde. — Interveio Lanthe. — Sabine necessita o morsus agora mesmo!

— O darei quando o demônio estiver morto e você vá embora daqui! Vá antes que eu a mate.

Ela deixou de chorar e o olhou gélida.

— Não. — Disse.

— O que disse? — Cada uma das palavras do bruxo destilava malícia.

— Disse que... Não... Faça... Bruxaria.

Ao ouvir a ordem de Lanthe, Sabine suplicou em silêncio que funcionasse. Tudo dependia disso.

Ficou tão surpreendida como Omort ao ver que este levantava as mãos para castigar Lanthe sem que nada saísse de suas palmas.

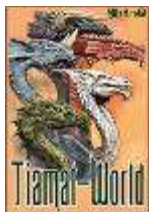
Rydstrom se esticou com ela nos braços.

— O que é isto? — Gritou Omort com uma veia pulsando na testa. Os olhos se obscureceram até adquirir uma cor amarelo metálico e se encaminhou furioso para sua irmã. — Arderá por isso, Melanthe!

— Não se aproxime mais de mim.

Ele se deteve de repente e ficou atônito, olhando-a.

— Guardas! — Gritou, para que os estúpidos zumbis o ajudasse. Estes foram se



aproximando devagar, e os rodearam com as espadas em alto.

Lanthe se dirigiu a eles com voz firme lhes dizendo:

— Briguem uns contra outros, e não contra nós.

Quando os zumbis começaram a fazê-lo, Lanthe correu para as portas da corte e as trancou para ganhar tempo.

Essa é minha irmã, pensou Sabine.

— Não! — Gritou Omort. — Demônios! — Chamou então.

— Não peça que venham! — Disse Lanthe, e Omort se calou imediatamente.

Mas Sabine notou que com essa ordem, o poder de sua irmã havia tornado a esgotar-se.

Rydstrom ficou estático quando a feiticeira lhe sussurrou:

— Tenho algo para você, demônio. — E se afastou os lençóis com que Nix a tinha envolto, lhe mostrando a espada que tinha colada ao corpo.

Sabine recordou a cena com a valquíria:

— Por que faz isto? Por seu exército ou por Rydstrom? — Tinha-lhe perguntado enquanto estavam sozinhas.

— Talvez o esteja fazendo por você. — Respondeu-lhe Nix.

— Sabine. — Balbuciou Rydstrom. — Eu, não... Não está doente?

— Sim, mas Nix me pôs uma injeção para... Para que tivesse as forças necessárias para te dar isto. Mas está me passando o efeito. Tem que usá-la para matar Omort.

— E quem te dará o antídoto?

— A Bruxa... Ela me ajudará... Mas só se ele morrer. Não fica muito tempo, Rydstrom. Os poderes de Lanthe são fracos... Hettiah pode entrar e anular suas ordens.

— Então, se lutar com Omort a estarei pondo em perigo. Não temos tempo suficiente.

— Pode fazê-lo. Tem que fazê-lo. O destrua para sempre. É seu direito...

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Tudo isto foi uma montagem?

Sabine o tinha advertido em repetidas ocasiões. *Eu sempre tenho um plano.* — Dizia. — *Comigo, nada é o que parece.*

Por fim tinha a oportunidade de matar Omort, e enquanto agarrava a espada que lhe oferecia, o único no que podia pensar era em se ela teria fingido seus sentimentos por ele.

Não. Conhecia aquela mulher e, no mais profundo de sua alma sabia que ela também o amava.

— Sabine...

— Primeiro o mate... Já falaremos mais tarde. Por favor.

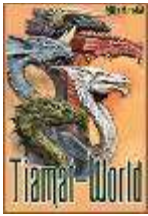
Rydstrom assentiu e logo se voltou para Lanthe.

— Venha, pegue Sabine.

Melanthe correu para ali e agarrou a sua irmã nos braços.

— Se tiver recuperado seus poderes, então a cure. — Disse Rydstrom.

— Estou seca, demônio. Não fica nenhuma gota. Não posso ajudá-la, não poderei deter os demônios do fogo se conseguirem derrubar a porta, e tampouco poderei imobilizar Omort para que possa decapitá-lo. Proibi-lhe que usasse bruxaria, mas ainda pode lutar contra você.



Rydstrom agarrou a espada e a levantou disposto a matar o feiticeiro. Os amarelados olhos deste se exageraram ao ver a arma.

— Como isso conseguiu entrar aqui? Sabine? — Durante uns segundos pareceu desolado, mas logo recuperou seu olhar de louco. — Obrigou-a a fazê-lo. — Disse a Rydstrom. — Ela jamais me trairia por vontade própria.

E desembainhou uma espada com uma folha mística de fogo concentrado.

— Inclusive sem minha bruxaria posso cortar sua cabeça! Estou ansioso para me enfrentar de novo com você, e desta vez lutarei por ela.

E eu também.

— Em qualquer outra circunstância, eu adoraria ir matando-o pouco a pouco e saborear a cada segundo de sua morte. — Respondeu o demônio avançando para ele. — Mas por muito que tenha desejado este momento, agora não tenho tempo. — Jamais teria imaginado que não enfrentaria Omort para recuperar sua coroa, mas sim para salvar a vida da mulher que amava.

Ambos os competidores começaram a descrever círculos um frente ao outro. O bruxo foi o primeiro em atacar, mas Rydstrom se defendeu sem problemas e sua espada fez que a do feiticeiro soltasse faíscas.

— É verdade que meu irmão Groot forjou essa espada. — Disse Omort. — A minha está acostumada a partir todas em duas. — Equilibrou-se de novo sobre ele a uma velocidade sobre-humana.

Rydstrom bloqueou de novo o ataque. Omort era surpreendentemente bom, igual ao tinha sido mil anos atrás. Era rápido, e seus olhos não antecipavam seus movimentos. O feiticeiro não deixava entrever nada.

De novo, começaram a mover-se em círculos, procurando os pontos fracos do outro. Omort saltou para frente com a esperança de apunhalar ao demônio pelas costas, mas este girou sobre si mesmo e deteve o golpe com as costas.

O bruxo era ágil e tinha uma boa técnica, mas Rydstrom também. E era mais forte e rápido que Omort.

Quando sua espada voltou a se chocar com a de Omort, o demônio empurrou com todo o peso de seu corpo até conseguir que o pulso do feiticeiro tremesse, e poder lhe dar então um golpe certo.

Suas espadas se encontraram uma e outra vez. Até que Rydstrom fez uma ameaça que pegou o bruxo completamente despreparado e lhe atirou um golpe especialmente acertado. Omort se cambaleou, e seu corpo começou a debilitar-se.

Justo quando se dispunha a lhe dar o golpe de misericórdia, o feiticeiro tirou a capa e a lançou em cima da sua cabeça.

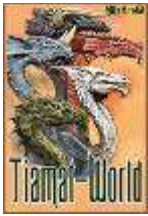
Com a visão coberta, Rydstrom deu um salto para trás, afastando o tecido a tempo de esquivar o que teria sido o pior ataque de Omort. A folha de fogo lhe rasgou a camisa e lhe fez um corte no peito.

O bruxo ia atravessá-lo com a espada ao mesmo tempo em que Rydstrom recuperava a visão. O demônio trocou a arma de mão e se deu meia volta, e logo girou e atacou com a espada em alto.

Acertou. A cabeça de Omort rodou pelo chão. O resto do corpo caiu primeiro de joelhos e logo se desabou.

Tenho que ir até Sabine. Mas não podia cometer o mesmo engano que a última vez que se enfrentou aquela besta, e se obrigou a esperar uns segundos.

Aqueles instantes lhe pareceram mais longos que os novecentos anos que tinha tido que



esperar até chegar ali.

O feiticeiro não se regenerou. O muro onde penduravam todas as tabuletas dos pactos se desabou. Com a morte de seu amo e senhor, os zumbis começaram a cair fulminados por todos os lados.

Rydstrom apertou o punho da espada para lhe dar obrigado e correu para Sabine. A arma tinha cumprido com o destino.

— Já não é o Que não Morre. — Murmurou Lanthe.

De repente, as portas do castelo começaram a tremer sob o ataque dos demônios do fogo, que queriam entrar. Rydstrom se deteve e deu meia volta, preparando-se de novo para a batalha.

— Segue sem poder fazer nada por Sabine? — Perguntou a Lanthe de costas.

— Nada, mas se sairmos daqui com vida podemos ir procurar a Bruxa...

As portas jogaram fumaça e logo começaram a arder. Os soldados do exército do Pravus que ficavam, quase todos demônios do fogo, não demoraram para entrar. A maré de guerreiros se deteve ao ver Omort, o Que não Morre, decapitado frente a seu trono.

Todos gritaram ao mesmo tempo que queriam apoderar-se do castelo. Rodearam Rydstrom e levantaram as palmas para lhe mostrar as chamas que ali ardiam. Se o atacavam de uma vez com o fogo, poderiam matá-lo. *São muitos.*

Ouviu como Sabine voltava a gritar de dor.

A atenção dos demônios do fogo já não se concentrava em Rydstrom, mas sim em algo que este tinha a suas costas.

— Necessita ajuda? — Ouviu Cadeon perguntar

Quando deu a volta, encontrou-se com seu irmão e todo seu exército de mercenários, com aspecto de estar sedentos de sangue.

Então, Rydstrom se deu conta de que, ao Omort morrer, Cadeon tinham recuperado a habilidade de teletransportar-se, e tinha guiado seus homens até ali.

Os mercenários atacaram no mesmo instante em que Sabine voltava a gritar. Rydstrom correu para ela, derrubando a tudo o que se interpôs em seu caminho. Quando chegou a seu lado, pendurou a espada no cinturão e a agarrou nos braços. Tinha perdido a consciência.

— Temos que encontrar a Bruxa! — Gritou Lanthe. — É a única que pode curá-la.

Ele segurou Sabine com todas suas forças e cruzou o salão do trono correndo.

— Cadeon! — Gritou às suas costas. — Vou procurar alguém que possa ajudá-la!

— Eu me encarrego disto! — respondeu seu irmão enquanto atravessava a outro de seus competidores. — Tenho experiência com estes bastardos! E esta noite gostaria de derramar sangue de demônios do fogo.

Lanthe ia justo detrás de Rydstrom, e ambos estavam a ponto de alcançar a porta.

— Demônio, vá para o porão...

Mas algo a interrompeu de repente. Rydstrom deu meia volta e a viu cair ao chão.

Hettiah, com os olhos completamente vermelhos, tinha-a derrubado impedindo que chegasse à porta.

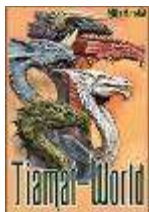
— Você e sua irmã pagarão por isso!

Lanthe agarrou a espada de um dos zumbis mortos que havia por ali.

— Demônio, leve Sabine! Vamos!

Ele não duvidou e desceu a escada a toda velocidade, antes de recordar que ele também podia teletransportar-se. Levou Sabine até as entranhas do castelo, mas havia quartos por toda parte, e todos conectavam com multidão de passagens.

— Bruxa! — Gritou, dando uma volta sobre si mesmo. — Onde diabos está?



— Aqui. — Respondeu ela.

Rydstrom seguiu o som da voz até dar com um cômodo que era exatamente como ele teria imaginado que seria um laboratório de poções. Em cima das mesas havia animais dissecados, líquidos fermentando-se, caldeirões em ebulição. Asas de morcegos e patas de rã penduravam do teto.

A Bruxa, entretanto, não era absolutamente como tinha esperado. Em vez de uma velha enrugada, tinha frente a ele uma bonita elfa de juba castanha. A fêmea que tinha acreditado ver naquela ocasião.

E estava fazendo as malas.

— Salve-a... — Rogou-lhe então com voz rouca. — Tem que salvá-la.

— E por que teria que fazê-lo? — Perguntou ela sem levantar a vista.

— Porque derrotei Omort. E acredito que sua morte a libertou.

— Bom, nisso tem razão. — Olhou-o nos olhos. — Passei quinhentos anos esperando que se rompesse a maldição. Deite Sabine sobre a mesa. — Procurou dentro de uma caixa forte e tirou dois cofres de madeira. Abriu o primeiro, dentro do qual havia um frasco cheio de um líquido negro.

Quando a Bruxa lhe ofereceu o antídoto, Rydstrom o aceitou e levantou um pouco Sabine para poder dar-lhe, mas antes olhou de novo a elfa.

— Jura-me que isto a curará?

— Do morsus? Sim, juro-o. Mas não posso fazer nada com seu caráter.

Ele arqueou uma sobrancelha a modo de advertência, e ato seguido esvaziou o conteúdo do frasco entre os lábios da feiticeira. Esperou... Nada...

— Por que não lhe faz efeito? — Perguntou.

A Bruxa negou com a cabeça sem saber muito bem o que acontecia.

— Deveria ter funcionado. Talvez seja muito tarde.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

— Suas bochechas estão ficando rosadas? Está-se curando?

Sabine ouviu a voz cheia de preocupação de Rydstrom e foi despertando pouco a pouco.

— Sim.

Aquela era a Bruxa?

— Típico da feiticeira, nos fazer sofrer até o último momento.

Quando Sabine murmurou o nome do demônio, este suspirou aliviado.

— Por todos os deuses, cwena. Estou aqui.

Abriu os olhos e viu o feroz rosto dele olhando-a com ternura. Rydstrom lhe acariciou a bochecha com o dorso dos dedos.

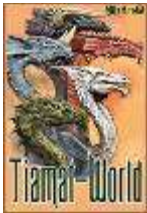
— Deixarei-os sozinhos. — Balbuciou a Bruxa.

— Espera. — Disse Sabine. Quem era aquela mulher que tinha a mesma voz que a Bruxa? Era ela? — Onde está a cura de Lanthe?

— Deixei seu frasco em cima da mesa, ao lado dos testículos de rinoceronte.

— Oh.

Livres.



Por fim eram livres de Omort. Do veneno que ele lhes tinha inoculado. E aparentemente a Bruxa também o era.

— Por que é... Diferente?

— Omort me despojou de meu poder de adivinhar o futuro e me condenou a viver neste buraco com aspecto de anciã. E tudo porque o disse que algum dia se apaixonaria por uma feiticeira. Sabine, seu irmão não foi buscá-la para atrair ao demônio: fez isso porque a seu modo a queria. Mas logo a vi tive uma visão, e soube que você e o rei demônio se casariam e teriam um filho que abriria o Poço das Almas.

— Mas não do modo como ele me contou isso, não é assim? — Perguntou Sabine preocupada.

— Nem muito menos. Omort utilizou essa profecia, retorceu-a até que ele mesmo começou a acreditar em suas próprias mentiras. E agora, se me desculparem, tenho que ir procurar um portal. Chego quinhentos anos tarde a um encontro.

— Espera...

— No andar de acima ainda estão lutando, feiticeira. — Disse, e ela desapareceu da sala.

— Leve-me até minha irmã! — Pediu Sabine a Rydstrom.

Ele os teletransportou imediatamente, mas Lanthe já tinha derrotado Hettiah e estava dando chutes a seu corpo sem vida.

— Passei séculos aguentando suas sacanagens! Dia após dia!

Essa é minha irmã.

Sabine viu que Rydstrom olhava para Cadeon, que lutava escarniçadamente. Era óbvio que o demônio queria estar com ela, e ao mesmo tempo precisava ir ajudar a seu irmão.

— Tenho que dar uma mão a Cade.

— Ah, não, isso sim que não, demônio. — Com um furioso movimento de pulso, fez que todos os mercenários fossem invisíveis aos olhos dos demônios do fogo. — Temos que conversar.

— Isto é genial! — Exclamou Cadeon.

Depois de uns minutos observando a seu irmão passando em grande estilo e Lanthe desforrando-se, Rydstrom disse:

— Acredito que ele tem tudo controlado.

Embainhou a espada e se teletransportou junto com a feiticeira até o quarto que ela tinha ocupado no castelo, o que tinha um terraço que dava ao mar.

— Você não acreditou no que Omort disse sobre o Poço das Almas nem do sacrifício, verdade? — Perguntou-lhe Sabine depois que ele se assegurou de que ela estava bem. — Nem que eu formava parte de todo esse plano...

— É óbvio que não. Igual a tampouco acredito que tivesse tudo isto planejado desde o começo. O que aconteceu entre nós ao longo da última semana foi real.

— Como nosso matrimônio?

A expressão de Sabine era inescrutável, mas os olhos lhe brilhavam cada vez mais. Rydstrom era incapaz de prever como reagiria sobre seu engano, não tinha nem ideia...

Estava tão perto do que sempre tinha sonhado...

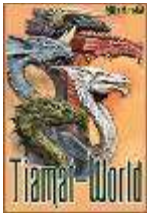
— O que Omort disse a respeito é mentira?

O demônio passou a mão pelos lábios.

— Eu... Cwena.

— Não pode responder, não é assim? Eu não sou sua rainha. O que me jurou aquela noite? O que me disse com tanta solenidade?

— Que me vingaria de você.



Ela franziu as sobrancelhas, e o lábio inferior começou a tremer. A Rydstrom rompeu o coração.

— Por todos os deuses, Sabine.

Ela estava destrozada. E tinha motivos para está-lo. Olhe que comportar-se como se casou com ela...

— Demônio, sinto-me... — Engoliu saliva e negou com a cabeça. — Tão orgulhosa de você... — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — É a primeira vez que consigo passar-me uma mentira.

Ele ficou boquiaberto.

— Não está... Não está..? — Agarrou-a nos braços e a abraçou.

— Bom, ao princípio sim que fiquei furiosa. Mas, para sua sorte, não sou idiota. Quando vejo que alguém está disposto a sacrificar sua vida por mim, tendo a perdoá-lo.

— A farei feliz, Sabine. Sempre.

— Sim, bom, e a verdade é que também me dei conta de que posso jogar isso na sua cara durante toda a eternidade. Imagine que vantagem terei sempre que tivermos que negociar algo, demônio! — Pôs voz de falsete e lhe explicou o que queria dizer com isso: — O que é isso de não querer institucionalizar o Dia da Minissaia? Acaso não se lembra de que me enganou sobre nosso matrimônio?

Ele a agarrou pela nuca.

— Faça, jogue-me isso na cara durante o resto de nossos dias. Faça que me aborreça de ouvi-lo. O único que me importa é que fique comigo.

— Aparentemente, não tenho escolha, e, totalmente sem querer, apaixonei-me por você. Amo você.

A linha que Rydstrom tinha na testa lhe marcou ainda mais.

— Eu também a amo, feiticeira. E quero solucionar isso de nosso matrimônio agora mesmo.

Sabine lhe agarrou o rosto com as mãos.

— Alegro-me, porque preciso ter autoridade para fazer algumas mudanças por aqui. Ah, e desta vez me diga isso em um idioma que entenda.

EPÍLOGO

Dois meses mais tarde

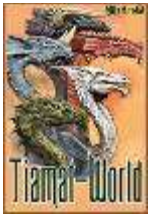
Novo Tornin, reino de Rothkalina

— Foi como tirar um caramelo de uma criança! — Exclamou Sabine, pendurando a bolsa com o botim²⁷ ao ombro.

— Igual a pescar em um barril! — Respondeu Lanthe.

Ela e sua irmã não se deram conta de que Rydstrom estava sentado placidamente em seu trono, apesar de que a corte estava vazia. Lanthe tinha aberto ali um portal, no único lugar onde

²⁷ Nota: Nesse caso, se refere ao espólio de alguma incursão para conquistar algo ou alguma coisa. Como lucros em um roubo. Algo por aí, foi a melhor “descrição” que eu encontrei.



se supunha que esse dia não ia haver ninguém. Mas Rydstrom tinha terminado antes do previsto e tinha ido ali para relaxar um momento, e para desfrutar das novas instalações antes que sua esposa retornasse de “ir às compras”.

— Passaram bem? — Perguntou, e sua voz ressoou na sala.

As duas ficaram petrificadas, e, devagar, giraram a cabeça para ele.

— Espero que tenham pagado tudo o que compraram.

— Pegou-nos. — Murmurou Lanthe. — Estarei em meu quarto. — Disse antes de desaparecer.

Sabine se recuperou da surpresa inicial e foi saudar seu marido.

— Não pagamos com dinheiro propriamente dito, mas pagamos com karma.

— A quem esteve roubando?

— A esse meio demônio do que Nix nos falou. Esse chefe do cartel da Colômbia.

Rydstrom fez ranger os dedos.

— E por que vocês iam fazer tal coisa?

— A Valquíria nos disse que deveríamos ir fazer-lhe uma visita. E como lhe devia um favor por ter me atado uma ponta solta, pensei que não custava nada fazer o que me pedia. E não acreditávamos que iria se zangar porque tínhamos roubado a um dos maus.

— Não estou zangado. Mas estou furioso porque tornou a se colocar em perigo.

— Se ninguém nos viu! E Lanthe conseguiu utilizar um pouquinho de sua persuasão, a suficiente para que estivéssemos a salvo.

Rydstrom suspirou resignado.

— Vejamos, mostre-me o que trouxe.

Jamais conseguia zangar-se com ela, e muito menos quando Sabine era tão feliz ali com ele e com a nova vida que levavam juntos.

Quando ela se sentou em seu colo e ele a rodeou com os braços Sabine se dispôs a lhe mostrar orgulhosa todo seu botim, que consistia em moedas de ouro muito antigas.

Obviamente, aquele não era o primeiro ataque que sua esposa tinha cometido desde que se casaram. E Rydstrom sabia que não ia ser o último.

Mas claro, ela sempre se saía bem. Todas as criaturas da Tradição sabiam que se alguém tocava nem que fosse em só um cabelo da cabeça da feiticeira, teria que ver-se com um enorme demônio da Ira muito, mas muito zangado. E Sabine se aproveitava descaradamente disso.

— É um botim mais que considerável. — Comentou Rydstrom.

— Lanthe e eu somos iguais a Robin Hood. — Afirmou ela com um sorriso. — Menos sobre dar aos pobres.

— Desta vez sim. Vou ficar com quarenta por cento de tudo isto. — Ao ver que fazia bico, acrescentou: — Poderíamos utilizar essa percentagem para financiar outra via pública.

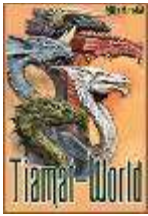
Durante o dia, o som dos martelos das obras de construção e reconstrução ressoava por todo o reino. Seu povo voltava a ser próspero.

— Pensa que assim está ajudando a que saíamos da Idade Média. — Para chegar ao menos ao Renascimento. Mas o estavam fazendo passo a passo. — E inclusive poderíamos pôr seu nome a uma rua.

Seguro que as pessoas não se oporiam a isso. Justamente o contrário: seus súditos adoravam a sua amalucada e ardilosa rainha, que tinha ajudado ao rei a derrotar ao diabólico tirano e só pedia um pouco de ouro em troca.

— E a outra o nome de Lanthe? — Perguntou-lhe Sabine mordendo o lábio inferior.

— Dê isso por feito.



— Acredita que não sei que está me manipulando para que faça o que você quer?

— Sei que sabe, e acredito que você adora. — Aproximou-a dele, deleitando-se no aroma que desprendia sua juba. — Por certo, Puck veio vê-la esta manhã, justo depois de que saiu.

O pequeno demônio tinha sido adotado por Durinda e seu novo marido, mas Sabine podia vê-lo sempre que quisesse, porque tanto ele como sua nova família tinham retornado a Rothkalina, igual a muitos outros refugiados e outras famílias procedentes de distintas facções da Tradição.

— Puck ficou muito triste ao não encontrá-la, assim para animá-lo mostrei os presentes que você ia mandar para a casa de Durinda.

Uma bateria e caramelos para todo o ano. A mãe do demônio adoraria.

Desde que Rydstrom e Sabine se mudaram oficialmente ao renovado castelo, não deixavam de ter convidados. Velhos amigos e aliados de confiança os visitavam frequentemente. Inclusive Mia e Zoë, as irmãs caçulas de Rydstrom, iriam passar uns dias com eles na primavera.

— E Cadeon passou pela obra esta manhã. — Disse Rydstrom. — Convidei a ele e a Holly para jantar esta noite.

— Esta noite? — Sabine suspirou, embora ele soubesse que, no fundo, adorava seus cunhados. — Genial, assim verei como Holly faz esforços para não vomitar.

As incessantes náuseas que esta tinha deixaram de surpreendê-los quando souberam de que estava grávida de gêmeos. Dois guerreiros que sem dúvida seriam extraordinários.

— A última vez que estiveram aqui, — Disse ela. — Cadeon a seguia a todas as partes, como se Holly fosse de cristal e tivesse medo de que se quebrasse. Levava-a nos braços se tinha que dar mais de dois passos. Melhor que não fique assim quando nós decidirmos ter filhos.

Tinham decidido esperar que o reino estivesse mais situado, pois tinham chegado à conclusão de que, se o Poço das Almas levava tanto tempo sem abrir-se, não passaria nada para que esperassem um pouco mais. Em especial tendo em conta que Rydstrom estava desfrutando do incrível prazer de cuidar de sua pequena rainha, de mimá-la.

— Feiticeira, sabe que eu serei muito pior.

— Então, terá que aguentar que eu ria de você. Não o poderei evitar.

Havia outro motivo pelo qual tinham decidido esperar.

— Não teremos filhos até que tenhamos resolvido o problema do vampiro. — Foram as palavras exatas de Sabine.

Como presente de boas-vindas ao novo castelo, deu a Rydstrom grande parte de suas joias pessoais para pagar aos mercenários de Cadeon e lhes encarregar que procurassem Lothaire, o Inimigo do Antigo.

Os homens de Cadeon tinham várias pistas confiáveis, e era só questão de tempo que encontrassem ao ardiloso vampiro.

— Faz um momento estava pensando na noite que nos conhecemos. — Disse Sabine a Rydstrom quando este deixou a bolsa de moedas no chão. — Quando se topou comigo na estrada, não tinha nem ideia do que o esperava.

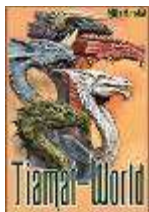
— Destroçou meu carro e pôs meu mundo de pernas para o ar.

— Mas agora me tem e sua coroa. Por certo, vê-se muito majestoso neste trono.

— Cada dia pratico um momento em frente ao espelho.

— Isso não é verdade. — Sorriu-lhe. — Está muito ocupado olhando os arranhões das costas. — E logo acrescentou com voz aveludada: — Poderia te acrescentar uns quantos mais, meu senhor.

Rydstrom tomou ar e, antes de soltá-lo, havia teletransportado a ambos a seu quarto.



TIAMAT-WORLD

KRESLEY COLE
IMMORTALS AFTER DARK — 07
O BEIJO DO REI DEMÔNIO

Quando começou a desfrutar do prazer de despi-la, a brisa marinha entrou pela janela, e Sabine levantou os braços por cima da cabeça com um lânguido sorriso.

Ele se agachou para lhe beijar o pescoço enquanto ia lhe soltando as fitas do espartilho.

— Este é complicado. — Murmurou, dando sua aprovação ao objeto.

— A espera terá valido a pena, demônio. — Respondeu ela com um suspiro.

Rydstrom a olhou nos olhos com todo o amor que sentia.

Sabine o entendeu, e no rosto de ambos se refletiu o mesmo sentimento.

— Cwena, você sempre vale a pena. — Sussurrou Rydstrom, lhe acariciando a bochecha com o dorso dos dedos.

FIM



Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>
Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=94493443>
Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>
Mediafire: <http://www.mediafire.com/TiamatWorld>